

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**REFLETINDO SOBRE AS DIMENSÕES HUMANAS NA FORMAÇÃO DO ALUNO
DE NÍVEL MÉDIO DE ENFERMAGEM**

ELAINE CRISTINA PINES MILHARCI

CAMPINAS

2004

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

*REFLETINDO SOBRE AS DIMENSÕES HUMANAS NA FORMAÇÃO DO
ALUNO DE NÍVEL MÉDIO DE ENFERMAGEM*

Autora: ELAINE CRISTINA PINES MILHARCI

Orientadora: PROF^ª DR^ª MARA REGINA LEMES DE SORDI

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação de Mestrado defendida por Elaine Cristina Pines Milharci e aprovada pela Comissão Julgadora.

Assinatura: _____

Orientadora

Comissão Julgadora:

2004

DEDICATÓRIA

“ Dedico esse trabalho àqueles que me inspiraram desde o começo dessa construção e àquela que esteve próxima até o final dessa obra”

A todos os meus alunos

E

À Prof^a Mara R. L. Sordi

**Obrigada pela orientação. Por acreditar sem julgar;
Por respeitar meus limites.**

Obrigada pela confiança e incentivo.

Acredito que estou sempre caminhando ao

encontro

de pessoas e situações a

Agradecimentos

Ao realizar essa pesquisa compreendi que além de construirmos o conhecimento, construímos novas amizades, fortalecemos outras e entendemos mais uma vez a importância da família.

Aos meus pais Geci e Luiz, Ivone e Oswaldo, meus irmão e sobrinhos, obrigado por me transmitirem confiança e paz.

À Prof^a Dr^a Maria Helena Salgado Bagnato, coordenadora do Laboratório de Práticas em Educação e Saúde (PRAESA), obrigada pelas primeiras leituras desse trabalho.

Aos professores e colegas do Laboratório de Observação e Estudos Descritivos (LOED), pelo acompanhamento de nossos projetos durante as Atividades Programadas de Pesquisa.

Aos funcionários da Secretaria de Pós-Graduação da Faculdade de Educação pela gentileza constante. Obrigada: Cleonice, Gislaine, Nadir, Rose, Rita, Dona Ana da Recepção.

Aos professores: Ediógenes Aragão Santos, Roberta Gurgel Azzi, José Luis Sanfelice, Luiz Carlos de Freitas, Helena Costa Lopes de Freitas, Lídia Rodrigo, Eliana Cristina Martins Miranda, pelo conhecimento transmitido, pelas discussões e reflexões.

À professora Mara Quaglio Chirelli pela atenção e co-orientação nessa pesquisa. Sinto muito não ter conseguido acompanhar seus passos, mas eu chego lá...

À professora Maria Márcia Sigristi Malavazzi pela atenção e orientação na fase de qualificação desse trabalho.

À minha amiga e companheira de trabalho, Enfermeira Mônica França. Que bom estarmos juntas na coleta de dados e no dia-a-dia da sala de aula!

Às professoras Maria das Dores Mazziero, Traudi Helena Bonato, Prof. Gilbert Halph Avellar, a aluna Daniela Zumerle e a Valquíria Helena Pines Maluf. Agradeço a todos pelo apoio técnico.

Luis Marcelo, obrigada pela força. Paula que bom temos estudado juntas! Silvana sempre próxima, mesmo distante. Tânia, Vanda, Terezinha e todos os colegas da ETEP, obrigada pelo apoio. Aos amigos que estiveram sempre juntos nos finais de semana: Rita, Iva, Beto, Ademir, Neusa, Tio, Egídio, Cida.

Ao Secretário de Educação Sr. João Natanael de Souza e a Diretora de Educação Sra. Antônia Sirlene Lima Curi pela compreensão e apoio, autorizando troca de horário de trabalho para que pudesse dar andamento a essa pesquisa.

Meus agradecimentos especiais para meu irmão *Márcio* pelo carinho, compreensão e paciência. Difícil será esquecer o cafezinho da tarde.

Minhas lindas meninas, *Valquíria* e *Júlia*, desculpe a ausência. Eu prometo que...

Ao meu marido *Ivaldo*, pelo amor, companheirismo, dedicação e a vontade de ver tudo isso acabar...?

SUMÁRIO

<i>RESUMO</i>	<i>xi</i>
<i>ABSTRACT</i>	<i>xii</i>
1. <i>JUSTIFICANDO A OPÇÃO PELO ESTUDO DAS DIMENSÕES HUMANAS NA FORMAÇÃO DO ALUNO DE NÍVEL MÉDIO DE ENFERMAGEM</i>	1
2. <i>TRAJETÓRIA HISTÓRICA DOS CURSOS DE AUXILIAR E TÉCNICO DE ENFERMAGEM NO BRASIL</i>	9
3. <i>A FORMAÇÃO DO ALUNO DE NÍVEL MÉDIO DE ENFERMAGEM NO CONTEXTO ATUA</i>	17
4. <i>O PERCURSO METODOLÓGICO PARA SE CHEGAR À DIMENSÕES HUMANAS</i>	29
4.1. <i>Coleta de Dados</i>	31
4.2. <i>Caracterização das Escolas A & B</i>	33
4.3. <i>As Dimensões Humanas discutidas no Grupo Focal</i>	39
4.3.1. <i>O papel do Coordenador e do Observado</i>	41
4.3.2. <i>O ambiente e os recursos utilizados</i>	43
4.3.3. <i>O Grupo Focal como técnica e as Dimensões Humanas em foco</i>	44
4.4- <i>A organização e o tratamento dos dados coletados</i>	48
4.4.1. <i>A transcrição das questões norteadoras em busca de respostas</i>	52
4.4.2. <i>Construindo os Discursos do Sujeito Coletivo – IAD 1</i>	52
4.4.3. <i>Construindo os Discursos do Sujeito Coletivo – IAD 2</i>	85
4.4.4. <i>Síntese das Idéias Centrais e DSC</i>	106
5. <i>A INTERPRETAÇÃO DOS DADOS A PARTIR DOS DISCURSOS DO SUJEITO COLETIVO</i>	125
6. <i>CONSIDERAÇÕES FINAIS</i>	139
7. <i>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</i>	149
8. <i>APÊNDICE</i>	155
9. <i>ANEXO</i>	187

RESUMO

O objetivo desse trabalho é entender como as escolas de Ensino Médio de Enfermagem de Campinas e região focalizam as dimensões humanas na formação e como estão se posicionando frente as mudanças das leis educacionais ocorridas a partir da LDB 9394/96. Para obtenção desse objetivo, trabalhamos com onze professoras de duas escolas: uma privada localizada na cidade de Campinas e uma pública e estadual, localizada na cidade de Limeira. Elegemos a técnica de Grupo Focal e o Discurso do Sujeito Coletivo como percurso metodológico por serem condizentes com nossos propósitos de pesquisa, que envolvem aspectos sociais, políticos, históricos e principalmente sentimentos humanos. A análise dos temas revelou a realidade que permeia as escolas de ensino médio de enfermagem e evidenciou-nos que as concepções de dimensões humanas ainda estão voltadas para uma formação predominantemente técnica e prática do cuidado humanizado. No plano discursivo, há esforços de ruptura com essa formação, mas encontramos dificuldades de operacionalização prática na incorporação do humano no sentido político, social e cultural, devido as condições históricas que envolvem o trabalho da enfermagem. Recomendamos o aprofundamento no estudo dessa vertente e propomos a abertura de espaços para discutir, refletir e ampliar nossos conceitos sobre dimensões humanas na formação dos alunos de nível médio de enfermagem. Concluímos que a prática pedagógica é fragmentada, com predomínio da dimensão técnica e que em virtude desse aspecto deve ser revisada. Podemos afirmar que encontramos em vários segmentos tanto na área da educação com na saúde iniciativas e esforços para mudanças e ampliação desses conceitos, o que nos leva a depositar esperanças num projeto de formação e assistência que atenda o Ser Humano em toda a sua integralidade.

Palavras Chaves: Dimensões Humanas / Educação e Saúde / Humanização do Cuidado/
Ensino Médio de Enfermagem

ABSTRACT

The objective of this work is to understand how Middle Education Schools of Nursing in the Campinas region view human dimensions in the formation of nurses and what their position is in the light of the changes occurring in educational laws because of LDB 9394/96. To obtain these objectives, we worked with eleven teachers in two schools: one private school located in the city of Campinas and another state public one in the city of Limeira. We chose the Focal Group technique and the Discourse of the Collective Subject as the methodology suitable to our research proposals, which involve social, political and principally human feeling aspects. The analysis of topics revealed the fact that nursing middle schools are permeated with evidence of concepts of the human dimension which are directed towards a predominantly technical and practical formation of human care services. In the discursive plane, there are efforts for breaking off from this type of formation, but we met practical and operational difficulties in incorporating the human dimension in the political, social and cultural sense, due to the historical conditions involved in nursing work. We recommend a more profound study of this matter and propose making way for space to discuss, reflect and amplify our concepts about human dimensions in the formation of students in the middle level of nursing. We conclude that pedagogical practice is fragmented with the predominance of the technical dimension and the need for this to be overcome. We would like to affirm that we found in various segments in the area of education as well as health initiatives and efforts for changing and the amplifying these concepts. This leads us to hope for a formation and assistance project that integrally attends the Human Being.

Key Words: Human Dimensions / Education and Health / Humanization of Care Services / Middle Nursing Education.

REFLETINDO SOBRE AS DIMENSÕES HUMANAS NA FORMAÇÃO DO ALUNO DE NÍVEL MÉDIO DE ENFERMAGEM

“...Nós não chegamos nas Dimensões Humanas em todas as faces, porque tem a face social, política. Nós ficamos na dimensão humana da humanização em relação ao cuidar do indivíduo, não como um ser humano como um todo.

A dimensão humana pode ser construída com o aluno, através das ciências humanas e sociais. Porque primeiro o aluno tem que se situar, ele tem que estar muito bem, para partir, tem que se gostar como ser humano para começar a gostar do ser humano que ele vai cuidar.

Às vezes, a Enfermagem em algumas disciplinas está muito centrada, tem só um olhar, mas essa idéias fragmentada pode mudar, partindo de cada um de nós, quando a gente está lá na sala de aula, deixar de entender o aluno de Enfermagem como aquele que é executor de técnicas e eu começar a entendê-lo com um todo.

Tenho encontrado muitas barreiras, muita resistência para trazer esse corpo, cuidar um pouco o corpo que vai cuidar de outro corpo. Porque o profissional não está trabalhado, não está cuidado na dimensão emocional. Como é que ele vai humanizar aquilo que ele não tem? Então fica para depois transformar crenças, muitas coisas para poder juntar, física, emocional e mental.

Eu acredito no sutil, não acredito no confronto, nós estamos comungando coisas muito importantes pelo menos para mim, aqui...” (Discurso do Sujeito Coletivo – Escola A&B)

“Eu sou a favor do pensamento complexo, mas não de um jargão incompreensível. Eu quero chegar a ser o mais inteligível possível. Mas quando se está num caminho em que se atravessa obscuridades e em que se sabe existem coisas claras-escuras, é muito difícil. É preciso tempo para se chegar a ser claro; isto acontece no final.” (Morin, 1995,p.94) ¹

1- JUSTIFICANDO A OPÇÃO PELO ESTUDO DAS DIMENSÕES HUMANAS NA FORMAÇÃO DO ALUNO DE NÍVEL MÉDIO DE ENFERMAGEM

Este estudo se iniciou com um questionamento que fazíamos constantemente há alguns anos, quando passamos por algumas transformações educacionais, tanto no nível macro, pelo estabelecimento de uma nova Lei de Diretrizes e Bases (LDB), quanto no nível micro, pela mudança de local de funcionamento de nosso curso de enfermagem.

Para nós era evidente essa transformação e muitas questões eclodiam, porém o que mais transpareceu e nos levou a pesquisar, centrou-se em uma dúvida: Será que as (os) professoras(os) e coordenadoras(os) das escolas de ensino médio de enfermagem valorizam as dimensões humanas na formação de seus alunos como tentamos fazer aqui na Escola Técnica de Paulínia (ETEP)?

Queremos deixar claro que nosso trabalho passa pelos mesmos crivos de normatização que qualquer outra escola e que, apesar das dificuldade administrativas e pedagógicas, buscamos mudanças na formação do aluno de nível médio de enfermagem. Portanto o propósito desse trabalho é o desafio de reconceituar no imaginário das pessoas a partir do que elas entendem que seja humanização do cuidado e ampliar esse conceito para as dimensões humanas no formar e no cuidar. Estamos propondo utilizar os espaços de entrevista para refletir sobre esse tema.

Já de início foi preciso entender e explicar o que era dimensão humana para nós e o que poderiam responder enfermeiras(os), psicólogas(os), nutricionistas, ou seja, outros professores que atuam no nível médio de enfermagem.

Esta pesquisa já está em andamento há quatro anos, desde o primeira fase do projeto em 1998. De lá para cá, encontramos um caminho nada fácil para uma iniciante em pesquisa. Descobrir qual o melhor e/ou mais adequado percurso metodológico não foi nenhuma mágica, mas a técnica de Grupo Focal utilizada para coleta de dados e a organização desses dados e construção do Discurso do Sujeito Coletivo foram etapas que tornaram evidente a importância

¹ MORIN, Edgar. Citado por PETRAGLIA, I.C. A educação e a complexidade do ser humano. 3ª ed. Petrópolis- RJ: Vozes, 1995

dos referenciais teóricos, o respeito, a honestidade e o compromisso do pesquisador com seus docentes e orientadores e com os colegas entrevistados que contribuíram para a realização dessa pesquisa. Porém buscar essas respostas, que por um ângulo de visão poderiam ser ingênuas, simplistas, tinham para nós uma importância muito grande, pois são muitos anos de experiência atuando como professora de enfermagem em ensino médio, são muitas as batalhas que travamos para aproximar a formação ideal da realidade e há algumas conquistas que queremos dividir com outros profissionais. Assim, tínhamos claro uma pergunta e para respondê-la precisávamos verificar se as escolas de nível médio de enfermagem de Campinas e região, realizavam atividades que buscassem a reflexão sobre a dimensão humana na formação profissional. De maneira a entender quais os caminhos que estas escolas estavam encontrando para formar seus alunos frente as novas diretrizes educacionais.

Hoje, passadas quase todas as etapas que envolveram esta pesquisa, entendemos as limitações existentes em nós, a dificuldade de aproximar o mundo micro ao macro e a teoria à prática. Concluímos que conceituar dimensão humana é uma parte muito difícil, bem como entender a linguagem do outro e seus interesses.

As respostas que obtivemos podem não ser surpresa para muitos e nem inovadora para outros, porém elas chegaram até nós por termos trilhado um caminho com método científico; são posicionamentos de um pequeno universo pesquisado, mas é certo que há nos discursos do sujeito coletivo uma representação social importante para todas as categorias de enfermagem.

Para melhor compreensão do início dessa investigação, precisamos voltar ao início de nossa caminhada profissional como docente de enfermagem. O Curso Auxiliar de Enfermagem de Paulínia se iniciou em 1990 (como o da maioria dos hospitais), com o objetivo de formar um contingente grande de Atendentes de Enfermagem que atuavam nos hospitais e rede pública, pois de acordo com a Lei 7.498 de 25 de Julho de 1986, art. 23º – parágrafo único Conselho Federal de Enfermagem (COREN, 1986) que dispõe sobre a regulamentação do exercício da Enfermagem, estes profissionais poderiam exercer atividades elementares de Enfermagem sem formação específica, somente por um prazo de 10 (dez) anos, a contar da promulgação da lei.

Em 1993, ingressamos no Hospital Municipal de Paulínia, atuando como professora do Curso Auxiliar de Enfermagem. As experiências anteriores, sempre em projetos escolares ligados à saúde, nos aproximou das atividades dessas importantes áreas: *saúde & educação*. Quando iniciamos no Curso Auxiliar de Enfermagem de Paulínia (CAEP) em 1993, o curso já estava em sua 2ª turma. Foram oferecidas 35 vagas e nesta fase existia uma parceria entre a Secretaria de

Saúde, que organizou a parte técnica, cedeu os enfermeiros para ministrarem as aulas e estágios, equipamentos, materiais de consumo e o Hospital Municipal de Paulínia como campo de estágio. A Secretaria de Educação entrou na parceria designando o Centro Municipal de Ensino Profissionalizante de Paulínia para a organização pedagógica, utilizando a área física da escola para as aulas teóricas e práticas.

Esta escola se localiza em área central da cidade e mantinha nessa época também os cursos técnicos de 2º grau de Administração de Empresas, Magistério e Processamento de Dados e o Curso Auxiliar de Enfermagem, nível de 1º grau. A escola contava com 37 professores nos períodos matutino e noturno, 88 alunos no período matutino e 205 alunos no período noturno. Em suas dependências não havia laboratório de Enfermagem e nossas aulas práticas eram ministradas em sala de aula, portanto nesta fase o curso estava se estruturando e tínhamos muitas dificuldades. Logo no início do curso, éramos duas enfermeiras para 30 alunos, eu com formação em Licenciatura e Pedagogia e minha colega com bacharelado em Enfermagem, ambas com dez anos de experiência na profissão de Enfermagem, e ela especificamente na área de assistência hospitalar, quando se integrou ao CAEP.

O Projeto Pedagógico do Curso Auxiliar de Enfermagem seguia o modelo de uma escola profissionalizante de Campinas, a qual cooperou oferecendo-nos assessoria para sua implantação. Além da identificação e caracterização da escola e do curso, não apresentava referência a projetos educacionais e científicos e os objetivos da formação eram voltados para as necessidades da comunidade e forte influência teórico-prática hospitalar. Apresentava uma carga horária de 1.170 horas e disciplinas específicas para a formação do auxiliar de enfermagem, seguindo a grade curricular sugerida pelo Conselho Estadual de Educação (CEE).

Ao iniciarmos nosso trabalho, percebemos que as disciplinas eram fechadas em si mesmas, com conteúdo fragmentado e direcionado para uma formação intensiva, ou seja, os cursos de profissionalização eram aprovados a partir de uma carga horária de 1.100 horas. Portanto nossos primeiros questionamentos e preocupações foram o pouco tempo que restava para as discussões e reflexões.

Foi assim que, em 1994, introduzimos no currículo da 4ª turma a disciplina de Psicologia como disciplina extracurricular, apesar da Deliberação CEE n.º 25/77 não estabelecer a disciplina de Psicologia como obrigatória no currículo mínimo para Habilitação Parcial – Auxiliar de Enfermagem. Nós percebemos, porém, que acrescentando uma disciplina da área de humanas na formação do Auxiliar de Enfermagem, estávamos ampliando o universo de nossos

alunos no que se refere a dimensão humana, que além do corpo e da técnica, observa, analisa e interroga. Entendemos que a valorização de outras dimensões humanas não só a técnica, poderiam ser o início de algumas mudanças no eixo curricular desse curso. A disciplina de Psicologia sempre foi desenvolvida pelo mesmo professor, desde que foi instituída no CAEP, sendo ele, como pessoa e profissional, bastante envolvido com as questões da formação do Auxiliar de Enfermagem. O conteúdo desenvolvido na disciplina sempre foi muito abrangente, com discussões e espaço para a reflexão.

Com as mudanças ocorridas nesse período, repensamos a construção do Projeto Pedagógico e com a intenção de adequá-lo à nova realidade percebemos que no conteúdo da disciplina de Saúde Pública, não se fazia menção a aspectos ligados à Saúde Mental. Sempre muito preocupados com a formação mais abrangente de nossos alunos, logo tratamos de introduzir no programa alguns conceitos desta área, pois sabíamos que legalmente a disciplina de Neuropsiquiatria só era obrigatória nos cursos de nível técnico.

Assim, em 1995, na busca de conceitos atuais e próximos da realidade de nossa sociedade, procuramos a equipe de Saúde Mental do Centro de Saúde de Paulínia (atual Unidade Básica de Saúde Central – UBSC). Com muito boa vontade e interesse fomos recebidas pela psicóloga que atua neste serviço e que entendeu de imediato nosso objetivo. Achou ótima a idéia de uma atividade envolvendo uma disciplina sobre saúde mental no CAEP, porém o mais interessante é que naquele momento estávamos iniciando uma parceria que acabou ampliando muito mais nossas idéias sobre conceitos de Saúde Mental e percebemos quais eram nossas preocupações com a formação dos alunos, elaborando então um projeto “ Grupo de trabalho com alunos do Curso Auxiliar de Enfermagem de Paulínia: Reflexão crítica sobre a natureza dos conflitos experimentados pelos alunos durante a formação”.

Nossos principais questionamentos eram: quais os principais conflitos despertados nos alunos durante a formação? O que queremos acrescentar nessa formação predominantemente técnica? Como se poderia ampliar a percepção, o olhar sobre si mesmo e sobre o mundo?

Na introdução do projeto esclarecemos o que nos levava a fazer aquele trabalho:

“Este trabalho contempla demandas relativas às áreas em questão; por uma lado , a necessidade sentida pela coordenação do curso contida no depoimento das professoras. Ao idealizarmos este trabalho pensamos justamente em oferecer ao aluno um meio de conscientização de seus problemas pessoais e profissionais. Pensamos que através dessa conscientização poderá haver maior abertura para integração e melhor definição de papéis, obtendo-se como resultado desse processo uma influência direta e positiva no ensino e na aprendizagem, pois o que nos preocupa mais na formação do aluno do CAEP é a responsabilidade que deverá ter durante o curso e após , ao longo de sua vida profissional. Assim,

entendemos que frente ao amadurecimento rápido demonstrado pelos alunos no período de um ano equivalente à duração do curso, um aporte psicológico facilitador do aprendizado e da incorporação de novos conhecimentos seria de ajuda para o futuro exercício profissional.” (PINES & BERTAZOLLI, 1995)

Nesse projeto tínhamos como objetivos: oferecer aos alunos durante o curso de Auxiliar de Enfermagem, um espaço para reflexão crítica a respeito da formação deste profissional em seus diferentes aspectos: social, afetivo e educacional; recepcionar os alunos no início do curso favorecendo entrosamento e verbalização de expectativas; favorecer a verbalização de conflitos pessoais e profissionais no decorrer do curso oferecendo recursos para sua conscientização; facilitar a inter-relação dos alunos durante o curso; definir os papéis na relação aluno-professor; favorecer discussão sobre a escolha profissional em seus diferentes aspectos; ajudar no processo ensino/aprendizagem.

O projeto teve início em 1995 e continuou até 1998, quando fomos transferidas para a Escola Técnica de Paulínia (ETEP), localizada em uma área afastada do centro da cidade. Esta escola está inserida no Pólo de Treinamento dos Funcionários Públicos, onde também funciona o SENAI, o projeto de hidroponia, o Centro de Treinamento em Informática para a Guarda Mirim de Paulínia. A ETEP mantém o Curso Técnico em Química, o Curso Auxiliar de Enfermagem, que após o ano de 1999 passou para Curso Técnico de Enfermagem, que funciona apenas no período matutino e o Curso Técnico em Contabilidade, período noturno. A ETEP² mantém 27 professores para 120 alunos no período matutino e 150 alunos no período noturno. Sua estrutura é adequada para o ensino profissionalizante, tanto no que se refere aos recursos humanos, quanto aos materiais.

Após nossa transferência, o projeto teve que se adaptar à nova administração e foi muito bem aceito pela direção da escola, que nos apoiou desde o começo de nossa atuação. Paralelamente, outras mudanças estavam ocorrendo devido à nova legislação da Educação, que alterava os cursos técnicos para formação modular, desvinculando o ensino médio do profissionalizante.

A partir de turma de 1998, nossa escola já estava estruturando os cursos em módulos, e a partir de 1999 iniciamos a primeira turma do Curso Técnico de Enfermagem, seguindo as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Profissional de Ensino Técnico.

² Esses dados são referentes ao ano de 2000. O projeto de hidroponia foi extinto em 2001 e a última turma do Curso Técnico de contabilidade foi selecionada em 2003. (devido extinção do curso).

Neste momento, nos deparamos com uma realidade que estava se modificando; observando os planos de curso das escolas de nível médio de enfermagem, percebemos que denunciavam um modelo curricular fragmentado e reducionista. Com as mudanças sugeridas pelo Ministério da Educação a partir da nova LDB, a percepção de que tínhamos o privilégio de atuar em uma instituição aberta para ampliação e modificação do nosso curso e a aproximação com a obra de alguns pensadores, despertaram dúvidas e interesse pelo estudo das Dimensões Humanas. A inspiração inicial ocorreu ao ler as teorias de Edgar Morin, que se referia a importância da construção de um novo paradigma, onde o ser humano perceba com mais abrangência a complexidade do mundo que o cerca. Assim, começamos a compreender que as dimensões humanas envolvem a totalidade do sujeito individual, e parte da valorização da iniciativa, da criatividade, da comunicação e das relações interpessoais.

Em seu livro "*O Enigma do Homem*", Morin surge com uma teoria que contraria

“A razão produtivista e a racionalização moderna, propõe uma lógica do vivente”, isto é, um princípio unificador do saber, do conhecimento em torno do homem, valorizando o seu cotidiano, o pessoal, a singularidade, o acaso e outras categorias como decisão, projeto, ruído, ambigüidade, finitude, escolha, síntese, vínculo e totalidade. Esta é uma teoria surgida nesses últimos anos sobre novos paradigmas que se chamam holonômicos porque etimologicamente “holos”, em grego, significa “todo”, e os novos paradigmas procuram não perder de vista a totalidade. Mais do que a ideologia, a utopia teria essa força de resgatar a totalidade do real.” (cf. GADOTTI, 1997, p.275)

Neste contexto iniciamos nossos questionamentos sobre a dimensão humana e ainda estamos construindo o que para nós se define como Dimensões Humanas na formação do aluno de nível médio de Enfermagem. “ *O homem é antes de mais nada, produto da natureza e enquanto um ser natural, um ser vivo, não pode viver sem a natureza, a começar pela natureza de seu próprio corpo.*” (MARX, 1989, p.65)

Ao enforcarmos a dimensão humana na formação do aluno de nível médio de Enfermagem, queremos deixar claro que, de modo algum estamos isolando ou distanciando-o da formação técnica. As dimensões humanas na formação profissional não podem ser isoladas da formação humana que acompanha o indivíduo desde a infância e adolescência. Assim, ela não pode ser a-histórica, não pode perder de vista as condições políticas, sociais, éticas, culturais e religiosas que envolvem o indivíduo. Porém vemos nos cursos profissionalizantes uma maior tendência em se valorizar a dimensão técnica, omitindo práticas reflexivas que complementem as técnicas e as tornem humanizadas.

Não estamos aqui defendendo apenas a criação de espaços que valorizam as disciplinas da área de humanas, pois sozinhas não responderiam a essa contradição. Acreditamos que as discussões devam ser feitas sobre a dialética existente entre a dimensão técnica e humana, apresentando as diferenças em suas tendências na formação, que podem cair no tecnicismo influenciado atualmente pelas exigências de competência, baseadas na política neoliberal, ou cair no plano da abnegação, distanciando-se assim do caráter profissional/científico.

Esta análise se mantém em movimento, pois tais dimensões se complementam e suas diferenças podem ser utilizadas para a construção de um paradigma, alertando os profissionais de educação em enfermagem para uma tomada de consciência da necessidade de uma formação crítica, e assim dizendo, política.

A bagagem social e cultural, o meio escolar na qual o aluno se profissionaliza são fatores que exercerão fortes influências na vida desse futuro profissional. A valorização das dimensões humanas é a possibilidade do aluno discutir sobre seus conhecimentos, suas vontades, desenvolvendo a idéia de que a relação de trabalho é a relação do homem com a natureza e, por ser ele um profissional de enfermagem, cujo princípio básico é cuidar de pessoas que de alguma forma buscam orientações e assistência, como esse futuro profissional está sendo preparado para lidar com essa tensão entre o mundo que o cerca e o seu próprio mundo?

Para construir um conceito de dimensão humana na formação profissional, me inspiro nas definições marxianas sobre “homem”, “ser humano” e “essência humana”. Na medida em que o homem produz bens, ele passa a dominar outros homens que deixam de produzir apenas para seu uso e assim se estabelecem relações de dominação determinadas pela produção, distanciando-se do conceito básico de trabalho, que é a relação do homem com a natureza. Ao valorizar as técnicas e as tecnologias, deixam-se para trás as relações humanas.

Ao observar que os atuais modelos de formação que compartimentalizam o ensino e se enquadram em módulos, cujo conteúdo disciplinar corresponde às competências pretendidas para uma formação adequada ao modelo de produção voltada para a competitividade e empregabilidade, não dá para deixar de associar com o trabalho alienado que exercemos.

As dimensões humanas na formação vem resgatar a idéia de que como humanos, cuidamos de humanos e precisamos de tempo para as relações saudáveis, de lazer, de reflexão, e isso só é possível se desenvolvermos a crítica a essa situação, a consciência de si para si.

“ O indivíduo não se forma enquanto um ser alienado pelo fato dele apropriar-se da genericidade em si, objetivar-se enquanto individualidade em si, mas sim quando isso se constitui a finalidade central de sua vida, ou nas palavras de Marx, quando transforma sua essência em um simples meio de existência.” (DUARTE, 1999, p.177)

2- TRAJETÓRIA HISTÓRICA DOS CURSOS AUXILIAR E TÉCNICO DE ENFERMAGEM NO BRASIL

“ No Brasil até o final da década de vinte as camadas dominantes, com objetivo de servir e alimentar seus próprios interesses e valores, conseguiram organizar o ensino de forma fragmentada, tomando o país com um todo e ideal, considerado o modelo proposto pela educação.” (ROMANELLI, 1991, p.30)

Para entender o início do processo de profissionalização do ensino médio de Enfermagem é preciso entender o momento político-econômico a partir da crise mundial de 1929, quando o mercado exportador de café percebe a queda brusca do preço de nosso principal produto de exportação. Conseqüentemente, ocorre a desvalorização da moeda e o encarecimento da importação de produtos manufaturados, sendo que nesta época dependíamos quase exclusivamente dos europeus para comprar produtos de consumo. Como consequência dessa crise econômica, houve uma estimulação de produção interna de bens manufaturados e a ascensão da produção industrial. Neste contexto, temos que com a industrialização e o aumento da população urbana, ocorre também a necessidade de formação de mão-de-obra qualificada. Esses são os principais fatores que vão marcar esta nova fase econômica do Brasil no início do século XX.

“Os fatos históricos demonstram que neste período, o processo de industrialização transformou a vida nas cidades. O Brasil seguindo o caminho de uma sociedade capitalista, que define como aquela cujo objetivo fundamental é produzir para acumular, concentrar e centralizar capital, portanto, as necessidades humanas, individuais ou coletivas, a prioridade e as pessoas: todas essas necessidades estão submetidas à produção capitalista, cujo objetivo é o lucro.” (FRIGOTTO, ¹ 1996, p.79)

A realidade se mostrava de forma cruel, com trabalhadores que tinham uma jornada de trabalho de dezoito horas por dia. Crianças e mulheres eram submetidas a grandes esforços, as fábricas tinham estrutura física inadequada quanto a iluminação, ventilação, ruído, sem higiene no locais de trabalho e sem uma legislação trabalhista que amparasse estes trabalhadores. Como

¹ Obra cuja coordenação editorial está a cargo de Gentili e Silva (1996).

consequência, tivemos surtos de doenças como tifo, tuberculose, varíola, febre amarela e outras infecções contagiosas.

Citar esses dados se torna importante, pois fazendo uma aproximação dos dizeres de Marx (1989,p.90) nos “Manuscritos Econômicos e Filosóficos de 1884” nota-se que *“O trabalhador fica mais pobre a medida que produz mais riqueza e sua produção cresce em força e extensão. O trabalhador torna-se uma mercadoria ainda mais barata a medida que cria mais bens.”* Portanto, nesta fase com o valor humano tão baixo, as doenças foram se alastrando sem controle. Por receber influência dos países da Europa e Estados Unidos, que um século antes apresentaram estes mesmos problemas econômicos, políticos e sociais devido à Revolução Industrial, é que despertou nas autoridades e estudiosos da época o pensamento de que “O Estado só tem poder e opulência se seu povo for saudável”. Surgiu assim a primeira versão de Medicina do Estado; mais tarde, com a preocupação com a saúde e condições de vida da população, surge a Medicina Social, e conseqüentemente, com o desenvolvimento das cidades surge então a Medicina Urbana.

É assim que neste começo de século XX, seguindo um modelo de medicina influenciado por países da Europa, como Alemanha, França e Inglaterra e dos Estados Unidos foi criado no Rio de Janeiro os curso de Sanitaristas e de Enfermeiras, que trouxeram experiências e novos métodos técnicos e administrativos.

No plano social e político, este período até 1937 caracteriza-se pelos conflitos entre os trabalhadores e a burguesia, pelas lutas contra o comunismo e outras ideologias que ameaçavam o poder autoritário de Getúlio Vargas.

As mudanças educacionais, nesta época tinham como objetivo ideológico a formação em cursos profissionalizantes os jovens das classes menos favorecidas, enquanto que a elite se direcionava para cursos secundários preparatórios para ingressar nos cursos de formação superior, porém seguindo os pressupostos ideológicos nacionalistas. Veremos novamente estas diferenças de oferta entre as classes sociais se repetir também, nas reformas educacionais que estavam por vir.

A clareza da necessidade da implantação de cursos profissionalizantes se dá durante o período da 2ª Guerra Mundial. Como a maior parte de nossa mão-de-obra especializada vinha da Europa, nesse momento de guerra a imigração foi interrompida. É por isso que as reformas do ensino técnico profissional começaram a ser promulgadas a partir de 1942, antes mesmo das Leis Orgânicas que estruturaram o ensino primário, que só foram oficializadas em 1949. É neste

contexto portanto, que encontramos os primeiros sinais de organização do Ensino Auxiliar de Enfermagem, exigência que responde às necessidades econômicas e políticas daquele momento.

O Decreto Lei n.º 4.725/42, de 22 de setembro de 1942 – Reorganiza a Escola Profissional de Enfermeiros pelo Decreto n.º 791 de 27 de setembro de 1942: (BRASIL, 1974)

Art. 2º - A Escola de Enfermeiros Alfredo Pinto terá por finalidade preparar enfermeiros auxiliares para os serviços sanitários e assistenciais e promover a especialização, em serviços psiquiátricos, de enfermeiros diplomados.

Parágrafo único- Para preencher suas finalidades a E.E.A.P. manterá:

a) Curso de enfermeiros-auxiliares;

Art. 3º - O curso de enfermeiros-auxiliares será feito em seis períodos, com a duração total de 18 meses, observada a seguinte seriação de disciplinas, estudadas em suas noções principais, necessárias ao exercício da profissão

Nota-se que este primeiro currículo que dá base para o Curso Auxiliar de Enfermagem é dividido em seis períodos e apresenta disciplinas também voltadas à área técnica, porém no sexto período entre as matérias citadas, há Ética de Enfermagem.

A organização do ensino da Enfermagem, em nível médio, foi efetuada pela Lei Federal n.º 775, de 6 de agosto de 1949 e pelo Decreto n.º 27.426, de 14 de novembro de 1949, que aprovou seu regulamento. Nota-se que no comentário da lei se diz “O Curso de Enfermagem apresenta uma relação genérica de matérias, com terminologia não científica, de conteúdo de formação profissionalizante, e outras estritamente instrumentais”. O curso apresentava uma carga horária de 44 horas semanais de atividade escolar obrigatória e dezoito meses de duração, com uma sólida formação especial básica e polivalente. (cf. SÃO PAULO, 1979, p23-27)

Artigo 23º – No curso de Auxiliar de Enfermagem será ministrado o ensino de:

- I - Introdução
- II - Noções de ética
- III - Corpo humano e seu funcionamento
- IV - Higiene em relação à saúde
- V - Economia hospitalar
- VI - Alimento e seu preparo
- VII - Enfermagem Elementar

O artigo 24º refere-se aos estágios:

- I - Enfermaria de Clínica Médica geral
- II - Enfermaria de Clínica Cirúrgica geral
- III - Sala de operações e Centro de material cirúrgico
- IV - Cozinha geral

A partir das décadas de 50 e 60, a influência das idéias norte americanas e o surgimento da “Teoria do Capital Humano”², começaram a predominar no Brasil com o objetivo econômico de garantir mercado para as empresas americanas e a expansão interna do capitalismo, surgindo uma educação para o trabalho. Todos os bens se transformam em mercadorias, inclusive a educação e o sistema escolar, com o objetivo de formar recursos humanos para a indústria. Nesta fase, são assinados vários acordos e alianças entre o Ministério da Educação e Cultura (MEC) e a Agência Norte Americana para o Desenvolvimento Internacional (USAID).

“ Sob o pretexto de formar técnicos para o desenvolvimento, formam-se trabalhadores com uma visão técnica fragmentada, mutilada, sem cultura geral, meros executores de tarefas, incapazes de pensar a finalidade de seu trabalho e a sua inserção na história” (GADOTTI, 1982)³

Em 1965, com a adaptação da Lei 775, de 6 de agosto de 1949, à Lei de Diretrizes e Bases n.º 4.024/61, classificou-se as Escolas de Auxiliar de Enfermagem, em nível médio, acima do primário, exigindo do candidato ao curso formação prévia da 1º e 2º séries ginasiais. (SÃO PAULO, 1979, p.36-37)

A regulamentação diz:

“Embora tratando-se de um curso de finalidade precipuamente técnica, não deve desligar-se da sistemática criada pela L.D.B., estabelecendo um tronco comum na duas primeiras séries do ciclo ginasial de todo o nível médio (art.35º, §3)

Currículo Mínimo do Curso de Auxiliar de Enfermagem

Resolução n.º 106 de 28 de Abril de 1965

Artigo 4º - São disciplinas específicas:

- 1 - Fundamentos de Enfermagem (anatomia, fisiologia e patologia);
- 2 - Técnica de Enfermagem (médico-cirúrgica, materno-infantil e de saúde pública);
- 3 - Higiene e profilaxia;
- 4 - Ética e História da Enfermagem

“ O projeto de lei de diretrizes e Bases da Educação Nacional não nasceu com intenções educacionais, pedagógicas, frias e serenas, mas como uma atitude política .O líder da maioria na Câmara Federal relaciona a orientação pedagógica do projeto com a intenção política de denegrir a ditadura do Estado Novo (...) É importante registrar que nesse momento histórico o interesse no projeto da LDB tinha uma motivação partidária, que depois se deslocou para a esfera da sociedade política mais próxima da luta ideológica que envolveu amplamente a sociedade civil, aparecendo neste contexto político os partidos ideológicos , tendo como exemplo a igreja, a imprensa, além de outras associações.” (SAVIANI, 1996, p.32-38)

² A expressão capital humano significa “o processo de formação e incremento do número de pessoas que possuem as habilidades, a educação e a experiência indispensável para o desenvolvimento político e econômico de um país. MANFREDI (1998,p.16).

³ Prefácio VIII da obra de ARAPIRACA.

A Resolução CEE n.º 45/66, de 5-12-66- Cria o Curso Técnico de Enfermagem de grau médio. O CEE, no uso das atribuições que lhe conferem a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e a Lei Estadual n.º 7.940, de 7 de junho de 1963, determinou: (SÃO PAULO, 1979, p. 41).

Art. 1º - É instituído, no sistema de ensino do Estado de São Paulo, o curso técnico de enfermagem, de ensino médio, 2º ciclo, com a duração mínima de três anos, regulamentados pôr esta Resolução (art. 47º, parágrafo único da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional).

Artigo 2º - As disciplinas do curso secundário que , obrigatoriamente, integram o currículo do curso técnico de enfermagem, são as seguintes, com a respectiva duração mínima:

- 1-Português – três séries
- 2- Ciências Físicas e Biológicas – 1 série no mínimo;
- 3- Ciências sociais - 1 série;
- 4- Psicologia – duas séries

Artigo 3º - São disciplinas específicas obrigatórias do curso técnico de enfermagem:

- I - Propedêutica de Enfermagem
- II - Ética e Elementos de Administração aplicada à Enfermagem

III - Enfermagem Médica

IV - Enfermagem Cirúrgica

V - Duas disciplinas, no mínimo, que deverão ser adicionadas ao currículo pelo estabelecimento, escolhidas entre as seguintes:

- 1- Enfermagem Dermatológica
- 2- Enfermagem Obstétrica e Ginecológica
- 3- Enfermagem Neuro-Psiquiátrica
- 4- Enfermagem Oftalmológica
- 5- Enfermagem Ortopédica
- 6- Enfermagem Otorrinolaringológica
- 7- Enfermagem Pediátrica
- 8- Enfermagem de Saúde Pública
- 9- Enfermagem Urológica
- 10- Nutrição e Dietética

No Curso Técnico de Enfermagem não há relatos na lei, onde se verifica preocupação com a formação humana dos alunos. A disciplina de Psicologia em duas séries e a disciplina de Ética são as representantes das possíveis discussões sobre a formação humana durante o curso.

Em 1970, feito um estudo mostrando o déficit de profissionais de nível médio de enfermagem, juntamente com entidades como a ABEn (Associação Brasileira de Enfermagem), empenhadas em solucionar a situação da realidade do momento, duas medidas foram solicitadas: Acelerar o processo de formação de Auxiliares de Enfermagem como medida transitória e emergencial; dar oportunidade para mais de 70.000 (setenta mil) Atendentes de Enfermagem,

alcançar uma formação profissional regular. Esta situação mostra uma estreita ligação entre educação escolar e trabalho.⁴

A deliberação CEE – n.º 7/70 – disposto no Título VII, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e da Lei estadual n.º 9.865, artigo 2º, inciso XV, de 9 de outubro de 1967 - Institui normas para o Curso de Auxiliar de Enfermagem em regime intensivo. (SÃO PAULO, 1979, p. 53)

Artigo 2º - A duração do curso será, no mínimo, de onze meses com a carga-horária de, pelo menos, 1.080 horas, que compreenderá aulas em classe e laboratório, estágios e seminários.

Artigo 4º - O currículo será constituído por seis disciplinas, das quais serão obrigatórias Elementos de Enfermagem Geral e Ética-Relações Humanas, cabendo aos estabelecimentos a escolha das demais dentre as relacionadas no artigo 4º e parágrafo 1º da Deliberação CEE – n.º 4/68, observados os parágrafos 2º e 3º

Ao exame desse texto percebe-se que naquele momento a estrutura organizada para defender os interesses políticos e econômicos comprometeram a base da educação e, especificamente, interferiram na formação em Enfermagem. As discussões que faço hoje, neste estudo, trazem grande influência desta época, pois a redução da carga horária do curso tornando-o intensivo, apesar da promessa de ser provisório, durou quase trinta anos.

A Lei 5.692/71 em seu artigo 1º, estabelece como objetivos gerais de 1º e 2º graus os seguintes: Auto-realização do educando; qualificação para o trabalho; preparo para o exercício consciente da cidadania;

De acordo com o artigo 11º, compreendemos que para a formação do Auxiliar de Enfermagem as matérias se referem basicamente a conteúdos para o aprimoramento na área hospitalar, orientando que as escolas poderão incluir outras matérias de acordo com a realidade local. Neste artigo há também referência à matéria de Ética, que por ser imprescindível à formação humana e profissional deve estar entrosada com a sua problemática, levando os alunos a adquirirem as atitudes requeridas. Neste currículo, não consta Psicologia como matéria obrigatória. Um programa teórico, com número reduzido de aulas, não realizaria os objetivos visados. Neste artigo da lei se diz que os aspectos psicológicos, não somente de relações humanas, mas peculiares às diversas situações do campo de estágio, serão focalizados continuamente.

⁴ Essa perspectiva está presente também nos críticos da “Teoria do Capital Humano”, uma vez que consideram que a educação é funcional ao sistema capitalista, não apenas ideologicamente, mas também economicamente, enquanto qualificadora de mão-de-obra, ou seja, de força de trabalho. (SAVIANI, 2000,p.151).

A legislação propunha uma abertura na formação tanto geral como nos cursos profissionalizantes. O que vemos é que as propostas não correspondiam à realidade e a formação em nível médio de enfermagem, não fugiu à regra. De acordo com Saviani, os princípios que nortearam a Lei 5.692/71 estiveram em sintonia com a estratégia do *autoritarismo triunfante* (grifo do autor) e de acordo com os interesses do governo de consolidar a democracia *excludente*. Segundo o autor, o princípio de *flexibilidade* tão referido nessa lei expressando liberdade e autonomia era uma faca de dois gumes, podendo ser um instrumento utilizado para preservar no âmbito educacional o arbítrio que caracterizava o poder exercido. “ *Assim as autoridades governamentais evitaram se sujeitar a definições legais mais precisas que necessariamente imporiam limites à sua ação, ficando livre para impor à nação os programas educacionais de interesse dos donos do poder.*”(cf. 1996, p.124)

As reformas educacionais que ocorreram a partir dos anos 70 foram em decorrência de acordos multilaterais, coordenados pelo Banco Mundial, que tinha como objetivo promover o desenvolvimento econômico dos países subdesenvolvidos, através de empréstimos aos setores de agricultura, setor social e educação. No plano cultural, as transformações estavam voltadas para a educação escolar, sendo uma das prioridades da USAID em parceria com o regime militar, todavia esta parceria se centrava no Ensino Médio, na implantação da profissionalização compulsória, para o Ensino Superior e secundariamente para a Educação de Base Inicial. (cf. NOGUEIRA, 1999, p.20)

“Se se quer que o progresso econômico seja rápido e equitativo, as reformas que se adotem no campo da educação deverão vir respaldadas por outras medidas em setores tais como: a agricultura, a saúde, (grifo da pesquisadora), a nutrição e o emprego. Somente em um contexto assim pode a educação fortalecer eficazmente o potencial daquelas nações em desenvolvimento que desejam assegurar a participação produtiva de todos no processo de desenvolvimento.” (NOGUEIRA, 1999, p.115)

Nos anos 80, o país se apresenta em situação precária com o aumento da dívida externa, o aumento do desemprego, o achatamento dos salários como uma das exigências para a estabilização da moeda, a recessão econômica e a crise fiscal. Porém, esta situação era ofuscada pela mudança política, onde o regime militar abriria espaço para uma nova forma de regime democrático, deixando uma sensação de contentamento pelo resgate da liberdade política. A crise dos anos 80 gerou maior desemprego e o que vemos nesse momento é outro modelo de organização do processo do trabalho entrar em cena. O modelo fordista-taylorista que dominou o mundo do trabalho desde o início do século, agora se choca com uma nova forma de trabalho , a

acumulação flexível, dando uma nova ordem às relações entre capital, os meios de produção e a força de trabalho. Paralelamente, houve um aumento do compromisso político do educador, que neste momento de cisão prometia transformar o plano educacional, o qual apresentava uma estrutura curricular basicamente tecnicista.

As mudanças estruturais do capitalismo internacional, geradas pela reconquista da liberdade, que se iniciaram na década de 70 e que chegaram ao Brasil no final dos anos 80, já causavam um estado de euforia bem mais leve nos anos 90. A ressignificação da “Teoria do Capital Humano” neste momento interfere diretamente nas Reformas Educacionais, com isso a formação dos nossos alunos perde espaço e se estreita, na busca de respostas que vão ao encontro da nova política do trabalho, ocorrendo uma substituição de qualificação por empregabilidade e competência.

Chegamos neste ponto de exposição buscando associar a formação em nível médio de Enfermagem aos fatores que envolvem a construção histórica da educação no Brasil; nosso embate se dá ao tentar mostrar que as diretrizes da educação oficial se distanciam da formação que propomos e que acreditamos ser mais coerente para o profissional de enfermagem. Defendemos firmemente a idéia de que os projetos precisam estar entrelaçados ao quadro curricular e ambos fortalecerem objetivos, metodologias e avaliação disciplinar e interdisciplinar, favorecendo uma formação voltada para a ampliação de conceitos, alargamento do conhecimento histórico a fim de que a grande contradição que separa professor-aluno, teoria-prática, conteúdo técnico e relações humanas possam se aproximar e aguçar mais o pensamento e a crítica de todos os sujeitos envolvidos no processo de educação, ou seja, a instituição escolar, professores, alunos e a comunidade.

" Pensar no ensino médio de Enfermagem, enfocando as dimensões da educação e saúde, significa considerar com lucidez, a complexidade de situações objetivas em reflexões e pesquisas emergidas, e a certeza da construção de uma prática, tanto no ensino médio quanto na formação de profissionais enfermeiros que atuarão neste nível de ensino sendo todos beneficiados com o momento em que nos encontramos inseridos." (BUENO & COSTA, 1998, p.9)

3- A FORMAÇÃO DO ALUNO DE NÍVEL MÉDIO DE ENFERMAGEM NO CONTEXTO ATUAL

As reformas no campo da educação atualmente vão ao encontro dos interesses do Banco Mundial, que ao financiar os projetos educacionais no Brasil, coloca suas restrições. Basta observar que as propostas são feitas por economistas; as discussões são vistas a partir do tecnicismo; a escola é comparada a uma empresa; o ensino é visto como mercadoria; se valoriza a capacitação em serviço ante a formação inicial, e os currículos escolares têm como ponto central os conteúdos. Catani, resume bem esta situação ao citar Offe *“formar para explorar mais e melhor”* (2000, p.4) .

"A educação é dever da família e do Estado, inspirado nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Lei 9.394/96 – Leis de Diretrizes e Bases. Art. 2º da Educação Nacional." (PCN- BRASIL, 1999,p.39)

Como solidariedade humana entende-se *"o sentido moral que vincula o indivíduo à vida, aos interesses e às responsabilidades de um grupo social, de uma nação ou da própria humanidade."* (FERREIRA, 1986, p.1607)

Acreditamos que o que a legislação define como objetivos na formação do educando tenha que ter continuidade na formação específica profissionalizante para que o aluno possa desenvolver uma consciência crítica sobre si e sobre o mundo, com postura ética e visão ampla das relações sociais.

"A legislação constitui o instrumento através do qual o Estado regula, acentuando ou amenizando as tendências em marcha. Assim, à luz do contexto, revelam-se ao mesmo tempo a falácia e a eficácia da legislação. A falácia diz respeito às esperanças nela depositadas e que ela não pode realizar. A eficácia diz respeito às conseqüências, esperadas ou não, que ela acarreta. No caso do Brasil, a esperança de que as reformas operariam mudanças profundas resultou em falácia." (SAVIANI, 1996, prefácio)

A nova LDB surge no contexto exposto acima e referente ao ensino médio é importante que fique claro o que se prevê para a formação profissionalizante.¹

II – *A preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a se capaz de ser adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores.*

III - *O aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico.*

Souza & Silva fazem o seguinte comentário ao analisar os parágrafos acima: *“Aprimorar a formação humanística do educando, a fim de que, pelo cultivo do intelecto, possa desempenhar sua autonomia de pensamento, e pela vivência da ética, venha a compreender e a incorporar os princípios e valores que promovem o ser humano. Se as escolas conseguirem traduzir em realidade esses propósitos, que inspiram o ensino médio, a crise de rumos, que vem desorientando os professores nesse patamar da escolaridade, terá tudo para ser debelada.”* (1997, p.60)

O Parecer n °16/99² diz respeito à educação profissional de nível técnico e indica que as diretrizes curriculares nacionais estão centradas no conceito de competência por área; do técnico será exigida uma escolaridade básica sólida, tanto quanto uma educação profissional mais ampla e polivalente, pois a revolução tecnológica tem exigido uma revisão dos currículos, uma vez que hoje é exigido dos trabalhadores maior raciocínio, autonomia intelectual, pensamento crítico, iniciativa própria e espírito empreendedor, bem como capacidade de visualização e resolução de problemas.

Cabe aqui acrescentar que a legislação traz uma ampla abertura para que o educando tenha uma formação para saber não só ser flexível, mas também se adaptar a situações, ser responsável pelos seus atos, ser criativo, ter vontade de aprender, ser organizado, ter disciplina, ser assíduo e ter concentração. Estas últimas características estão associadas ao modelo taylorista, sendo que foram agrupadas ao novo modelo de organização do processo de trabalho contemporâneo.

No entanto, este modelo não foi superado, porque tais critérios de organização, disciplina, assiduidade e concentração estão diretamente associados ao aumento de produtividade e este elemento é primordial para o acúmulo de capital, gerando mais lucro.

Para dar continuidade a esse pensamento, Linhart entende que: *“as maiores transformações do trabalho contemporâneo ocorreram com a individualização do trabalho e*

¹ Lei 9.394/96 de Diretrizes e Bases – título V- dos níveis e das Modalidades de Educação e Ensino- Cap. II- Educação básica- Secção IV- Do ensino médio- Artigo 35.

² Conselho Nacional de Educação- item 5, p. 14-15.

gestão dos assalariados, diminuiu o poder de ação do coletivismo para quebrar a capacidade de crítica e contestação dos trabalhadores.” (2000, p.17)

Entre as diretrizes consolidadas pela Constituição Federal há uma radical transformação do Sistema de Saúde Brasileiro. Assim uma das propostas do Sistema Único de Saúde (SUS) é atender o indivíduo como um ser humano integral submetido às diferentes situações de vida, gerando doença. *“O indivíduo não deve ser visto como um amontoado de partes (coração, fígado, pulmão, etc.) e solto no mundo”* e a saúde deve ser entendida de forma ampla, envolvendo todos os aspectos de vida como, condição de trabalho, moradia, saneamento, lazer, etc. Um bom exemplo apresentado é a mudança da utilização do termo “paciente”, substituído pelo termo “cliente”. Este cliente, hoje, é orientado a entender mais sobre sua doença, ter maior autonomia em seu tratamento médico e maior acesso junto à justiça, para requerer proteção legal quando em casos de danos físicos conseqüentes de negligência ou imperícia de profissionais da área da saúde. Assim, há um crescente aumento da responsabilidade do profissional de Enfermagem, que passa a atuar oferecendo ao cliente uma assistência integral em contraposição a um modelo fragmentado de assistência, baseado nos princípios de organização de trabalho taylorista. Seja nos Postos de Saúde ou da Rede Hospitalar, onde antes prevalecia uma assistência fragmentada, na qual cada profissional se responsabilizava por uma parte do cuidado ao paciente. Hoje, há uma forte tendência ao cuidado individualizado; a organização de trabalho do profissional de enfermagem, baseado numa filosofia holística, propõe que ele cuide de seus clientes com ações integrais. Essas mudanças são ainda iniciativas que não abrangem uma grande parcela da população brasileira que tem necessidade de assistência médica e hospitalar em serviços públicos.

Percebe-se que para acompanhar esse novo modelo, as escolas de Enfermagem, teoricamente, passam a formar profissionais com uma visão holística do ser humano, do seu cliente, buscando compreendê-lo e tratá-lo como um todo, e não apenas a doença ou um órgão.

Continuando nesse raciocínio, Linhart coloca que o trabalho aparentemente ainda tem os mesmos princípios tayloristas, acrescidos das exigências qualitativas que, ao nosso modo de ver, é representado pelo termo competências; mas será que nesse sentido o termo competência dá essa autonomia ao trabalhador?

Transportando nossas idéias novamente para a educação, os primeiros documentos que formam um modelo pedagógico de objetivos e competências encontram-se no ensino técnico-profissionalizante. Este modelo se baseia numa pedagogia definida por seus objetivos e pela

competência que a produz, e busca aproximar as relações entre a escola e a empresa, entendendo como é estreita essa ponte entre ensino e trabalho e visando uma melhor formação profissional. Tanguy cita Habermas ao dizer que os movimentos de intelectualidade e racionalização que predominam na sociedade atual, com todo o avanço tecnológico que observamos, tem sua legitimação na ciência e na técnica, portanto um currículo voltado para competências amolda-se muito bem nessa linha de pensamento. A noção de competência não vem substituir as habilidades profissionais e educacionais enquanto ciência, mas sim de educação aplicada à tecnologia (cf. 1997,p.52-53)

No campo das reformas educacionais, a avaliação e a formação para a competitividade no campo do trabalho estão baseadas nas competências e mostram um modelo de ensino em que o professor tem condições de reproduzir, ou seja, formar crianças, jovens e adultos à luz das competências pelas quais ele também passou enquanto aluno. Esta realidade revela a emergência e um novo perfil de qualificação da força de trabalho, uma formação educacional com objetivos mais adequados ao mundo do trabalho, tendo como princípio básico o saber fazer como uma dimensão técnica-científica adquirido por meio de cursos rápidos, se dando o aprimoramento posteriormente pela educação em serviço.

Como conciliar essa realidade que se apresenta para nós com leis na área educativa que se baseiam em formação técnica visando o mercado de trabalho e a competitividade, enquanto a sociedade exige profissionais com uma formação omnilateral, ou seja, para um “cuidar em Enfermagem” integral e humanizado?

Com a apresentação do histórico da legislação do Curso Auxiliar e Técnico de Enfermagem, observamos o predomínio das disciplinas técnicas em detrimento das humanas. Na formação do Auxiliar de Enfermagem não consta mais a disciplina de Psicologia quando o curso passa, em 1970, a ter uma proposta curricular intensiva. Diz o texto que Ética e relações humanas é imprescindível, porém não há tempo, com a carga horária reduzida, para manter a disciplina de Psicologia, a única que oficialmente representa uma possibilidade de abertura da dimensão humana na formação do profissional de nível médio de Enfermagem. Diz o texto oficial do Ministério da Educação, que os aspectos das relações humanas deverão ser abordados continuamente durante os estágios (SÃO PAULO, 1979, p.45)

Observa-se que o enfoque disciplinar é substituído por uma interação das disciplinas e que o processo de ensino-aprendizagem é feito de forma continua . Será que isso ocorre? De que

forma as escolas de ensino médio abordam estes aspectos humanos? Será que a carga horária de Psicologia não é importante para abrir espaços para a reflexão?

Por planejar e executar as atividades de cada disciplina no Curso Técnico de Enfermagem da Escola Técnica de Paulínia, e por experiência de alguns anos, sabemos que a carga horária mínima citada acima não reserva tempo para outras atividades que não seja o conteúdo teórico-prático e estágios de cada disciplina. Sabemos que após a formação, este profissional enfrentará diferentes situações, muitas vezes adversas, envolvendo pessoas, sejam crianças, adultos ou idosos.

“Há três anos o Ministério da educação apresentou no congresso o Projeto de Lei 1.603/96, que preconizou mudanças do ensino técnico, separando-o do ensino médio regular, deixando de considerar os aspectos humanos e críticos da educação e desobrigando o Estado de seus deveres...” (BUFALO, 1999, p.6).

Muitos debates, com a participação da sociedade brasileira, ocorreram de lá para cá. Foram apresentadas alternativas viáveis, financeira e pedagogicamente, mas o governo apresentou as reformas de acordo com seus interesses, que estão vinculados ao Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD) e Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID).

“Desta forma as funções da educação se deslocam para o campo da economia, descartando a formação dos valores humanos. Ao ensino técnico caberá o papel de profissionalização rápida da massa de desempregados, ao mesmo tempo que as propagandas institucionais cobram das pessoas a condição de estarem constantemente se capacitando” (BUFALO, 1999, p.6).

A citação acima, nos faz buscar respostas para entender como se desenrolou a política de saúde nos últimos vinte anos. Este cenário nos mostra resumidamente, que tivemos um desenvolvimento econômico excludente, favorecendo a privatização, o fortalecimento das indústrias de equipamentos médicos-cirúrgicos e aumento do consumo de medicamentos, reforçando assim o paradigma biológico tanto na atenção ao usuário, quanto na formação dos profissionais.

No entanto algumas idéias de formação profissional na área da saúde, já vinha sendo desenvolvida no início dos anos 80 envolvendo os Ministério da Educação e Cultura, da Saúde e da Previdência e Assistência Social, Ciência e Tecnologia com o apoio da equipe técnica de recursos Humanos desses ministérios e da Organização Panamericana de Saúde (OPAS). Com o

objetivo de elaborar uma política nacional de capacitação de pessoal de nível médio criou-se o “Projeto de Formação ou experiência pedagógica - Larga Escala”. (cf. CRUZ et al, 2004)

Segundo Guimarães o objetivo principal do Projeto Larga Escala é a *formação em serviço*, a utilizando como estratégia o ensino supletivo com avaliação no processo. Essa estratégia possibilita a formação do pessoal que já atua nos serviços de saúde e que foi privado dessa formação anteriormente. (cf. 1998, p.99)

A *Oitava Conferência Nacional de Saúde*³ realizada em 1986 foi um marco representativo para mudanças na saúde e preconizou um Sistema de Saúde Único e redefiniu num sentido mais abrangente a saúde como: “resultante das condições de alimentação, habitação, educação, renda, meio-ambiente, trabalho, transporte, emprego, lazer, liberdade, acesso e posse da terra e acesso a serviços de saúde. É, assim, antes de tudo, o resultado das formas de organização social da produção, as quais podem gerar grandes desigualdades nos níveis de vida” (BRASIL, 1986).

O modelo de saúde inadequado, levou o Ministério da Saúde através de um consenso da sociedade, proporem mudanças no modelo de atenção ao usuário, construindo um Sistema Único de Saúde (SUS) seguindo princípios de *Universalidade*, ou seja, a saúde é direito de cidadania e dever dos governos Municipal, Estadual e Federal; *Equidade*, todo cidadão é igual perante o Sistema Único de Saúde, será atendido conforme suas necessidades; outro princípio é a *Integralidade*, ou seja, as ações de saúde devem ser combinadas e voltadas ao mesmo tempo para a prevenção e a cura.

O conceito de saúde como direito, indica que os profissionais Auxiliares e Técnicos de enfermagem precisam ter conhecimento e consciência da dimensão do significado de saúde. Com a formação quase que exclusivamente técnica e com uma proposta curricular para o curso de nível médio de Enfermagem tão restrita, será que o perfil do profissional que pretendemos formar, com postura crítico-reflexiva, é condizente com as propostas curriculares oficiais? E essas propostas estão de acordo com as necessidades reais apresentadas pela sociedade, principalmente num momento em que as dimensões humanas são tão valorizadas nas relações interpessoais?

No relatório da Oitava Conferência, são apontadas as causas na área de saúde pública que deram origem ao predomínio do setor privado em detrimento ao setor público na assistência à

³ Realizada de 17 a 21 de Março de 1986 em Brasília - DF

saúde e são, basicamente, inadequada formação dos recursos humanos, tanto técnica como eticamente e de consciência social, associados às condições insatisfatórias dos salários.

Não concordamos com o argumento e entendemos que da mesma forma que desenvolvemos as idéias anteriormente em relação aos interesses políticos e econômicos que permeiam a formação profissionalizante para o mercado de trabalho, a maior fatia dos benefícios estão no setor privado, por apresentar uma organização de trabalho muito mais elaborada e com retorno de lucro mais rápido e com uma filosofia voltada para a empregabilidade. Enquanto que no setor público são limitados os investimentos, tanto no plano de recursos humanos quanto na aquisição de equipamento e melhoria de estrutura física.

Atualmente o Ministério da Saúde⁴, visando trazer a saúde para perto do cidadão e dar ao profissional a especialização necessária para que ele possa exercer seu trabalho com mais qualidade, além da implantação de programas de controle de doenças, destaca-se o Programa de Humanização no Pré-Natal e Nascimento. Na área da educação, o Projeto de Profissionalização dos Trabalhadores da Área de Enfermagem (PROFAE), tem como objetivo o desenvolvimento de Recursos Humanos na área da saúde. Sua meta é assegurar os processos de formação técnica e educação profissional em saúde, com a qualificação e especialização de profissionais de enfermagem de nível médio e superior.(cf. BRASIL, 2003)

Recentemente, em dezembro de 2003 o tema para os debates da 12ª Conferência Nacional de Saúde foi sobre o Sistema Único de Saúde: Avanços, desafios e reafirmação de seus princípios e diretrizes. Segundo o documento os avanços nesses doze anos nas gestões municipais, estaduais e federal é inquestionável. No entanto, o Conselho Nacional de Saúde (CNS) reconhece os percalços enfrentados pelo SUS que estão ligados à política da economia vigente *“que privilegia o sistema financeiro, o mercado e um paradigma de Estado de baixíssimo compromisso com políticas públicas redistributivas e desenvolvimentalista”*. Segundo CNS, a estratégia é a universalidade e eficácia do sistema, reafirmando os conceitos básicos quanto ao acesso aos serviços de saúde, educação, renda familiar, condições de trabalho, emprego, habitação, segurança, saneamento e segurança alimentar.

De acordo com o Ministério de Educação e Cultura⁵, a nova visão de qualidade em saúde inclui a humanização do cuidado na perspectiva do cliente. Diante do princípio da autonomia do

⁴ Dados do Ministério da Saúde fornecidos pelo site: www.portal.saude.gov.br/saude

⁵ Estudos preliminares em 1999 do MEC (Ministério de Educação e Cultura), SEMTEC (Secretaria de Educação Média e Tecnologia) e PROEP (Programa de Expansão Profissional) .

paciente, a humanização envolve um conjunto de “amenidades” de trato e de possibilidades de escolhas, onde se incluem os aspectos éticos. Esses programas e projetos estão diretamente ligados à educação em saúde. Se vou humanizar um serviço, primeiramente é preciso humanizar o futuro profissional através de medidas educacionais que visem a ampliação de seu conhecimento. (Cf. BRASIL, 1999)

Entre as instituições não governamentais que representam os profissionais de enfermagem, destacamos a importante atuação da Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn), cuja organização tem caráter científico, político e social e tem como eixo nuclear a defesa e a consolidação da Enfermagem como prática social essencial na assistência à saúde e na organização e funcionamento dos serviços de saúde. Atualmente, um dos temas na área da educação em enfermagem são os novos desafios na construção dos projetos pedagógicos e como as diretrizes curriculares podem contribuir nessa construção, deixando de ser apenas um instrumento normativo. Assim a ABEn tem acompanhado e participa das discussões e elaboração das leis regulamentadoras do ensino de Enfermagem, até a completa integração das leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional; tem prestado assessoria na formulação do currículo mínimo para os cursos dos profissionais de enfermagem; tem se empenhado na formação e profissionalização dos exercentes de enfermagem, visando diminuir o contingente de profissionais sem qualificação. (cf. ABEn, 2003)

Outro projeto que visa a mudança da educação dos profissionais da saúde é o movimento “UNI” que significa (Uma Nova Iniciativa na formação dos profissionais de saúde) . É uma organização não governamental, financiada pela Fundação Kellong, que opera em vários países da América Latina, inclusive no Brasil o projeto inicial⁶ se estendeu por alguns estados e cidades brasileiras como Bahia, Natal, Botucatu, Londrina e Marília. Com uma estratégia que visa a parceria entre a universidade, os serviços de saúde e a população. Este programa tem conseguido gerar mudanças, principalmente na formação profissional e organização popular. Como resultado já há núcleos multiprofissionais que estão implantando currículos integrados, organizados com módulos interdisciplinares, metodologia ativa de ensino-aprendizagem, onde o aluno ocupe o lugar de sujeito da construção do conhecimento e o professor como facilitador e orientador desse processo. (cf. FEUERWERKER, 2000, pg.19)

⁶ Dados bibliográficos referentes ao ano de 2000.

Na Segunda metade da década de 90, os projetos UNI se integraram a Rede IDA, que já existia desde 1985, formando a *Rede Unida*, essa união alterou a identidade da rede. Hoje se articulam projetos em mais de setenta instituições, cujo objetivo é o desenvolvimento dos Recursos Humanos em Saúde visando uma mudança no modelo de atenção, modelo de ensino e na participação social no setor da saúde. “*Os projetos iniciais serviram como ensaio para profissionais das universidades que terminou se deslocando para o cenário de construção do SUS.*”⁷ (REDE UNIDA, 2003)

Assim nos aproximando dessa realidade e numa escala menor, afirmamos que o projeto realizado no Curso Técnico de Enfermagem de Paulínia tem como proposta resgatar a dimensão humana na formação dos alunos, através da abertura de um espaço de discussão sobre escolha e formação profissional ético- política e nas relações interpessoais e conseqüentemente mudanças curriculares que representem uma formação mais próxima desse novo paradigma.

De acordo com as mudanças aprovadas pelas novas políticas educacionais, complementando a LDB 9.394/96, influenciada pela filosofia política neoliberal e através das citações de autores que fazem a crítica a respeito dessa reformas, após a explanação de nossa experiência, que acentua a importância de uma abordagem ampla sobre as dimensões humanas na formação dos profissionais de nível médio de Enfermagem, nos aproximamos novamente do problema que nos levou a essa pesquisa e assim interrogamos:

- Como as(os) professoras(os) e coordenadoras(os) das escolas de enfermagem estão percebendo essas mudanças?
- Que caminhos as escolas estão trilhando para a formação de seus alunos?
- Quais as saídas que podemos encontrar para uma formação mais equalizada entre a dimensão técnica e humana?
- Será que as escolas apresentam dentro das disciplinas regulares ou extra-curriculares, atividades que têm como objetivo valorizar a reflexão sobre perfil profissional abrangendo a dimensão humana anunciada em projeto pedagógico?
- Há discussão e trabalho realizado para encontrar caminhos para a adequação e/ou mudanças para a formação de seus alunos técnicos de Enfermagem?

⁷ Disponível no site: www.Redeunida.org.br

Após revisão bibliográfica, encontramos autores preocupados com a formação humana do profissional de enfermagem. Gelain faz uma análise sobre a Filosofia e Ética como ciências humanas e sua importância na formação do enfermeiro, considerando que as ciências humanas têm o homem como seu sujeito e seu objeto de pesquisa científica. (cf. 1988, p.87-88)

Queiroz, ao abordar o paradigma mecanicista da medicina ocidental moderna se refere à perda da visão unificadora do paciente que engloba uma dimensão maior do que apenas fatores biológicos. Para essa recuperação cita mudanças no plano econômico, político e ideológico da sociedade (cf. 1986,p.316)

Rocha, em seu texto sobre uma reflexão da Oitava Conferência Nacional de Saúde, é claro ao fazer a seguinte conclusão: a área de atenção primária elementar tem dificuldades por apresentar uma ineficiência de recursos humanos. Para sanear essas dificuldades , sugere a formação de enfermeiros , técnicos e auxiliares de Enfermagem que tenham, entre outros, conhecimento específicos da área de atuação e uma fundamentação em ciências humanas, ou seja, sociologia, antropologia, comunicação, psicologia e didática. (cf. 1987, p.39)

A Lei nº 9.394/96 baseia-se, entre outros pressupostos, no reconhecimento de que o desenvolvimento de profissionais preparados para enfrentar os desafios de economias globalizadas e competitivas depende de uma forte educação geral e uma competente educação profissional, esta complementa e dependente daquela.

O Ministério da Educação ao elaborar o plano de Diretrizes Curriculares para o Ensino Técnico na área de Saúde, quando se refere ao item sobre *Saúde, Mercado de Trabalho e Habilitação Profissional* relata que o paciente quer saber quem é a equipe de saúde responsável por seus cuidados, quem medica, quem alivia a sua dor. Diante dessa nova responsabilidade, se insere na equipe de saúde, o profissional de nível básico e técnico na interação com o cliente. (BRASIL, 1999, p.6)

Nesse mesmo documento Deluiz (1999. p.6), se apresenta dizendo que “ *o perfil de formação requer habilidade cognitivas, técnicas (de caráter necessariamente provisório) e de relações humanas (afetivas)*”. Peduzzi (p.6) também neste mesmo documento diz :

“ *No caso da saúde, o processo de trabalho requer maior qualificação profissional, tanto na dimensão técnica especializada, quanto na dimensão ético-política, comunicacional e de inter-relações com o cliente e outros trabalhadores, iniciativa, criatividade, capacidade de trabalhar cooperativamente em grupo e para a formação mútua no próprio local de trabalho, competência para avaliar o produto de seu trabalho e tomar medidas para melhorar sua qualidade e domínio das técnicas de planejamento e organização de trabalho*”.

Diante dessa realidade, onde observamos a importância da reflexão crítica e da formação ético-política e, sobretudo, da humanização do profissional de enfermagem, e com a ausência de experiências divulgadas sobre atividades exercidas em curso de nível médio de Enfermagem que dêem importância a essa abordagem na formação profissional, acreditamos na relevância dessa pesquisa.

Assim, pretendemos identificar quais são as concepções de dimensão humana existentes nas escolas de nível médio de Enfermagem de Campinas e região. Ao fazer esse exercício tentaremos aproximar esses conceitos da visão que temos sobre o tema. Outro objetivo que podemos atingir é verificar se as escolas realizam atividades que expressam o compromisso com a valorização das dimensões humanas na formação profissional e entender quais os caminhos que estão encontrando para formar seus alunos, frente às novas diretrizes educacionais.

" Teoria, método e criatividade são ingredientes ótimos que, combinados, produzem conhecimentos e dão continuidade a tarefa dinâmica de sondar a realidade e desvendar os segredos do mundo e da sociedade, na aventura da pesquisa social." (Minayo, 1999,p.7)

4- O PERCURSO METODOLÓGICO PARA SE CHEGAR ÀS DIMENSÕES HUMANAS

Ao buscar respostas dentro das atividades que valorizam a ação reflexiva visando a formação profissional do Auxiliar e Técnico de Enfermagem, emergem as questões humanas. Utilizaremos como caminho metodológico a abordagem qualitativa pois:

"A pesquisa qualitativa costuma ser descritiva como holística (preocupada com os indivíduos e seu ambiente, em todas as suas complexidades) e naturalista (sem qualquer limitação ou controle imposto ao pesquisador). Esse tipo de pesquisa baseia-se na premissa de que os conhecimentos sobre os indivíduos só são possíveis com a descrição da experiência humana, tal como ela é vivida e tal como ela é definida por seus próprios atores." (POLIT&HUNGLER, 1995, 269-270)

Como nosso foco é a dimensão humana na formação profissional, entendemos que o método de abordagem deve ser coerente com o objeto de estudo. Assim, nossa pesquisa será centrada em aspectos sociais, históricos e culturais. " Isto implica em considerar sujeitos de estudo: *gente , em determinada condição social, pertencente a determinada condição social ou classe com sua crença, valores e significado*" (*Grifo do autor*) (MINAYO, 1998, p.22)

Gelain reforça a idéia da autora acima quando se refere que: "Ao *fazer uma pesquisa em que o objeto pesquisado é a pessoa humana , dificilmente se classifica com rótulos definidos. Sem dúvida os fatos humanos nos quais interfere a liberdade são mais complexos que os dados físicos ou meramente quantitativos.*" (1988, p.87-88)

No segundo semestre de 2001 iniciamos o planejamento da etapa de coleta de dados da pesquisa, contando com a participação efetiva de duas escolas, sendo uma privada, localizada na cidade de Campinas, e outra pública, situada na cidade de Limeira, que serão adiante caracterizadas dando corpo à etapa de coleta de dados. Porém é importante registrar como chegamos a definir as escolas participantes. Baseado na proposta que nos levou a realizar esta pesquisa, buscamos uma forma de nos aproximarmos das escolas de ensino médio de enfermagem. Inicialmente, estávamos propensas a escolher algumas escolas e pedir autorização para realizarmos a pesquisa. A pergunta que nos fazíamos era: Quantas escolas devem participar?

Dez? Duas? Escolas com administração pública ou privada? Bom, achamos melhor convidarmos todas as escolas de ensino médio de Enfermagem de Campinas e região, pois para nós era importante sentirmos o interesse e disponibilidade de participação.

Atuando como responsável técnico de Curso de Enfermagem, tivemos facilidade de contato com representantes de outras escolas de Enfermagem, pois participamos de reuniões que deliberaram campo de estágio, nos principais hospitais públicos da cidade. Isso favoreceu nosso encontro com os coordenadores dos cursos das escolas de ensino médio de enfermagem de Campinas e região. Portanto, esse foi o fator que favoreceu a escolha das escolas para as quais enviaríamos os convites.¹

No primeiro semestre de 2001, planejamos enviar convites² para os responsáveis técnicos de onze escolas técnicas da região de Campinas, sendo que já de início um contato não se efetivou, pois a escola estava passando por um processo de reorganização, não havendo profissional de Enfermagem respondendo pelo curso.

Para a entrega dos convites contatamos as escolas via telefone, agendamos horário e pessoalmente fomos às escolas entregar o convite e explicar as nossas intenções como pesquisadora. Das dez escolas convidadas, três responderam por carta e e-mail que não estavam interessadas em participar da pesquisa, alegando falta de tempo das(os) coordenadoras (os) ou seja, responsáveis técnicos. Tivemos resposta afirmativa de duas escolas e as outras cinco não se manifestaram, mesmo após um segundo contato para obtenção das respostas.

Ao enfrentarmos esta situação, que era prevista, sentimos as primeiras dificuldades do trabalho empírico e percebemos que não poderíamos contar com muitas escolas participando da pesquisa, pois nossa atenção e até insistência revelou a dificuldade de aproximação com elas. Provavelmente, nossas dúvidas em relação a esse distanciamento fiquem mais facilmente compreensíveis após concluirmos as etapas de coleta e tratamento dos dados, pois se nosso objetivo é verificar que atividades as escolas realizam visando valorizar a dimensão humana na formação, o fato de não participarem pode ser uma resposta.

¹ O convite enviado segue modelo apresentado na próxima página.

² Uma das dificuldades encontradas no início da coleta de dados é que a carta convite apresentava alguns números de leis e pareceres, que só posteriormente a entrega dos convites, entendemos que a forma com que as questões foram elaboradas poderia dificultar o entendimento e interesse das(os) professoras(os) convidadas(os)

Escola: _____

Responsável Técnico: _____

“...toda e qualquer educação é educação para o trabalho e contém uma dimensão intelectual, teórica e outra instrumental, prática, na medida em que ela interfere de algum modo nas formas de interação do homem com a natureza, com os outros e consigo mesmo” Kuenzer)

Meu nome é Elaine Cristina Pines, sou Enfermeira, aluna de pós-graduação nível mestrado da Faculdade de Educação – UNICAMP. RA: 0007.403. Desenvolvo um projeto que pesquisa a formação dos alunos de nível médio de Enfermagem, tenho como alvo de pesquisa a dimensão humana, cujo conceito abrange o aspecto social e ético-político como pontos importantes na formação desses futuros profissionais.

Busco saber como se encontram as Escolas de Ensino Médio de Enfermagem da região de Campinas, diante das reformas educacionais, pois de acordo com as políticas atuais temos tido dificuldade em saber qual rumo tomar. Assim. Sendo, para dar início ao meu trabalho preciso que as questões abaixo sejam respondidas.

- 1- Como esta instituição está percebendo e se organizando frente as mudanças educacionais a partir da LDB 7.374/96 e das Resoluções CNE/CEB Nº 04/99 e Nº 16/99 para a formação em nível médio de Enfermagem?
- 2- Nas reuniões pedagógicas de sua escola, há discussão entre os professores para buscar novas alternativas para a formação do aluno de nível médio de Enfermagem?
- 3- Você acha importante encontrarmos caminhos juntas(os) para uma formação mais integrada e equalizada entre a dimensão técnica e humana?
- 4- Há interesse por parte desta instituição em fazermos uma aproximação para que este estudo se concretize?

Agradeço a atenção e aguardo retorno. Sua participação é imprescindível para a continuidade dessa pesquisa.

Favor devolver o documento preenchido em um dos seguintes endereços;

- Escola Técnica de Paulínia FAX: 3884-7708
- E-mail: pines@sum.desktop.com.br
- Rua Alzira Pires Fofano, 185- Pq. Franceschini – Sumaré SP. CEP: 13.170-690

4.1- Coleta de dados

Para a coleta de dados, tínhamos inicialmente planejado uma entrevista, por ser um método muito utilizado em pesquisa de campo e que nos fornece dados amplos sobre o sujeito e semi- estruturada, pois combina perguntas fechadas e abertas, deixando o entrevistado livre para falar sobre o tema.

“ A grande vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que ela permite a captação imediata e coerente de informações desejadas, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados assuntos de natureza estritamente pessoal e íntima, assim como temas de natureza complexa e de escolha nitidamente individuais”... “ Como se realiza cada vez de maneira exclusiva, seja com indivíduos ou com grupos, a entrevista permite correções, esclarecimentos e adaptações que a tornam sobremaneira eficaz na obtenção das informações desejadas” ... “Entrevista semi-estruturada, que se desenrola a partir de um esquema básico, porém não aplicados rigidamente permitindo que o entrevistador faça as necessárias adaptações... Parece-nos claro que o tipo de entrevista mais adequado para o trabalho de pesquisa que se faz atualmente em educação aproxima-se mais de esquemas mais livres, menos estruturados.” (LÚDKE & ANDRÉ, 1986, p.34).

A idéia de se fazer entrevista coletiva com os professores foi reforçada quando, nesta fase do trabalho, conhecemos através de contato com outros pesquisadores da área de saúde a técnica de Grupo Focal, cuja forma de investigação parecia ser muito pertinente e adequada ao tipo de pesquisa que pretendíamos fazer, pois envolve os sujeitos pesquisados num mesmo momento, propiciando a troca de informações, descobertas de novos conceitos, possibilidade de expressar sentimentos e descobrimento de novos caminhos para o tema que se está investigando.

Definimos então que faríamos entrevistas individuais com as coordenadoras dos cursos e a técnica de grupo focal com os professores, por entender que as coordenadoras dos cursos não deveriam participar das atividades de grupo focal, pois poderiam deixar os professores inibidos, interferindo na dinâmica e resultado da pesquisa.

Iniciamos a pesquisa nos serviços administrativos das escolas, os quais nos deixaram à disposição para leitura do quadro curricular e plano de curso que serão citados à medida que formos caracterizando as escolas. Neste item, destacamos partes dos documentos que para nós têm grande influência na formação profissional, que são *justificativa e o objetivo, perfil do aluno e a organização curricular*.

As mudanças que ocorreram a partir de 1999, com os pareceres e resoluções aprovados pelo Conselho Nacional de Educação sobre as novas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional de Nível Técnico, aprovadas em Julho de 2000, tratam basicamente da organização dos cursos em módulos com terminalidade, da definição do perfil profissional de conclusão e das competências do profissional de nível médio. (cf. SÃO PAULO, 2000)

Acentuamos para esclarecimento de dados documentais que ao explicitarem a relevância do funcionamento do Curso Técnico de Enfermagem e que tipo de formação as escolas pretendem alcançar, teremos algumas respostas que poderão complementar nossa pesquisa.

“A análise documental pode se constituir numa técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja complementando informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema (...) Os documentos constituem também uma fonte poderosa de onde podem ser retiradas evidências que fundamentam afirmações e declarações do pesquisador. Representam uma fonte ‘natural’ de informações. Não são apenas uma fonte de informação contextualizada, mas surgem num determinado contexto e fornecem informações sobre esse mesmo contexto.” (LÜDKE & ANDRÉ, 1986, p.38-39)

Lüdke & André citam Holsti³ ao indicarem pelo menos 3 situações em que é apropriado o uso da análise documental. Como complemento teórico, será citado o que é pertinente a essa pesquisa:

“Quando se pretende ratificar e validar informações obtidas por outras técnicas de coleta, como por exemplo: a entrevista, o questionário ou a observação. Quando duas ou mais abordagens do mesmo problema produzem resultados similares, nossa confiança em que os resultados reflitam mais fenômenos em que estamos interessados do que os métodos que usamos aumenta.” (1986, p.39)

Da documentação coletada, buscamos anotar dados que demonstram qual a filosofia de formação que predomina nestas instituições, pois assim, na fase de análise, poderemos iniciar a aproximação entre os dados documentais e o discurso coletivo obtido dos participantes.

4.2- Caracterização das Escolas A & B⁴

Escola A

Escola pública estadual, localizada na cidade de Limeira, funciona há 35 anos; Apresenta um total de 1725 alunos, com um número total de 85 professores. Oferece os cursos técnicos profissionalizantes de: Enfermagem, Mecânica, Informática, Qualidade e Produtividade, Edificações, Agrimensura, Habilitação em Geomática e Construção Civil. Especificamente no curso Técnico de Enfermagem oferece o curso técnico integrado ao ensino médio e o modular sequencial (módulo II). O Curso Técnico de Enfermagem funciona há 28 anos e atualmente tem 140 alunos e mantém 12 professores. A escola já manteve o curso Auxiliar de Enfermagem por um ano, ou seja, apenas uma turma.

A leitura e a reprodução de partes do documento foram autorizadas pelo diretor do curso, sem restrições, ele apenas nos acompanhou em sua própria sala durante a realização da coleta de dados documentais.

³ HOLSTI, O R. content analysis for the Social Sciences and humanities. Reading, Mass., Addison-Wesley, 1969.

⁴ As escolas que participaram da pesquisa foram designadas de A e B. Os dados de identificação foram obtidos nos Planos de Curso das referidas escolas.

Esta escola destaca no início de seu Plano de Curso um item importante, que se refere a justificativa e objetivos do curso Técnico de Enfermagem:

“O número crescente de áreas especializadas vem aumentando significativamente, dada a velocidade da tecnologia na área da saúde e, com isso, os procedimentos de enfermagem tornam-se cada vez mais sofisticados, exigindo desses profissionais de nível técnico uma formação mais ampla como, por exemplo, o domínio da informática, de outros idiomas e uma capacitação no sentido de serem profissionais mais atentos à qualidade das relações humanas, terem um instrumental básico para o exercício da pesquisa, enfim, profissionais mais completos que possam ter inserção no mercado, deixar uma marca: a marca da assistência de enfermagem ética, detentora de qualidade e voltada para o bem estar da sociedade como um todo” (grifo da pesquisadora).

Quanto ao *perfil profissional* de conclusão dos egressos do curso compreendem que:

- O profissional de Enfermagem de nível médio possui visão crítica, conhece a realidade social na qual está inserido e é comprometido com as necessidades de saúde da população.
- Possui conhecimentos e habilidades que lhe possibilitam executar, sob supervisão do Enfermeiro(a), cuidados de Enfermagem prestados ao ser humano e à coletividade. Nas diferentes fases do ciclo vital, atua na promoção, proteção, recuperação da saúde e na reabilitação do indivíduo e/ou grupos sociais.
- Desempenha suas atividades profissionais com responsabilidade, justiça e competência.
- Demonstra atitudes de respeito e de valorização ao ser humano, condizentes com os preceitos éticos-legais da profissão.
- Empenha-se no seu desenvolvimento integral como pessoa humana, buscando novas fontes de conhecimento, tornando-se, assim, sujeito de sua formação contínua.
- Reconhece o seu papel técnico, político, social e ético no desempenho de suas atividades profissionais.
- Contribui para a consolidação dos direitos à cidadania, entendendo o direito à saúde como um deles.
- Integra a equipe multiprofissional, mantendo uma atitude cooperativa e solidária.
- Participa das entidades de classe em busca da organização da categoria e do desenvolvimento da profissão.

- Participa dos processos de pesquisa e ensino. Para esta escola, o termo competência é definido como: “*Conjunto de capacidades específicas, organizadas de modo a propiciar a ação do aluno. As competências são definidas de acordo com o saber (conhecimento), o saber fazer (habilidades) e o saber ser (atitudes) interligados para a construção do conhecimento de áreas específicas*”.

Quanto ao quadro curricular, o curso é dividido em três módulos, básico, I e II. Com uma carga horária total de 2.230 horas. Composto por disciplinas que demonstram a preocupação com a formação ética e psicológica, pois Psicologia se mantém nos três módulos, bem como disciplinas inovadoras como Introdução ao Ensino e Pesquisa e Introdução à Informática.

Quadro Curricular Escola A

	COMPONENTES CURRICULARES	Carga Horária
MÓDULO BÁSICO	BLOCO I	
	Microbiologia e Parasitologia	120
	Anatomia e Fisiologia Humana	160
	Noções de Saúde Coletiva	30
	Ética Aplicada à Saúde	20
	Sub-total	330
	BLOCO II	
	Psicologia Aplicada à Enfermagem I	20
	Nutrição Aplicada à Enfermagem	20
	Introdução à Enfermagem	150
Farmacologia Aplicada à Enfermagem I	10	
Sub-total	200	
	Estágio em laboratório de Enfermagem	100
MÓDULO I	Enf. em Clínica Médica	70
	Enf. em Clínica Cirúrgica	70
	Enf. em Centro cirúrgico e Central de Material	40
	Enf. em Saúde Coletiva I	60
	Farmacologia Aplicada à Enfermagem	40
	Ética Profissional I	30
	Psicologia Aplicada à Enfermagem II	30
	Introdução ao Ensino e Pesquisa	20
	Sub-total	360
		Estágio Hospitalar Supervisionado
MÓDULO II	Ética Profissional II	20
	Psicologia Aplicada à Enfermagem	30
	Enfermagem em Pacientes Críticos	50
	Enfermagem em Emergência	50
	Enfermagem em Saúde Mental	30
	Enfermagem em Saúde Coletiva II	40
	Noções de Adm. Em Unidade de Enf.	30
	Enfermagem em Ginecologia e Obstetrícia	50

	Enfermagem em Pediatria e Neonatologia	100
	Introdução à Informática	30
	Sub-total	430
	Estágio Hospitalar supervisionado	370
	Total Carga Horária de Estágio Supervisionado	910
	Total Carga Horária Teórica	1320
	TOTAL DO CURSO	2230

As entrevistas com cada coordenadora foi agendada previamente, sendo que a primeira parte da entrevista foi escrita pela própria entrevistada (anexo I e II) contendo dados de identificação, formação e experiência profissional e a segunda parte gravada em fita cassete de 60 minutos. As entrevistas foram realizadas em uma única etapa. As questões norteadoras foram construídas pensando no profissional enfermeira e também na função de responsável técnico. O material gravado e transcrito foi agrupado com o conteúdo do Grupo Focal.

Questões norteadoras:

- 1- *Você pode falar sobre sua formação pessoal, partindo da infância, adolescência e fase adulta, relatando os fatos mais importantes que marcaram sua vida, inclusive como você é atualmente e o que gosta de fazer quando não está trabalhando?*
- 2- *Fale um pouco sobre sua experiência profissional como enfermeira e docente.*
- 3- *Como responsável técnico, quais as mudanças ocorridas nesta instituição que você considera avanço para a formação do profissional de enfermagem?*
- 4- *O que você entende por dimensão humana na formação dos alunos de nível médio de enfermagem?*
- 5- *A equipe de professores que trabalha com você demonstra interesse e preocupação com os aspectos que envolvem a dimensão humana na realização das atividades teóricas e/ou práticas? Em quais atividades este fato pode ser detectado concretamente? Disciplinas? Atividades extracurriculares? Estágios? Etc.*
- 6- *Como você entende e interpreta alguns termos utilizados na nova Lei de Diretrizes e Bases: Formação crítica-reflexiva / Competência profissional.*

A entrevista concedida pela coordenadora da Escola A (CA) ocorreu em 11/04/02 . O tempo de duração da entrevista foi de 1:20 min.

- *Enfermeira especializada em metodologia de Ensino Superior, 42 anos, se formou em graduação em Enfermagem pela UNIARARAS, em 1992. Atua como docente há dez*

anos e como coordenadora (responsável técnico) há 6 anos. É aluna especial no Curso de Pós-Graduação na Faculdade de Ciências Médicas – Departamento de Enfermagem, UNICAMP e da Escola de Enfermagem da USP de Ribeirão Preto.

A entrevista da Escola A ocorreu na sala de reuniões da Diretoria da própria escola, ambiente com total privacidade, em condições adequadas de temperatura e som. Inicialmente, a entrevistada parecia estar muito tensa e ansiosa com as possíveis perguntas e com a preocupação de como se sairia nas respostas. Iniciamos a conversa, de forma a lentamente deixá-la mais confiante e segura.

Escola B

Escola privada, localizada na cidade de Campinas, funciona há dez anos. Apresenta um total de 790 alunos, com aproximadamente 47 professores. Oferece os cursos: Técnico de Enfermagem, Radiologia, Auxiliar de Enfermagem, e Técnico de Enfermagem do Trabalho; especificamente a escola oferece para a formação em Enfermagem o modelo modular e sequencial. Há três anos funciona o curso técnico de Enfermagem e há dez anos o curso Auxiliar de Enfermagem, que apresenta 370 alunos exclusivamente de Enfermagem, compõem o quadro: 30 professores.

O plano de curso e o quadro curricular da Escola B também foram lidos, porém pudemos fazer cópia (xerox) apenas do quadro curricular, e ficamos restringidos a copiar manualmente partes do Plano de Curso, pois não fomos autorizados pela direção da escola a copiá-lo integralmente.

Destacamos no início do plano dados que demonstram o panorama da saúde no Brasil e a demanda de hospitais e clínicas na cidade de Campinas para justificar a necessidade do curso de Enfermagem: *“A explosão de conhecimento e informações e as mudanças dentro de uma sociedade tecnologicamente avançada, verifica-se a necessidade de formação de profissionais com capacidade de aprender a aprender, resolver problemas, questionar e buscar respostas, adquirindo habilidades e estratégias eficientes, que lhes permitam acessar novos conhecimentos”.*

Quanto aos objetivos da Escola B, destacamos: *“ Desenvolver no aluno **competências que lhes possibilitem exercer com eficiência processos de trabalho na sub-área de***

Enfermagem centrado nas ações de cuidar. Essas ações serão fundamentadas no saber, no fazer e no sentir e estarão voltadas ao atendimento das necessidades de saúde do paciente/cliente/comunidade, nas diferentes fases do ciclo vital e comprometidas com a prevenção e proteção da vida”.

O perfil profissional de conclusão destaca:

- O Técnico de Enfermagem adquire em sua formação geral, competências profissionais específicas identificadas por um conjunto de saberes que os leva a planejar, coordenar, orientar, controlar e executar, no nível operacional, ações relativas ao processo de Enfermagem, atuando no apoio ao diagnóstico, na proteção e prevenção, recuperação e reabilitação e gestão em saúde, que auxiliem no estabelecimento do diagnóstico do cliente/paciente, na identificação de causas de agravo à saúde em ambientes coletivos e na definição das necessidades de saúde de determinados indivíduos ou grupo populacional.

O quadro curricular apresenta carga horária total de módulo I e II de 1850 horas, com a disciplina de Ética Profissional que se mantém nos dois módulos e a disciplina de Psicologia, que é introduzida como Psicologia em Saúde e mantida como Psicologia aplicada nos módulos I e II.

Quadro Curricular Escola B

FUNÇÕES	COMPONENTES CURRICULARES	CARGA HORÁRIA TOTAL
MÓDULO BÁSICO DE SAÚDE	Bases Biológicas	20
	Noções de Primeiros Socorros	20
	Noções de Segurança e Higiene de Trabalho	20
	Ética em Saúde	20
	Psicologia em Saúde	20
	Saúde Coletiva	20
APOIO AO DIAGNÓSTICO	Introdução à Enfermagem	320
	Ética Profissional I	30
	Ética Profissional II	30
	Anatomia e Fisiologia Humana	48
	Psicologia Aplicada I	30
	Psicologia Aplicada II	30
	Farmacologia Aplicado à Enfermagem I	36
	Farmacologia Aplicada à Enfermagem II	40
	Nutrição e Dietética	24
Nutrição Aplicada em Materno-Infantil	20	
PROTEÇÃO E PREVENÇÃO	Saúde Coletiva I	50
	Saúde Coletiva II	70
	Microbiologia e Parasitologia	40

RECUPERAÇÃO E REABILITAÇÃO	Enfermagem em Clínica Médica e Doenças Infeciosas	100
	Enf. Urgências e Emergências	74
	Enfermagem em Clínica Médica	72
	Enfermagem em Centro Cirúrgico	44
	Enfermagem em Ginecologia e Obstetrícia	110
	Enfermagem em Pediatria	70
	Enferm. em Pacientes Críticos	208
GESTÃO EM SAÚDE	Técnicas Especializadas	92
	Saúde Mental	70
	Administração Aplicada à Enfermagem	110
TOTAL DO CURSO		1850

A entrevista com a coordenadora da Escola B (**CB**) foi realizada em 09/04/02 e teve duração de 1:35 min.

- *Enfermeira licenciada, 38 anos, cursou graduação na Faculdade “Dom Domênico”, Guarujá -SP. Formada há dez anos, atua como coordenadora (responsável técnico) há nove. Não atua em outra atividade profissional.*

A entrevista da Escola B ocorreu na sala dos professores da referida escola, observamos certa dificuldade em dar continuidade às questões pela interferência de outros profissionais, porém o ambiente estava adequado e a entrevistada estava muito à vontade e pudemos conversar, discutir e refletir tranquilamente.

Ao final das entrevistas, apresentamos para as coordenadoras das escolas A&B a técnica de Grupo Focal, pois nosso interesse era continuar as entrevistas coletivas nessas mesmas escolas. Tivemos como retorno dessa proposta um bom resultado, pois as coordenadoras se propuseram a intermediar nossas aproximações com as (os) professoras (os)

4.3- As dimensões humanas discutidas no Grupo Focal

Provavelmente, o método de pesquisa coletiva focada tenha surgido nos anos 30 e na década de 50 foi base das pesquisas do sociólogo Robert Merton. O grupo focal foi utilizado por muito tempo como método de pesquisa de mercado e, mais recentemente, é utilizado em pesquisa científica nas áreas social e de saúde (Sim,1997.p.346). De acordo com Krueger (1994,p.8) e Chianca (1999,p.309), é um método muito utilizado nas pesquisas de enfermagem na área de Saúde Coletiva e na área de educação em saúde e planejamento de programas de alcance

nacional ou local, onde é necessário uma maior compreensão dos comportamentos ou valores de determinados grupos populacionais.

Escolhemos a técnica de Grupo Focal por entendermos que ele reúne um número de participantes para discutir um mesmo tema. De acordo com os autores pesquisados, é uma entrevista que integra, discute, avalia o tema proposto, sendo dinâmico e flexível, pois na primeira etapa dos trabalhos são realizadas atividades de descontração, comportamento esse que pode envolver o grupo durante a reunião.

Segundo Krueger,

“O grupo focal é um método especial de grupo em termos de propósito, dimensão, composição e procedimentos (...) O pesquisador cria um ambiente que permite diferentes percepções e pontos de vista, sem pressionar, eleger, planejar ou tentar alcançar um consenso (...) É uma discussão planejada de forma cuidadosa, designada para obter diferentes percepções e conceitos na área de interesse proposta” (1994, p.6)

Como nossa pesquisa visa entender como as escolas de enfermagem atuam em relação à dimensão humana, *“Esta técnica nos permite obter dados qualitativos, incluindo os relacionados à emoção e sentimentos dos atores envolvidos no processo.” (SENA & DUARTE, 1999, p.328-329).*

“ O grupo discute um determinado tema a partir de questões disparadoras, levantando vários aspectos sobre os mesmos, sendo os dados coletados a partir dessas discussões (CHIRELLI, 2002, p.70)

As reuniões para organização do grupo focal iniciaram-se com o envio de convites⁵ para os (as) professores (as) dos Cursos Técnicos de Enfermagem. No convite fizemos uma breve apresentação da pesquisadora, dos objetivos da pesquisa e da metodologia utilizada. Finalmente, deixamos espaço aberto para data e horário da reunião, bem como algumas informações referentes a nossa conduta perante o material colhido nas entrevistas. Porém até aquele momento, não sabíamos quais e quantos professores se envolveriam no processo.

A Escola A respondeu positivamente, com agendamento de datas para o final de abril de 2002, confirmando a presença de cinco professoras. *“O grupo focal é composto normalmente por 6 a 10 pessoas, o tamanho do grupo é condicionado por dois fatores. Deve ser pequeno para que cada um tenha oportunidade de compartilhar novas idéias e grande para proporcionar*

⁵ O modelo do convite impresso nesse capítulo tem como propósito facilitar a organização dos dados da pesquisa.

percepções variadas.” (cf. KRUEGER,1994, p.17). O mesmo autor continua expondo que grupos de 4 a 5 pessoas fornece mais oportunidade de expor idéias, porém reduz também a diversidade destas idéias.

A Escola B também confirmou a presença de quatro professoras, e os encontros aconteceram nos meses de junho e julho de 2002.

<p>UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS FACULDADE DE EDUCAÇÃO</p> <p>Estamos realizando uma pesquisa sobre a Dimensão Humana na formação do aluno de ensino médio de Enfermagem. Esta pesquisa é uma das etapas da dissertação de mestrado da Enf^a Elaine Cristina Pines, da Faculdade de Educação da UNICAMP.</p> <p>Desta forma, convidamos você para participar do Grupo Focal de discussão, sendo este um método de coleta de dados que possibilitará dar seqüência aos trabalhos.</p> <p>Sua participação é muito importante para a realização deste projeto. As informações/opiniões emitidas por você serão tratadas anonimamente, no conjunto com os outros respondentes das outras escolas de ensino médio de Enfermagem.</p> <p>Agradecendo a sua colaboração, aguardamos você para a primeira reunião do grupo que ocorrerá dia ___/___/___ às _____ horas, no seguinte local _____</p> <p style="text-align: right;">_____ Elaine Cristina Pines Coordenadora do Grupo Focal</p> <p>.....</p> <p>Eu _____, aceito participar das discussões do Grupo Focal do Projeto de Pesquisa sobre Dimensão Humana na formação do aluno de ensino médio de Enfermagem, da pesquisadora Enf^a Elaine Cristina Pines, da Faculdade de Educação – UNICAMP, nos locais e dias a serem marcados antecipadamente. Estou ciente de que as reuniões serão gravadas e seus resultados tratados sigilosamente.</p> <p>_____, _____ de 2002</p> <p style="text-align: right;">_____ Assinatura</p>
--

4.3.1-O papel do coordenador no Grupo Focal⁶

De acordo com os autores pesquisados, alguns definem o líder do grupo focal como *coordenador*: Chirelli (2002); Chianca (1999); Pereira et al (1999) e outros definem como

⁶ Na composição deste trabalho utilizaremos o termo *coordenador* para representar o papel do membro que lidera o grupo focal.

moderador: Pereira(1999); Krueger(1994); Sena & Duarte(1999) e também encontramos o termo *facilitador*, citado também por Chianca(1999); Chirelli(2002).

Segundo Chianca (1999, p.311-322):

“O êxito da aplicação da técnica de grupo focal depende fundamentalmente da atuação do coordenador. Este, deve intercambiar experiências no grupo e ser facilitador. Tem a importante função de manter a discussão no tema central e aproveitar para colocar novas questões que possam aprofundar a discussão, revelando novas facetas do tema. O coordenador deve facilitar o diálogo e a comunicação, respeitar os silêncios que podem significar “insight” ou dificuldade, sabendo compreendê-lo no momento do grupo”.

Krueger (Cf. 1994, p.100-101) em seu trabalho diz que a atividade de entrevista grupal requer disciplina mental e habilidade na interação com o grupo. Muito do sucesso da entrevista focada depende de boas perguntas e de respostas certas, mas o essencial é um moderador habilidoso. Krueger faz questão de utilizar o termo moderador em todos os capítulos nos quais descreve a função do entrevistador. Segundo ele, este termo realça a função específica do entrevistador que é de moderar ou guiar a discussão. O termo entrevistador tende a dar uma impressão mais limitada à comunicação entre o entrevistador e o entrevistado. O grupo focal oferece a oportunidade de múltiplas interações, não somente entre o entrevistado e quem responde, mas entre todos os participantes. Não é uma coleção de entrevistas individuais e simultâneas, mas antes uma discussão de grupo, onde a conversa flui porque é sustentada pelo coordenador.

Para ser um coordenador, é importante procurar uma pessoa com características certas, que tenha destaque como líder em grupo focal. Estes atributos têm uma relação direta com a interação natural do grupo de tal modo que afeta a qualidade da discussão. O coordenador tem que estar confortável e familiarizado com o processo grupal. Experiências prévias em trabalho de grupo ou treinamento em dinâmica de grupo são de grande auxílio.

Como a técnica de grupo focal visa aguçar a participação dos entrevistados, através de discussão que envolve questões de valores éticos, culturais, políticos, religiosos e novos conceitos, as observações e registros das atitudes não verbais devem ser feitas em conjunto entre o *coordenador* e pelo menos um *observador*. O relacionamento desses dois membros do grupo é muito importante, para que não haja competição de papéis, cuja postura torna-se dissociante, o que contradiz com os objetivos do grupo.

Segundo Chianca (1999, p.310-320) a função do observador é registrar o número de presentes e ausentes no início da reunião, fazer a disposição de cada elemento no espaço ocupado

pelo grupo. A autora recomenda que o observador divida o processo de observação em três etapas, ou seja, *abertura*, onde o observador se coloca de forma a registrar o mais fielmente possível todas as informações; o *desenvolvimento*, quando o grupo começa a se posicionar frente ao tema a ser desenvolvido, e o *fechamento*, quando o grupo começa a formular uma síntese dos fenômenos ocorridos no grupo.

4.3.2-O ambiente e os recursos utilizados

De acordo com os autores pesquisados; Chianca & Antunes (1999, p.310-316), Sena & Duarte (1999, p.328), Pereira et al (1999, p.336), Minayo (1998, p.130), Krueger (1994, p.6), Chirelli (2002, p.75), Sim (1997, p.347), o ambiente em que será realizado o grupo é muito importante para manter um clima agradável e de descontração, sendo indicada a realização de um breve aquecimento no início das atividades para facilitar a interação e o entrosamento entre os participantes.

O local das reuniões de grupo focal deve captar pouco ruído externo, a fim de não prejudicar as gravações durante as discussões, pois pode prejudicar a compreensão no momento da transcrição do material colhido.

Ao organizar a disposição da sala, o coordenador deve colocar as cadeiras em forma circular, para facilitar tanto a comunicação visual, como a verbal e a não verbal entre todos os integrantes e a equipe de coordenação.

Um dos recursos que preserva com muita fidedignidade os dados das falas dos participantes é a gravação da discussão em fita cassete, com a autorização prévia destes participantes; também são feitas as anotações pelo observador, o qual se detém em observar a comunicação, a interação e a evolução das discussões Holloway & Wheele, sugerem a utilização de vídeo cassete durante as discussões do grupo, porém relata que o uso pode ter um efeito indesejável.⁷ (cf. SIM, 1997, p.347)

É consenso dos autores que o tempo utilizado para cada reunião é de uma a duas horas, alguns citam uma hora e meia. Quanto ao número de sessões, deverá ser em torno de duas e no máximo de quatro encontros.

⁷ O consentimento para utilização de gravação em fitas e vídeo cassete foram feitas ao enviar o convite.

4.3.3-O Grupo Focal como técnica e as Dimensões Humanas em foco

A Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas não tem como pré-requisito a autorização de uma Comissão de Ética das questões aplicadas na entrevista, mesmo se tratando de pesquisa com seres humanos. Assim, foi acordado logo no início das atividades do grupo focal que as questões seriam registradas e arquivadas anonimamente e os dados apurados de acordo com os padrões éticos. Tratamos também de informá-las sobre o compromisso com a pesquisa caso precisássemos agendar outros encontros.

Nos organizamos para realizar o grupo focal de acordo com a metodologia proposta, sendo que convidamos para atuar nessas reuniões como observadora uma enfermeira e psicóloga que atua com formação de alunos de ensino médio de Enfermagem; ambas temos formação na área de Psiquiatria, sendo que já atuamos em trabalhos de grupos operativos. Tivemos contato com o material teórico, estudamos a técnica e nos propusemos a realizá-la juntas. Ficamos um pouco ansiosas no primeiro encontro, pois programamos cada etapa e precisávamos registrar todos os acontecimentos. Assim ficou estabelecido que, após nossa apresentação para o grupo ela iniciaria suas observações, anotando em impresso elaborado exclusivamente para esta atividade escritas (conferir anexos V).

Questões norteadoras

1º Encontro:

- *Atualmente e de um modo geral, como você analisa a dimensão técnica e humana na formação do aluno de nível médio de enfermagem?*
- *Sabemos que os alunos que iniciam o curso profissionalizante de enfermagem trazem uma bagagem social e cultural que permeará todo o processo de formação profissional. Você acha que a valorização da dimensão humana durante a formação profissional pode transformá-lo em um profissional com atitudes tecnicamente coerentes e humanizadas?*

- *Pensando na política educacional no Brasil atualmente e nas escolas de nível médio de enfermagem, o que podemos fazer para tornar mais equilibrada e próximas as dimensões técnica e humana na formação de nossos alunos?*

2º Encontro:

- *A humanização do cuidado abrange toda a dimensão humana?*
- *A formação política, ética e social é importante para o futuro profissional?*
- *Quais caminhos vocês estão encontrando para formar seus alunos, frente as novas diretrizes educacionais?*
- *Como você entende e interpreta alguns termos utilizados na nova Lei de Diretrizes e Bases: Formação crítico-reflexiva / competência profissional*
- *Será que juntas as escolas de ensino médio de enfermagem podem encontrar formas adequadas para a implementação de atividades que privilegiem a dimensão humana? O que podemos fazer?*

Perfil das participantes da Escola A (P)⁸

P1- Feliz e Mudança: Enfermeira especializada, mestranda em Enfermagem pela Faculdade de Ciências Médicas, Departamento de Enfermagem, formada há 24 anos, atua como docente há 8 anos e trabalha nesta escola há 5 anos; ministra aulas de Anatomia e Fisiologia Humana, Psicologia aplicada à Enfermagem, Neonatologia e Saúde Ocupacional;

P2- Conquista e Felicidade: Enfermeira especializada em administração hospitalar, formada há 16 anos, atua como docente há 5 anos e trabalha nesta escola há 15 anos. Ministra aulas de Introdução de Enfermagem e de Enfermagem Pediátrica;

P3-Paixão: Enfermeira habilitada em Obstetrícia e Neonatologia pela USP-SP, formada há 21 anos; atua como docente há 19 anos e trabalha nesta escola há 19 anos. Ministra aulas nas disciplinas de Enfermagem em Pronto Socorro e Introdução de Enfermagem;

⁸ O nome das professoras foram substituídos pela letra P de acordo com número de participantes, P1,P2, P3...

P4-Amor, Competência, Dedicção e Reflexão: Enfermeira, formada há 5 meses, atua como docente há 5 meses e trabalha nesta escola há 14 anos. Ministra estágios em clínica médica e cirúrgica, saúde pública e aulas práticas em laboratório de Enfermagem.

P5- Troca de Experiência: Enfermeira especializada em UTI, formada há 7 anos, atua como docente há 3 anos e trabalha nesta escola há 2 anos e 3 meses. Ministra aulas de Enfermagem em UTI, Enfermagem em Neonatologia e Noções de Saúde coletiva I.

As palavras que estão escritas após a designação **P** expressam um sentimento das participantes e a proposta surgiu no início do primeiro encontro. Esses sentimentos refletem otimismo e nos leva a acreditar que o ambiente para a realização do grupo focal estava favorável à discussão do tema proposto, reflexão e troca de idéias.

Todas as reuniões da Escola A foram realizadas no seu Laboratório de Enfermagem, pois solicitamos à direção um espaço protegido da poluição sonora, o que poderia interferir na qualidade das gravações.

De acordo com o roteiro de atividades do grupo focal (anexo III), organizamos a sala inicialmente em forma de U, com posicionamento de gravador próximo das entrevistadas. Utilizamos fitas cassete de 60 minutos, prevendo o tempo máximo de reunião de 2 horas. A filmadora foi posicionada em frente às cadeiras, com ângulo que incluísse todas nós. Um pouco mais afastado do grupo foi posicionado um aparelho de som. Na primeira reunião tínhamos preparado chá, café e bolo para oferecer antes do início da entrevista. A filmagem se iniciou antes da entrada das participantes na sala, para observarmos a postura destas de forma espontânea, e pareciam estar animadas; estiveram presentes cinco professoras. Após nos apresentarmos, coordenadora do grupo e observadora, entregamos as questões norteadoras por escrito (anexo IV), para que houvesse uma maior clareza do tema. Entregamos, também, uma lista de presença (anexo VI e VII), na qual as participantes colocaram a posição que ocupavam na sala, para facilitar a observação das filmagens. Em seguida, fizemos uma explanação sobre a técnica de grupo focal e observamos que *o grupo se mantinha atento às explicações*. Iniciamos então a apresentação das participantes com uma atividade corporal, com a intenção de relaxar, utilizando a música nacional “Alegria, alegria” de Caetano Veloso; *duas participantes se destacaram pela descontração, dançavam e se movimentavam muito...* Após o grupo se apresentar dizendo nome, profissão e tempo como docente, finalmente lhes foi pedido para associar o tema a ser discutido com uma atitude ou um sentimento, e dizendo isto em uma única palavra. A seguir, demos início ao desenvolvimento da temática, com as questões já em posse das participantes. As questões

discutidas estão colocadas em uma etapa a frente, já com as respostas das participantes transcritas para o papel. A primeira reunião teve duração de 2 horas e o encerramento foi feito com a síntese dos principais temas discutidos e o convite para um próximo encontro. Após a reunião, houve uma discussão entre nós, coordenador e observador para anotarmos as impressões colhidas.

A segunda e última reunião com a Escola A aconteceu ainda no final do mês de Abril de 2002. Organizamos as questões norteadoras (anexo XIII) de forma a encaminhar o grupo para uma discussão mais ampla sobre “Dimensão humana”; a disposição da sala e o seguimento das atividades foram os mesmos da primeira reunião, porém tivemos a ausência de uma das integrantes do grupo por motivo de luto familiar. *Ao entrarem na sala já se sentia um clima de descontração, ou seja, hoje elas estavam mais comunicativas, procurando se integrar com sorrisos e diálogos.* Iniciamos a atividade corporal com “Azul da cor do mar” de Tim Maia e *as participantes pareciam estar tranqüilas e participativas.* Antes de entrarmos no debate propriamente dito, perguntamos para as integrantes quais tinham sido as reflexões feitas sobre o tema discutido no encontro anterior.

No início quem estava pouco falante eram P5 e P1; P4 e P6 estavam mais empolgadas. A reunião teve duração de 2 horas e 18 minutos.

Com a Escola B a organização foi idêntica até porque a metodologia era a mesma e as questões norteadoras também. Porém tivemos muita dificuldade em estabelecer contato com os professores e organizar o primeiro encontro. Chegamos a marcá-lo, organizamos todo o material na sala solicitada dentro da escola e os professores não compareceram. Finalmente, conseguimos nos organizar e realizamos o primeiro encontro em final do mês de Junho de 2002. O grupo se constituiu de quatro professoras do Curso Auxiliar e Técnico de Enfermagem e as dinâmicas se repetiram de acordo com a técnica utilizada para a realização do Grupo Focal.

Perfil das participantes da Escola B

P6-Crescimento e Prazer: Enfermeira especializada em UTI, formada há 11 anos, atua como docente há 8 anos e trabalha nesta escola há 1 ano. Ministra aula de Pronto Socorro, Obstetrícia, Médico e Cirúrgica, Farmacologia e Centro Cirúrgico.

P7- Oportunidade e Reflexão: Psicóloga, especializada em Psicoprofilaxia em Obstetrícia Cirúrgica, Psicologia Hospitalar e Dinâmica Energética do Psiquismo (Psicologia transcendental), atua como docente no ensino médio de Enfermagem na disciplina de Psicologia em Saúde, formada há 24 anos, atua como docente há 14 anos e há 2 nesta escola.

P8- Busca de Respostas: Nutricionista, especializada em Marketing e Negócios Internacionais, formada há 14 anos, atua como docente em Nutrição há 10 anos e trabalha nesta escola há 10 anos ministrando aulas de Nutrição e Dietética.

P9- Alegria e Esperança: Enfermeira especializada em Unidade de Terapia Intensiva, cursando disciplinas de Mestrado. Formada há 6 anos, atua como docente há 5 anos e trabalha nesta escola há 5 anos. Ministra aulas de Neonatologia e Pediatria.

Inicialmente pareciam estar tranqüilas e atentas. No momento do relaxamento todas participaram. Como tema, também “Alegria, alegria” de Caetano Veloso.

Este primeiro encontro teve duração de 1 hora e quinze minutos e após o seu término, marcamos a data para um próximo encontro que se realizou no início do mês de Julho de 2001. Teve como tema de relaxamento a música “ Um novo tempo” de Ivan Lins, as questões norteadoras eram as mesmas do segundo encontro da Escola A . A duração do encontro foi de 1 hora e vinte minutos. *Neste dia o grupo parecia estar mais sério. As duas enfermeiras do grupo chegaram meia hora atrasadas e já se desculpendo.*

4.4- A organização e o tratamento dos dados coletados

Após o agrupamento de todo o material coletado no grupo focal, feita a transcrição das fitas magnéticas e as anotações das observações das fitas de vídeo-cassete, acrescidas das anotações da observadora do grupo focal e registro documental, era o momento de iniciar o tratamento e análise de todas as falas e comportamentos registrados na fase empírica da pesquisa. Minayo, (1998, p.197-198) nos mostra que “ *a análise do material possui três finalidades dentro da proposta de investigação social, a primeira é uma atitude de busca a partir do próprio material coletado, (é nesta fase que podemos visualizar algumas respostas espontâneas dentro dos dados coletados- observação da pesquisadora). A segunda fase parte de hipóteses provisórias, informa-as ou as confirma e levanta outras e a terceira fase é de ampliar a*

compreensão de textos culturais com significação que ultrapassam o nível espontâneo das mensagens”

A etapa de análise e tratamento de dados é a construção de um conjunto de categorias descritivas. Para formular essas categorias, é preciso ler e reler o material, observações, o que é explicitado, as contradições e temas silenciados (cf. LÜDKE & ANDRÉ, 1986, p.48)

Após exaustivas leituras sobre os métodos de análise de dados em Minayo (1998), Lüdke & André (1986), Trivinõs (1995), resolvemos utilizar como método a análise de conteúdo “*que apesar de ser a expressão mais comumente utilizada para representar o tratamento dos dados de uma pesquisa qualitativa, o termo significa mais do que um procedimento técnico. Faz parte de uma histórica busca teórica e prática no campo da investigação social*” Minayo (1998, p.199).

Trivinõs (1995.p.159-160) cita Bardin⁹ ao recomendar o emprego do método de análise de conteúdo, pois ele se presta ao:

“estudo das motivações, atitudes, valores, crenças, tendências e o autor acrescenta também para o desvendar das ideologias que podem existir nos dispositivos legais, princípios, diretrizes , etc., que, à simples vista, não se apresentam com a devida clareza. Por outro lado, o método de análise de conteúdo, em alguns casos pode servir de auxiliar para instrumento de pesquisa de maior profundidade e complexidade, como o é, por exemplo, o método dialético. Neste caso, a análise de conteúdo forma parte de uma visão mais ampla e funde-se nas características do enfoque dialético (...) outra característica é de ser um meio para estudar as ‘comunicações’ entre os homens, colocando ênfase no conteúdo das mensagens”.

Segundo Minayo a análise consiste em escolher os documentos a serem analisados. No nosso caso, nessa etapa estão incluídos as entrevistas individuais das coordenadoras dos cursos e as respostas obtidas no grupo focal. Após o pesquisador deve fazer uma leitura flutuante e tomar contato exaustivo com o material, onde se deixa impregnar pelo conteúdo. Ainda nessa primeira etapa é realizada a constituição do *corpus* da pesquisa que é a organização do material colhido. (cf. 1998, p.209)

Assim, em abril de 2002, durante o período de aplicação da técnica de grupo focal, estávamos ainda na fase de coleta de dados, participamos de um curso na Universidade de São Paulo- Ribeirão Preto sobre a técnica de Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), teoria proposta por Fernando Lefevre (2000 e 2002). Posteriormente, pudemos ler seus trabalhos e também de outros pesquisadores como Chirelli (2002).

⁹ BARDIN, Laurence. **L’analyse de contenu**. Paris, Presses Universitaire de France, 1997. 236p, p.3.

A técnica de DSC é um conjunto de procedimentos que visa organizar os dados empíricos que é o material verbal de representações sociais existentes numa dada comunidade sob a forma de discursos-sínteses que expressam essas representações. É uma solução inovadora no campo sociológico, pois incorpora questões inerentes aos atos, às relações e às estruturas sociais. Respeita o fenômeno “pensamento” do discurso do indivíduo. Tem como pressuposto qualitativo o pensamento de uma coletividade e esta, por sua vez, é um conjunto de estoques de representações presentes numa dada formação sócio-cultural, num dado momento histórico, do qual as pessoas que vivem numa sociedade e nessa cultura lançam mão para se comunicar. Os sujeitos em estudo vão dar acesso ao estoque e reconstruí-lo para relatar uma realidade. Os meios para a obtenção do estoque é através de entrevistas individuais e pesquisa documental¹⁰. Porém com a técnica de Grupo Focal também há possibilidade de reconstrução das idéias e obtenção de representações sociais significativas.

O que muito nos incentivou a utilizar a técnica de DSC para organizar os dados para posterior análise, é a aproximação do tema de nossa pesquisa a essa técnica, que busca resgatar estoque de dados, deixando os participantes livres para expressarem seus sentimentos. Assim, nos respaldamos na forma clara com que Chirelli (2002, p.81) conceitua essa metodologia, citada em sua tese de doutorado:

“ A opção pelo uso desta técnica para a composição do corpus da pesquisa dá-se em função de aqui estarmos tomando o coletivo como um campo de práticas dinâmicas, constituídas socialmente e historicamente pelos sujeitos inseridos numa determinada sociedade, a qual está organizada por uma determinada estrutura pautada em uma ideologia, cultura e política. Nesta prática estão envolvidas as subjetividade e inter-subjetividades entre os sujeitos. Portanto, trata-se das interrelações entre os sujeitos e não apenas da somatória de sujeitos”

Lefevre (2000.p.16) sugere, ao descrever a teoria do método de DSC, que a coleta de material seja feita através de entrevistas semi-estruturadas, utilizando gravações magnéticas com transcrição literal de fitas. Cita também a importância de haver diversas e variadas entrevistas a fim de que seja atingida a compreensão do campo pretendido.

A experiência de agrupar a teoria de Grupo Focal na coleta de dados e a análise através do Discurso do Sujeito Coletivo é recente e sabemos que existem outras pesquisas nas quais foram utilizadas essas duas técnicas, porém entendemos que o trabalho de Chirelli (2002), demonstra rigor científico e transparência, o que dispensa outras citações .

¹⁰ Estas definições foram fruto de anotações durante o curso de DSC em abril de 2002.

Seguindo o curso da técnica de DSC, é importante definir as figuras metodológicas que foram elaboradas para ajudar a organizar e tabular os depoimentos para posterior análise e interpretação.

Ancoragem (AC): Quando se encontra no discurso traços lingüísticos explícitos de teorias, hipóteses, conceitos, ideologias existentes na sociedade e na cultura e que estes estejam internalizados no indivíduo.

Idéia Central (IC): Para efeito de análise dos depoimentos, idéia central poderia ser entendida como a(s) afirmação(ões) que permite(m) traduzir o essencial do conteúdo discursivo explicitado pelos sujeitos em seus depoimentos. Quem formula a idéia central sobre o sujeito é o pesquisador.

Expressão Chave (ECH) : São constituídas por transcrições literais de partes dos depoimentos, que permitem o resgate do essencial do conteúdo discursivo dos segmentos em que se divide o depoimento. É a maneira como o sujeito responde a pergunta.

Discurso do Sujeito Coletivo (DSC): Busca resgatar o discurso...

“ é assim, uma estratégia metodológica com vistas a tornar mais clara uma dada representação social e o conjunto das representações que conforma um dado imaginário. Através desse modo discursivo é possível visualizar melhor a representação social, na medida que ela aparece, não sob uma forma (artificial) de quadros, tabelas, ou categorias, mas sob uma forma (mais viva e direta) de um discurso que é, como se assinalou, o modo como os indivíduos reais, concretos, pensam” (LEFEVRE, 2000, p.19-20).

Para construir o DSC existem duas formas de organizar os depoimentos. Optamos por, após analisar cada depoimento e extrair as diferentes idéias centrais e respectivas expressões – chave, agregar e compor os DSC das Escolas A e B, separadamente. Como veremos adiante, os discursos são distintos, pois revelam as características de cada escola, o meio socio- cultural que estão inseridas, a organização administrativa e pedagógica, o perfil de professores e alunos em formação.

Seguindo Lefevre (2002), apesar do DSC envolver várias pessoas falando, não se trata de um “nós”, mas de um “eu coletivizado”. Assim, as ECH e IC semelhantes passam a expressar ou representar a fala do social ou o pensamento coletivo na primeira pessoa do singular.

4.4.1- A transcrição das questões norteadoras em busca de respostas

Cabe aqui registrar que as questões foram elaboradas no início dessa pesquisa, no momento em que muitas vezes o pesquisador sente-se ainda desprovido de experiência e maturidade. Segundo Lefebvre (2002) a elaboração das questões é uma das etapas mais importantes para se obter um DSC que represente o social de forma clara, implicando na elaboração de questões pertinentes ao problema de pesquisa.

A transcrição literal das questões utilizadas no grupo focal e entrevistas individuais estão a disposição no capítulo 8 dessa pesquisa.

4.4.2- Construindo os Discursos do Sujeito Coletivo - Instrumento de Análise do Discurso 1

A organização dos dados será realizada com cada questão separadamente. No entanto as questões servirão para disparar outras idéias, sentimentos, crenças, que serão agrupadas levando em consideração todas as questões. Ao término dessa etapa, teremos vários Discursos do Sujeito Coletivo em resposta a todas as questões que discutimos nos dois encontros de Grupo Focal, realizados com professores de ensino médio de enfermagem.

Após a transcrição das fitas, iniciamos a organização da técnica para a construção do “corpus” da pesquisa e por fim a análise dos dados. Construimos uma tabela contendo Expressões Chaves e Idéias Centrais. Nessa primeira etapa, apenas transpusemos as expressões chaves retiradas das entrevistas.

Em uma segunda etapa, foram destacadas em itálico as principais *Idéias Centrais* e em itálico e grifadas as *Ancoragens*. De acordo com Lefevre (2002) é importante notar que tanto a Idéia Central quanto a Ancoragem têm a mesma Expressão Chave, ambas são demarcadas em itálico e a Ancoragem é destacada por grifo, justamente para indicar que as em itálico pertencem tanto à Idéia Central, quanto à Ancoragem.

Assim fomos transpondo para a coluna de Idéias Centrais, as falas significativas retiradas das entrevistas e as possíveis ancoragens.

Vejamos, portanto, a tabela abaixo que iniciamos com o *INSTRUMENTO DE ANÁLISE DO DISCURSO 1 (IAD 1)*.

Ao término dessa etapa, as IC e AC foram agrupadas pelo mesmo sentido ou de sentido equivalente, ou de sentido complementar de idéias; como por exemplo *IC A,B,C,D*.

Portanto a seguir iniciaremos o agrupamento das IC e AC, como estão demonstrados na tabela. Após cada idéia, foram colocadas entre parênteses letras com a finalidade de agrupar as que apresentam as mesmas afinidades e complementaridade e iremos reuni-las com um único tema. Nota-se que estão envolvidas todas as questões norteadoras, inclusive as entrevistas com as coordenadoras.

INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO I

Grupo Focal – 1º Encontro - Primeira Questão

EXPRESSÕES CHAVES	IDÉIAS CENTRAIS
<p>P3- <i>Melhorou muito esta parte humana da enfermagem, o pessoal tinha medo das enfermeiras. Eu acho que atualmente as pessoas dão atenção, são mais dóceis com os pacientes, mas vejo bastante contraste ainda no ambiente de trabalho. Tem aquelas que são muito impessoais, tratam o paciente como se ele já soubesse tudo que deveria acontecer. Eu vejo que tem as enfermeiras que dão atenção e tem aquelas que tratam como se eles não fossem ninguém, eu vejo assim, bastante heterogêneo esse cuidado.</i></p>	<p>1ª Idéia – Houve melhora da parte humana na enfermagem, mas ainda há bastante contraste no ambiente de trabalho. (B)</p> <p>2ª Idéia- Ainda é bem heterogênea a forma de atenção dada pelas enfermeiras (B)</p>
<p>P5- <u><i>Eu acho que as escolas tem ainda uma formação mais técnica do que voltada para a dimensão humana, também isto reflete naquele profissional que se preocupa. só com a técnica e esquece a pessoa como um ser humano, né? Então, ele vai lá, executa aquela técnica e ele não vê que o paciente está mais calado, mais triste, então isso é da pessoa, mas muito também eu acho que a escola, não a nossa escola, acho que de modo geral está começando a ter uma preocupação com a parte humana, mas é uma coisa muito inicial, a parte técnica ainda é muito mais importante.</i></u></p>	<p>ANCORAGEM</p> <p>1ª Idéia – A parte técnica ainda é mais importante (A)</p> <p>2ª Idéia - As escolas estão começando a se preocupar com a formação humana, mas ainda há um predomínio da formação técnica nas escolas de enfermagem. (A)</p>
<p>P2- <i>Quando eu vim para cá, eu achava que a parte técnica não precisava falar isso. Um exemplo que precisava virar para dar o banho, promover o conforto, para mim era muito óbvio certas coisas, e eu fui percebendo que para o aluno não é, tem que falar detalhes que parece tão óbvio que às vezes o aluno não consegue enxergar, né? Eu acho que no primeiro ano, a gente dá muita informação técnica para eles, é o que eu sinto, já que com o terceiro ano, você dá essa informação técnica, mas você se preocupa muito com o lado humano, né? Do profissional explorar esse lado humano, essa compaixão pelo outro, essa preocupação. Como cuidar do outro é um exemplo, na hora de uma punção venosa, não é pegar no pé do bebezinho,</i></p>	<p>1ª Idéia- A formação dos primeiros anos é mais técnica, com os terceiros anos, a formação é técnica, mas há predomínio do lado humano. (B)</p> <p>2ª Idéia- O cuidar exige uma ação humana independente da técnica. (B)</p>

<p><i>como se estivesse pegando uma borracha, ou uma mão, tem que ter muito cuidado há hora de lidar e com a pessoa, não só com uma criança, principalmente com o acompanhante. Eu acho que de uma maneira geral a gente tem dois extremos, tem o lado técnico que é fundamental e o lado humano, que acho que um não dá para viver sem o outro.</i></p> <p>P4- <i>Eu acho que hoje já está tendo a preocupação principalmente da escola que eu vim, em tratar a humanização. Num aspecto mais amplo, a gente tinha uma matéria lá, que a gente via, visava muito o atendimento de sistematização da assistência, visava muito ver o paciente, o cliente, não só como patologia, mas tratar o cliente como um todo. Então, batia-se muito nessa tecla da assistência ser uma coisa completa. Pela visão que eu tenho, esse atendimento humanizado para o paciente é você respeitar o paciente e respeitar a equipe, e agora, né?. Eu sou iniciante, eles também são iniciantes, meu grupo nunca entrou em hospital. Eu procuro fazer uma reunião antes, conversar com eles, você vai tratar dele e não da patologia não ver o seu cliente como é a “gastre” do quarto dois, não, o nome dele, pega o prontuário, vê o que ele tem, chega e conversa, se tem acompanhante, explica, e então eu estou procurando trabalhar muito isso. Acho que quando eles entrarem no mercado de trabalho, eles vão levar essa carga de ver o cliente, não só a patologia, o curativo, o banho que foi dado, mas vê-lo como um todo, como ser humano, tratar ele como ser humano, respeitando as vontades, as limitações dele.</i></p> <p>P1- <i>Existe uma dimensão humana, mas que ainda há uma ênfase para a dimensão técnica na formação dos alunos. Na verdade, eu vejo assim, um grande discurso de humanização, faz parte até do ministério quando ele cria um programa de humanização, já criou uma portaria sobre a humanização do parto e a do atendimento ao recém-nascido, isso já está em vigor, só que este discurso ele até existe em relação ao resgate dessa dimensão humana mas na enfermagem,. Só que eu me preocupo sim, que a prática ela não é assim tão verdadeira, não corresponde a este discurso, não, porque a instituição, ela tem uma certa resistência a valorizar essa dimensão humana, ela valoriza tarefas, números de leitos, números de procedimentos de Enfermagem, a eficiência da equipe de Enfermagem, está mais para a dimensão técnica, do que da atuação dessa equipe do que da dimensão humana. Isso é uma política da instituição, trabalhar com o mínimo de pessoas possível, provavelmente porque lhe falta da dimensão técnica e jamais a dimensão humana poderia estar atuando nos cuidados dele. Acho que ainda persiste no discurso em relação a humanização dos cuidados coisa que é tão óbvia, quando fala em Enfermagem, a gente pensa em cuidado, quando pensa em cuidado, você pensa no ser humano. O cuidado em Enfermagem é essencialmente humano, que mexe com gente, então eu acho que é uma coisa muito clara, mas no discurso, na prática não vejo esse profissional ser atendido na própria formação. Passar como?</i></p> <p>P4- <i>Ver o cliente como um todo, verificar o fator psicológico, emocional, tudo isto que é humanização, eu não sei, eu acho que é uma sementinha.</i></p> <p>P2- <i>O que pega muito é a imaturidade. Quantas vezes que a gente fala para o aluno manter a privacidade, porque é importante, o paciente ter sua privacidade preservada, né? Uma vez eu peguei um aluno que pôs uma comadre no paciente, tinha mais três no quarto, o paciente descoberto, sem</i></p>	<p>3ª Idéia - O lado técnico e humano se complementam. (B)</p> <p>1ª Idéia- Cuidado humanizado é respeitar o paciente e a equipe.(B)</p> <p>2ª Idéia- Os alunos depois de formados verão o cliente como um todo, como ser um humano. (A)</p> <p>3ª Idéia- A escola que eu vim tem a preocupação com a humanização de uma forma mais ampla. (B)</p> <p>1ª Idéia- Existe a dimensão humana, mas ainda predomina a dimensão técnica na formação dos alunos. (A)</p> <p>2ª Idéia- O cuidado de enfermagem é essencialmente humano, mas ainda a formação não abrange essa dimensão (B)</p> <p>ANCORAGEM</p> <p>1ª Idéia: Existe um discurso de humanização por parte das instituições, mas na prática ainda se valoriza a técnica.(A)</p> <p>1ª Idéia- Humanização é ver o cliente como um todo. (B)</p> <p>1ª Idéia- Uma das característica dos alunos adolescentes é a imaturidade. Eu adoro dar aula na habilitação, os alunos tem o</p>
---	--

<p><i>um biombo, a hora que eu cheguei e vi aquilo! Mas o aluno não se toca, entendo que isso precisa, é fundamental, né? É isso que eu falo, a gente tem que falar tantas coisas básicas para eles, de higiene, percepção da situação que as vezes a imaturidade conta. Eu adoro dar aula na habilitação, porque o interesse deles, tem aquele interesse técnico, mas eles tem uma característica humana muito trabalhada, uma vivência, tem essa parte humana mais aflorada do que num adolescente.</i></p> <p>P3- <i>Eu acho que aquele estresse técnico, aquela pressão que tudo tem que ser misterioso, que não pode contaminar. Cuidado olha onde você põe a mão, são tantos detalhes.</i></p> <p>P2- <i>No primeiro ano em Introdução de Enfermagem, eles estão preocupados agora, não é com o paciente, eles querem saber aplicar injeção, quem vai fazer curativo, eles querem técnica, técnica. Eu acho que a hora que sanar essa ansiedade de técnicas, eu acho que a gente vai conseguir passar a parte humana para eles, não que não seja importante, acho fundamental, mas acho que cada época tem um peso diferente.</i></p>	<p>interesse técnico, mas eles tem uma vivência humana mais aflorada do que num adolescente. (A)</p> <p>1ª Idéia- O cuidado com os detalhes da técnica é estressante. (B)</p> <p>1ª Idéia- A parte humana vai ser passada quando se diminuir a ansiedade pela transmissão da técnica. (B)</p>
<p style="text-align: center;">ESCOLA B</p> <p>P8- <i>Eu dou aula para três níveis de ensino de enfermagem e já tive experiência nessa dimensão diferente para as três. A realidade de cada um deles é bem diferente, então para o pessoal que faz o ensino médio junto com o técnico eu não sei se ele tem bem a maturidade para saber o que eles estão se formando, se é isso mesmo que eles querem ou não enfermagem. Eu acho que eles não tem ainda a consciência do que seja fazer o curso. O pessoal de Auxiliar de Enfermagem, eu creio que eles tenham uma certa maturidade, mas uma maturidade profissional, sem também saber, ter a consciência, a implicação do que é ser um profissional da área de saúde... O nível técnico é aquele que queria fazer uma faculdade, mas que não tem condições, então, fazer o curso técnico, eu posso dizer que 80% tem a consciência do que é um curso técnico, eles vão, pagam o que estão fazendo, querem, exigem, já tem uma idéia do que implica responsabilidade de um curso técnico, é um pessoal que na maioria das vezes já trabalha na área, então existe uma troca de informações com o professor,...</i></p> <p>P7- <i>Então, é claro que o estudo das técnicas, as disciplinas técnicas vêm na frente, o aluno valoriza isso, é o que eu percebo, quando entro com a psicologia, na qual mostro para eles que o objeto de estudo é eles. Depois de muita resistência e barreira, uma dificuldade muito grande de estar cada um consigo mesmo apavora. A diferença entre o auxiliar e técnico, com o auxiliar eu percebo que é uma pessoa que chega muito sem consciência do papel, sem saber direito o rumo que vai tomar, o grande desafio parece ser o estágio, então, são pessoas mais difíceis na minha área a serem trabalhados, com baixa maturidade. A pessoa que experimenta isso ela não tem como dar para o outro essa qualidade humana, essa condição humana, se ela não vive como ela pode dar. O técnico que já trabalha na área, eu sinto que respeita mais aquilo que eu tenho para oferecer e reconhece o valor daquilo que estou oferecendo. Eu</i></p>	<p>1ªIdéia- A maturidade de cada nível de formação em enfermagem é diferente.(B)</p> <p>2ª Idéia- Os alunos de curso integrado são imaturos. Os alunos de nível auxiliar são mais maduros.(B)</p> <p>3ª Idéia- Os alunos do curso técnico são exigentes. É um pessoal que geralmente já trabalha na área. (B)</p> <p>4ª Idéia: Os alunos do curso técnico gostariam de fazer uma faculdade. (B)</p> <p>1ªIdéia – O aluno valoriza mais a técnica e resiste em aceitar as disciplinas que envolvem auto - conhecimento. (B)</p> <p>2ª Idéia- Os alunos do curso auxiliar são mais imaturos que os alunos de nível técnico.(B)</p> <p>3ª Idéia- Os técnicos que já atuam na profissão respeitam o trabalho da professora de psicologia.(B)</p>

<p><i>sinto que dá para sensibilizar na humanização, na qualidade final da Enfermagem, mas em termos das coisas que tenho aplicado em sala de aula, são pessoas de uma forma geral de uma vivência extremamente sofrida, vidas trágicas... peço para eles:- Relatem para mim a vida de zero a sete anos. É terrível o que acontece em sala de aula. Muita resistência, uma dificuldade muito grande, eu acolho algumas pessoas,...Então, é muito trágica a vida dessas pessoas, é uma tragédia assim impressionante, então, eu percebo assim, que material humano é esse que vem buscar a enfermagem, tão precário. Tem uma condição extremamente precária, uma condição emocional muito precária. O meu trabalho na escola tem se voltado para buscar caminhos para realizar esse trabalho. Tem prova na sua matéria? Eu insisto na vivência, na participação, no empenho, porque é difícil eles virem para sala de aula, que é essa a qualidade, porque se eles não vivem isso eles não vão ter para dar nesse nível, eles não valorizam também, não conseguem valorizar. Eles percebem algum sentido, mas eu não tenho carga horária suficiente para que eles possam sair daqui sensibilizados.</i></p> <p>P6...<i>É claro que cada turma tem suas características, o que eu vejo é realmente na parte técnica, você vai cobrar coisas que eles tiveram mais afinco na teoria. Eu tive alunos que não tinham dinheiro para a condução, tinham condução para o trabalho ou condução para o bloco teórico. ... A única dificuldade é na parte desses que estão vindo para cá para complementar o técnico. Esses tem uma vivência diferente totalmente, é bem mais atuante, eles sugam mais a gente, a próxima aula eu trago sua dúvida, mas é muito interessante nesse ponto.</i></p> <p>P9- <i>Eu tenho que falar para uma pessoa que não tem a mínima noção de condições básicas, porque a vida dela foi uma vida marcada de muito sofrimento, de muita coisa, que muitas vezes eles não conseguem absorver o conteúdo teórico, que é técnico, porque a história dele é uma vida marcada de sofrimento. <u>Eu acredito, eu nunca li nada sobre isso, mas eu acredito que a procura de Enfermagem está muito relacionada ao que eu tenho como história de vida.</u> A minha prova é toda de critique, comente e eles não sabem comentar, explicar. Então é uma pobreza de conteúdo. Você dá a técnica que tem que existir, mas você tem que dar a noção de vida, de respeito, mesmo que você tenha tido a vida triste.</i></p> <p>P7- <i>Nesta busca de achar um caminho, eu acabo fazendo na sala de aula algumas dinâmicas que envolvem desenho, a gente vai trabalhar com o desenho de árvore e o que me chama mais a atenção é isso que quando eu faço a autobiografia de zero a sete anos, vem uma história de vida que você fala:- Como foi que sobreviveu? E está aí eu peço para fazer a árvore, é muito interessante quando trabalho uma noção corporal diretamente ligada com a consciência, a árvore passa a ser toda a simbologia desse corpo, muito mal amado e o que me deixa assim, muito intrigada é ver a qualidade das árvores que eles desenham. Eles desenham de carvalho para cima, é raro você ver árvores frágeis. O meu questionamento é como que essa história de vida de base propicia essa força do inconsciente em fazer uma árvore daquele tamanho. Para mim é um paradoxo ainda a ser resolvido. Como é que essas pessoas tão frágeis, tem essa força no inconsciente, que motiva, que vai buscar no trabalho para cuidar do outro, sendo pessoas privadas, quer dizer é muita privação que me coloca aqui para cuidar do outro, quem é que eu estou cuidando, eu venho aqui buscar</i></p>	<p>4ª Idéia- A vida dos alunos é muito trágica. Uma condição emocional precária.(B)</p> <p>5ª Idéia- Se os alunos não estiverem prontos emocionalmente não terão o que dar para o cliente.(B)</p> <p>6ª Idéia- A carga horária de psicologia é insuficiente para sensibilizar os alunos. (B)</p> <p>1ª Idéia- Alguns alunos tem dificuldade até para pagar a condução. (B)</p> <p>2ª Idéia- Os alunos do curso de complementação são mais exigentes. (B)</p> <p>1ª Idéia- Os alunos chegam no curso com uma bagagem limitada. (B)</p> <p>2ª Idéia- A vida desses alunos é marcada por muito sofrimento.(B)</p> <p>ANCORAGEM</p> <p>1ª Idéia: A procura por enfermagem está relacionada à história de vida. (B)</p> <p>1ª Idéia- As dinâmicas de sala de aula levanta uma questão: Como conseguiu sobreviver? (B)</p> <p>2ª idéia- Como pessoas tão frágeis, tem força que motiva a procurarem atividades para cuidar do outro? (B)</p>
--	---

o cuidar de quê?	
------------------	--

Grupo Focal – 1º Encontro - Segunda Questão

EXPRESSÕES CHAVES	IDEIAS CENTRAIS
<p style="text-align: center;">ESCOLA A</p> <p>P3- <i>Tem alguns alunos que sobressaem na comunicação, no jeito, no lidar com o paciente e tem outros que só enxergam aquilo que está fazendo com o paciente. Aí, fale se isso interfere. Eu acho que isso daí interfere. A formação envolve você estar justamente lidando, em estar jogando uma situação, ele estar respondendo, discutindo, quando está em público, porque tem resposta para algumas das dúvidas que eles tem, mas acho que você coloca no grupo a pessoa se define, ela vai caminhando, ela vai se enxergando, vai conseguindo mudar, acho que nós temos possibilidade de aceitar que nós conseguimos realmente fazer essa troca.</i></p> <p>P4- <i>O educador forma opiniões, ele passa isso, desperta no alvo. A responsabilidade é muito grande, porque você forma opiniões.</i></p> <p>P5- <i>Eu tenho um exemplo muito bonito dentro da Santa Casa, quando eu entrei para trabalhar lá, eu peguei um plantão muito problemático na parte não técnica, na parte de relacionamento, pessoas excelentes em técnica, é claro que alguns não, mas o problema de relacionamento interferia até na parte técnica, e assim, porque um não aceitava as diferenças de cultura. Foi acreditando no potencial de cada uma delas que a gente foi mudando, conversando, foi aprendendo, um entender o outro e principalmente, tendo o carinho e respeito pelo paciente. Acho que o que o aluno traz com ele, tirando a técnica, a formação, é muito importante, é isso daí que vai ter uma influência muito grande na hora que ele vai trabalhar, ele mostra o que é, o que ele trouxe.</i></p> <p>P1- <i>Eu acredito e defendo na volta, na valorização das ciências humanas e sociais, nos nossos currículos. Porque eu acho que você dá oportunidade para nossos alunos. A prova de Psicologia Aplicada que é sobre comunicação, sobre as ciências humanas, de um modo geral você está dando oportunidade para o menino de refletir sobre ele mesmo, sobre o mundo onde ele está inserido, então, eu acho que primeiro ele tem que se situar, ele tem que estar muito bem, para ele partir, tem que se gostar como ser humano para começar a gostar do ser humano que ele vai cuidar.</i> <i>Eu acho que a hora que você resgatar no aluno assim que você der oportunidade, ele entender como ele está inserido neste mundo, quais os valores que ele tem em relação ao ser humano, a hora que ele for atuar com outro ser humano, isso vai ser só um reflexo de que ele é. Isso explica essa bagagem social e cultural, mas eu acho que também é essa bagagem social e cultural tem que ser acrescentado de uma forma normal até nesse social de uma forma geral é a dimensão</i></p>	<p>1ª Idéia: Cada aluno traz uma bagagem, diferenciando um do outro (D)</p> <p>2ª Idéia: A importância da formação é estar abrindo espaço para discussões.(C)</p> <p>3ª Idéia: Os docentes têm a possibilidade de fazer o aluno enxergar e mudar, conseguem fazer essa troca. (C)</p> <p>1ª Idéia: O educador forma opiniões.(C)</p> <p>1ª Idéia: A bagagem emocional e cultural que o aluno traz é importante na hora em que vai trabalhar. (D)</p> <p>1ª Idéia: Defendo a valorização e retorno das ciências sociais e humanas nos currículos. (D)</p> <p>2ª Idéia: O aluno precisa se conhecer e se gostar, para então gostar do outro que vai cuidar. Se durante a formação, o aluno resgatar seus valores, quando se tornar profissional, será apenas um reflexo do que ele é. (D)</p> <p>4ª Idéia: Essa bagagem social e cultural pode ser construída através das ciências humanas e sociais. (D)</p>

<p><i>humana nos cuidados de enfermagem. Isto pode ser explicado, construído, com o aluno, através desse instrumento que eu falei, ciências humanas e sociais.</i></p> <p>P4- <i>Eu tive tudo isso, nós tínhamos psicologia, sociologia, dinâmica de grupo, tudo isso era matéria que eu tive e tinha saúde mental I e II, em saúde mental I, todo mundo achava que fosse ver paciente, patologia e não foi auto conhecimento, sabe, para a gente se situar, conhecer o que nós éramos, como éramos, tinha dinâmicas, relaxamento, como se situar em relação a uma situação frente ao paciente, sabe como agir. Eu tive essa oportunidade de ter trabalhado isso, conseguir chegar assim, para mim ficou um pouco claro a união da técnica com o paciente como um todo.</i></p> <p>P1- <i>A gente está falando de forma geral, se fosse particularizar como a escola poderia ser mais humanista, a nossa é humanista, eu acho que é.</i></p> <p>P4- <u><i>Se o pessoal da graduação está tendo isso, quando ele for para o campo de trabalho ou docente, ele vai ter uma preocupação, vai estar mais aberto para isso.</i></u></p> <p>P2- <i>Eu acho que o nível social, cultural, profissional interfere. Acho que por isso que a prática de enfermagem tem tantos conflitos, porque o nível social e cultural é muito diferente. Eu sinto também isso, na parte de enfermagem do hospital de uns tempos para cá está mudando, mas é uma enfermagem muito tecnicista. A pediatria, preocupava muito com técnica, técnica, técnica, tudo via o paciente como técnica. Hoje está mudando, de uns tempos para cá, a gente percebe que os eventos que eles realizam estão voltado muito mais para a parte humana do que para a parte técnica. <u>Eu acho que está tendo uma preocupação geral da parte humana e isso vai fazer com que os profissionais técnicos e auxiliares consigam também absorver um pouco mais,</u> porque na parte de graduação dos enfermeiros tem uma sensibilização da parte humana.</i></p> <p>P4- <i>Então técnicos e auxiliares não vêem assim, porque esses são os formadores.</i></p> <p>P2- <i>Eu acho que pela minha experiência, o que é cobrado muito do técnico, é técnica, Eu acho que é um enfoque diferente que é cobrado deles.</i></p> <p>P5- <i>Eu acho que está mudando, mas ainda se dá valor para a parte técnica. Quando você vai ver a prática, o técnico lá dentro do hospital,</i></p>	<p>1ª Idéia: Eu tive conteúdos de auto-conhecimento na disciplina de Saúde Mental. (D)</p> <p>1ª Idéia- A Nossa escola é humanista. (A)</p> <p>ANCORAGEM</p> <p>1ª Idéia- Um preparo adequado do enfermeiro, levará a um docente mais equipado para formar melhor os técnicos de enfermagem. (A)</p> <p>1ª Idéia: O nível social e cultural interfere, porque é muito diferente entre os alunos. (D)</p> <p>2ª Idéia: Hoje já se vê algumas especialidades realizando cursos voltados para a parte humana. (A)</p> <p>ANCORAGEM</p> <p>1ª Idéia: Está havendo uma maior preocupação com a formação humana, o que vai acarretar uma formação mais humanizada para os técnico e auxiliares. (A)</p> <p>1ª Idéia: Os técnicos e auxiliares tem uma formação adequada com a formação de seus docentes.(C)</p> <p>1ª Idéia: Do técnico é cobrado a técnica. (A)</p> <p>1ª Idéia: O técnico dentro do hospital é voltado para dar conta do serviço e</p>
---	---

<p><i>ele ainda é muito voltado para dar conta do serviço e não a qualidade, não o paciente, ainda é formado assim, mas isso é um processo... Porque eu acho ele faz isso porque ele vê nossa cobrança aqui dentro, por mais que a gente fale que a gente dá valor para a parte humana, a gente ainda dá valor para a parte técnica.</i></p> <p>P2- <i>Isso que eu acho é essa consciência que precisa criar no aluno, você não pode deixar de cobrar a parte técnica, mas tem que aflorar a parte humana.</i></p> <p>P1- <i>Para conseguir priorizar o cuidado humanizado, quando você fala da dimensão humana no cuidar, precisa primeiro a instituição se humanizar, depois você está apta a fazer isso, mas as pressões estão tão grandes que você não consegue verificar essa dimensão humana, você é tecnicista que atende a expectativa do administrador do seu hospital.</i></p> <p>P3- <i>Nossa escola tem uma realidade diferente de um hospital. É uma estrutura que nós criamos que propicia, refletir, mudar uma grade curricular, discutir um problema de um aluno, chamar pais para conversar, é diferente e assim quantas escolas tem essa compreensão. Aqui o grupo é homogêneo em termos de atitudes e responsabilidades.</i></p> <p>P5- <i>A nossa instituição, a nossa preocupação com a formação global é muito maior. O grupo é preocupado, sempre procurando, conversando, se reciclar, trocar idéias, ajudar. Tem uma preocupação com a formação, o pessoal procura sempre estar fazendo reuniões, discutindo.</i></p>	<p>não da qualidade, não do paciente. (A)</p> <p>2ª Idéia: Por mais que nós valorizemos a parte humana a gente ainda dá mais valor para a parte técnica. (A)</p> <p>1ª Idéia: Precisa criar no aluno a consciência, de que é importante a técnica, mas que tem que aflorar a parte humana. (A)</p> <p>1ª Idéia: Para humanizar o cuidado, é preciso a instituição se humanizar.(B)</p> <p>1ª Idéia: Na nossa escola a realidade é diferente de um hospital. Nosso grupo é homogêneo em termos de atitudes e responsabilidades. (C)</p> <p>1ª Idéia: A nossa preocupação com a formação global é muito grande (A)</p>
ESCOLA B	
<p>P6- <i>Tudo isso a gente consegue durante o curso, sim, precisa ter um trabalho como a gente está fazendo, todos juntos, todo o grupo da escola e nós mesmos professores, tem que vivenciar o problema, tem, mais que sensibilizar a parte humana, mas tem que sensibilizar. Acho que durante o curso dá sim. Concordo plenamente que dá.</i></p> <p>P9- <i>Eu acho que parte do que a gente vive aqui dentro pode ser mudado. A gente é parte ativa do processo, mas tem muita coisa que a gente precisa resgatar e os alunos precisam resgatar, mas é a parte individual. Acho que a nossa responsabilidade fica meio-a-meio com o aluno, porque as experiências de vida deles, o que ele via ser como profissional depende muito dele e isso a gente não consegue fazer. Tem aluno que a gente vê crescer e tem aluno que a gente vê que não vai conseguir, porque é a própria limitação dele.</i></p> <p>P7- <i>É que a maioria das classes vem juntas, a maioria das classes</i></p>	<p>1ª Idéia: Todo o grupo da escola, nós professores tem que sensibilizar a parte humana. Acho que durante o curso dá sim. (A)</p> <p>1ª Idéia: Parte do que se vive dentro da escola pode ser mudado. Tem algo que precisa resgatar que é a parte individual. (B)</p> <p>1ª Idéia: A maioria das classes</p>

<p><i>entendem a proposta, percebem o valor daquilo que a gente está objetivando e vem junto nessa qualidade. O que eu percebo, as vezes, é que a Enfermagem em algumas disciplinas está muito centrada, tem só um olhar, entendeu? Eu sei que é uma equipe tendo um olhar mais humanizado, trabalha mais em equipe, inclusive disciplinas mesmo, interagindo, disciplinas para que esses tópicos fossem reforçados. Aonde eu posso me apegar para que a gente possa continuar? Então, eu acho que o precipício é isso, quer dizer quem é que está trabalhando nessa condição? Quem é que está buscando essa valorização? Quem é que tem esse olhar, de uma forma mais completa, mais inteira para que a gente veja esse trabalho, é um questionamento muito grande, aí! Porque essas pessoas com as quais se está buscando trazer, são pessoas mesmo sofridas, muito mal amadas, muito mal cuidadas, que vai prestar que qualidade de humanização, ela tem para dar, eu não sei, porque elas está sem referência.</i></p> <p>P9- <i>O cuidar é uma coisa que transcende a técnica, transcende você o paciente na posição correta, transcende fazer uma medicação, transcende verificar a temperatura. É uma coisa que está muito além, aí você vê o outro como um todo e não por partes. E aí, acho que está a limitação, porque tem toda uma história anterior, quem trabalha com isso sabe desvendar o que o outro tem.</i></p> <p>P7- <i>O auxiliar precisa ser motivado. Eles precisam de um modelo, aquele modelo mínimo, original. O de complementação técnico, pelo que percebo se encantam em ser técnicos, a realidade é diferente, humanizar isso...</i></p> <p>P8- <i>A gente costuma conversar muito. Como é exatamente dar aula para auxiliar, como é dar aula para o ensino médio, como é dar aula para o técnico, cada um na sua realidade. Então, tentar observar nele isso, e assim o auxiliar e o técnico, como eu vou entender a parte humana dele.</i></p>	<p>percebe o valor daquilo que a gente está objetivando e vem junto nesta qualidade. (A)</p> <p>2ª Idéia: Algumas disciplinas em enfermagem estão muito centradas em um só olhar. É uma equipe com olhar humanizado, trabalha mais em equipe... (A)</p> <p>3ª Idéia: Quem é que tem esse olhar mais completo, que se possa ver esse trabalho ? (A)</p> <p>1ª Idéia: O cuidar é algo que transcende a técnica. É ver o outro como um todo e não por partes. (?)</p> <p>1ª Idéia: Os alunos do curso auxiliar precisam de um modelo. Já os alunos de complementação vêm a realidade de forma diferente. (B)</p> <p>1ª Idéia: Cada nível de formação tem uma compreensão, e é conversando que vou entender a parte humana de cada um. (B)</p>
--	---

Grupo Focal – 1º Encontro - Terceira Questão

EXPRESSÕES CHAVES	IDÉIAS CENTRAIS
<p style="text-align: center;">ESCOLA A</p> <p>P3- <i>Eu acho que podíamos fazer trocas como o GIEMEN, que é um grupo de estudo em ensino médio de São Paulo associado à ABEN. Acho que é um espaço muito interessante, as escolas se reunirem e conversarem. Nós estamos trabalhando, nós aqui, falta essa parte, nós não somos sozinhos, nós temos que dar mais os braços, as mãos, mais gente trocando e-mail e melhorando. Todos se unem, você consegue fazer um nível mais abrangente, o que eu tenho de bom, a troca de experiência entre as escolas é bem pequena. O GIPEEM (Grupo de Interesse de Professores de Ensino Médio), também quando começou, nós fomos, depois perdemos contato e a gente quando começa ir nesse grupo, a gente tem um ciúme da escola, mas é geral, todos falam do dele como se fosse o melhor, nossa escola fala como se fosse melhor. Nós fechamos, é</i></p>	<p>1ª Idéia: Fazer trocas através de grupos de estudo, encontros, e-mail. (E)</p> <p>2ª Idéia: Sair do nosso espaço e formar um grupo mais abrangente. (E)</p> <p>3ª Idéia- Nós participamos do GIPEEM, mas depois fomos perdendo contato. (E)</p>

<p><i>difícil alguém colocar uma idéia. Acho que seria por aí, sair um pouquinho do espaço e formar um grupo mais abrangente.</i></p> <p>P5- <i>Porque esta troca só vai contribuir para a valorização da classe da enfermagem, das categorias, é isso, o objetivo final, a meta principal.</i></p> <p>P4- <i>A enfermagem e a classe só vai ocupar o lugar que ela merece, quando tivermos a consciência de que nosso profissional, nosso aluno no mercado de trabalho e não é só o aluno, tinha que ter uma coerência da classe em si e essa troca de experiência com o outro que a gente fala muito, nós temos escolas aqui que são ruins, se a gente chamasse o pessoal? O que nós podemos fazer por você? O que vocês tem para oferecer para a gente, para nós podermos trocar? A gente não precisa chegar e falar que é o melhor.</i></p> <p>P1- <i>Eu acho que criando um espaço de reflexão, onde vai estar analisando os fatos, aprendendo melhor a tua atuação. Eu acho que a melhor forma de você validar alguma idéia tua é usar o método científico, só que a enfermagem não tinha até então como fazer isso, nós quase nem conseguíamos registrar os nossos cuidados, quanto mais pesquisar. Eu acho que a pesquisa pode gerar muita proposta boa, porque ela vai abrir esse espaço de reflexão, análise, discussão, compreender a realidade para buscar uma mudança, porque eu acho que a gente não muda nada. Assim, sem construir, eu acho que a construção, que a gente está fazendo hoje é uma construção de mudança, como explicar isso. <u>A partir do momento que a enfermagem entender isso ela vai ter mais espaços para essas idéias.</u></i></p> <p>P2- <u><i>Nós temos que tomar cuidado para não perder algumas partes. Eu acho que a enfermagem está ainda se achando.</i></u></p> <p>P4- <i>Será que dá tempo para você fazer humanização? Trabalhar mais... Mas enfermagem é só técnica?</i></p> <p>P2- <i>Eu não vejo enfermagem só como técnica. Para mim é um conjunto. Eu não vejo enfermagem só como técnica, mas eu não consigo, eu vejo que ela é humana e técnica. Eu não consigo separar as duas.</i></p> <p style="text-align: center;">ESCOLA B</p> <p>P6- <i>Eu acho que tem que ter uma carga horária maior de psicologia para trabalhar com os alunos e também falta o que nós sabemos que é discutir sobre os alunos e os conceitos, como eu conceituo o aluno, o</i></p>	<p>4ª Idéia: Há uma certa competição entre as escolas, todas se acham melhor, e assim se fecham para a troca. (E)</p> <p>5ª Idéia: A troca de experiência entre as escolas é bem pequena. (E)</p> <p>1ª Idéia: Fazer trocas, o que vai contribuir para a valorização da profissão. (E)</p> <p>1ª Idéia: Fazer reuniões com outras escolas trocar experiências. (E)</p> <p>1ª Idéia: Criar um espaço de reflexão. (E)</p> <p>2ª Idéia: A pesquisa pode gerar muitas propostas. (E)</p> <p>ANCORAGEM</p> <p>1ª Idéia- A partir do momento que a enfermagem entender a importância da pesquisa ela vai ter mais espaços para mudanças. (A)</p> <p>ANCORAGEM</p> <p>1ª Idéia: A enfermagem ainda está se achando. (A)</p> <p>1ª Idéia: Dá para aproximar a parte humana da técnica.? (B)</p> <p>1ª Idéia: A enfermagem é humana e técnica, não dá para separar. (B)</p> <p>1ª Idéia: Ter uma carga horária maior de Psicologia para se discutir o aluno, seu comportamento, seu</p>
---	--

<p><i>comportamento em sala de aula, como seria para humanizar mais no caso para a gente conquistar mais esse crescimento do aluno perante as aulas teóricas e práticas Ter mais reuniões de professores que ajuda bastante tornar mais real nossa avaliação de cada aluno.</i></p> <p>P8- <i>Eu acho que a partir dessa mudança aí, eu acho que acabou meio que transformando escolas em empresas e o que eu proponho colocar da minha parte, estar fazendo alguma coisa, eu proponho ver a realidade do aluno e transformar a realidade que ele vive num conceito de aula. Por exemplo, como aplicar nutrição em enfermagem, então, fazendo-o entender que a vida deles está envolvida na nutrição e eles precisam entender a nutrição a partir deles como pessoa, em que eu aplico a nutrição na minha vida?</i></p> <p>P7- <i>A minha percepção de que essa realidade muito fragmentada, conspira contra nós. Não sei muito o que fazer, essa dimensão é uma mega dimensão. Eu diria que dentro dessa realidade totalmente fragmentada, independente dessa realidade, é atuar buscando compor isto, neste microcosmo da sala de aula, é isto. Como eu vou assumir o papel de educador, se a pessoa se dirige a mim e pergunta:- Quantas faltas pode ter? eu posso ficar livre de você? Então, você tem que o tempo todo buscar. Hoje não dá para o professor se acomodar. Estou sendo desafiada pela característica dos alunos de sair da escola e buscar.</i></p> <p>P9- <i><u>Eu particularmente entendo que a mudança curricular consegue quebrar algumas coisas que a gente não tinha antes. A valorização do profissional que a gente não tinha tão freqüente dentro da escola de Enfermagem, que é o papel do psicólogo, nutricionista e acho que a idéia fragmentada pode mudar partindo de cada um de nós, quando a gente está lá na sala, eu deixar de entender o aluno de enfermagem como aquele que é executor de técnica e eu começar a entendê-lo como um todo, então, esse é o nosso papel, porque a gente também vem de uma educação fragmentada e que a gente não consegue associar isso muito bem, eu acho muito importante trabalhar a pessoa do aluno, porque ele tem dificuldade, porque ele precisa de uma atenção maior, porque eu preciso ficar do lado dele, porque eu preciso entender o comportamento dele e alguns momentos chamar, conversar, porque eu acho que o papel do educador transcende a sala de aula. Eu acho que a gente precisa saber os fundamentos técnicos do procedimento que se vai executar, e não necessariamente fazer da forma que o outro faz. Eu acho que isso limita o outro, então, precisa entender que transcende o ser técnico, mas as vezes você tem um aluno que é péssimo na técnica, mas ele é bom em contato com o paciente, tem conhecimento bom do todo, eu acho que nosso papel é este mesmo.</u></i></p>	<p>crescimento (D)</p> <p>2ª Idéia: Ter mais reuniões de professores, maior discussão sobre os alunos. (D)</p> <p>1ª Idéia: Proposta de ver a realidade do aluno e transformá-la, trabalhando em sala de aula. (D)</p> <p>1ª Idéia: Dentro dessa realidade totalmente fragmentada, buscar compor essa idéia de dimensão técnica e humana dentro da sala de aula. (D)</p> <p>2ª Idéia: Buscar respostas fora da escola, hoje o professor não pode se acomodar. (A)</p> <p>1ª Idéia: O professor pode mudar esta realidade fragmentada, começando a entender o aluno como um todo. (A)</p> <p>2ª Idéia: O professor também tem uma educação fragmentada. (A)</p> <p>3ª Idéia: É preciso saber os fundamentos da técnica, sem necessariamente executá-la como o outro, isso pode limitar ou outro (A)</p> <p>4ª Idéia: O papel do professor é entender o que está além do lado técnico. (A)</p> <p>5ª Idéia: As vezes o aluno não é bom na técnica mas é bom nas relações pessoais. (A)</p> <p>ANCORAGEM As mudanças curriculares valorizaram o papel do psicólogo, nutricionista dentro da escola de enfermagem. (B)</p>
--	--

Cabe nesse momento fazer algumas considerações com relação as questões disparadoras do primeiro encontro. Terminada a reunião tanto com a Escola A como a Escola B percebemos que a visão que se tinha sobre as dimensões humanas se limitavam à humanização do cuidado. Na intenção de ampliar as discussões e reflexão, organizamos as questões do segundo encontro, levando em conta o entendimento das participantes sobre o tema.

Grupo Focal – 2º Encontro – Primeira Questão

EXPRESSÕES CHAVES	IDÉIAS CENTRAIS
<p style="text-align: center;">ESCOLA A</p> <p>P3- <i>...Quando me formei e vim para a Casa de Saúde, o que mais eu tive de problemas foi de relacionamento. Eu pensei que fosse esbarrar em técnicas, mas aí que eu senti a necessidade de ter uma visão mais psicológica, mais conjunta, mais de psicologia para lidar com aquilo. Então, eu acho que toda a discussão da semana passada, ela embasou bem mesmo, não ser bom tecnicamente, você tem que ser abrangente em termos de raciocínio, de entender as pessoas, ser bem aberto, porque é muito complexo...</i></p> <p>P5- <i>Eu me preparei muito tecnicamente, eu dava uma importância muito grande em saber se era melhor em fazer e acontecer e quando eu entrei no campo a minha maior dificuldade em desempenhar o meu papel foi na parte de relacionamento com a própria equipe.</i></p> <p>P1- <i>De fato a gente estava na discussão de humanização no cuidado de Enfermagem, porque eu acho que a gente não chegou na dimensão humana em todas as suas faces. Tem face social, por exemplo, uma face política, que muitas questões que precisam ser resolvidas naquele momento com o paciente é uma questão social, não necessariamente um cuidado de enfermagem. Você pode dar muito bonitinho orientação sobre amamentação, incentivo à amamentação, mas se a mãe não puder se alimentar, não tiver com quem deixar esse filho, você não vai estar olhando para ela como um ser humano completo. Eu acho que nós ficamos muito na dimensão humana da humanização em relação ao cuidar do indivíduo, bem direcionado a isso, não como um ser humano, como um todo. Acho que vai além da assistência que a gente está dando.</i></p>	<p>1ª Idéia: Quando me formei, meu maior problema foi de relacionamento e percebi que só a visão técnica não basta; é preciso ter uma visão psicológica, entender as pessoas (A)</p> <p>1ª Idéia: Quando eu entrei no campo de trabalho, minha maior dificuldade foi na parte de relacionamento (A)</p> <p>1ª Idéia: De fato, a gente estava na discussão de humanização no cuidado de enfermagem. Nós não chegamos à dimensão humana em todas as suas faces. (B)</p> <p>2ª Idéia: Quando se fala em dimensão humana se centra em humanização do cuidado e não do ser humano como um todo. (B)</p>
<p>P4- <i>Para se falar mesmo de humanização dos cuidados, primeiro tem que se humanizar o serviço, a equipe, tem que estruturar a equipe.</i></p> <p style="text-align: center;">ESCOLA B</p>	<p>1ª Idéia: Para humanizar os cuidados primeiro é preciso humanizar os serviços e a equipe. (B)</p>

<p>P8- <i>Sem dúvida, eu volto a colocar que a gente tem que buscar no aluno um interesse que talvez nem ele saiba a dimensão que tem o que ele está fazendo, o que envolve o trabalho dele como profissional da área de enfermagem. Eu creio que é tentar fazê-lo enxergar o que abrange tudo aquilo que ele está estudando, como ele vai colaborar com a cidadania, como é para ele, para que realmente ele se sinta dentro de um contexto de uma sociedade, que ele faça parte de uma sociedade como colaborador, imagino que seja, é um trabalho solidário o cuidado de enfermagem.</i></p> <p>P9- <i>Acho que a humanização na enfermagem não abrange a dimensão humana. <u>Acho que as pessoas tem claro que cuidar do ser humano é cuidar do outro com docilidade e nem sempre contempla esse ser humano como um todo.</u> Cuidado humanizado não é necessariamente você conseguir contemplar toda a dimensão humana.</i></p> <p>P7- <i>Eu acredito que a humanização ela é trabalhada, busca ser trabalhada na dimensão física com todos os recursos que a Enfermagem tem para isso, mas a partir dali, naquilo que cabe na dimensão emocional e mental, o profissional não está pronto para trabalhar com isso, aí as coisas começam a se comprometer. A humanização não chega aqui, porque o profissional não está trabalhado, é um profissional que não está cuidado nessa dimensão emocional. Como é que ele vai humanizar aquilo que ele não tem? É aí, que eu bato, é aí que para; e o mental? Então, fica para depois e aí você tem que transformar crenças, muitas coisas para poder juntar, física, emocional e mental.</i></p> <p>P9- <i><u>Esta coisa pessoal transcende o que a instituição dá para o funcionário, o que a gente tem como pessoa transcende o que é profissional e isto, esta lacuna a gente não consegue preencher, em nenhuma escola, não só de enfermagem.</u> Acho que bate muito com a enfermagem porque a nossa profissão está diretamente relacionada com o cuidar e cuidar exige toda uma estrutura emocional bem elaborada, bem trabalhada, é por isso que a gente não consegue ter as pessoas que realmente saibam cuidar, porque atrás da Enfª Maria tem a Maria que tem as suas questões, as suas dificuldades e isso a escola não consegue dar para o aluno.</i></p>	<p>1ª Idéia: Importante conscientizar o aluno sobre as diversas faces que envolvem a profissão de enfermagem. (A)</p> <p>ANCORAGEM</p> <p>1ª Idéia: O cuidar do outro com docilidade nem sempre contempla toda a dimensão humana. (B)</p> <p>1ª Idéia: A dimensão física a enfermagem consegue trabalhar, porém a dimensão emocional e mental ela não consegue atingir. (B)</p> <p>2ª Idéia: O profissional de enfermagem não está cuidado nessa dimensão emocional. (B)</p> <p>1ª Idéia: Nossa profissão está diretamente relacionada com o cuidar, o que exige uma estrutura emocional elaborada, sendo difícil encontrar pessoas adequadas. (B)</p> <p>ANCORAGEM</p> <p>1ª Idéia: A parte emocional é uma lacuna que não se consegue preencher, não só nas escolas de enfermagem. (B)</p>
---	--

Grupo Focal – 2º Encontro – Segunda Questão

EXPRESSÕES CHAVES	IDÉIAS CENTRAIS
<p style="text-align: center;">ESCOLA A</p> <p>P3- <i>Seria mais fora da escola, dentro da casa, da família.... ele vai se sentindo mais responsável, porque nem tem pai e a mãe perto e ninguém cobra que ele não vai na aula,, porque ele define se ele vai assistir ou não, ele tem essa liberdade. Eu acho que isso gera uma responsabilidade e ele interage com outros cursos, com nível</i></p>	<p>1ª Idéia: A formação social, ética e política seria mais fora da escola, dentro da casa, da família. (D)</p> <p>2ª Idéia: Na nossa escola, o aluno</p>

<p><i>universitário que no campus tem também faculdade e acho que é uma fase de crescimento muito grande para ele de auto-conhecimento e de socialização. Agora a parte política eu vejo como o Grêmio tem uma ação.</i></p>	<p>tem liberdade de escolher se quer assistir aula ou não e isso gera responsabilidade. Ele interage com outros cursos. (D)</p>
<p>P4- <i>Acho que essa escola, o aluno que tem todos os anos a desenvolver o lado crítico dele. Nesses anos todos participam, voltado para o lado social, econômico. Isso ajuda a despertar o senso crítico dele. Se ele tem senso crítico, eu acho que ele começa a questionar o sistema. Está errado? Por quê? como pode mudar? E o primeiro passo é este. Então, eu acho que pelo menos na nossa escola este é o começo.</i></p>	<p>1ª Idéia: Nessa escola o objetivo é desenvolver o senso crítico do aluno. Pelo menos esse é o começo (D)</p>
<p>P5- <i>Porque eu acho que nós não somos políticos. Nós professores não conseguimos passar essa parte política, formação política para o aluno. Aluno de nível médio, esta parte é a parte que a colega fala, ela é muito mais explorada pelo ensino médio em algumas disciplinas do que por nós.</i></p>	<p>1ª Idéia: Nós professores não somos políticos. Não conseguimos passar a parte política na formação para o aluno (C)</p>
<p>P4- <i>Na nossa escola ou no curso de enfermagem? Eu acho que um acaba completando o outro. A gente dá uma parte da Ética, dá a postura profissional, política dos conselhos profissionais, política do conselho regional.</i></p>	<p>1ª Idéia: Na nossa escola um professor complementa o conteúdo do outro. (C)</p>
<p>P5- <i>Eu acho que o técnico que fica três anos aqui, e o que a gente vive falando médio, mas não tem habilitação, que também é um aluno técnico e que essa parte política é bem pequena mesma. Acho que tem muito mais a visão ainda da técnica, não é afastado, tanto a parte ética é como você mesma falou é debatida, tem discussões sobre a humanização, mas a parte política, nós somos falhas, eu sinto falha sim, como deixar o aluno assim, ser mais político.</i></p>	<p>1ª Idéia: O aluno fica três anos na escola e tem uma visão política pequena, predominando a visão técnica. A parte ética é mais discutida. (A)</p>
<p>P4- <i>O Conselho Municipal como funciona, o conselho tutelar se entende? Essa é a parte política.</i></p>	<p>1ª Idéia: A parte política é conhecer o funcionamento do Conselho Municipal, o Conselho Tutelar.(C)</p>
<p>P1- <i>Pergunta é se a formação política, ética e social é importante, importantíssima. A forma que ela vai inserir talvez não fique tão evidente, mas cada um vai dar uma contribuição, existe a contribuição da ética, existe a contribuição da Saúde Pública que parte dessa política do aluno, para estar atento ao sistema de saúde de uma forma geral, mas nosso enfoque principal não é esse, é um enfoque mais para técnica, com uma tendência bastante especial e acentuada em humanizar essa técnica, mas eu não sei se a gente consegue ter muito êxito no campo político e social. Eu acho que todas nós temos pequenas iniciativas nessa área.</i></p>	<p>1ª Idéia: A formação política, ética e social é importantíssima. Cada uma com a sua contribuição, mas o enfoque principal ainda é para a técnica. Com uma tendência em humanizar essa técnica. (A)</p>
<p>P5- <i>Eu acho que a gente ainda tem mais dificuldade de ser político, nem sempre é entender da política. É saber se posicionar, é defender o seu ponto de vista, então, realmente o professor de História ensina isto, argumentar, se inserir diante do problema e tomar uma posição.</i></p>	<p>1ª Idéia: O professor da disciplina de história ensina os alunos a argumentar e se posicionar. (C)</p>
<p>P1- <i>Tem uma área que privilegia, que é a Saúde Pública. Apesar de não estar exercendo, é a única que tem mesmo uma crítica mais</i></p>	<p>1ª Idéia: A Saúde Pública é uma área que dá uma visão política mais crítica</p>

<p><i>analisada do sistema de saúde.</i></p> <p>P3- <i>Que nós somos fracos politicamente. Quando temos greve na instituição, a enfermagem, nosso curso não pára e nós justificamos porque campo de estágio, por n situações que nós não paramos. A nossa visão é... esse aluno vai se formar de que forma, ele vai deixar de ter esse conteúdo, não pode, não podemos e aí a gente dá todos os suportes possíveis e nós levamos o curso do jeito que tem que ser. É o único que enfrenta a greve numa boa.</i></p> <p style="text-align: center;">ESCOLA B</p> <p>P8- <i>Sem dúvida nenhuma, isso faz um diferencial tão grande, a dimensão humana faz esse diferencial, ele vai ter uma visão completamente diferente daquilo que está fechadinho que a gente passa tecnicamente em sala de aula. Ele vai ter uma clareza maior, ele vai conseguir enxergar dos lados, tudo aquilo que está vivendo. Ele vai poder analisar o porque daquilo, compreender a situação de uma outra forma. Ele vai conseguir se sair melhor de determinados problemas e situações, ali que ele passa estar se encontrando. Eu creio que isso é a própria evolução, educação mesmo. Ele vai poder ter uma visão muito maior do que está a sua volta com certeza e isso, essa formação político, ética, social, eu creio que está ligada à educação.</i></p> <p>P6- <i>Eu acho que é importante é, mas para poder abranger ainda a dimensão humana, ainda é fraco, ainda acho que ter como profissional de saúde de enfermagem algo mais, uma base bem maior para poder se posicionar no lugar do paciente, não levar suas questões pessoais como por exemplo na parte política, ter o seu posicionamento induzido, tem que ter uma base maior ainda para poder ter o respeito do paciente no cuidar, mesmo a parte ética, porque ainda não dá para só tendo estas três formações que dê para chegar a uma dimensão mesmo. Eu acho que tem que ter no seu currículo um preparo maior para chegar lá.</i></p> <p>P7- <i>Eu vejo que quando você olha para o cenário político, porque a formação implica em olhar para o cenário político, em olhar para o cenário ético e olhar para o cenário social. É uma desesperança, eu sinto que não tem ... é frágil demais, você trazer este contexto, é tudo tão frágil que quando você abre uma discussão em sala de aula dessa realidade mesmo, tudo isso aparece de um jeito tão feio, a política que se vive dentro do hospital, a ética que se vive dentro de um hospital, o social como é trabalhado dentro do hospital, é tão feio isso, tudo tão feio que eu sinto que falar disso, fazer esta formação é muito utópica, idealista, fica neste nível, entendeu? É o que muitas vezes, é tudo sem saída, quando se começa analisar uma questão, não tem saída, a saída é tão individual que é tão pessoal, é tão de quem tem recurso para vencer aquilo e continuar. A gente passa com a esperança pessoal de cada um de fazer a nossa parte porque, a sensação que eu tenho é que fica na ideologia da coisa, a realidade é outra completamente outra, difícil de assimilar, difícil de digerir, difícil de gerar esperança, no sentido de dizer assim para que eu vou ser melhor? Para contribuir como que? Com quem?</i></p>	<p>do sistema de saúde. (C)</p> <p>1ª idéia: A enfermagem é fraca politicamente. Quando tem uma greve, nós não participamos da paralisação. (C)</p> <p>1ª Idéia: É muito importante a formação política, ética e social. Eu creio que está ligada à educação e com isso o aluno vai ter uma formação mais ampla. (C)</p> <p>1ª Idéia: A formação política, ética e social é importante, mas não abrange toda a dimensão humana. Há necessidade de uma mudança curricular. (C)</p> <p>1ª Idéia: Quando se olha para o cenário político, ético e social é uma desesperança, no meio hospitalar tudo parece muito feio. (C)</p> <p>2ª Idéia: Fazer essa formação é muito utópica. A saída para a formação é individual, na realidade não há muita saída. (C)</p>
--	--

<p>P9- Para que eu seja a Maria hoje, existe uma história anterior que me fez ser o que sou hoje. Eu acho que isso é importante para que você possa ter um profissional bem qualificado. Então, eu acho que esses três pilares somando ao religioso é o que faz a modificação do que eu sou como profissional. Porque quando eu sou um profissional embasado nisso tudo, eu consigo fazer diferente, claro que vai existir que eu vou fraquejar, vai ter momentos que eu vou ter ...cair, cabisbaixo, desistir, porque na minha frente eu vou ver todo um cenário que não é um dos mais lindos. ...Porque quando eu chego lá, apesar de me deparar com as coisas feias, eu consigo manter a essência, porque a essência a gente não perde, a gente fica meio balançada, né? Eu acho que isso é que garante o profissional qualificado. Esses pilares para mim são essenciais para a formação do profissional.</p>	<p>1ª Idéia: Esse três pilares, somando ao religioso, são essenciais para a formação do profissional. (C)</p>
--	--

Grupo Focal– 2º Encontro– Terceira e Quarta Questões

EXPRESSÕES CHAVES	IDÉIAS CENTRAIS
<p>ESCOLA A</p>	
<p>P5- Na hora que falava Lei de Diretrizes, carga horária, isso e aquilo, nossa, eu ficava completamente perdida, por quê? Apesar de ser professora, mas uma vez, uma visão tecnicista, quando eu fiz a graduação, minha grande preocupação era o bacharelado, e a licenciatura eu ia fazendo.</p> <p>Acho que esse ano que a gente tem uma programação de final de ano, que a gente está sentindo como vai ser a carga horária, a montagem dessa grade, no meu caso é aí que eu comecei a visualizar essas leis com a prática.</p> <p>P4- Eu acho que a LDB é meramente política, é para gerar emprego. Então, se o governo profissionaliza o pessoal, para eles no meu ponto de vista é para gerar emprego. Para justificar isso politicamente.</p> <p>P3- Está livre a nossa atitude. <u>Ele está dando diploma para um monte de dentista, para um monte de cursos que a universidade está abrindo aqui. Estão abrindo curso, estão autorizando se formar profissionais não necessariamente competentes.</u> Ele está preocupado em dar disciplinas e não alfabetizar.</p> <p>P1- Deveria existir uma lei para se trabalhar num sentido vertical e antes de colocar em prática, para algumas pessoas as competências não são compreendida. Vem uma lei que é colocada em sentido vertical que não foi discutida e foi colocada em prática antes de ser discutida. A avaliação, ainda não é compreendida na sua essência, por muitos professores, isso é uma mecanização, alguns ainda tem dúvida, acham que são obrigados a passar, isso é uma mecanização do entendimento de o que é avaliação que a lei preconiza.</p> <p>Na lei tem um discurso que na prática é difícil. Acho que tinha que acontecer o inverso. Amadurecer, preparar e depois partir, foram impostas. A impressão que tenho é uma desvalorização do ensino técnico. Quanto a formação crítico-reflexiva, só ocorre com o treinamento do professor. Para chegar nessa formação, o professor precisa aprender</p>	<p>1ª Idéia: Eu não entendia de carga horária e LDB, tinha uma visão tecnicista. Eu comecei a entender dessas leis com a prática. (C)</p> <p>1ª Idéia: LDB é uma medida do governo para gerar empregos. (C)</p> <p>ANCORAGEM</p> <p>1ª Idéia: Estão abrindo vários cursos, e formando profissionais não necessariamente competentes. (A)</p> <p>1ª Idéia: As competências para alguns não são compreendidas. (C)</p> <p>2ª Idéia: A lei deveria ser discutida antes de ser colocada na prática. (C)</p> <p>3ª Idéia: A lei deveria ser amadurecida, e depois ser implantada, só que foram impostas. (C)</p> <p>4ª Idéia: A formação crítico-</p>

<p><i>fazer este exercício com mais competência, que é ideal é, com certeza, o que se pode mudar, crítica-reflexão, ação em cima da análise é bom mas é difícil colocar em prática. Não sei se estou subestimando a capacidade.</i></p> <p>P4- <i>Os funcionários acham que somos crítico, e nossos alunos quando vão trabalhar, ex-alunos que questionam, tem uma postura crítica.</i></p> <p>P3- <i>Acho que existe no curso observação e reflexão. É um aluno diferente, de quando ele entre e quando ele sai. Talvez, até de que ele faça isso, ou mesmo convivência da enfermagem e essa competência profissional nos preocupa, a gente procura que ele saia bem daqui.</i></p> <p>P1- <i>Tenho competência em tal curso, vou avaliar se houve eficácia no esquema de vacinação. Isso é competência, para mim não sei o termo, o texto. Eu posso ter competência em coisas pontuais. Com certeza para mim vai muito além do procedimento e aqui na lei fica muito preso ao procedimento, não sei se é falta de visão minha.</i></p>	<p>reflexivo só acontece com o treinamento do professor. O professor precisa fazer esse exercício com mais competência.(C)</p> <p>1ª Idéia: Nossos alunos tem uma postura crítica. (D)</p> <p>1ª Idéia: O aluno é diferente de quando entra e sai do curso, pode ser devido à observação e reflexão. (D)</p> <p>1ª Idéia: A definição de competência, de acordo com a lei, fica muito preso a procedimentos e para mim vai muito além disso. (C)</p>
<p>ESCOLA B</p>	
<p>P8- <i>O que eu vejo, por mais que a gente reflita todo ano, quando se faz uma atribuição de aula. O que vamos fazer com essa nova Lei de Diretrizes e Bases? E aí a gente acaba entrando num consenso meio complexo, é uma visão, é uma coisa que tem que ser trabalhada a longo prazo, porque qual a proposta dessa lei? É você passar ali uma competência para o aluno e ele vai ou não adquirir essa habilidade, e aí fica uma situação meio estranha porque você ensinou, mas será que ele aprendeu? Ah! Não tem problema, se ele não aprendeu a vida vai ensinar, pode passar ele de ano, a vida vai ensinar, porque a vida é assim. O que nós temos para trabalhar com essa dimensão toda do aluno, de repente você usa alguns artifícios burocráticos que são provas. Enquanto isso a gente vai buscando e trabalhando em cima, eu estou passando essa competência, vou tentar fazer com que ele saiba depois navegar esse barco.</i></p> <p>P9- <i>Na realidade, eu passo o que é possível e o resto ele faz. Aí, a gente perde o eixo que o educador é um agente de mudança. Você tira o papel do educador que é maior, porque quando você entra dentro da sala você quer agregar alguma coisa a ele , o que ele não teve de valor político, ético e social. Você vai ensinar isso para ele, isso é a coisa maior, não é dizer que ele tem ou não competência, você está ali para mudar, ou pelo menos ser um agente de transformação.</i></p> <p>P6- <i>Quando se fala em competência profissional eu acho que eu tento abordar com os alunos é isso, é que seja uma somatória de conhecimentos para que no final eles saiam com competência profissional.</i></p> <p>P7- <i>A partir desse ano eu comecei entrar mais no papel de professora, porque como eu sou terapeuta e como a minha vivência de trabalho é</i></p>	<p>1ª Idéia: Quando se faz atribuição de aula, a dúvida é o que vai se fazer como a nova LDB. ...Se o professor passa uma competência, o aluno vai ou não adquirir essa competência. (A)</p> <p>1ª Idéia: Eu ensino o que é possível e o resto o aluno faz. Assim se perde a idéia de que o educador é agente de mudança. (A)</p> <p>1ª Idéia: Eu abordo com os alunos uma somatória de conhecimentos, para que saiam com competência profissional. (A)</p> <p>1ª Idéia: Eu não entendo essa lei de diretrizes e bases. (A)</p>

<p><i>com grupos de treinamento. Eu não sei que lei é essa, eu escuto falar de leis de diretrizes e bases, mas não tenho base no que ela fala.</i></p> <p>P9- <i>Para mim, a reflexão não é necessariamente um momento isolado do curso profissionalizante, a reflexão é todo momento de nossa vida. Eu preciso saber porque eu sou a Maria, quem eu sou e porque escolhi ser enfermeira, ou porque escolhi ser auxiliar de enfermagem. Isso é que é reflexão maior, mas na nossa prática tem gente que não sabe quem são e a que veio, que de repente se propõe fazer um curso de auxiliar de enfermagem porque passou na rua e viu lá um curso que ele podia pagar, ou que dava para apertar o bolso e pagar, ou então, que um deles viu alguém cuidando de outro alguém doente e ele achou que podia cuidar e aí a gente se reporta à nossa educação de uma forma geral, a gente vê que reflexão em direção a que a gente é, o que a gente veio, o que a gente quer fazer ou o que a gente não quer fazer, não existe na sociedade que a gente vive. A gente sabe que tem gente que consegue entrar e sair da universidade e não encontrar tempo para pensar, pensar no todo, o que essa profissão vai me dar, o que é que eu posso fazer para que eu possa ser um meio de transformação, de mudança, porque quando eu saí da minha universidade, eu tinha claro que eu precisava prestar um serviço à sociedade como enfermeira, porque tinha estudado numa escola pública, porque tinha usado daquele dinheiro, para minha formação e porque precisava dar um retorno. Porque muitas vezes o que a maioria das vezes a gente não está preparada, porque a gente não consegue, a gente não tem nem para a gente. Como que você tira alguma coisa de um saco vazio, não tem como, por mais que vá, se esforce.</i></p> <p>P7... <i>É uma aula que gera muita resistência...um grupo e outro grupo para poder ouvir-se e escutar e daí vem essa coisa de formação ética, poder fazer a escuta do outro, eu procuro trazer na aula a escuta psicológica, quer dizer a postura, a escuta porque é difícil, porque quem sou eu assusta muito e o que busco na vida. A busca dessa formação crítico-reflexiva é essa coisa corporal, no sentido de mobilizar as pessoas, como eu vou cuidar do corpo se o meu corpo é muito mal amado, traído, desconectado e anestesiado. Então, eu tenho feito a duras penas ,isso que você faz como a gente aqui, gente vamos mexer o corpo, quer dizer, levantar, tirar o sapato, então, sabe vamos levantar, é muito difícil, tenho encontrado muita barreira, muita resistência, para poder trazer isso, trazer esse corpo, cuidar um pouco o corpo que vai cuidar do outro corpo. Então, o meu enfoque tem sido buscar este caminho, buscar pessoas para essa sensibilização, sensibilizar as pessoas nesse ponto. Porque eu preciso saber quem sou eu e ao mesmo tempo que eu preciso saber isso com o que desconforto que é entrar em contato com isso. Então propiciar este momento reflexivo é atravessar barreiras.</i></p> <p>P7- <i>...Quando você vai desinstalando esses papéis de aluno e buscando este ser profissional mesmo. Eu uso crachá, confecciono crachá em sala de aula, faço eles colocarem o nome deles para começar a trabalhar a identidade e eles devolvem, colocam o crachá num saquinho pendurado na porta e em cada aula eles vão usar. Porque eu faço questão também de trabalhar com a pessoa.</i></p> <p>P7- <i>Então, sabe tem hora que eu não fico a pessoa mais simpática da</i></p>	<p>1ª Idéia: A reflexão é todo o momento de nossa vida... eu preciso saber porque sou a Maria e porque escolhi ser enfermeira ou auxiliar de enfermagem. (B)</p> <p>2ª Idéia: A maioria das vezes a gente não está preparada porque a gente não consegue, a gente não tem nem para a gente. Como que você tira alguma coisa de um saco vazio, não tem como, por mais que vá, se esforce! (B)</p> <p>1ª Idéia: Eu procuro trazer na aula a escuta psicológica. (A)</p> <p>2ª Idéia: A formação crítico-reflexiva é voltada para o entendimento do corpo. (B)</p> <p>3ª Idéia: Tenho encontrado muita resistência para cuidar um pouco desse corpo que vai cuidar do outro corpo. (A)</p> <p>4ª Idéia: Propiciar esse momento reflexivo é atravessar barreiras. (B)</p> <p>1ª Idéia: Uma das propostas é trabalhar a identidade dos alunos. (D)</p> <p>1ª Idéia: Tem momento que sinto</p>
---	--

<p><i>sala e nem a pessoa mais querida, mas acaba de alguma forma ajudando nessa reflexão, mais reflexivo, sair dessa coisa mais genérica, do julgamento, da avaliação, porque fica no esteriótipo.</i></p> <p><i>Trabalhar a formação no sentido de que o aluno perceba que ele é um componente do fator de uma doença daquela pessoa, o cuidado com o nome, com a atenção, que eu possa dar, faz de mim um componente de cura. Trazer isso para poder se colocar no lugar do outro tem que quebrar algumas coisas e aí, que eu vou somando essas informações que vão trazendo.</i></p> <p>P9- <i>Porque quando você impões para o aluno vamos fazer um curativo X você não deixa ele falar, não deixa ele refletir o que é aquele curativo, o que é o paciente, e ele não consegue verbalizar a situação que ele está vivendo.</i></p> <p><i>Porque aquele um tem que ter um fundamento importante, uma absorção importante do que é, do que é o curativo, do que é o paciente, do que é aquela ferida e não trezentos curativos, então poder deixar o aluno falar.</i></p>	<p>que não sou a mais simpática da sala de aula e nem a pessoa mais querida, mas isso ajuda na reflexão. (A)</p> <p>2ª Idéia: Trabalho a formação para que o aluno perceba que ele é um componente de cura. (A)</p> <p>1ª Idéia: Na prática não se deixa o aluno refletir sobre o procedimento que vai fazer. (B)</p>
--	---

Grupo Focal – 2º Encontro – Quinta Questão

EXPRESSÕES CHAVES	IDÉIAS CENTRAIS
<p style="text-align: center;">ESCOLA A</p> <p>P3- <i>Acho que quanto mais você interage mais se conversa, você tem chance de crescer, de aprender essa implementação, que privilegia a dimensão humana. Eu lembro quando a gente fazia encontros, disputas de jogos, de curso de enfermagem, Cria um elo, uma disputa, uma união muito grande, seja pelo motivo esportivo, seja pelo motivo de aprendizagem. Eu acho que juntos, a gente tem chances de melhora. Pode até ser chamado de comodismo, mas é a disponibilidade, hoje todo mundo corre tanto que procura fazer a sua parte. Isto exige desprendimento extra e que envolve muito tempo para você organizar uma atividade conjunta. Acho que a saída é aumentar os contatos, os encontros.</i></p> <p>P1- <i>De repente o grupo vai se desunindo, vai perdendo a força, porque os componentes do grupo vão perdendo a disponibilidade. Aí, a gente começa a se perguntar mesmo se está faltando motivação, vamos continuar este tipo de discussão. O problema é que as vezes para a instituição isso não é importante, esse conceito de reunião passa mais pelo conceito de lazer.</i></p> <p><i>Dá para fazer, até que dá, mas a instituição tem que dar força. Há instituições que não permitem que enfermeiros vá à congressos.</i></p> <p><i>Eu acho que a gente é responsável por isso mesmo. A gente estar se encontrando discutindo os nossos conteúdos, as nossas disciplinas, como é que a gente faz, como é que pode estar privilegiando a dimensão humana, a humanização do cuidado, é discutindo mesmo, agora, tem que ter força da instituição. Eu acho que a gente está se profissionalizando mais, esse profissional mesmo, nessa iniciativa, do reconhecimento, porque tem apoio para fazer isso, seria ideal mesmo, estar promovendo grandes encontros, eventos, periódicos, frequentes, para estar reavaliando o que a gente está fazendo, se está fazendo, se está levando mesmo a humanização no cuidado de enfermagem. Eu acho que talvez a primeira discussão seja a nossa, o que é para cada um a dimensão humana, porque para mim pode ser pintar a enfermaria</i></p>	<p>1ª Idéia: Quanto mais se conversa, maior a possibilidade de aprender essa implementação que privilegia a dimensão humana. (E)</p> <p>2ª Idéia: Acho que, juntas, temos chance de melhora. A saída é aumentar os contatos e encontros. (E)</p> <p>1ª Idéia: De repente, o grupo vai se desunindo, vai perdendo a força, porque os componentes do grupo vão perdendo a disponibilidade. (E)</p> <p>2ª Idéia: Para a instituição, este tipo de reunião não é importante. (E)</p> <p>3ª Idéia: Talvez a primeira discussão seja essa, o que é para cada um de nós dimensão humana. (E)</p>

<p><i>de pediatria de cor de rosa, é ampla a discussão até chegar nesse ponto, vai um tempo.</i></p> <p>P5- <i>Eu acho que o primeiro ponto é disponibilidade, é assim, vamos nos reunir para discutir a dimensão humana. O pessoal realmente não pára para conversar, para falar da importância disso, acha que isso é jogar conversa fora, isso é nas escolas de modo geral. Primeiramente é conscientizar com o corpo docente de cada escola dessa importância com reuniões, com conversas, com reuniões nesses grupos e depois encontros com outras instituições para estar tentando melhorar.</i></p> <p>P3- <u><i>Um comentário que as pessoas fazem. Por que vocês não escrevem o que vocês fazem? Tem muito pouca pesquisa na área de ensino médio. Você começa a pesquisar e não acha diferença do enfermeiro. Isto também é uma forma da gente se reunir, se unir. O enfermeiro precisa se despir dessa vaidade, ser mais cuidadoso, se posicionando mais, criando mais.</i></u></p>	<p>1ª Idéia: Conscientizar o corpo docente de cada escola sobre a importância dessas reuniões, conversas e encontros.(E)</p> <p>2ª Idéia: O pessoal não valoriza essas trocas. (E)</p> <p>1ª Idéia: ...Você começa pesquisar no ensino médio e não acha diferença do enfermeiro. Esta é uma forma de se reunir e unir. (E)</p>
<p>ESCOLA B</p>	<p>ANCORAGEM</p>
<p>P8- <u><i>Nas reuniões de professores, a gente vê que da parte dos professores 99% estão fazendo a sua parte, mas eu vejo como escolas elas são empresas, não são, eu vejo por parte das escolas essa implementação, eu vejo a visão delas é empresarial, agora dos colegas, os colegas batalham para isso, muitas vezes alguns morrem na praia, acabam saindo para outras coisas porque não concordam com esse tipo de postura.</i></u></p>	<p>ANCORAGEM</p> <p>1ª Idéia: A maioria dos professores estão fazendo sua parte, mas as escolas eu as vejo como empresa. (A)</p>
<p>P9- <u><i>Hoje, o que o empresarial, o lucro é uma coisa muito predominante em relação às escolas, não só de enfermagem, mas de um forma geral mas eu acredito que o que a gente precisa mudar é quem está lá coordenando essa escola, quem está trabalhando com os professores. Algum momento quem coordena tem que falar a língua de quem é o dono da escola, mas quem coordena não pode perder a visão do todo. A gente precisa ter um olhar crítico para que a gente possa não só visar o lucro, de ter salas cheias, lotadas, mas a gente possa acima de tudo ter um compromisso com a educação.</i></u></p>	<p>ANCORAGEM</p> <p>1ª Idéia: Hoje se visa o lucro na maioria das escolas, não só de enfermagem. Em alguns momentos quem coordena tem que falar a linguagem do dono da escola, mas não pode perder a visão do todo. (A)</p>
<p>P7- <i>Se nós nos ampararmos a gente faz a diferença, com essas pequenas coisas, porque se cada um de nós for parar nesses espaços mal resolvidos, nada anda, então, se a gente tiver a sabedoria de passar por estas coisas, passar pela direção da escola, pela administração da escola. Porque um só não vai conseguir muita coisa, mas se a gente mantém essa união que existe aqui, eu sinto assim, eu sou da psicologia</i></p>	<p>1ª Idéia: Se nós nos ampararmos, faremos a diferença. (D)</p> <p>2ª Idéia: Nós estamos comungando coisas importantes aqui. (D).</p>

<p><i>e me sinto muito acolhida com vocês todos. Eu acredito que nós vamos criando uma coisa nova e as coisas novas automaticamente sofrem mudanças porque a força vai se estabelecendo, eu acredito no sutil, eu não acredito no confronto. Nós estamos comungando coisas muito importantes, pelo menos para mim aqui.</i></p> <p>P6- <i>Eu acho que as escolas tem que começar a trabalhar não só com a base dos alunos, com atividades ou aula, trabalhar com o grupo de professores, entendeu? Em reunião, como fizemos aqui, de repente fazer com grupo de professores também. Trabalhar com o grupo de docentes e discentes, mas primeiro com os docentes.</i></p>	<p>1ª Idéia: Acho que as escolas têm trabalhar não só com alunos e aulas, mas também com os professores. (D)</p>
---	---

Transcrição das Questões Norteadoras da Entrevista com as coordenadoras

As entrevistas individuais com as coordenadoras tinham como objetivo apoiar os Discursos do Sujeito Coletivo construído com as professoras de ensino médio de enfermagem, no sentido de verificar pontos convergentes e divergentes sobre a dimensão humana no formar. Assim, planejamos envolver outros membros responsáveis pela formação do aluno de ensino médio, da mesma forma que incluímos a análise documental das instituições envolvidas.

Nós tivemos dúvidas quanto à validade de se fazer um discurso coletivo apenas com os dois depoimentos das coordenadoras, portanto utilizamos o método de Discurso do Sujeito Coletivo, por facilitar o agrupamento das idéias, para ampliar a análise e tratamento dos dados obtidos.

Das seis questões aplicadas, utilizamos apenas quatro questões para análise, pois as duas primeiras eram específicas sobre a formação pessoal e escolha profissional das entrevistadas. Assim optamos por não incluí-las na composição do discurso, pois estariam deslocadas do foco principal da pesquisa. A entrevista, na íntegra, referente tanto às questões 1 e 2 quanto as demais estão incluída no item composto por apêndices, no capítulo 8 dessa pesquisa.

INSTRUMENTO DE ANÁLISE DO DISCURSO 1

Entrevista com coordenadoras - Terceira questão

<i>EXPRESSÕES CHAVES</i>	<i>IDÉIAS CENTRAIS</i>
<p>CA- <i>Nosso objetivo de avanço e o principal agora é a humanização, é nesse foco que nós estamos centrando todas nossas atenções. Formando pessoas melhor, porque quem está lá dificilmente se modifica..</i></p>	<p>1ª Idéia: O principal objetivo na nossa escola agora é a humanização. (B)</p>
<p>CB- <i>Eu sempre procuro fazer reunião com os professores para ver. Eu trabalho sozinha na coordenação. Eu não posso trabalhar sozinha na coordenação, eu preciso que me ajude, eu não gosto de tomar as decisões sozinha e nem que for uma mudança de conteúdo programático, eu reuno</i></p>	<p>1ª Idéia: Procuro fazer reuniões com os professores, e sempre que preciso peço ajuda. (D)</p>

<p><i>os professores, a gente conversa, vamos montar uma nova apostila, ou vamos decidir o caso de um aluno, o que a gente vai fazer, vai considerar, como vai considerar aquela avaliação do aluno, como ele foi no estágio, como está a parte técnica dele. Eu sempre recorro aos professores que estão me ajudando na situação.</i></p> <p>CA- <i>É por isso que a gente está trabalhando muito o tema humanização com o aluno, desde o começo para despertar este sentimento entre eles. Fazendo a terapia do abraço, nas primeiras aulas, para que eles possam enxergar o colega como um ser humano e não como uma pessoa que disputou uma vaga com ele. Nós estamos trabalhando em todas as disciplinas, até porque já está se trabalhando com grade diferente. Então, a gente está humanizando todas as disciplinas e no momento é nosso foco principal, mas a gente ainda tem o pezinho no tecnicismo, porque a gente foi formada nessa linha, mas a gente está tentando passar essa linha. Eu acho que a técnica tem que ser respeitada, mas existe maneiras de você usar a técnica e usar a técnica, né?</i></p> <p>CB- <i>Eu acho que toda mudança que faço dentro da escola, envolvo os professores e leva até os alunos. Foi bom para a escola ter mudado de local e eu me sinto gratificada, quando vejo que alguma coisa eu montei, sugeri e levei para os professores e ficam animados, fazem a gente trabalhar. A gente leva os alunos para fazer seminário fora da escola, o que a gente fazia muito na Escola de Cadetes, a gente trabalhava com anatomia, primeiros socorros e nós trabalhamos todo ano na Campanha de Hipertensão. Tudo que tem de fora, que envolve os alunos, eu gosto. Eu acho que isso é bom para os alunos, envolvo o máximo, pois tem alunos que reclamam, né?</i></p>	<p>1ª Idéia: Fazendo a terapia do abraço, nas primeiras aulas, para que eles possam enxergar o colega como um ser humano. (A)</p> <p>2ª Idéia: Nós estamos humanizando todas as disciplinas. (B)</p> <p>3ª Idéia: A gente ainda tem o pezinho no tecnicismo. A técnica tem que ser respeitada, mas existem maneiras de você usar a técnica. (A)</p> <p>1ª Idéia: Toda mudança que faço na escola, envolvo os professores e alunos. (D)</p> <p>2ª Idéia: A gente leva os alunos para fazerem atividades fora da escola. (D)</p>
---	---

Entrevista com coordenadoras - Quarta questão

EXPRESSÕES CHAVES	IDÉIAS CENTRAIS
<p>CB- <i>Eu acho que tudo que se faz para a melhoria da pessoa humana, não só o comportamento dela intelectual ou a parte de a maneira dela ser, não sei bem, é que na verdade .. falar sobre dimensão humana não é alguma coisa assim tão simples! O relacionamento humano, o comportamento humano, tem que contar para a formação, porque desde a hora que a gente avalia o aluno, quando ele vem do estágio, quando faz uma prova teórica, a gente que avalia ele como um todo. Tem que estar olhando o outro lado do aluno, o lado humano. Então, tudo a gente tenta trabalhar na formação do aluno, levando em conta o lado humano. Tentar trabalhar o lado psicológico dele, o lado, por que ele chora, por que ele ri.</i></p>	<p>1ª Idéia: Dimensão humana é tudo que se faz para a melhoria da pessoa humana. (A)</p> <p>2ª idéia: Falar sobre dimensão humana, não é uma coisa tão simples assim. (A)</p> <p>3ª Idéia: O relacionamento humano, o comportamento humano, tem que contar para a formação. (A)</p> <p>4ª Idéia: O professor é quem avalia o aluno como um todo. Tentar trabalhar o lado psicológico do aluno, porque que ele chora, ou ri. (A)</p>

Entrevista com coordenadoras - Quinta Questão

EXPRESSÕES CHAVES	IDÉIAS CENTRAIS
<p>CA- <i>A equipe de professores que trabalham no nosso curso, graças a Deus pensa da mesma maneira. Todos nós estamos enxergando os objetivos, a nossa meta, onde é que nós vamos chegar. Com esse objetivo principal que é a gora a humanização. Eu acho que dentro de todas a s disciplinas o enfoque que é dado para a parte humana, mesmo essa disciplina que a gente introduziu que a ética era parte do conteúdo de Introdução de Enfermagem e que agora a gente transformou em disciplina que acompanha o curso nos três anos. A Psicologia também, todo o conteúdo programático da Psicologia é o que tem de mais forte, e o que está mais visível. É fantástica a maneira como a professora de psicologia trabalha, ela tem técnicas, ela inicia a disciplina conhecendo o aluno que ela faz o curtograma. Nós procuramos atender as solicitações da comunidade sempre que possível. Esse anos colocamos uma carga maior de Introdução de Enfermagem, com horas de estágio não hospitalar, nós vamos resgatar a assistência em asilos. Em estágio, a abordagem humana é o que a gente está não valorizando, é como checando mesmo. Nós temos um tema de estudo que é cidadania, e uma disciplina que é Ética e cidadania , esse aluno do primeiro ano tem Ética e Cidadania e Ética Profissional. Na Ética e Cidadania, ele vai ver os aspectos éticos do cidadão, do homem e não profissional, a parte profissional é dada na Ética Profissional. Uma das coisas riquíssimas da nossa escola é a “Semana de Artes”, tem fotografia, pintura, música, é uma coisa muito bonita e une, porque eles tem se voltado para nossa área de trabalho, para nossa comunidade.</i></p> <p>CB- <i>Nem todos os professores que eu tenho por aqui mantêm assim vínculo. Tem os professores que mantêm estágio, mas a gente mantêm um grupo de professores que são antigos dentro da escola. Será que ele pensa como eu? Será que elas estão aqui por dinheiro ou para trabalhar junto comigo na formação do aluno? Muitos vão tratar dessa forma, eu estou precisando de dinheiro, será que você pode arrumar umas aulas para mim? Os professores-Enfermeiros que querem manter os vínculos, que se preocupam com a formação, então eu os mantenho.. Quanto as atividades extra-curriculares que às vezes acontecem quando a gente faz a campanha de Hipertensão, fica um professor para cada grupo de alunos. A gente fica em vários pontos da cidade.</i></p>	<p>1ª Idéia: A equipe de professores que trabalha conosco pensa da mesma maneira. O objetivo principal agora é a humanização. Dentro de todas as disciplinas o enfoque que é dado para essa parte humana. (C)</p> <p>2ª Idéia: Todo o conteúdo programático de Psicologia é o que tem de mais forte, e o que está mais visível. (D)</p> <p>3ª Idéia: Nós procuramos atender às solicitações da comunidade, sempre que possível. Este ano, nós vamos resgatar a assistência em asilos. (A)</p> <p>5ª Idéia: Em estágios a abordagem humana é o que a gente está mais valorizando, é como checando mesmo. (A)</p> <p>6ª Idéia: O aluno do primeiro ano tem Ética e Cidadania, e Ética Profissional. (D)</p> <p>7ª Idéia: Uma das coisas riquíssimas da nossa escola é a “Semana de Arte”, tem fotografia, pintura, música, é uma coisa muito bonita. (A)</p> <p>1ª Idéia: Nem todos os professores mantêm vínculo com a escola. Eu pergunto: Será que elas estão aqui por dinheiro ou para trabalhar junto comigo na formação do aluno? (A)</p> <p>2ª Idéia: Quanto as atividades extracurriculares, às vezes, a gente participa da campanha de Hipertensão. (D)</p>

Entrevista com coordenadoras - Sexta Questão

EXPRESSÕES CHAVES	IDÉIAS CENTRAIS
<p>CA- <i>Quanto as competências profissionais, no nosso a gente colocou o que é que a gente vê como competência, até para direcionar as competências que estão lá para que sejam melhor entendidas.</i></p> <p>CB- <i>Olha, não foi fácil a gente montar um novo plano de curso, para mim principalmente, eu não acompanhei toda a fase de mudança. Em estar vendo este lado, que tem ter um lado crítico e reflexivo na formação do aluno, na verdade a gente sempre trabalha para isso. O aluno tem que saber formar sua idéia, expor sua idéia. Tem aluno que confunde a crítica com a reclamação. O professor tem que saber escutar o aluno e saber fazer ele entender como ele tem que argumentar a própria crítica dele. A gente trabalha muito isso, não só nas aulas de ética, mas procura estar trabalhando isso em todas as disciplinas, que tem que ter um senso comum, uma reflexão, acho que em todas elas tem que ter, na verdade é isso. Sim a competência foi colocada no papel, mas se trabalha, exercer de uma maneira assim metódica, é lógico que é importante para você saber o que tem que ser e não que você tem que ser robzinho.</i></p>	<p>1ª Idéia: A gente colocou o que vê como competência até para direcionar as competências que estão lá para que sejam melhor entendidas. (C)</p> <p>1ª Idéia: O aluno tem que saber formar suas idéias, expor suas idéias. O professor tem que saber escutar o aluno e saber fazer ele entender como ele tem que argumentar a própria crítica dele. (B)</p> <p>2ª Idéia: Nós trabalhamos a crítica não só nas aulas de ética, mas em todas as disciplinas. (B)</p>

Seguindo a metodologia de Lefevre (2002) " O próximo passo para a construção dos DSC, consiste em denominar cada um dos agrupamentos A,B,C,D, etc, o que na realidade implica em criar uma Idéia Central ou Ancoragem síntese, que expresse, da melhor maneira possível, todas as Idéias Centrais e Ancoragens de mesmo sentido"

Escola A**IC A- As escolas já estão valorizando mais a dimensão humana, mas ainda há o predomínio da dimensão técnica na formação.**

- Existe a dimensão humana, mas ainda predomina a dimensão técnica na formação dos alunos.
- Do técnico é cobrado a técnica.
- O técnico dentro do hospital é voltado para dar conta do serviço e não da qualidade, não do paciente
- Por mais que nós valorizemos a parte humana, a gente ainda dá mais valor para a parte técnica.
- O aluno fica três anos na escola e tem uma visão política pequena, predominando a visão técnica. A parte ética é mais discutida.

- A formação política, ética e social é importantíssima. Cada uma com sua contribuição, mas o enfoque principal ainda é para a técnica. Há uma tendência em humanizar essa técnica.
- A gente ainda tem o pezinho no tecnicismo. A técnica tem que ser respeitada, mas existem maneiras de você usar a técnica.
- Os alunos depois de formados verão o cliente como um todo, como um ser humano.
- Uma das características dos alunos adolescentes é a imaturidade. Eu adoro dar aula na habilitação, os alunos tem o interesse técnico, mas eles tem uma vivência humana mais aflorada, do que num adolescente.
- Nossa escola é humanista.
- Hoje, já se vê algumas especialidades realizando cursos voltados para a parte humana.
- Precisa criar no aluno a consciência de que é importante a técnica, mas que tem que aflorar a parte humana.
- A nossa preocupação com a formação global é muito grande.
- Quando eu me formei, meu maior problema foi de relacionamento e percebi que só a visão técnica não basta; é preciso ter uma visão psicológica, entender as pessoas.
- Quando eu entrei no campo de trabalho, minha maior dificuldade foi na parte de relacionamento.
- Nós procuramos atender as solicitações da comunidade sempre que possível. Este ano, nós vamos resgatar a assistência em asilos.
- Em estágio, a abordagem humana é o que a gente está mais valorizando, é como checando mesmo.
- Fazendo a terapia do abraço, nas primeiras aulas, para que eles possam enxergar o colega como um ser humano.
- Uma das coisas riquíssimas da nossa escola e a “Semana de Artes”, tem fotografia, pintura, música, é uma coisa muito bonita.

IC B- Humanizar o cuidado é ver o cliente como um todo, porém ainda prevalece uma visão dicotômica entre dimensão técnica e humana.

- Houve melhora da parte humana na enfermagem, mas ainda há bastante contraste no ambiente de trabalho.
- Ainda é bem heterogênea a forma de atenção dada pelas enfermeiras.

- A formação dos primeiros anos é mais técnica, com os terceiros anos a formação é técnica, mas há predomínio do lado humano.
- O cuidar exige uma ação humana independente da técnica.
- O lado técnico e humano se complementam.
- O cuidado com os detalhes da técnica é estressante.
- A parte humana vai ser passada, quando se diminuir a ansiedade pela transmissão da técnica.
- Dá para aproximar a parte humana da técnica?
- A enfermagem é humana e técnica, não dá para separar.
- Cuidado humanizado é respeitar o paciente e a equipe.
- A escola que eu vim tem a preocupação com a humanização de uma forma mais ampla.
- O cuidado de enfermagem é essencialmente humano, mas ainda a formação não abrange essa dimensão.
- Humanização é ver o cliente como um todo.
- Para humanizar o cuidado, é preciso a instituição se humanizar.
- De fato, a gente estava na discussão de humanização no cuidado de enfermagem. Nós não chegamos à dimensão humana em todas as suas faces.
- Quando se fala em dimensão humana se centra em humanização do cuidado e não do ser humano como um todo.
- Para humanizar os cuidados primeiro, é preciso humanizar os serviços e a equipe.
- O principal objetivo de nossa escola agora é a humanização.
- Nós estamos humanizando todas as disciplinas.

IC C- Os professores tem um papel importante para a construção de espaços de discussão e troca, mas relatam ter dificuldades para compreender a política que envolve as leis educacionais.

- A importância da formação é estar abrindo espaço para discussões.
- Os docentes têm a possibilidade de fazer o aluno enxergar e mudar, conseguem fazer essa troca.
- O educador forma opiniões.
- Os técnicos e auxiliares têm uma formação adequada com a formação de seus docentes.
- Na nossa escola a realidade é diferente de um hospital. Nosso grupo é homogêneo em termos de atitudes e responsabilidades.

- Na nossa escola, um professor complementa o conteúdo do outro.
- A formação crítico-reflexiva só acontece com o treinamento do professor. O professor precisa fazer esse exercício com mais competência.
- A equipe de professores que trabalha conosco pensa da mesma maneira. O objetivo principal agora é a humanização. Dentro de todas as disciplinas o enfoque é dado para essa parte humana.
- Eu não entendia de carga horária e LDB, tinha uma visão tecnicista. Eu comecei a entender dessas leis com a prática.
- LDB é uma medida do governo para gerar empregos.
- A lei deveria ser discutida antes de ser colocada na prática.
- A lei deveria ser amadurecida e depois ser implantada, só que foram impostas.
- As competências para alguns, não são compreendidas.
- A definição de competência de acordo com a lei, fica muito preso a procedimentos e para mim vai muito além disso.
- A gente colocou o que vê como competência, até para direcionar as competências que estão lá, para que sejam melhor entendidas.
- Nós professores não somos políticos. Não conseguimos passar a parte política na formação para o aluno.
- O professor da disciplina de história ensina os alunos a argumentar e se posicionar.
- A parte política é conhecer o funcionamento do Conselho Municipal, o Conselho Tutelar.
- A Saúde Pública é uma área que dá uma visão política mais crítica do sistema de saúde.
- A enfermagem é fraca politicamente. Quando tem uma greve, nós não participamos da paralisação.

IC D- Durante a formação, os alunos desenvolvem o auto-conhecimento e a reflexão, isso vem nos mostrar a importância das ciências humanas e sociais nos currículos escolares.

- Cada aluno traz uma bagagem, diferenciando um do outro.
- A bagagem emocional e cultural que o aluno traz é importante na hora em que vai trabalhar.
- O aluno precisa se conhecer e se gostar, para então gostar do outro que vai cuidar.
- Se durante a formação o aluno resgatar seus valores, quando se tornar profissional, será apenas o reflexo do que ele é.

- Na nossa escola, o aluno tem liberdade de escolher se quer assistir aula ou não e isso gera responsabilidade. Ele interage com outros cursos.
- Nesse escola o objetivo é desenvolver o senso crítico do aluno. Pelo menos esse é o começo.
- Nossos alunos tem uma postura crítica.
- O aluno é diferente de quando entra e sai do curso, pode ser devido à observação e reflexão.
- Defendo a valorização e retorno das ciências sociais e humanas, nos currículos.
- Essa bagagem social e cultural pode ser construída através das ciências humanas e sociais.
- Eu tive conteúdos de auto-conhecimento na disciplina de Saúde Mental.
- O nível social e cultural interfere, porque é muito diferente entre os alunos.
- A formação social, ética e política seria mais fora da escola, dentro da casa, da família.
- Todo o conteúdo programático de Psicologia é o que tem de mais forte, e o que está mais visível.
- O aluno do primeiro ano tem Ética e Cidadania e Ética Profissional.

IC E- São claras as propostas de mudança para uma formação mais ampla, envolvendo as dimensões humanas, mas o grupo de professores não têm forças para manter encontros e reuniões entre as escolas.

- Fazer trocas através de grupos de estudo, encontros, e-mail.
- Sair do nosso espaço e formar um grupo mais abrangente.
- Fazer trocas, o que vai contribuir para a valorização da profissão.
- Fazer reuniões com outras escolas, trocar experiências.
- Criar um espaço de reflexão.
- A pesquisa pode gerar muitas propostas.
- Quanto mais se conversa, maior a possibilidade de aprender essa implantação que privilegia a dimensão humana.
- Acho que juntas temos chances de melhora. A saída é aumentar os contatos e encontros.
- Talvez a primeira discussão seja essa, o que é para cada um de nós dimensão humana.
- Conscientizar o corpo docente da escola sobre a importância dessas reuniões, conversas e encontros.
- Você começa a pesquisar no ensino médio e não acha diferença do enfermeiro. Esta é uma forma de se reunir e unir.
- Nós estamos humanizando todas as disciplinas.

- Nós procuramos atender às solicitações da comunidade, sempre que possível. Este ano nós vamos resgatar a assistência em asilos.
- De repente, o grupo vai se desunindo, vai perdendo a força, porque os componentes do grupo vão perdendo a disponibilidade.
- Para a instituição este tipo de reunião não é importante.
- Há uma certa competição entre as escolas, todas se acham melhor e assim se fecham para a troca.
- A troca de experiência entre as escolas é bem pequena.
- Nós participamos do GIPEEM, mas depois fomos perdendo contato.
- O pessoal não valoriza essa troca.

Ancoragem

AC A- Ainda há o predomínio da formação técnica, mas existem propostas para uma formação mais ampla e com qualidade.

- A parte técnica ainda é mais importante.
- Ainda há um predomínio da formação técnica, nas escolas de enfermagem.
- Existe um discurso de humanização por parte das instituições, mas na prática ainda se valoriza a técnica.
- Um preparo adequado do enfermeiro, levará a um docente mais equipado para formar melhor os técnicos de enfermagem.
- Está havendo uma maior preocupação com a formação humana, o que vai acarretar uma formação mais humanizada para os técnicos e auxiliares.
- A partir do momento que a enfermagem entender a importância da pesquisa, ela vai ter mais espaços para a mudança.
- A enfermagem está se achando.
- As escolas estão começando a se preocupar com a formação humana, porém ainda há o predomínio da formação técnica, nas escolas de enfermagem.
- Estão abrindo vários cursos e formando profissionais, não, necessariamente, competentes.
- Um comentário que as pessoas fazem. Por que vocês não escrevem o que vocês fazem? Tem pouca pesquisa na área de ensino médio.

Escola B**IC A- O papel do professor é ver o aluno como um todo, porém esse mesmo professor tem dificuldade de compreender a LDB e a formação por competências.**

- A maioria das classes percebe o valor daquilo que a gente está objetivando e vem junto nesta qualidade.
- Algumas disciplinas em enfermagem estão muito centradas em um só olhar. É uma equipe com o olhar humanizado, trabalha mais em equipe...
- Quem é que tem esse olhar mais completo, que se possa ver esse trabalho?
- O professor pode mudar essa realidade fragmentada, começando a entender o aluno como um todo.
- O professor também tem uma educação fragmentada.
- É preciso saber os fundamentos da técnica, sem necessariamente executá-la como o outro.
- O papel do professor é entender o que está além do lado técnico.
- Às vezes, o aluno não é bom na técnica, mas é bom nas relações
- Importante conscientizar o aluno sobre as diversas faces que envolvem a profissão de enfermagem.
- Eu ensino o que é possível, o resto o aluno faz. Assim se perde a idéia de que o educador é agente de mudança.
- Eu abordo com os alunos uma somatória de conhecimentos, para que saiam com competência profissional.
- Eu procuro trazer na aula a escuta psicológica.
- Tenho encontrado muita resistência em cuidar um pouco desse corpo, que vai cuidar do outro corpo.
- Tem momento que sinto que não sou a mais simpática da sala de aula e nem a pessoa mais querida, mas isso ajuda na reflexão.
- Trabalho a reflexão, para que o aluno perceba que ele é um componente de cura.
- Dimensão humana é tudo que se faz pela melhoria da pessoa humana.
- Falar sobre dimensão humana, não é uma coisa tão simples assim.
- O relacionamento humano, o comportamento humano tem que contar para a formação.
- O professor é quem avalia o aluno como um todo. Tentar trabalhar o lado psicológico do aluno, porque ele chora ou ri.

- Quando se faz atribuição de aula, a dúvida é o que vai se fazer com a nova LDB... Se o professor passa uma competência, o aluno vai ou não adquirir essa competência.
- Eu não entendo essa lei de diretrizes e bases.
- Buscar fora da escola respostas. Hoje, o professor não pode se acomodar.
- Nem todos os professores mantêm vínculo com a escola. Eu pergunto: - Será que elas estão aqui por dinheiro ou para trabalhar junto comigo na formação do aluno?

IC B- Os alunos chegam no curso com dificuldades financeiras, uma bagagem emocional limitada e em diferentes graus de maturidade, dessa forma fica difícil propiciar momentos de sensibilização e reflexão durante a formação.

- O aluno valoriza mais a técnica e resiste em aceitar as disciplinas que envolvem auto-conhecimento.
- Se os alunos não estiverem prontos emocionalmente, não terão o que dar para o cliente.
- A carga horária de psicologia é insuficiente para sensibilizar os alunos.
- Os alunos chegam no curso com uma bagagem limitada.
- Parte do que se vive dentro da escola pode ser mudado. Tem algo que precisa resgatar que é a parte individual.
- A dimensão física a enfermagem consegue trabalhar, porém a dimensão emocional e mental, ela não consegue atingir.
- O profissional de enfermagem não está cuidado nessa dimensão emocional.
- Nossa profissão está diretamente relacionada com o cuidar, o que exige uma estrutura emocional elaborada, sendo difícil encontrar pessoas adequadas.
- A maturidade de cada nível de formação em enfermagem é diferente.
- Os alunos do curso integrado são imaturos. Os alunos de nível auxiliar são mais maduros.
- Os alunos do curso técnico são exigentes. É um pessoal que geralmente já trabalha na área.
- Os alunos do curso auxiliar são mais imaturos, que os alunos de nível técnico.
- Os técnicos que já atuam na profissão respeitam o trabalho da professora de psicologia.
- Os alunos do curso de complementação são mais exigentes.
- Os alunos do curso auxiliar precisam de um modelo. Já os alunos de complementação vêm a realidade de forma diferente.

- Cada nível de formação tem uma compreensão e é conversando que vou entender a parte humana de cada um.
- Os alunos do curso técnico gostariam de fazer uma faculdade. É um pessoal que geralmente já trabalha na área.
- A vida dos alunos é muito trágica. Uma condição emocional precária.
- Alguns alunos tem dificuldade até para pagar a condução.
- A vida desses aluno é marcada por muito sofrimento.
- As dinâmicas de sala de aula levanta uma questão: como conseguiu sobreviver?
- Como pessoas tão frágeis, tem força que motiva a procurarem atividades para cuidar do outro?
- Muitas vezes, é que a maioria das vezes a gente não está preparada, porque a gente não consegue, a gente não tem nem para a gente. Como que você tira alguma coisa de um saco vazio? Não tem como, por mais que vá, se esforce!
- A reflexão é todo momento de nossa vida...eu preciso saber porque sou a Maria e porque escolhi ser enfermeira ou auxiliar de enfermagem.
- A formação crítico-reflexiva é voltada para o entendimento do corpo.
- Propiciar esse momento reflexivo é atravessar barreiras.
- Na prática, não se deixa o aluno refletir sobre o procedimento que vai fazer.
- O aluno tem que saber formar suas idéias, expor suas idéias. O professor tem que saber escutar o aluno e saber fazer ele entender como ele tem que argumentar a própria crítica dele.
- Nós trabalhamos a crítica, não só nas aulas de ética, mas em todas as disciplinas.

IC C- É importante a formação política, ética e social, porém o cenário que se apresenta na área da saúde é muito feio e pessimista.

- É muito importante a formação política, ética e social. Eu creio que está ligada à educação e com isso o aluno vai ter uma formação mais ampla.
- A formação política, ética e social é importante, mas não abrange toda a dimensão humana. Há necessidade de uma mudança curricular.
- Esses três pilares, somando ao religioso, são essenciais para a formação do profissional.
- Quando se olha para esse cenário político, ético e social é uma desesperança. No meio hospitalar, tudo parece muito feio.

- Fazer essa formação é muito utópica. A saída para a formação é individual, na realidade não há muita saída.

IC D – Reuniões e encontros são propostas de mudanças para uma formação mais ampla envolvendo as dimensões humanas.

- Ter uma carga horária maior de psicologia, para se discutir o aluno, seu comportamento, seu crescimento.
- Ter mais reuniões de professores, maior discussão sobre os alunos.
- Proposta de ver a realidade do aluno e transformá-la, trabalhando em sala de aula.
- Buscar compor essa idéia de dimensão técnica e humana, dentro da sala de aula.
- O professor pode mudar essa realidade fragmentada, começando a entender o aluno como um todo.
- Uma das propostas é trabalhar a identidade dos alunos.
- Se nós nos ampararmos, faremos a diferença.
- Nós estamos comungando coisas importantíssimas aqui.
- Acho que as escolas tem que trabalhar não só com alunos e aulas, mas também com os professores.
- Procuo fazer reuniões com os professores e sempre que preciso, peço ajuda.
- Toda mudança que faço na escola, envolvo os professores.
- A gente leva os alunos para fazerem atividade fora da escola.
- Quanto às atividades extracurriculares, às vezes, a gente participa da campanha de Hipertensão.

Ancoragem

AC A- Apesar das escolas serem vistas como empresas e visarem lucro, os professores estão fazendo sua parte.

- A maioria dos professores está fazendo sua parte, mas as escolas eu as vejo como empresas.
- Hoje se visa o lucro na maioria das escolas, não só de enfermagem. Em alguns momentos quem coordena tem que falar a linguagem do dono da escola, mas não pode perder a visão do todo.

AC B- O cuidado humanizado não responde a todas as dimensões humanas na formação. O aluno chega com uma bagagem emocional precária, por este motivo é importante a valorização da ciências humanas na formação.

- As mudanças curriculares valorizam o papel do psicólogo e nutricionista, dentro da escola de enfermagem.
- O cuidar do outro com docilidade nem sempre contempla toda a dimensão humana.
- A procura por enfermagem está relacionada com a história de vida.
- A parte emocional dos alunos é uma lacuna que não se consegue preencher, não só nas escolas de enfermagem.

4.4.3- Construindo os Discursos do Sujeito Coletivo - Instrumento de Análise do Discurso 2

A próxima etapa será o início da construção do DSC e para isso utilizaremos o *INSTRUMENTO DE ANÁLISE DO DISCURSO 2 - (IAD 2)*. Reuniremos todas a ECH de cada grupo em uma mesma tabela, apenas seguindo o texto original. Para isto, basta copiar as Expressões Chaves que estão em itálico e grifo. Somente em uma etapa posterior, é que as Expressões Chaves serão organizadas. Entretanto o conteúdo deve ter coerência, com começo, meio e fim. Segundo Lefevre, (2002) a ligação entre as partes do discurso ou parágrafo deve ser feita através da introdução de conectivos que proporcionem a coesão do discurso. Deve-se eliminar os particularismos de sexo, idade, eventos particulares, doenças específicas. Deve-se eliminar as repetições de idéias, sendo que nesta fase o pesquisador tem a liberdade de fazer algumas alterações gramaticais para dar continuidade e sentido ao discurso, sem perder a essência das falas dos participantes.

INSTRUMENTO DE ANÁLISE DO DISCURSO 2

Escola A

A- As escolas já estão valorizando mais a dimensão humana, mas ainda há o predomínio da dimensão técnica na formação.

EXPRESSÕES CHAVES	DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO
P1- <i>Existe uma dimensão humana, mas que ainda há uma ênfase para a dimensão técnica na formação dos alunos.</i>	Eu acho que está mudando, mas ainda se dá valor para a parte técnica. Quando você vai ver a prática, o técnico lá dentro do hospital, ele ainda é muito voltado para dar

<p>P2- <i>Eu acho que minha experiência, que é cobrado muito do técnico é a técnica. Eu acho que é um enfoque diferente que é cobrado deles.</i></p> <p>P5- <i>Eu acho que está mudando, mas ainda se dá valor para a parte técnica. Quando você vai ver a prática, o técnico lá dentro do hospital, ele ainda é muito voltado para dar conta do serviço e não a qualidade, não o paciente, ainda é formado assim, mas isso é um processo...Porque eu acho que se faz isso porque ele vê nossa cobrança aqui dentro, por mais que a gente fale que a gente dá valor para a parte humana, a gente ainda dá valor para a parte técnica.</i></p> <p>P5- <i>Eu acho que o técnico fica três anos aqui, e o que a gente vive falando médio, mas não tem habilitação, que também é um aluno técnico e que essa parte política é bem pequena mesma. Acho que tem muito mais a visão técnica.</i></p> <p>P1- <i>Pergunta se a formação política, ética e social é importante, importantíssima. A forma que ela vai inserir talvez não fique tão evidente, mas cada um vai dar uma contribuição, existe a contribuição da Ética, existe a contribuição da Saúde Pública que parte dessa política do aluno, para estar atento ao sistema de saúde de forma geral, mas nosso enfoque principal não é esse, é um enfoque mais para a técnica, com uma tendência bastante especial e acentuada em humanizar essa técnica, mas eu não sei se a gente consegue ter muito êxito no campo político e social.</i></p> <p>CA- <i>A gente ainda tem o pezinho no tecnicismo, porque a gente foi formada nessa linha, mas a gente está tentando passar essa linha. Eu acho que a técnica tem que ser respeitada, mas existem maneiras de você usar a técnica e usar a técnica, né?</i></p> <p>P4- <i>Acho que quando eles entrarem no mercado de trabalho, eles vão levar essa carga de ver o cliente, não só a patologia, o curativo, o banho que foi dado, mas vê-lo como um todo, como ser humano, tratar ele como ser humano, respeitando as vontades, as limitações.</i></p> <p>P2- <i>O que pega muito é a imaturidade. Uma vez eu peguei um aluno que pôs uma comadre no paciente, tinha mais três no quarto, o paciente descoberto, sem um biombo, a hora que eu cheguei e vi aquilo! Mas o aluno não se toca, entendo que isso precisa, é fundamental, né? É isso que eu falo, a gente tem que falar tantas coisas básicas para eles, de higiene, percepção da situação, que às vezes a imaturidade conta. Eu adoro dar aula na habilitação, porque o interesse deles, tem aquele interesse técnico, mas eles tem uma característica humana muito trabalhada, uma vivência, tem essa parte humana mais a florada do que num adolescente.</i></p> <p>P1- <i>A gente está falando de forma geral, se for particularizar, como a escola poderia ser mais humanista, a nossa escola é humanista, eu acho que é.</i></p> <p>P2- <i>A pediatria preocupava muito com técnica, técnica, técnica, tudo via o paciente como técnica.</i></p>	<p>conta do serviço e não a qualidade, não o paciente, ainda ele é formado assim, mas isso é um processo...Se faz isso porque ele vê nossa cobrança aqui dentro, por mais que se fale que se valoriza a parte humana, nós ainda valorizamos a parte técnica, ainda estamos com o pezinho no tecnicismo, porque fomos formada nessa linha, mas estamos tentando passar essa linha. Eu acho que a técnica tem que ser respeitada, mas existem maneiras de você usar a técnica e usar a técnica, né?</p> <p>A minha experiência diz que o que é cobrado muito do técnico é a técnica. Eu acho que é um enfoque diferente que é cobrado deles. Existe uma dimensão humana, mas que ainda há uma ênfase para a formação técnica.</p> <p>O técnico fica três anos aqui na escola, ele tem muito mais a visão técnica e a parte política é pouco abordada, mas a formação política, ética e social é importantíssima. A forma que ela vai inserir talvez não fique tão evidente, mas cada um vai dar uma contribuição. Existe a contribuição da Ética, existe a contribuição da Saúde Pública que parte dessa política do aluno, para estar atento ao sistema de saúde de forma geral, mas nosso enfoque principal não é esse, é um enfoque mais para a técnica, com uma tendência bastante especial e acentuada em humanizá-la, mas eu não sei se a gente consegue ter muito êxito no campo político e social.</p> <p>Um outro fator que pega muito é a imaturidade. Uma vez, eu peguei um aluno que pôs uma comadre no paciente, tinha mais três no quarto, o paciente descoberto, sem um biombo, a hora que eu cheguei e vi aquilo! Mas o aluno não se toca, entendo que isso precisa, é fundamental, né? É isso que eu falo, a gente tem que falar tantas coisas básicas para eles, de higiene, percepção da situação, que às vezes, a imaturidade conta. Eu adoro dar aula na habilitação, porque o interesse deles, tem aquele interesse técnico, mas eles tem uma característica humana muito trabalhada, uma vivência, tem essa parte humana mais a florada do que num adolescente.</p> <p>...quando me formei e fui trabalhar em hospital, havia problemas de relacionamento. Eu pensei que fosse esbarrar em técnicas, mas se percebia a necessidade de ter uma visão mais psicológica, mais conjunta, mais de psicologia para lidar com aquilo.</p> <p>... o preparo técnico foi muito grande. Dava-se importância em saber se era melhor, em fazer e acontecer e no campo de trabalho, a maior dificuldade, foi na parte de relacionamento com a própria equipe.</p> <p>A pediatria se preocupava muito com técnica, técnica, técnica, em todos os aspectos se via o paciente como técnica. Hoje está mudando, de uns tempos para cá, a gente percebe que os eventos que eles realizam estão voltados muito mais para a parte humana do que para a parte técnica.</p> <p>Isso que eu acho é essa consciência que precisa criar no aluno, você não pode deixar de cobrar a parte técnica, mas tem que a florar a parte humana.</p> <p>A gente está falando de forma geral, se for particularizar, como a escola poderia ser mais humanista,</p>
--	---

<p><i>Hoje está mudando, de uns tempos para cá, a gente percebe que os eventos que eles realizam estão voltados muito mais para a parte humana do que para a parte técnica.</i></p> <p>P2- <i>Isso que eu acho, é essa consciência que precisa criar no aluno, você não pode deixar de cobrar a parte técnica, mas tem que aflorar parte humana.</i></p> <p>P5- <i>A nossa instituição, a nossa preocupação com a formação global é muito maior. O grupo é preocupado, sempre procurando, conversando, se reciclar, trocar idéias, ajudar. Tem uma preocupação com a formação, o pessoal procura sempre estar fazendo reuniões, discutindo.</i></p> <p>P3- <i>...quando me formei e vim para a Casa de Saúde, o que mais eu tive de problema foi de relacionamento. Eu pensei que fosse esbarrar em técnicas, mas aí que eu senti a necessidade de ter uma visão mais psicológica, mais conjunta, mais de psicologia para lidar com aquilo.</i></p> <p>P5- <i>eu me preparei muito tecnicamente, eu dava uma importância muito grande em saber se era melhor em fazer e acontecer e quando eu entrei no campo a minha maior dificuldade em desempenhar o meu papel foi na parte de relacionamento com a própria equipe.</i></p> <p>CA- <i>Nós procuramos atender as solicitações da comunidade sempre que possível. Esse ano colocamos uma carga maior de Introdução de Enfermagem, com horas de estágio não hospitalar, nós vamos resgatar a assistência em asilos.</i></p> <p>CA- <i>Em estágio, a abordagem humana é o que a gente está não valorizando, é como checando mesmo.</i></p> <p>CA- <i>Fazendo a terapia do abraço nas primeiras aulas, para que eles possam enxergar o colega como um ser humano e não como uma pessoa que disputou uma vaga com ele.</i></p> <p>CA- <i>Uma das coisas riquíssimas da nossa escola é a “Semana de Artes”, tem fotografia, pintura, música e é uma coisa muito bonita e une, porque eles têm se voltado para nossa área de trabalho, para nossa comunidade.</i></p>	<p>a nossa escola é humanista e a nossa preocupação com a formação global é muito maior. O grupo é preocupado, sempre procurando, conversando, se reciclar, trocar idéias, ajudar. Tem uma preocupação com a formação, o pessoal procura sempre estar fazendo reuniões, discutindo, procuramos atender as solicitações da comunidade sempre que possível. Esse ano, colocamos uma carga maior de Introdução de Enfermagem, com horas de estágio não hospitalar, nós vamos resgatar a assistência em asilos. Em estágio, a abordagem humana é o que a gente está não valorizando, é como checando mesmo.</p> <p>Estamos fazendo a terapia do abraço nas primeiras aulas, para que eles possam enxergar o colega como um ser humano e não como uma pessoa que disputou uma vaga com ele e uma das coisas riquíssimas da nossa escola é a “Semana de Artes”, tem fotografia, pintura, música e é uma coisa muito bonita e une, porque eles têm se voltado para nossa área de trabalho, para nossa comunidade.</p> <p>Assim, quando os alunos entrarem no mercado de trabalho, eles vão levar essa carga de ver o cliente, não só a patologia, o curativo, o banho que foi dado, mas vê-lo como um todo, como ser humano, tratar ele como ser humano, respeitando as vontades, as limitações...</p>
---	---

B- Humanizar o cuidado é ver o cliente como um todo, porém ainda prevalece um visão dicotômica entre a dimensão técnica e humana.

EXPRESSÕES CHAVES	DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO
<p>P3- <i>Melhorou muito esta parte humana da enfermagem, o pessoal tinha medo das enfermeiras. Eu acho que atualmente as pessoas dão atenção, são mais dóceis com os pacientes, mas vejo bastante contraste ainda no ambiente de trabalho. Tem aquelas que são muito impessoais, tratam o paciente como se ele já soubesse tudo que deveria acontecer. Eu vejo que tem as enfermeiras que dão atenção e tem aquelas que tratam como se eles não fossem ninguém, eu vejo assim, bastante heterogêneo esse cuidado.</i></p>	<p>Melhorou muito esta parte humana da enfermagem, o pessoal tinha medo das enfermeiras. Eu acho que atualmente as pessoas dão atenção, são mais dóceis com os pacientes, mas vejo bastante contraste ainda no ambiente de trabalho. Tem aquelas que são muito impessoais, tratam o paciente como se ele já soubesse tudo que deveria acontecer. Eu vejo que tem as enfermeiras que dão atenção e tem aquelas que tratam como se eles não fossem ninguém, eu vejo assim, bastante heterogêneo esse cuidado.</p>

<p>P2- <i>Quando eu vim para cá, eu achava que a parte técnica não precisava falar isso. Um exemplo que precisava virar para dar banho, promover o conforto, para mim era muito óbvio certas coisas e eu fui percebendo que para o aluno não é, tem que falar detalhes que parece tão óbvio que às vezes o aluno não consegue enxergar, né? Eu acho que no primeiro ano, a gente dá muita informação técnica para eles, é o que eu sinto, já com o terceiro ano, você dá essa informação técnica, mas você se preocupa muito com o lado humano, né? Do profissional explorar esse lado humano, essa compaixão pelo outro, essa preocupação. Na hora de uma punção venosa, não é pegar no pé do bebezinho como se estivesse pegando uma borracha, ou uma mão, tem que ter muito cuidado na hora de lidar com a pessoa, não só a criança, principalmente com o acompanhante. Eu acho que de uma maneira geral a gente tem dois extremos, tem o lado técnico que é fundamental e o lado humano, que acho que um não dá para viver sem o outro.</i></p> <p>P3- <i>Eu acho que aquele estresse técnico, aquela pressão que tudo tem que ser misterioso, que não pode contaminar: - Cuidado olha onde você põe a mão! São tantos detalhes...</i></p> <p>P2- <i>No primeiro ano em Introdução de Enfermagem, eles estão preocupados agora, não é com o paciente, eles querem saber aplicar injeção, quem vai fazer curativo, eles querem técnica, técnica. Eu acho que a hora que sanar essa ansiedade de técnicas, eu acho que a gente vai conseguir passar a parte humana para eles, não que não seja importante, acho fundamental, mas acho que cada época tem um peso diferente.</i></p> <p>P4- <i>Será que dá tempo para você fazer humanização? Trabalhar mais...Mas a enfermagem é só técnica?</i></p> <p>P2- <i>Eu não vejo enfermagem só como técnica. Para mim é um conjunto. Eu não vejo enfermagem só como técnica, mas eu não consigo, eu vejo que ela é humana e técnica. Eu não consigo separar as duas.</i></p> <p>P4- <i>Então batia-se muito nessa tecla da assistência ser uma coisa completa. Pela visão que eu tenho, esse atendimento humanizado para o paciente é você respeitar o paciente e respeitar a equipe, e agora né? eu sou iniciante, eles também são iniciantes, meu grupo nunca entrou em hospital. Eu procuro fazer uma reunião antes, conversar com eles, você vai tratar dele e não da patologia, não ver o seu cliente como é a “gastre” do quarto dois, não, o nome dele, pega o prontuário, vê o que ele tem, chega e conversa, se tem acompanhante, explica, e então eu estou procurando trabalhar muito isso.</i></p> <p>P1- <i>Acho que ainda persiste no discursos em relação à humanização dos cuidados coisa que é tão óbvia, quando fala em enfermagem, a gente pensa em cuidado, quando pensa em cuidado, você pensa no ser humano. O cuidado em enfermagem é essencialmente humano, que mexe com gente, então eu acho que é uma coisa muito clara, mas no discurso, na prática não vejo</i></p>	<p>Os alunos no primeiro ano em Introdução de Enfermagem, estão preocupados não é com o paciente, eles querem saber aplicar injeção, quem vai fazer curativo, eles querem técnica, técnica. Eu acho que a hora que sanar essa ansiedade de técnicas, eu acho que a gente vai conseguir passar a parte humana para eles, não que não seja importante, acho fundamental, mas acho que cada época tem um peso diferente.</p> <p>... porque aquele estresse técnico, aquela pressão que tudo tem que ser misterioso, que não pode contaminar: - Cuidado olha onde você põe a mão! São tantos detalhes...</p> <p>Mas será que dá tempo para você fazer humanização? Trabalhar mais...Mas a enfermagem é só técnica?</p> <p>Quando eu vim dar aulas nessa escola, eu achava que não precisava falar que precisava virar para dar banho, promover o conforto, para mim era muito óbvio certas coisas e eu fui percebendo que para o aluno não é, tem que falar detalhes que parece tão óbvio que, às vezes, o aluno não consegue enxergar, né? Eu acho que no primeiro ano, a gente dá muita informação técnica para eles, é o que eu sinto, já com o terceiro ano, você dá essa informação técnica, mas você se preocupa muito com o lado humano, né? Do profissional explorar esse lado humano, essa compaixão pelo outro, essa preocupação. Na hora de uma punção venosa, não é pegar no pé do bebezinho como se estivesse pegando uma borracha, ou uma mão, tem que ter muito cuidado na hora de lidar com a pessoa, não só a criança, principalmente com o acompanhante. Eu acho, que de uma maneira geral, a gente tem dois extremos, tem o lado técnico que é fundamental e o lado humano, que acho que um não dá para viver um sem o outro.</p> <p>A enfermagem não é só técnica. É um conjunto. Ela é humana e técnica, não se consegue separar as duas.</p> <p>O atendimento humanizado para o paciente é você respeitar o paciente e respeitar a equipe, e agora né? Se o grupo de alunos é iniciante, nunca entrou num hospital, é importante fazer uma reunião antes, conversar com eles, você vai tratar dele e não da patologia, não ver o seu cliente como é a “gastre” do quarto dois não, o nome dele, pegar o prontuário, ver o que ele tem, chegar e conversar, se tem acompanhante, explicar, e então procura-se trabalhar muito isso.</p> <p>Mas ainda persiste no discursos em relação à humanização dos cuidados, coisa que é tão óbvia, quando fala em enfermagem, a gente pensa em cuidado, quando pensa em cuidado, você pensa no ser humano. O cuidado em enfermagem é essencialmente humano, que mexe com gente, então eu acho que é uma coisa muito clara, mas no discurso. Na prática não vejo esse profissional ser atendido, na própria formação. Passar como?</p> <p>Primeiro, tem que se humanizar o serviço, a equipe. Tem que estruturar a equipe e para conseguir priorizar o cuidado humanizado, quando você fala da dimensão humana no cuidar, precisa, primeiro, a instituição se humanizar. Mas as pressões estão tão grandes que você não consegue verificar essa dimensão humana, você é</p>
---	---

<p><i>esse profissional ser atendido na própria formação. Passar como?</i></p> <p>P4- <i>Ver o cliente como um todo, verificar o fator psicológico, emocional, tudo isso que é humanização, eu não sei, eu acho que é uma sementinha.</i></p> <p>P1- <i>Para conseguir priorizar o cuidado humanizado, quando você fala da dimensão humana no cuidar, precisa primeiro a instituição se humanizar. Mas as pressões estão tão grandes que você não consegue verificar essa dimensão humana, você é tecnicista que atende a expectativa do administrador do seu hospital.</i></p> <p>P1- <i>De fato a gente estava na discussão de humanização no cuidado de enfermagem, porque eu acho que a gente não chegou na dimensão humana em todas as suas faces. Tem a face social, por exemplo, uma face política, que muitas questões que precisam ser resolvidas naquele momento com o paciente é uma questão social, não necessariamente um cuidado de enfermagem. Você pode dar muito bonitinho orientações sobre amamentação, incentivo à amamentação, mas se a mãe não puder se alimentar, não tiver com quem deixar esse filho, você não vai estar olhando para ela como um ser humano completo. Eu acho que nós ficamos muito na dimensão humana da humanização em relação ao cuidar do indivíduo, bem direcionado a isso, não como um ser humano, como um todo. Acho que vai além da assistência que a gente está dando.</i></p> <p>P4- <i>Para se falar mesmo de humanização dos cuidados, primeiro tem que se humanizar o serviço, a equipe, tem que estruturar a equipe.</i></p> <p>CA- <i>Nosso objetivo principal agora é a humanização, é nesse foco que nós estamos centrando todas nossas atenções. Formando pessoas melhor, porque quem está lá dificilmente se modifica.</i></p> <p>CA- <i>Então, a gente está humanizando todas as disciplinas e no momento é nosso foco principal.</i></p>	<p>tecnicista que atende a expectativa do administrador do seu hospital, mas para humanizar esse cuidado é preciso também ver o cliente como um todo, verificar o fator psicológico, emocional, tudo isso que é humanização, eu não sei, eu acho que é uma sementinha.</p> <p>De fato, a gente estava na discussão de humanização, no cuidado de enfermagem, porque eu acho que a gente não chegou na dimensão humana em todas as suas faces. Tem a face social, por exemplo, uma face política, que muitas questões que precisam ser resolvidas naquele momento com o paciente é uma questão social, não necessariamente um cuidado de enfermagem. Você pode dar muito bonitinho orientações sobre amamentação, incentivo à amamentação, mas se a mãe não puder se alimentar, não tiver com quem deixar esse filho, você não vai estar olhando para ela como um ser humano completo. Eu acho que nós ficamos muito na dimensão humana da humanização em relação ao cuidar do indivíduo, bem direcionado a isso, não como um ser humano, como um todo, que vai além da assistência que a gente está dando.</p> <p>Mas nosso objetivo principal, agora, aqui na escola é a humanização, é nesse foco que nós estamos centrando todas nossas atenções em todas as disciplinas. Formando pessoas melhor, porque quem está lá dificilmente, se modifica...</p>
---	--

C- Os professores tem um papel importante para construção de espaços de discussão e troca, mas relatam ter dificuldades para compreender a política que envolve as leis educacionais.

EXPRESSÕES CHAVES	DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO
<p>P3- <i>A formação envolve você estar justamente lidando, em estar jogando uma situação, ele estar respondendo, discutindo, quando está em público, porque tem resposta para algumas das dúvidas que eles tem, mas acho que você coloca no grupo a pessoa se define, ela vai caminhando, ela vai se enxergando, vai conseguindo mudar, acho que nós temos possibilidade de aceitar que nós conseguimos realmente fazer essa troca.</i></p> <p>P4- <i>O educador forma opiniões, ele passa isso,</i></p>	<p>A responsabilidade do educador é muito grande, porque o professor forma opiniões e a formação envolve você estar justamente lidando, em estar jogando uma situação, o aluno estar respondendo, discutindo, quando está em público, porque tem resposta para algumas das dúvidas que eles tem, mas acho que você coloca no grupo a pessoa se define, ela vai caminhando, ela vai se enxergando, vai conseguindo mudar. Acho que nós temos possibilidade de aceitar que nós conseguimos realmente fazer essa troca.</p>

<p><i>desperta no alvo. A responsabilidade é muito grande, porque você forma opiniões.</i></p> <p>P4- <i>Então técnicos e auxiliares não vêm assim, porque esses são os formadores.</i></p> <p>P3- <i>Nossa escola tem uma realidade diferente de um hospital. É uma estrutura que nós criamos que propicia refletir, mudar uma grade curricular, discutir um problema de um aluno, chamar pais para conversar, é diferente e assim quantas escolas tem essa compreensão. Aqui o grupo é homogêneo em termos de atitudes e responsabilidades.</i></p> <p>P4- <i>Eu acho que um professor acaba completando o outro. A gente dá uma parte da Ética, dá a postura profissional, política dos conselhos profissionais, política do conselho regional.</i></p> <p>P1- <i>quanto a formação crítico-reflexiva, só ocorre com o treinamento do professor. Para chegar nessa formação, o professor precisa aprender fazer este exercício com mais competência, que é ideal é, com certeza, o que se pode mudar, crítica-reflexão, ação em cima da análise é bom, mas é difícil colocar em prática. Não sei se estou subestimando a capacidade.</i></p> <p>CA- <i>A equipe de professores que trabalham no nosso curso, graças a Deus pensa da mesma maneira. Todos nós estamos enxergando os objetivos, a nossa meta, onde é que nós vamos chegar. Com esse objetivo principal que é agora a humanização.</i></p> <p>P5- <i>Na hora que falava Lei de Diretrizes, carga horária, isso e aquilo, nossa, eu ficava completamente perdida, por que? Apesar de ser professora, mas uma vez com uma visão tecnicista, quando eu fiz a graduação, minha grande preocupação era o bacharelado e a licenciatura eu ia fazendo. Acho que esse anos que a gente tem uma programação de final de ano, que a gente está sentindo como vai ser a carga horária, a montagem dessa grade, no meu caso é aí que eu comecei a visualizar essas leis com a prática.</i></p> <p>P4- <i>Eu acho que a LDB é meramente política, é para gerar emprego. Então, se o governo profissionaliza o pessoal, para eles no meu ponto de vista é para gerar emprego. Para justificar isso politicamente.</i></p> <p>P1- <i>Deveria existir uma lei para se trabalhar num sentido vertical e antes de colocar em prática, para algumas pessoas as competências não são compreendidas. Vem uma lei que é colocada em sentido vertical que não foi discutida e foi colocada em prática antes de ser discutida. A avaliação ainda não é compreendida na sua essência, por muitos professores, isso é uma mecanização, alguns ainda tem dúvida, acham que são obrigados a passar, isso é uma mecanização do entendimento de o que é avaliação que a lei preconiza.</i></p> <p><i>Na lei tem um discurso que na prática é difícil. Acho que tinha que acontecer o inverso. Amadurecer, preparar e depois partir, foram impostas. A impressão que tenho é uma desvalorização do ensino técnico.</i></p>	<p>Então técnicos e auxiliares não vêm assim, porque esses são os formadores.</p> <p>Nós não somos políticos. Nós, professores não conseguimos passar essa parte política, formação política para o aluno. Essa parte é muito mais explorada pelo ensino médio em algumas disciplinas, do que por nós.</p> <p>Eu acho que a gente ainda tem mais dificuldade de ser político, nem sempre é entender da política. É saber se posicionar, é defender o seu ponto de vista, então, realmente o professor de História ensina isto, argumentar, se inserir diante do problema e tomar uma posição e nós somos fracos politicamente. Quando temos greve na instituição, a enfermagem, nosso curso não pára e nós justificamos porque campo de estágio, por “n” situações, que nós não paramos. A nossa visão é ... esse aluno vai se formar de que forma, ele vai deixar de ter esse conteúdo, não pode, não podemos e aí a gente dá todos os suportes possíveis e nós levamos o curso do jeito que tem que ser. É o único que enfrenta greve numa boa.</p> <p>Tem uma área que privilegia as discussões políticas que a Saúde Pública. Apesar de não estar exercendo é a única que tem mesmo uma crítica mais analisada do sistema de saúde.</p> <p>Porém um professor acaba completando o outro. A gente dá uma parte da Ética, dá a postura profissional, política dos Conselhos Profissionais, política do Conselho Regional, Conselho Tutelar...</p> <p>Nossa escola tem uma realidade diferente de um hospital. É uma estrutura que nós criamos que propicia refletir, mudar uma grade curricular, discutir um problema de um aluno, chamar pais para conversar, é diferente e assim quantas escolas tem essa compreensão. Aqui o grupo é homogêneo em termos de atitudes e responsabilidades.</p> <p>A equipe de professores que trabalha no nosso curso, graças a Deus pensa da mesma maneira. Todos nós estamos enxergando os objetivos, a nossa meta, onde é que nós vamos chegar. Com esse objetivo principal que é agora a humanização.</p> <p>Quanto a formação crítico-reflexiva, só ocorre com o treinamento do professor. Para chegar nessa formação, o professor precisa aprender fazer este exercício com mais competência, que é ideal é, com certeza, o que se pode mudar, crítica-reflexão, ação em cima da análise é bom, mas é difícil colocar em prática. Não sei se estou subestimando a capacidade.</p> <p>Há algum tempo atrás, quando se falava em Lei de Diretrizes, carga horária, isso e aquilo, nossa, era difícil entender, por quê? Apesar de ser professora, mas uma vez com uma visão tecnicista, na graduação, a grande preocupação era o bacharelado, e a licenciatura ia se fazendo.</p> <p>Acho que esse anos que a gente tem uma programação de final de ano, que a gente está sentindo como vai ser a carga horária, a montagem dessa grade, no meu caso é aí que eu comecei a visualizar essas leis com a prática.</p> <p>Deveria existir uma lei para se trabalhar num sentido</p>
---	--

<p>P1- <i>Tenho competência em tal curso, vou avaliar se houve eficácia no esquema de vacinação. Isso é competência, para mim não sei o termo, o texto. Eu posso ter competência em coisas pontuais. Com certeza para mim vai muito além do procedimento e que na lei fica muito preso ao procedimento, não sei se é falta de visão minha.</i></p> <p>CA- <i>Quanto as competências profissionais, no nosso caso a gente colocou o que é que a gente vê como competência até para direcionar as competências que estão lá para que sejam melhor entendidas.</i></p> <p>P5- <i>Nós não somos políticos. Nós, professores não conseguimos passar essa parte política, formação política para o aluno. Essa parte é muito mais explorada pelo ensino médio em algumas disciplinas do que por nós.</i></p> <p>P4- <i>A parte política é conhecer o Conselho Municipal como funciona, o Conselho Tutelar, se entende? Essa é a parte política.</i></p> <p>P5- <i>Eu acho que a gente ainda tem mais dificuldade de ser político, nem sempre é entender da política. É saber se posicionar, é defender o seu ponto de vista, então, realmente o professor de História ensina isto, argumentar, se inserir diante do problema e tomar uma posição..</i></p> <p>P1- <i>Tem uma área que privilegia que a Saúde Pública. Apesar de não estar exercendo é a única que tem mesmo uma crítica mais analisada do sistema de saúde.</i></p> <p>P3- <i>Que nós somos fracos politicamente. Quando temos greve na instituição, a enfermagem, nosso curso não pára e nós justificamos porque campo de estágio, por “n” situações, que nós não paramos. A nossa visão é ... esse aluno vai se formar de que forma, ele vai deixar de ter esse conteúdo, não pode, não podemos e aí a gente dá todos os suportes possíveis e nós levamos o cursos do jeito que tem que ser. É o único que enfrenta greve numa boa.</i></p>	<p>vertical e antes de colocar em prática, para algumas pessoas as competências não são compreendidas. Vem uma lei que é colocada em sentido vertical e foi colocada em prática antes de ser discutida. A avaliação ainda não é compreendida na sua essência, por muitos professores, isso é uma mecanização, alguns ainda tem dúvida, acham que são obrigados a passar, isso é uma mecanização do entendimento, de o que é avaliação que a lei preconiza.</p> <p>Na lei tem um discurso que na prática é difícil. Acho que tinha que acontecer o inverso. Amadurecer, preparar e depois partir, foram impostas. A impressão que tenho é uma desvalorização do ensino técnico.</p> <p>Eu acho que a LDB é meramente política, é para gerar emprego. Então, se o governo profissionaliza o pessoal, para eles, no meu ponto de vista é para gerar emprego. Para justificar isso politicamente.</p> <p>Agora, quanto as competências profissionais, no nosso caso a gente colocou o que é que a gente vê como competência até para direcionar as competências que estão lá, para que sejam melhor entendidas. Se eu tenho competência em tal curso, vou avaliar se houve eficácia no esquema de vacinação. Isso é competência, para mim não sei o termo, o texto. Eu posso ter competência em coisas pontuais. Com certeza, para mim vai muito além do procedimento e que na lei fica muito preso ao procedimento, não sei se é falta de visão minha...</p>
--	---

D- Durante a formação os alunos desenvolvem o auto-conhecimento e a reflexão, isso vem nos mostrar a importância das ciências humanas e sociais nos currículos escolares.

EXPRESSÕES CHAVES	DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO
<p>P3- <i>Tem alguns alunos que sobressaem na comunicação, no jeito, no lidar com o paciente e tem outros que só enxergam aquilo que está fazendo com o paciente.</i></p> <p>P5- <i>Eu tenho um exemplo muito bonito dentro da Santa Casa, quando eu entrei para trabalhar lá, eu peguei um plantão muito problemático na parte não técnica, na parte de relacionamento, pessoas excelentes em técnica, é claro que alguns não, mas o problema de relacionamento interferia até na parte técnica, e assim,</i></p>	<p>A formação seria mais fora da escola, dentro da casa, da família... o aluno vai se sentindo responsável, porque nem tem pai e a mãe perto e ninguém cobra que ele vá a aula ..., porque ele define se ele vai assistir ou não, ele tem essa liberdade. Eu acho que isso gera uma responsabilidade e ele interage com outros cursos, com nível universitário que no campus tem também faculdade e acho que é uma fase de crescimento muito grande para ele de auto-conhecimento e de sociabilização e o nível social, cultural, profissional interfere. Acho que por isso</p>

<p>porque um não aceitava as diferenças de cultura. Foi acreditando no potencial de cada uma delas que a gente foi mudando, conversando, foi aprendendo, um entender o outro e principalmente, tendo o carinho e respeito pelo paciente. Acho que o que o aluno traz com ele , tirando a técnica, a formação, é muito importante, é isso daí que vai ter uma influência muito grande na hora que ele vai trabalhar, ele mostra o que é , o que ele trouxe.</p> <p>P1- Então, eu acho que primeiro ele tem que se situar, ele tem que estar muito bem, para ele partir, tem que se gostar como ser humano para começar a gostar do ser humano que ele vai cuidar. Eu acho que a hora que você resgatar no aluno assim que você der oportunidade, ele entender como está inserido neste mundo, quais os valores que ele tem em relação ao ser humano, a hora que ele for atuar com outro ser humano, isso vai ser só um reflexo de que ele é.</p> <p>P3- ...ninguém cobra que ele não vai na aula..., porque ele define se ele vai assistir ou não, ele tem essa liberdade. Eu acho que isso gera uma responsabilidade e ele interage com outros cursos, com nível universitário que no campus tem também faculdade e acho que é uma fase de crescimento muito grande para ele de auto-conhecimento e de sociabilização.</p> <p>P4- Acho que essa escola , o alunos que tem todos os anos a desenvolver o lado crítico dele. Nesses anos todos participam, voltado para o lado social, econômico. Isso ajuda a despertar o senso crítico dele .Se ele tem senso crítico, eu acho que ele começa a questionar o sistema. Está errado? Por quê? Como pode mudar? E o primeiro passo é este. Então, eu acho que pelo menos na nossa escola este é o começo.</p> <p>P4- Os funcionários acham que somos críticos e nossos alunos quando vão trabalhar, ex-alunos que questionam, tem uma postura crítica.</p> <p>P3- Acho que existe no curso observação e reflexão. É um aluno diferente de quando ele entra e quando ele sai. Talvez, até de que ele faça isso, ou mesmo convivência da enfermagem e essa competência profissional nos preocupa, a gente procura que ele saia bem daqui.</p> <p>P1- Eu acredito e defendo na volta, na valorização das ciências humanas e sociais nos currículos. Porque eu acho que você dá oportunidade para nossos alunos. A prova de Psicologia Aplicada que é sobre comunicação, sobre as ciências humanas, de um modo geral você está dando oportunidade para o menino de refletir sobre ele mesmo, sobre o mundo onde ele está inserido.</p> <p>P1- Eu acho que essa bagagem social e cultural tem que ser acrescentando de uma forma normal até nesse social de uma forma geral é a dimensão humana nos cuidados de enfermagem. Isto pode ser explicado, construído, com o aluno, através desse instrumento que eu falei, ciências humanas e sociais.</p>	<p>que a prática de enfermagem tem tantos conflitos, porque o nível social e cultural é muito diferente.</p> <p>Tem alguns alunos que sobressaem na comunicação, no jeito, no lidar com o paciente e tem outros que só enxergam aquilo que está fazendo com o paciente.</p> <p>Acho que nessa escola , o alunos que tem todos os anos a possibilidade de desenvolver o lado crítico, nesses anos todos participam, voltado para o lado social, econômico. Isso ajuda a despertar o senso crítico dele. Se ele tem senso crítico, eu acho que ele começa a questionar o sistema. Está errado? Por que? Como pode mudar? E o primeiro passo é este. Então, eu acho que pelo menos na nossa escola, este é o começo.</p> <p>Acredito que exista no curso observação e reflexão; é um aluno diferente quando ele entra e quando ele sai do curso.. ou mesmo convivência da enfermagem e essa competência profissional nos preocupa, a gente procura que ele saia bem daqui.</p> <p>Eu acredito e defendo na volta, na valorização das ciências humanas e sociais nos currículos. Porque eu acho que você dá oportunidade para nossos alunos. A prova de Psicologia Aplicada que é sobre comunicação, sobre as ciências humanas, de um modo geral você está dando oportunidade para o menino de refletir sobre ele mesmo, sobre o mundo onde ele está inserido.</p> <p>Eu acho que essa bagagem social e cultural tem que ser acrescentando de uma forma normal até nesse social de uma forma geral é a dimensão humana nos cuidados de enfermagem. Isto pode ser explicado, construído, com o aluno, através desse instrumento que eu falei, ciências humanas e sociais.</p> <p>Então, primeiro o aluno tem que se situar, ele tem que estar muito bem, para ele partir, tem que se gostar como ser humano para começar a gostar do ser humano que ele vai cuidar. Eu acho que a hora que você resgatar no aluno, assim que você der oportunidade e ele entender como está inserido neste mundo, quais os valores que ele tem em relação ao ser humano; no momento em que ele for atuar com outro ser humano, isso vai ser só um reflexo de que ele é.</p> <p>O aluno do primeiro ano tem Ética e Cidadania e Ética Profissional. Na Ética e Cidadania ele vai ver os aspectos éticos do cidadão, do homem e não profissional, a parte profissional é dada na Ética Profissional e todo o conteúdo programático da Psicologia é o que tem de mais forte, e o que está mais visível. É fantástica a maneira como a professora de Psicologia trabalha...</p> <p>Os funcionários dos hospitais que estagiamos acham que somos críticos e nossos alunos quando vão trabalhar, ex-alunos que questionam, tem uma postura crítica.</p> <p>Eu tenho um exemplo muito bonito dentro da Santa Casa, quando eu entrei para trabalhar lá, eu peguei um plantão muito problemático não na parte técnica, na parte de relacionamento, pessoas excelentes em técnica, é claro que alguns não, mas o problema de relacionamento interferia até na parte técnica, e assim, porque um não aceitava as diferenças de cultura do outro. Foi acreditando</p>
--	--

<p>P4- <i>Eu tive tudo isso, nós tínhamos Psicologia, Sociologia, dinâmica de grupo, tudo isso era matéria que eu tive e tinha Saúde Mental I e II, em Saúde Mental I todo mundo achava que fosse ver paciente, patologia e não foi, foi auto-conhecimento, sabe, para a gente se situar, conhecer o que nós éramos, como éramos, tinha dinâmicas, relaxamento, como se situar em relação a uma situação frente ao paciente, sabe como agir. Eu tive essa oportunidade de ter trabalhando isso, conseguir chegar assim, para mim ficou um pouco claro a união da técnica com o paciente como um todo.</i></p> <p>P2- <i>Eu acho que o nível social, cultural, profissional interfere. Acho que por isso que a prática de enfermagem tem tantos conflitos, porque o nível social e cultural é muito diferente.</i></p> <p>P3- <i>A formação seria mais fora da escola, dentro da casa, da família... ele vai se sentindo responsável, porque nem tem pai e a mãe perto e ninguém cobra que ele vai a aula.</i></p> <p>CA- <i>Todo o conteúdo programático da Psicologia é o que tem de mais forte, e o que está mais visível. É fantástica a maneira como a professora de Psicologia trabalha...</i></p> <p>CA- <i>O aluno do primeiro ano tem Ética e Cidadania e Ética Profissional. Na Ética e Cidadania ele vai ver os aspectos éticos do cidadão, do homem e não profissional, a parte profissional é dada na Ética Profissional.</i></p>	<p>no potencial de cada uma delas que a gente foi mudando, conversando, foi aprendendo, um entender o outro e principalmente, tendo o carinho e respeito pelo paciente. Acho que o que o aluno traz com ele, tirando a técnica, a formação é muito importante, é isso daí que vai ter uma influência muito grande na hora que ele vai trabalhar, ele mostra o que ele é, o que ele trouxe.</p> <p>Na graduação, nós tínhamos Psicologia, Sociologia, dinâmica de grupo, tudo isso era matéria de Saúde Mental I e II, em Saúde Mental I todo mundo achava que fosse ver paciente, patologia e não foi, foi auto-conhecimento, sabe, conhecer o que nós éramos, tinha dinâmicas, relaxamento, como se situar em relação a uma situação frente ao paciente, saber como agir. Foi uma oportunidade ter trabalhado isso, ficou mais claro a união da técnica com o paciente como um todo...</p>
--	---

E- São claras as propostas de mudança para uma formação mais ampla, envolvendo as dimensões humanas, mas o grupo de professores não têm forças para manter encontros e reuniões entre as escolas.

EXPRESSÕES CHAVES	DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO
<p>P3- <i>Eu acho que podíamos fazer trocas como o GIEMEN, que é um grupo de estudo em ensino médio de São Paulo associado à ABEn. Acho que é um espaço muito interessante, as escolas se reunirem e conversarem. Nós estamos trabalhando, nós aqui, falta essa parte, nós não somos sozinhos, nós temos que dar mais os braços, as mãos, mais gente trocando e-mail e melhorando. Todos se unem, você consegue fazer um nível mais abrangente, o que eu tenho de bom. Acho que seria por aí, sair um pouquinho do espaço e formar um grupo mais abrangente.</i></p> <p>P5- <i>Porque esta troca só vai contribuir para a valorização da classe da enfermagem, das categorias, é isso, o objetivo final, a meta principal.</i></p> <p>P4- <i>A enfermagem e a classe só vai ocupar o lugar que ela merece, quando tivermos a consciência de que nosso profissional, nosso aluno no mercado de trabalho e não só o aluno, tinha que ter uma coerência da classe em si e essa troca de experiência com o outro que a gente fala muito, nós temos escolas aqui que são ruins, se a gente chamasse o pessoal? I que nós</i></p>	<p>Eu acho que o primeiro ponto é disponibilidade, e assim, vamos nos reunir para discutir a dimensão humana. Primeiramente é conscientizar como o corpo docente de cada escola sobre a importância de se conversar, com reuniões entre os grupos e depois encontros com outras instituições, para tentar melhorar.</p> <p>Quanto mais você interage mais se conversa, você tem chance de crescer, de aprender essa implementação que privilegia a dimensão humana. Eu lembro quando a gente fazia encontros, disputas de jogos, de curso de enfermagem. Cria um elo, uma disputa, uma união muito grande, seja pelo motivo esportivo, seja pelo motivo de aprendizagem.</p> <p>Nós somos responsáveis por isso, de estar se encontrando, discutindo os nossos conteúdos, as nossas disciplinas, como é que a gente faz, como é que pode estar privilegiando a dimensão humana, a humanização do cuidado, é discutindo mesmo, agora, tem que ter força da instituição.</p> <p>Talvez a primeira discussão seja a nossa, o que é para cada um a dimensão humana, porque para mim pode ser</p>

<p><i>podemos fazer por vocês? O que vocês tem para oferecer para a gente, para nós podermos trocar? A gente não precisa chegar e falar que é o melhor.</i></p> <p>P1- <i>Eu acho que criando um espaço de reflexão, onde vai estar analisando os fatos, aprendendo melhor a tua atuação. Eu acho que a melhor forma de você validar alguma idéia tua é usar o método científico, só que a enfermagem não tinha até então como fazer isso, nós quase nem conseguíamos registrar os nossos cuidados, quanto mais pesquisar. Eu acho que a pesquisa pode gerar muita proposta boa, porque ela vai abrir esse espaço de reflexão, análise, discussão, compreender a realidade para buscar uma mudança, porque eu acho que a gente não muda nada . Assim, sem construir, eu acho que a construção que a gente está fazendo hoje é uma construção de mudança, como explicar isso.</i></p> <p>P3- <i>Acho que quanto mais você interage mais se conversa, você tem chance de crescer, de aprender essa implementação que privilegia a dimensão humana. Eu lembro quando a gente fazia encontros, disputas de jogos, de curso de enfermagem. Cria um elo, uma disputa, uma união muito grande, seja pelo motivo esportivo, seja pelo motivo de aprendizagem. Eu acho que juntos, a gente tem chances de melhora. Pode até ser chamado de comodismo, mas é a disponibilidade, hoje todo mundo corre tanto que procura fazer a sua parte. Isto exige desprendimento extra e que envolve muito tempo para você organizar uma atividade conjunta. Acho que a saída é aumentar os contatos, os encontros.</i></p> <p>P1- <i>Eu acho que a gente é responsável por isso mesmo. A gente estar se encontrando discutindo os nossos conteúdos, as nossas disciplinas, como é que a gente faz, como é que pode estar privilegiando a dimensão humana, a humanização do cuidado, é discutindo mesmo, agora, tem que ter força da instituição.</i></p> <p><i>Eu acho que talvez a primeira discussão seja a nossa, o que é para cada um a dimensão humana, porque para mim pode ser pintar a enfermaria de pediatria de cor de rosa, é ampla a discussão até chegar nesse ponto, vai um tempo.</i></p> <p>P5- <i>Eu acho que o primeiro ponto é disponibilidade, é assim, vamos nos reunir para discutir a dimensão humana. Primeiramente é conscientizar como o corpo docente de cada escola dessa importância com reuniões, com conversas, com reuniões nesses grupos e depois encontros com outras instituições para estar tentando melhorar.</i></p> <p>P3- <i>Você começa a pesquisar e não acha diferença do enfermeiro. Isto também é uma forma da gente se reunir, se unir. O enfermeiro precisa se despir dessa vaidade, ser mais cuidadoso, se posicionando mais, criando mais.</i></p> <p>P3- <i>A troca de experiência entre as escolas é bem pequena.</i></p> <p>P3- <i>O GIPEEM (Grupo de Interesse de Profissionais</i></p>	<p>pintar a enfermaria de pediatria de cor de rosa, é ampla a discussão até chegar nesse ponto, vai um tempo.</p> <p>Eu acho que criando um espaço de reflexão, onde vai estar analisando os fatos, aprendendo melhor a tua atuação. Eu acho que a melhor forma de você validar alguma idéia tua é usar o método científico, só que a enfermagem não tinha até então como fazer isso, nós quase nem conseguíamos registrar os nossos cuidados; quanto mais pesquisar</p> <p>A pesquisa pode gerar muita proposta boa, porque ela vai abrir esse espaço de reflexão, análise, discussão, compreender a realidade para buscar uma mudança, porque eu acho que a gente não muda nada sozinho . Assim, sem construir, eu acho que a construção que a gente está fazendo hoje é uma construção de mudança, como explicar isso.</p> <p>Você começa a pesquisar e não acha diferença do enfermeiro. Isto também é uma forma da gente se reunir, se unir. O enfermeiro precisa se despir dessa vaidade, ser mais cuidadoso, se posicionando mais, criando mais.</p> <p>Eu acho que podíamos fazer trocas como o GIEMEN, que é um grupo de estudo em ensino médio de São Paulo associado à ABEn. Acho que é um espaço muito interessante, as escolas se reunirem e conversarem. Nós estamos trabalhando, nós aqui, falta essa parte, nós não somos sozinhos, nós temos que dar mais os braços, as mãos, mais gente trocando e-mail e melhorando. Todos se unem, você consegue fazer um nível mais abrangente, apresentar o que eu tenho de bom. Acho que seria por aí, sair um pouquinho do espaço e formar um grupo mais abrangente. Porque esta troca só vai contribuir para a valorização da classe da enfermagem, das categorias, é isso, o objetivo final, a meta principal.</p> <p>A enfermagem e a classe só vai ocupar o lugar que ela merece, quando tivermos a consciência de que nosso profissional, nosso aluno no mercado de trabalho e não só o aluno, tinha que ter uma coerência da classe em si e essa troca de experiência com o outro que a gente fala muito. Nós temos escolas aqui que são ruins, se a gente chamasse o pessoal? O que nós podemos fazer por vocês? O que vocês tem para oferecer para a gente, para nós podermos trocar? A gente não precisa chegar e falar que é o melhor.</p> <p>O que dificulta a realização dessas propostas é que a troca de experiência entre as escolas é bem pequena. Eu acho que juntos, a gente tem chances de melhora. Pode até ser chamado de comodismo, mas é a disponibilidade. Hoje, todo mundo corre tanto que procura fazer a sua parte. Isto exige desprendimento extra e que envolve muito tempo para você organizar uma atividade conjunta. Acho que a saída é aumentar os contatos, os encontros. De repente o grupo vai se desunindo, vai perdendo a força, porque os componentes do grupo vão perdendo a disponibilidade. Aí, a gente começa a se perguntar mesmo se está faltando motivação, vamos continuar esse tipo de discussão. O problema é que às vezes para a instituição isso não é importante, esse conceito de reunião passa mais</p>
---	---

<p><i>de Enfermagem em Ensino Médio), também quando começou nós fomos, depois perdemos contato e a gente quando começa ir nesse grupo, a gente tem um ciúme da escola, mas é geral, todos falam do dele como se fosse o melhor, nossa escola fala como se fosse melhor. Nós nos fechamos, é difícil alguém colocar uma idéia.</i></p> <p>P1- <i>De repente o grupo vai se desunindo, vai perdendo a força, porque os componentes do grupo vão perdendo a disponibilidade. Aí, a gente começa a se perguntar mesmo se está faltando motivação, vamos continuar esse tipo de discussão. O problema é que às vezes para a instituição isso não é importante, esse conceito de reunião passa mais pelo conceito de lazer. Dá para fazer, até que dá, mas a instituição tem que dar força. Há instituições que não permitem que enfermeiros vão à Congressos.</i></p>	<p>pelo conceito de lazer.</p> <p>Dá para fazer, até que dá, mas a instituição tem que dar força. Há instituições que não permitem que enfermeiros vão a Congressos.</p> <p>O GIPEEM (Grupo de Interesse de Profissionais de Enfermagem em Ensino Médio), também quando começou nós fomos, depois perdemos contato e a gente quando começa ir nesse grupo, a gente tem um ciúme da escola, mas é geral, todos falam do dele como se fosse o melhor, nossa escola fala como se fosse melhor. Nós nos fechamos, é difícil alguém colocar uma idéia...</p>
---	--

Ancoragem

A- Ainda há o predomínio da formação técnica, mas existem propostas para uma formação mais ampla e com qualidade.

EXPRESSÕES CHAVES	DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO
<p>P5- <i>Eu acho que as escolas tem ainda uma formação mais técnica do que voltada para a dimensão humana, isto reflete naquele profissional que se preocupa só com a técnica e esquece a pessoa como um ser humano, né? Então, ele vai lá, executa aquela técnica e ele não vê que o paciente está mais calado, mais triste, então, isso é da pessoa, mas muito também eu acho que a escola, não a nossa escola, acho que de modo geral, está começando a ter uma preocupação coma a parte humana, mas é uma coisa muito inicial, a parte técnica ainda é muito mais importante.</i></p> <p>P1- <i>Eu vejo assim , um grande discurso de humanização, faz parte até do ministério quando ele cria um programa de humanização, já criou uma portaria sobre a humanização do parto e a do atendimento ao recém-nascido, isso já está em vigor, só que este discurso ele até existe em relação ao resgate dessa dimensão humana, mas na enfermagem. Só que eu me preocupo sim, que a prática ela não é assim tão verdadeira, não corresponde a este discurso, não porque a instituição, ele até tem uma certa resistência a valorizar essa dimensão humana, ela valoriza tarefas, números de leitos, números de procedimentos de enfermagem, a eficiência da equipe de enfermagem, está mais para a dimensão técnica, do que da atuação dessa equipe do que da dimensão humana. Isso é uma política da instituição, trabalhar com o mínimo de pessoas possíveis, provavelmente porque lhe falta a dimensão técnica e jamais a dimensão humana poderia estar atuando nos cuidados dele.</i></p>	<p>Eu acho que as escolas tem ainda uma formação mais técnica do que voltada para a dimensão humana, isto reflete naquele profissional que se preocupa só com a técnica e esquece a pessoa como um ser humano, né? Então, ele vai lá, executa aquela técnica e não vê que o paciente está mais calado, mais triste, então, isso é da pessoa, mas muito também eu acho que a escola, não a nossa escola, acho que de modo geral, está começando a ter uma preocupação com a parte humana, mas é uma coisa muito inicial, a parte técnica ainda é muito mais importante.</p> <p>Há um grande discurso de humanização, faz parte até do Ministério da Saúde, quando ele cria um programa de humanização, já criou uma portaria sobre a humanização do parto e a do atendimento ao recém-nascido, isso já está em vigor, só que este discurso ele até existe em relação ao resgate dessa dimensão humana, mas na enfermagem. Só que eu me preocupo sim, na prática ela não é assim tão verdadeira, não corresponde a este discurso, a instituição tem uma certa resistência em valorizar a dimensão humana, ela valoriza tarefas, números de leitos, números de procedimentos A eficiência da equipe de enfermagem, está mais para a dimensão técnica do que para a atuação dessa equipe e a dimensão humana que a envolve. Isso é uma política da instituição, trabalhar com o mínimo de pessoas possíveis, provavelmente porque lhe falta a dimensão técnica e jamais a dimensão humana poderia estar atuando nos cuidados dele.</p> <p>Eu acho que está tendo uma preocupação geral da parte humana e isso vai fazer com que os profissionais</p>

<p>P4- <i>Se o pessoal de graduação está tendo isso, quando ele for para o campo de trabalho ou docente, ele vai ter uma preocupação, vai estar mais aberto para isso.</i></p> <p>P2- <i>Eu acho que está tendo uma preocupação geral da parte humana e isso vai fazer com que os profissionais técnicos e auxiliares consigam também absorver um pouco mais, porque da parte de graduação dos enfermeiros tem uma sensibilização da parte humana.</i></p> <p>P1- <i>A partir do momento que a enfermagem entender a importância da pesquisa, ela vai ter mais espaços para mudanças, análise, reflexão, discussão. Porque o que a gente está fazendo hoje é uma construção de mudança...</i></p> <p>P2- <i>Nós temos que tomar cuidado para não perder algumas partes. Eu acho que a enfermagem está ainda se achando.</i></p> <p>P3- <i>Está livre a nossa atitude. Ele está dando diploma para um monte de dentista, para um monte de cursos que a universidade está abrindo aqui. Estão abrindo curso, estão autorizando se formar profissionais não necessariamente competentes.</i></p> <p>P3- <i>Um comentário que as pessoas fazem. Por que vocês não escrevem o que vocês fazem? Tem muito pouca pesquisa na área de ensino médio.</i></p>	<p>técnicos e auxiliares consigam também absorver um pouco mais, porque da parte de graduação dos enfermeiros tem uma sensibilização da parte humana.</p> <p>Se o pessoal de graduação está tendo isso, quando ele for para o campo de trabalho ou docente, ele vai ter uma preocupação, vai estar mais aberto para isso.</p> <p>Um comentário que as pessoas fazem. Por que vocês não escrevem o que vocês fazem? Tem muito pouca pesquisa na área de ensino médio.</p> <p>A partir do momento que a enfermagem entender a importância da pesquisa, ela vai ter mais espaços para mudanças, análise, reflexão, discussão. Porque o que a gente está fazendo hoje é uma construção de mudança...</p> <p>Nós temos que tomar cuidado para não perder algumas partes. Eu acho que a enfermagem está ainda se achando. Porque apesar da busca de uma formação com mais qualidade está livre a nossa atitude; ele está dando diploma para um monte de dentista, para um monte de cursos que a universidade está abrindo aqui. Estão abrindo curso, estão autorizando se formar profissionais não necessariamente competentes...</p>
---	---

Da mesma forma que organizamos os dados da Escola A, faremos com a Escola B. Serão reunidas todas as Expressões Chaves que correspondem as mesmas Idéias Centrais e após iniciaremos a construção dos discursos.

Escola B

A- O papel do professor é ver o aluno como um todo, mas esse mesmo professor tem dificuldade de compreender a LDB e a formação por competências.

EXPRESSÕES CHAVES	DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO
<p>P6- <i>Tudo isso a gente consegue durante o curso, precisa ter um trabalho como a gente está fazendo, todos juntos, todo o grupo da escola e nós mesmos professores, tem que vivenciar o problema, tem mais que sensibilizar a parte humana, mas tem que sensibilizar. Acho que durante o curso dá sim. Concordo, plenamente, que dá.</i></p> <p>P7- <i>É que a maioria das classes vem juntas, a maioria das classes entendem a proposta e percebem o valor daquilo que a gente está objetivando e vem junto nessa qualidade. O que eu percebo, às vezes, é que a enfermagem em algumas disciplinas está muito centrada, tem só um olhar, entendeu? Eu sei que é uma equipe tendo um olhar mais humanizado, trabalha mais em equipe, inclusive disciplinas mesmo, interagindo disciplinas, para que esses tópicos fossem reforçados.</i></p>	<p>Eu acho que tudo que se faz para a melhoria da pessoa humana, não só o comportamento dela intelectual ou a parte da maneira dela ser, não sei bem, é que na verdade... falar sobre a dimensão humana não é alguma coisa assim tão simples! O relacionamento humano, o comportamento humano, tem que contar para a formação, porque desde a hora que a gente avalia o aluno, quando ele vem do estágio, quando faz uma prova teórica, a gente que avalia ele como um todo. Tem que estar olhando o outro lado do aluno, o lado humano. Então, tudo a gente tenta trabalhar na formação do aluno, levando em conta o lado humano. Tentar trabalhar o lado psicológico dele, o lado porque ele chora, porque ele ri.</p> <p>Sem dúvida, eu volto a colocar que a gente tem que buscar no aluno um interesse que talvez nem ele saiba a dimensão que tem o que ele está fazendo, o que envolve o trabalho dele como profissional da área de enfermagem.</p>

<p><i>Aonde eu posso me apegar para que a gente possa continuar? Então, eu acho que o precipício é isso, quer dizer quem é que está trabalhando nessa condição? Quem é que está buscando essa valorização? Quem é que tem esse olhar, de uma forma mais completa, mais inteira para que a gente veja esse trabalho, é um questionamento muito grande, aí!</i></p> <p>P9- <i>Acho que a idéia fragmentada, pode mudar partindo de cada um de nós, quando a gente está lá na sala, eu deixar de entender o aluno de enfermagem como aquele que é executor de técnica e eu começar a entendê-lo como um todo, então, esse é nosso papel. Porque a gente também vem de uma educação fragmentada e que a gente não consegue associar isso muito bem, eu acho importante trabalhar a pessoa do aluno, porque ele tem dificuldade, porque ele precisa de uma atenção maior, porque eu preciso ficar do lado dele, porque eu preciso entender o comportamento dele e alguns momentos chamar, conversar, porque eu acho que o papel do professor transcende a sala de aula. Eu acho que a gente precisa saber os fundamentos técnicos do procedimento que se vai executar, e não necessariamente fazer da forma que o outro faz. Eu acho que isso limita o outro, então, precisa entender que transcende o ser técnico, mas as vezes você tem um aluno que é péssimo na técnica, mas ele é bom em contato com o paciente, tem conhecimento bom do todo. Eu acho que nosso papel é este mesmo.</i></p> <p>P8- <i>Sem dúvida, eu volto a colocar que a gente tem que buscar no aluno um interesse que talvez nem ele saiba a dimensão que tem o que ele está fazendo, o que envolve o trabalho dele como profissional da área de enfermagem. Eu creio que é tentar fazê-lo enxergar o que abrange tudo aquilo que ele está estudando, como ele vai colaborar com a cidadania, com é para ele, para que realmente ele se sinta dentro de um contexto de uma sociedade, que ele faça parte de uma sociedade como colaborador, imagino que seja, é um trabalho solidário o cuidado de enfermagem.</i></p> <p>P9- <i>Na realidade, eu passo o que é possível e o resto ele faz. Aí, a gente perde o eixo que o educador é um agente de mudança. Você tira o papel do educador que é maior, porque quando você entra dentro da sala você quer agregar alguma coisa a ele, o que ele não teve de valor político, ético e social. Você vai ensinar isso para ele, isso é a coisa maior, não é dizer que ele tem ou não competência, você está ali para mudar, ou pelo menos ser um agente de transformação.</i></p> <p>P6- <i>Quando se fala em competência profissional eu acho que eu tento abordar com os alunos é isso, e que seja uma somatória de conhecimentos para que no final eles saiam com competência profissional.</i></p> <p>P7- <i>...É uma aula que gera muita resistência...um grupo e outro grupo para poder ouvir-se e escutar e daí vem essa coisa de formação ética, poder fazer a escuta do outro, eu procuro trazer na aula a escuta psicológica, quer dizer a postura, a escuta, porque é</i></p>	<p>Eu creio que é tentar fazê-lo enxergar o que abrange tudo aquilo que ele está estudando, como ele vai colaborar com a cidadania, como é para ele, para que realmente ele se sinta dentro de um contexto de uma sociedade, que ele faça parte de uma sociedade como colaborador, imagino que seja, é um trabalho solidário o cuidado de enfermagem.</p> <p>É que a maioria das classes vem juntas, a maioria das classes entendem a proposta e percebem o valor daquilo que a gente está objetivando e vem junto nessa qualidade.</p> <p>O que eu percebo, às vezes, é que a enfermagem em algumas disciplinas está muito centrada, tem só um olhar, entendeu? Eu sei que é uma equipe tendo um olhar mais humanizado, trabalha mais em equipe, inclusive disciplinas mesmo, interagindo disciplinas para que esses tópicos fossem reforçados.</p> <p>Aonde eu posso me apegar para que a gente possa continuar? Então, eu acho que o precipício é isso, quer dizer quem é que está trabalhando nessa condição? Quem é que está buscando essa valorização? Quem é que tem esse olhar de uma forma mais completa, mais inteira para que a gente veja esse trabalho, é um questionamento muito grande, aí!</p> <p>A idéia fragmentada pode mudar partindo de cada um de nós, quando a gente está lá na sala, eu deixar de entender o aluno de enfermagem como aquele que é executor de técnica e eu começar a entendê-lo como um todo, então, esse é nosso papel. Porque a gente também vem de uma educação fragmentada e que a gente não consegue associar isso muito bem, eu acho importante trabalhar a pessoa do aluno, porque ele tem dificuldade, porque ele precisa de uma atenção maior, porque eu preciso ficar do lado dele, porque eu preciso entender o comportamento dele e alguns momentos chamar, conversar, porque eu acho que o papel do professor transcende a sala de aula. Eu acho que a gente precisa saber os fundamentos técnicos do procedimento que se vai executar, e não necessariamente fazer da forma que o outro faz. Eu acho que isso limita o outro, então, precisa entender que transcende o ser técnico, mas as vezes você tem um aluno que é péssimo na técnica, mas ele é bom em contato com o paciente, tem conhecimento bom do todo. Eu acho que nosso papel é este mesmo.</p> <p>Tudo isso a gente consegue durante o curso, precisa ter um trabalho como a gente está fazendo, todos juntos, todo o grupo da escola e nós mesmos, professores, tem que vivenciar o problema, tem mais que sensibilizar a parte humana. Acho que durante o curso dá sim. Concordo, plenamente, que dá.</p> <p>Na realidade, se passa o que é possível e o resto ele faz. Aí, a gente perde o eixo que o educador é um agente de mudança. Você tira o papel do educador que é maior, porque quando você entra dentro da sala você quer agregar alguma coisa a ele, o que ele não teve de valor político, ético e social. Você vai ensinar isso para ele, isso é a coisa maior, não é dizer que ele tem ou não competência, você está ali para mudar, ou pelo menos ser</p>
---	--

<p><i>difícil, porque quem sou eu assusta muito e que busco na vida.</i></p> <p><i>Tenho encontrado muita barreira, muita resistência, para poder trazer isso, trazer esse corpo, cuidar um pouco o corpo que vai cuidar do outro corpo. Então, o meu enfoque tem sido buscar este caminho, buscar pessoas para essa sensibilização, sensibilizar as pessoas nesse ponto.</i></p> <p>P7- <i>Então, sabe tem hora que eu não fico a pessoa mais simpática da sala e nem a pessoa mais querida, mas acaba de alguma forma ajudando nessa reflexão, mais reflexivo, sair dessa coisa mais genérica do julgamento, da avaliação, porque fica no esteriótipo. Trabalhar a formação no sentido de que o aluno perceba que ele é um componente do fator de uma doença daquela pessoa, o cuidado com o nome, com a atenção, que eu possa dar, faz de mim um componente de cura. Trazer isso para poder se colocar no lugar do outro tem que quebrar algumas coisas e aí, que eu vou somando essas informações que vão trazendo.</i></p> <p>P8- <i>O que eu vejo, por mais que a gente reflita todo ano, quando se faz uma atribuição de aula. O que vamos fazer com essa nova Lei de Diretrizes e Bases? E aí a gente acaba entrando num consenso meio complexo, é uma visão, é uma coisa que tem que ser trabalhada a longo prazo, porque qual a proposta dessa lei? É você passar ali uma competência para o aluno e ele vai ou não adquirir essa habilidade, e aí fica uma situação meio estranha porque você ensinou, mas será que ele aprendeu? Ah! Não tem problema, se ele não aprendeu a vida vai ensinar, pode passar ele de ano, a vida vai ensinar, porque a vida é assim. O que nós temos para trabalhar com essa dimensão toda do aluno, de repente você usa alguns artifícios burocráticos que são provas. Enquanto isso a gente vai buscando e trabalhando em cima, eu estou passando essa competência, vou fazer com que ele saiba depois navegar esse barco.</i></p> <p>P7- <i>A partir desse ano eu comecei entrar mais no papel de professora, porque como eu sou terapeuta e como a minha vivência de trabalho é com grupos de treinamento. Eu não sei que lei é essa, eu escuto falar de leis de diretrizes e bases, mas eu não tenho base no que ela fala.</i></p> <p>CB- <i>Eu acho que tudo que se faz para a melhoria da pessoa humana, não só o comportamento dela intelectual ou a parte da maneira dela ser, não sei bem, é que na verdade... falar sobre a dimensão humana não é alguma coisa assim tão simples! O relacionamento humano, o comportamento humano, tem que contar para a formação, porque desde a hora que a gente avalia o aluno, quando ele vem do estágio, quando faz uma prova teórica, a gente que avalia ele como um todo. Tem que estar olhando o outro lado do aluno, o lado humano. Então, tudo a gente tenta trabalhar na formação do aluno, levando em conta o lado humano. Tentar trabalhar o lado psicológico dele,</i></p>	<p>um agente de transformação.</p> <p>...como assumir o papel de educador, se a pessoa se dirige a mim e pergunta:- Quantas faltas pode ter? Eu posso ficar livre de você? Então, você tem que o tempo todo buscar. Hoje não dá para o professor se acomodar. Pela característica dos alunos, o desafio está sendo sair da escola e buscar.</p> <p>Trabalhar a formação no sentido de que o aluno perceba que ele é um componente do fator de uma doença daquela pessoa, o cuidado com o nome, com a atenção, que eu possa dar, faz de mim um componente de cura. Trazer isso para poder se colocar no lugar do outro, tem que quebrar algumas coisas e aí, somar as informações que eles vão trazendo. Então tem hora que você sabe que não é a pessoa mais simpática da sala e nem a pessoa mais querida, mas acaba de alguma forma ajudando nessa reflexão, mais reflexivo, sair dessa coisa mais genérica do julgamento, da avaliação, porque fica no esteriótipo.</p> <p>...É uma aula que gera muita resistência...um grupo e outro grupo para poder ouvir-se e escutar e daí vem essa coisa de formação ética, poder fazer a escuta do outro, eu procuro trazer na aula a escuta psicológica, quer dizer a postura, a escuta, porque é difícil, porque quem sou eu assusta muito e que busco na vida... Há o muita barreira, muita resistência, para poder trazer isso, trazer esse corpo, cuidar um pouco o corpo que vai cuidar do outro corpo. Então, o meu enfoque tem sido buscar este caminho, buscar pessoas para essa sensibilização, sensibilizar as pessoas nesse ponto.</p> <p>A partir desse ano ficou mais claro o papel de professora, porque por ser terapeuta e como a vivência de trabalho é com grupos de treinamento eu não sei que lei é essa. Eu escuto falar de leis de diretrizes e bases, mas eu não tenho base no que ela fala.</p> <p>O que se vê, por mais que a gente reflita todo ano, quando se faz uma atribuição de aula o que vamos fazer com essa nova Lei de Diretrizes e Bases? E aí a gente acaba entrando num consenso meio complexo, é uma visão, é uma coisa que tem que ser trabalhada a longo prazo, por que qual a proposta dessa lei? É você passar ali uma competência para o aluno e ele vai ou não adquirir essa habilidade, e aí fica uma situação meio estranha porque você ensinou, mas será que ele aprendeu? Ah! Não tem problema, se ele não aprendeu a vida vai ensinar, pode passar ele de ano, a vida vai ensinar, porque a vida é assim. O que nós temos para trabalhar com essa dimensão toda do aluno, de repente você usa alguns artifícios burocráticos que são provas. Enquanto isso a gente vai buscando e trabalhando em cima, eu estou passando essa competência, vou fazer com que ele saiba depois navegar esse barco.</p> <p>Quando se fala em competência profissional eu acho que eu tento abordar com os alunos é isso, e que seja uma somatória de conhecimentos para que no final eles saiam com competência profissional...</p> <p>Nem todos os professores que eu tenho por aqui mantêm vínculo com a escola. Tem professores que atuam nas</p>
--	---

<p><i>o lado, porque ele chora, porque ele ri.</i></p> <p>P8- <i>...como eu vou assumir o papel de educador, se a pessoa se dirige a mim e pergunta:- Quantas faltas pode ter? Eu posso ficar livre de você? Então, você tem que o tempo todo buscar. Hoje não dá para o professor se acomodar. Estou sendo desafiada pela característica dos alunos de sair da escola e buscar.</i></p> <p>CB- <i>Nem todos os professores que eu tenho por aqui mantém assim vínculo. Tem professores que mantém estágio, mas a gente mantém um grupo de professores que são antigos dentro da escola. Será que ele pensa como eu? Será que elas estão aqui por dinheiro ou para trabalhar junto comigo na formação do aluno? Os professores enfermeiros que querem manter vínculos, que se preocupam com a formação, então eu os mantenho.</i></p>	<p>disciplinas de estágio, mas nós temos um grupo de professores que são antigos na instituição. Eu me questiono: - Será que ele pensa como eu? Será que elas estão aqui por dinheiro ou para trabalhar junto comigo na formação do aluno? Os professores enfermeiros que querem manter vínculos, que se preocupam com a formação, então eu os mantenho...</p>
---	--

B- O aluno chega no curso com dificuldades financeiras, uma bagagem emocional limitada e em diferentes graus de maturidade, dessa forma fica difícil propiciar momentos de sensibilização e reflexão durante a formação.

EXPRESSÕES CHAVES	DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO
<p>P7- <i>Então, é claro que o estudo das técnicas, as disciplinas técnicas vêm na frente, o aluno valoriza isso, é o que eu percebo, quando entro com a psicologia, na qual mostro para eles que o objeto de estudo é eles. Depois de muita resistência e barreira, uma dificuldade muito grande de estar cada um consigo mesmo apavora.</i></p> <p><i>Tem prova na sua matéria? Eu insisto na vivência, na participação, no empenho, porque é difícil eles virem para sala de aula, que é essa a qualidade, porque se eles não vivem isso eles não vão ter para dar nesse nível, eles não valorizam também, não conseguem valorizar. Eles percebem alguns sentidos, mas eu não tenho carga horária suficiente para que eles possam sair daqui sensibilizados.</i></p> <p>P9- <i>Então é uma pobreza de conteúdo, você dá a técnica que tem que existir, mas você tem que dar a noção de vida, de respeito, mesmo que você tenha tido a vida triste.</i></p> <p>P9- <i>Eu acho que parte do que a gente vive aqui dentro pode ser mudado. A gente é parte ativa do processo, mas tem muita coisa que a gente precisa resgatar e os alunos precisam resgatar, mas é a parte individual. Acho que a nossa responsabilidade fica meio-a-meio com o aluno, porque as experiências de vida deles, o que ele vai ser como profissional depende dele e isso a gente não consegue fazer. Tem aluno que a gente vê crescer e tem aluno que a gente vê que não vai conseguir, porque é a própria limitação dele.</i></p> <p>P7- <i>Eu acredito que a humanização, ela é trabalhada,</i></p>	<p>Nossa profissão está diretamente relacionada com o cuidar, e cuidar exige toda uma estrutura emocional bem elaborada, bem trabalhada, é por isso que a gente não consegue ter as pessoas que realmente saibam cuidar, porque atrás da Enfª Maria tem a Maria que tem as suas questões, as suas dificuldades e isso a escola não consegue dar para o aluno.</p> <p>A realidade de cada um dos três níveis de ensino de enfermagem é bem diferente, então, para o pessoal que faz ensino médio junto com o técnico eu não sei se ele tem bem a maturidade para saber o que eles estão se formando, se é isso mesmo que eles querem ou não: enfermagem. Eu acho que eles não tem ainda a consciência do que seja fazer o curso. O pessoal de auxiliar de enfermagem, eu creio que eles tenham uma certa maturidade, mas uma maturidade profissional, sem também saber, ter a consciência, a implicação do que é ser um profissional da área de saúde...</p> <p>A diferença entre o auxiliar e técnico, com o auxiliar eu percebo que é uma pessoa que chega muito sem consciência do papel, sem saber direito o rumo que vai tomar, o grande desafio parece ser o estágio, então, são pessoas mais difíceis na minha área a serem trabalhadas, com baixo grau de maturidade.</p> <p>O técnico que já trabalha na área, eu sinto que respeita mais aquilo que eu tenho para oferecer e reconhece o valor daquilo que estou oferecendo... eles vão, pagam o que estão fazendo, querem, exigem, já tem uma idéia do que implica responsabilidade de um curso técnico, é um pessoa que na maioria das vezes já trabalha na área, então</p>

<p><i>busca ser trabalhada na dimensão física com todos os recursos que a enfermagem tem para isso, mas a partir dali, naquilo que cabe a dimensão emocional e mental, o profissional não está pronto para trabalhar com isso, aí as coisas começam a se comprometer. A humanização não chega aqui, porque o profissional não está trabalhando, é um profissional que não está cuidado nessa dimensão emocional. Como é que ele vai humanizar aquilo que ele não tem? É aí que eu bato, é aí que para; e o mental? Então, fica para depois e aí você tem que transformar crenças, muitas coisas para poder juntar, física, emocional e mental.</i></p> <p>P9- <i>Nossa profissão está diretamente relacionada com o cuidar e cuidar exige toda uma estrutura emocional bem elaborada, bem trabalhada, é por isso que a gente não consegue ter as pessoas que realmente saibam cuidar, porque atrás da en^{ra} Maria tem a Maria; que tem as suas questões, as suas dificuldades e isso a escola não consegue dar para o aluno.</i></p> <p>P8- <i>Eu dou aula para três níveis de ensino de enfermagem e já tive experiência nessa dimensão diferente para os três. A realidade de cada um deles é bem diferente, então, para o pessoal que faz ensino médio junto com o técnico eu não sei se ele tem bem a maturidade para saber o que eles estão se formando, se é isso mesmo que eles querem ou não enfermagem. Eu acho que eles não tem ainda a consciência do que seja fazer o curso. O pessoal de auxiliar de enfermagem, eu creio que eles tenham uma certa maturidade, mas uma maturidade profissional, sem também saber, ter a consciência, a implicação do que é ser um profissional da área de saúde...</i></p> <p>P7- <i>A diferença entre o auxiliar e técnico, com o auxiliar eu percebo que é uma pessoa que chega muito sem consciência do papel, sem saber direito o rumo que vai tomar, o grande desafio parece ser o estágio, então, são pessoas mais difíceis na minha área a serem trabalhados, com baixa maturidade.</i></p> <p><i>O técnico que já trabalha na área, eu sinto que respeita mais aquilo que eu tenho para oferecer e reconhece o valor daquilo que estou oferecendo.</i></p> <p>P8-... <i>eles vão, pagam o que estão fazendo, querem, exigem, já tem uma idéia do que implica responsabilidade de um curso técnico, é um pessoa que na maioria das vezes já trabalha na área, então existe uma troca de informações com o professor...</i></p> <p>P6- <i>...A única dificuldade é na parte desses que estão vindo para cá para complementar o técnico. Esses tem uma vivência diferente totalmente, é bem mais atuante, eles sugam mais a gente.</i></p> <p>P7- <i>O auxiliar precisa ser motivado. Eles precisam de um modelo, aquele modelo mínimo, original. O de complementação técnico, pelo que percebo, se encantam em ser técnicos, a realidade é diferente,...</i></p> <p>P8- <i>A gente costuma conversar muito. Como é exatamente dar aula para auxiliar, como é dar aula para o ensino médio, como é dar aula para o técnico,</i></p>	<p>existe uma troca de informações com o professor...</p> <p><i>...A única dificuldade é na parte desses que estão vindo para cá para complementar o técnico. Esses tem uma vivência diferente totalmente, é bem mais atuante, eles sugam mais.</i></p> <p>O auxiliar precisa ser motivado. Eles precisam de um modelo, aquele modelo mínimo, original. O de complementação técnico, pelo que percebo, se encantam em ser técnicos, a realidade é diferente,...</p> <p>A gente costuma conversar muito como é exatamente dar aula para auxiliar, como é dar aula para o ensino médio, como é dar aula para o técnico, cada um na sua realidade. Então, tentar observar nele isso, e assim o auxiliar e o técnico, como eu vou entender a parte humana dele.</p> <p>O nível técnico é aquele que queria fazer uma faculdade, mas que não tem condições, então fazer o curso técnico, eu posso dizer que 80% tem a consciência do que é um curso técnico...</p> <p>Dá para sensibilizar na humanização, na qualidade final da enfermagem, mas pelo que se observa na sala de aula, são pessoas de uma forma geral de uma vivência extremamente sofrida, vidas trágicas...peço para eles: - Relatem para mim a vida de zero a sete anos. É terrível o que acontece em sala de aula. Muita resistência, uma dificuldade muito grande, eu acolho algumas pessoas, ...então, é muito trágica a vida dessas pessoas, é uma tragédia assim impressionante, então eu percebo assim, que material humano é esse que vem buscar a enfermagem, tão precário. Tem uma condição extremamente precária, uma condição emocional muito precária.</p> <p>...é claro que cada turma tem suas características, o que eu vejo é realmente na parte técnica, você vai cobrar coisas que eles tiveram mais afinco na teoria. Eu tive alunos que não tinham dinheiro para a condução, tinha condução para o trabalho ou condução para o bloco teórico.</p> <p>Eu tenho que falar para uma pessoa que não tem a mínima noção de condições básicas, porque a vida dela foi uma vida marcada de muito sofrimento e muitas vezes eles não conseguem absorver o conteúdo teórico, porque a vida dele é uma vida marcada de sofrimento. ...então é uma pobreza de conteúdo. Você dá a técnica que tem que existir, mas você tem que dar a noção de vida, de respeito, mesmo que você tenha tido a vida triste.</p> <p>Quando os alunos fazem a autobiografia de zero a sete anos, vem a história de vida que você fala: - Como conseguiu sobreviver? E está aí, você pede para fazer a árvore, é muito interessante quando se trabalha a noção corporal diretamente ligada com a consciência, a árvore passa a ser toda a simbologia desse corpo, muito mal amado e o que deixa assim, muito intrigada é ver a qualidade das árvores que eles desenharam. Eles desenharam de carvalho para cima, é raro você ver árvores frágeis. Como é que essas pessoas tão frágeis, tem essa força no inconsciente que motiva, que vai buscar no trabalho para</p>
---	--

<p><i>cada um na sua realidade. Então, tentar observar nele isso, e assim o auxiliar e o técnico, como eu vou entender a parte humana dele.</i></p> <p><i>O nível técnico é aquele que queria fazer uma faculdade, mas que não tem condições, então, fazer o curso técnico, eu posso dizer que 80% tem a consciência do que é um curso técnico...</i></p> <p>P7- <i>Eu sinto que dá para sensibilizar na humanização, na qualidade final da enfermagem, mas em termos das coisas que tenho aplicado em sala de aula, são pessoas de uma forma geral de uma vivência extremamente sofrida, vidas trágicas...peço para eles: Relatem para mim a vida de zero a sete anos. É terrível o que acontece em sala de aula. Muita resistência, uma dificuldade muito grande, eu acolho algumas pessoas,... então, é muito trágica a vida dessas pessoas, é uma tragédia assim impressionante, então, eu percebo assim, que material humano é esse que vem buscar a enfermagem, tão precário. Tem uma condição extremamente precária, uma condição emocional muito precária.</i></p> <p>P6- <i>...é claro que cada turma tem suas características, o que eu vejo é realmente na parte técnica, você vai cobrar coisas que eles tiveram mais afinco na teoria. Eu tive alunos que não tinham dinheiro para a condução, tinha condução para o trabalho ou condução para o bloco teórico.</i></p> <p>P9- <i>Eu tenho que falar para uma pessoa que não tem a mínima noção de condições básicas, porque a vida dela foi uma vida marcada de muito sofrimento e muitas vezes eles não conseguem absorver o conteúdo teórico, porque a vida dele é uma vida marcada de sofrimento. ...então é uma pobreza de conteúdo. Você dá a técnica que tem que existir, mas você tem que dar a noção de vida, de respeito, mesmo que você tenha tido a vida triste.</i></p> <p>P7- <i>Quando eu faço a autobiografia de zero a sete anos, vem a história de vida que você fala: - Como conseguiu sobreviver? E está aí, eu peço para fazer a árvore, é muito interessante quando trabalho uma noção corporal diretamente ligada com a consciência, a árvore passa a ser toda a simbologia desse corpo, muito mal amado e que me deixa assim, muito intrigada é ver a qualidade das árvores que eles desenham. Eles desenham de carvalho para cima, é raro você ver árvores frágeis.</i></p> <p><i>Como é que essas pessoas tão frágeis, tem essa força no inconsciente, que motiva, que vai buscar no trabalho para cuidar do outro, sendo pessoas privadas, quer dizer é muita privação que me coloca aqui para cuidar do outro, quem é que eu estou cuidando, eu venho aqui buscar o cuidar de que?</i></p> <p>P9- <i>Muitas vezes o que a maioria das vezes a gente não está preparada, porque a gente não consegue, a gente não tem nem para a gente. Como que você tira alguma coisa de um saco vazio, não tem como, por mais que vá, se esforce.</i></p>	<p>cuidar do outro, sendo pessoas privadas, quer dizer é muita privação que me coloca aqui para cuidar do outro, quem é que eu estou cuidando, eu venho aqui buscar o cuidar de quê?</p> <p>A maioria das vezes a gente não está preparada, porque a gente não consegue, a gente não tem nem para a gente. Como que você tira alguma coisa de um saco vazio, não tem como, por mais que vá, se esforce..</p> <p>Então é uma pobreza de conteúdo, você dá a técnica que tem que existir, mas você tem que dar a noção de vida, de respeito, mesmo que você tenha tido a vida triste.</p> <p>Então, é claro que o estudo das técnicas, as disciplinas técnicas vêm na frente, o aluno valoriza isso, é o que eu percebo, quando entro com a psicologia, na qual mostro para eles que o objeto de estudo é eles. Depois de muita resistência e barreira, uma dificuldade muito grande de estar cada um consigo mesmo apavora. Tem prova na sua matéria? Eu insisto na vivência, na participação, no empenho, porque é difícil eles virem para sala de aula, que é essa a qualidade, porque se eles não vivem isso eles não vão ter para dar nesse nível, eles não valorizam também, não conseguem valorizar. Eles percebem alguns sentidos, mas eu não tenho carga horária suficiente para que eles possam sair daqui sensibilizados..</p> <p>Parte do que a gente vive aqui dentro pode ser mudado. A gente é parte ativa do processo, mas tem muita coisa que a gente precisa resgatar e os alunos precisam resgatar, mas é a parte individual. Acho que a nossa responsabilidade fica meio-a-meio com o aluno, porque as experiências de vida deles, o que ele vai ser como profissional depende dele e isso a gente não consegue fazer. Tem aluno que a gente vê crescer e tem aluno que a gente vê que não vai conseguir, porque é a própria limitação dele.</p> <p>A humanização, busca ser trabalhada na dimensão física com todos os recursos que a enfermagem tem para isso, mas a partir dali, naquilo que cabe a dimensão emocional e mental, o profissional não está pronto para trabalhar com isso, aí as coisas começam a se comprometer. A humanização não chega aqui, porque o profissional não está trabalhando, é um profissional que não está cuidado nessa dimensão emocional. Como é que ele vai humanizar aquilo que ele não tem? É aí que eu bato, é aí que pára; e o mental? Então, fica para depois e aí você tem que transformar crenças, muitas coisas para poder juntar, física, emocional e mental.</p> <p>O aluno tem que saber formar sua idéia, expor sua idéia. Tem aluno que confunde a crítica com a reclamação. O professor tem que saber escutar o aluno e saber entender como ele tem que argumentar a própria crítica dele. A gente trabalha muito isso, não só nas aulas de ética, mas procura estar trabalhando isso em todas as disciplinas.</p> <p>Para mim, a reflexão não é necessariamente um momento isolado do curso profissionalizante, a reflexão é todo momento de nossa vida. Eu preciso saber porque eu sou a Maria, quem eu sou e porque escolhi ser enfermeira</p>
---	--

<p>P9- <i>Para mim, a reflexão não é necessariamente um momento isolado do curso profissionalizante, a reflexão é todo momento de nossa vida. Eu preciso saber porque eu sou a Maria, quem eu sou e porque escolhi ser enfermeira ou auxiliar de enfermagem. Isso é que é reflexão maior, mas na nossa prática tem gente que não sabe quem são e a que veio, que de repente se propões fazer um curso de auxiliar de enfermagem porque passou na rua e viu lá um curso que ele podia pagar, ou que dava ou que dava para ele apertar o bolso e pagar, ou então, que um deles viu alguém cuidando de outro alguém doente e ele achou que podia cuidar e aí a gente se reporta à nossa educação de uma forma geral, a gente vê que reflexão em direção a que a gente é, o que a gente veio, o que a gente quer fazer ou o que a gente não quer fazer, não existe na sociedade que a gente vive.</i></p> <p>P7- <i>A busca dessa formação crítico-reflexiva é essa coisa corporal, no sentido de mobilizar as pessoas, como eu vou cuidar do corpo se o meu corpo é muito mal amado, traído, desconectado e anestesiado. Então eu tenho feito a duras penas isso que você faz com a gente aqui, gente vamos mexer o corpo, quer dizer, levantar, tirar o sapato, então sabe, vamos levantar, é muito difícil.</i></p> <p><i>Porque eu preciso saber quem sou eu e ao mesmo tempo que eu preciso saber isso com o que desconforto que é entrar em contato com isso. Então propiciar este momento reflexivo é atravessar barreiras.</i></p> <p>P9- <i>Porque quando você impõe para o aluno vamos fazer um curativo X, você não deixa ele falar, não deixa ele refletir o que é aquele curativo, o que é o paciente, e ele não consegue verbalizar a situação que ele está vivendo. Porque aquele um tem que ter um fundamento importante, uma absorção importante do que é, do que é o curativo, do que é o paciente, do que é aquela ferida e não trezentos curativos, então pode deixar o aluno falar.</i></p> <p>CB- <i>O aluno tem que saber formar sua idéia, expor sua idéia. Tem aluno que confunde a crítica com a reclamação. O professor tem que saber escutar o aluno e saber entender como ele tem que argumentar a própria crítica dele. A gente trabalha muito isso, não só nas aulas de ética, mas procura estar trabalhando isso em todas as disciplinas.</i></p>	<p>ou auxiliar de enfermagem. Isso é que é reflexão maior, mas na nossa prática tem gente que não sabe quem são e a que veio, que de repente se propõe fazer um curso de auxiliar de enfermagem, porque passou na rua e viu lá um curso que ele podia pagar, ou que dava para ele apertar o bolso e pagar, ou então, que um deles viu alguém cuidando de outro alguém doente e ele achou que podia cuidar. E aí a gente se reporta à nossa educação de uma forma geral, a gente vê que reflexão em direção a que a gente é, o que a gente veio, o que a gente quer fazer ou a que a gente não quer fazer, não existe na sociedade que a gente vive.</p> <p>A busca dessa formação crítico-reflexiva é essa coisa corporal, no sentido de mobilizar as pessoas, como eu vou cuidar do corpo se o meu corpo é muito mal amado, traído, desconectado e anestesiado. Então, eu tenho feito a duras penas isso que você faz com a gente aqui:- Gente vamos mexer o corpo, quer dizer, levantar, tirar o sapato, então, sabe, vamos levantar, é muito difícil!</p> <p>Porque eu preciso saber quem sou eu e ao mesmo tempo que eu preciso saber isso com que desconforto que é entrar em contato com isso. Então propiciar este momento reflexivo é atravessar barreiras. Porque quando você impõe para o aluno vamos fazer um curativo X, você não deixa ele falar, não deixa ele refletir o que é aquele curativo, o que é o paciente, e ele não consegue verbalizar a situação que ele está vivendo. Porque aquilo tem que ter um fundamento importante, uma absorção importante do que é, do que é o curativo, do que é o paciente, do que é aquela ferida e não trezentos curativos, então pode deixar o aluno falar...</p>
---	--

C- É importante a formação política, ética e social, porém o cenário que se apresenta na área da saúde é muito feio e pessimista. Será que há saída?

EXPRESSÕES CHAVES	DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO
<p>P8- <i>Sem dúvida nenhuma, isso faz um diferencial tão grande, a dimensão humana faz esse diferencial, ele vai ter uma visão completamente diferente daquilo que está fechadinho que a gente passa tecnicamente em sala de aula. Ele vai ter essa clareza maior, ele vai conseguir enxergar dos lados, tudo aquilo que está vivendo. Ele vai poder analisar o porque daquilo, compreender a situação de uma outra forma. Ele vai conseguir se sair melhor de determinados problemas e situações ali, que ele possa estar se encontrando. Eu creio que isso e a própria evolução, educação mesmo. Ele vai poder ter uma visão muito maior do que está a sua volta com certeza e isso, essa formação política, ética e social eu creio que está ligada à educação.</i></p> <p>P6- <i>Eu acho que é importante é, mas para poder abranger ainda a dimensão humana é fraco, ainda acho que ter como profissional de saúde, de enfermagem algo mais, uma base bem maior para poder se posicionar no lugar do paciente, não levar suas questões pessoais, como por exemplo na parte política, ter o seu posicionamento induzido, tem que ter uma base maior ainda para poder ter o respeito do paciente no cuidar, mesmo a parte ética, porque ainda não dá para só tendo estas três formações que dê para chegar a uma dimensão mesmo. Eu acho que tem que ter no seu currículo um preparo maior para chegar lá.</i></p> <p>P7- <i>Eu vejo que quando você olha para o cenário político, porque a formação implica em olhar para o cenário político, em olhar para o cenário ético e olhar para o cenário social. É uma desesperança, eu sinto que não tem...é frágil demais, você trazer este contexto, é tudo tão frágil que quando você abre uma discussão em sala de aula dessa realidade mesmo, tudo isso aparece de um jeito tão feio, a política que se vive dentro do hospital, a ética que se vive dentro de um hospital, o social como é trabalhado dentro do hospital, é tão feio isso, tudo tão idealista, fica neste nível, entendeu? É o que muitas vezes, é tudo sem saída, quando se começa analisar uma questão, não tem saída, a saída é tão individual que é tão pessoal, é tão de quem tem recurso para vencer aquilo e continuar. A gente passa com a esperança pessoal de cada um de fazer a nossa parte porque, a sensação que eu tenho é que fica na ideologia da coisa, a realidade é outra completamente outra, difícil de assimilar, difícil de digerir, difícil de gerar esperança, no sentido de dizer assim para que eu vou ser melhor? Para contribuir com quê? Com quem?</i></p> <p>P9- <i>Para que eu seja a Maria hoje, existe uma história anterior que me fez ser o que sou hoje. Eu acho que isso é importante para que você possa ter um profissional bem qualificado. Então eu acho que esses três pilares somando ao religioso é o que faz a modificação do que eu sou como profissional. Porque quando eu sou um profissional</i></p>	<p>Sem dúvida nenhuma, a formação política, ética e social faz um diferencial, faz um grande diferencial. O aluno vai ter uma visão completamente diferente daquilo que está fechadinho que a gente passa tecnicamente em sala de aula. Ele vai ter essa clareza maior, ele vai conseguir enxergar dos lados, tudo aquilo que está vivendo. Ele vai poder analisar o porque daquilo, compreender a situação de uma outra forma. Ele vai conseguir se sair melhor de determinados problemas e situações e que ali ele possa estar se encontrando. Eu creio que isso e a própria evolução, educação mesmo. Ele vai poder ter uma visão muito maior do que está a sua volta com certeza e isso, essa formação política, ética e social eu creio que está ligada à educação.</p> <p>Que é importante é, mas para poder abranger ainda a dimensão humana é fraco, ainda acho que ter como profissional de saúde, de enfermagem algo mais, uma base bem maior para poder se posicionar no lugar do paciente, não levar suas questões pessoais, como por exemplo na parte política. Ter o seu posicionamento induzido, tem que ter uma base maior ainda para poder ter o respeito do paciente no cuidar, mesmo a parte ética, porque ainda não dá para só tendo estas três formações que dê para chegar a uma dimensão mesmo. Eu acho que tem que ter no seu currículo um preparo maior para chegar lá.</p> <p>Quando você olha para o cenário político, porque a formação implica em olhar para o cenário político, em olhar para o cenário ético e olhar para o cenário social. É uma desesperança, eu sinto que não tem...é frágil demais, você trazer este contexto, é tudo tão frágil que quando você abre uma discussão em sala de aula dessa realidade mesmo, tudo isso aparece de um jeito tão feio. A política que se vive dentro do hospital, a ética que se vive dentro de um hospital, o social como é trabalhado dentro do hospital, é tão feio isso, tudo tão idealista, fica neste nível, entendeu? É o que muitas vezes, é tudo sem saída, quando se começa analisar uma questão, não tem saída, a saída é tão individual que é tão pessoal, é tão de quem tem recurso para vencer aquilo e continuar. A nossa esperança é pessoal, de cada um de fazer a sua parte, porque a sensação que eu tenho é que fica na ideologia da coisa, a realidade é outra completamente outra, difícil de assimilar, difícil de digerir, difícil de gerar esperança, no sentido de dizer assim. Para que eu vou ser melhor? Para contribuir com quê? Com quem?</p> <p>Para que eu seja a Maria hoje, existe uma história anterior que me fez ser o que sou hoje. Eu acho que isso é importante para que você possa ter um profissional bem qualificado. Então eu acho que esses três pilares somando ao religioso é o que faz a modificação do que eu sou como profissional. Porque quando eu sou um profissional</p>

<p><i>três pilares somando ao religioso é o que faz a modificação do que eu sou como profissional. Porque quando eu sou um profissional embasado nisso tudo, eu consigo fazer diferente, claro que vai existir que eu vou fraquejar, vai ter momentos que eu vou ter ...cair, cabisbaixo, desistir, porque na minha frente eu vou ver todo um cenário que não é um dos mais lindos ... Porque quando eu chego lá apesar de me deparar com as coisas feias, eu consigo manter a essência, porque a essência a gente não perde, a gente fica meio balançada, né? Eu acho que isso é que garante o profissional qualificado. Esses pilares para mim são essenciais para a formação do profissional.</i></p>	<p>embasado nisso tudo, eu consigo fazer diferente, claro que vai existir que eu vou fraquejar, vai ter momentos que eu vou ...cair, cabisbaixo, desistir, porque na minha frente eu vou ver todo um cenário que não é um dos mais lindos ... Porque, quando eu chego lá, apesar de me deparar com as coisas feias, eu consigo manter a essência, porque a essência a gente não perde, a gente fica meio balançada, né? Eu acho que isso é que garante o profissional qualificado. Esses pilares para mim são essenciais para a formação do profissional...</p>
--	---

D- Reuniões e encontros são propostas de mudanças para uma formação mais ampla envolvendo as dimensões humanas.

EXPRESSÕES CHAVES	DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO
<p>P7- <i>Eu acho que tem que ter uma carga horária maior de psicologia para trabalhar com os alunos e também falta o que nós sabemos que é discutir sobre os alunos e os conceitos, como eu conceituo o aluno, o comportamento em sala de aula, como seria para humanizar mais no caso para a gente conquistar mais esse crescimento do aluno perante as aulas teóricas e práticas. Ter mais reuniões de professores que ajuda bastante tornar mais real nossa avaliação de cada aluno.</i></p> <p>P8- <i>Eu diria que dentro dessa realidade totalmente fragmentada, independente dessa realidade, é atuar buscando compor isto, neste microcosmo da sala de aula, é isto.</i></p> <p>P7- <i>Quando você vai desinstalando esses papéis de aluno e buscando este ser profissional mesmo.</i> <i>Eu uso crachá, confecciono crachá em sala de aula, faço eles colocarem o nome deles para começar a trabalhar a identidade e eles devolvem, colocam o crachá num saquinho pendurado na porta e em cada aula eles vão usar. Porque eu faço questão de trabalhar com a pessoa.</i></p> <p>P7- <i>Se nós nos ampararmos a gente faz a diferença, com essas pequenas coisas, porque se cada um de nós for parar nesses espaços mal resolvidos, nada anda, então se a gente tiver a sabedoria de passar por estas coisas, passar pela direção da escola, pela administração da escola. Porque um só não vai conseguir muita coisa, mas se a gente mantém essa união que existe aqui, eu sinto assim, eu sou da psicologia e me sinto muito acolhida com vocês e as coisas novas automaticamente sofrem mudanças porque a força vai se estabelecendo, eu acredito no sutil, eu não acredito no confronto. Nós estamos comungando coisas muito importantes, pelo menos para mim, aqui.</i></p> <p>P6- <i>Eu acho que as escolas tem que começar a</i></p>	<p>Eu diria que dentro dessa realidade totalmente fragmentada, independente dessa realidade, é atuar buscando compor isto, neste microcosmo da sala de aula, é isto. Quando você vai desinstalando esses papéis de aluno e buscando este ser profissional mesmo.</p> <p>Eu uso crachá, confecciono crachá em sala de aula, faço eles colocarem o nome deles para começar a trabalhar a identidade e eles devolvem, colocam o crachá num saquinho pendurado na porta e em cada aula eles vão usar. Porque eu faço questão de trabalhar com a pessoa.</p> <p>Eu acho que as escolas tem que começar a trabalhar não só com a base dos alunos, com atividades ou aula, trabalhar com o grupo de professores, entendeu? Em reunião, como fizemos aqui, de repente, fazer com grupo de professores também, trabalhar com o grupo de docentes e discentes, mas primeiro com os docentes.</p> <p>Toda mudança que se faz dentro da escola, procuramos envolver os professores e os alunos. Foi bom para a escola ter mudado de local e eu me sinto gratificada, quando vejo que alguma coisa montamos, sugerimos e levamos para os professores e ficam animados, fazem a gente trabalhar.</p> <p>Nós levamos os alunos para fazer seminário fora da escola. O que a gente fazia muito na Escola de Cadetes, trabalhávamos com Anatomia, Primeiros Socorros e também todos os anos na Campanha de Hipertensão. Tudo que vem de fora, que envolve os alunos, eu gosto. Eu acho que isso é bom para eles e eu os envolvo ao máximo.</p> <p>Sempre procuramos fazer reunião com os professores por trabalhar sozinha na coordenação, eu preciso que me ajude, eu não gosto de tomar as decisões sozinha e nem que for uma mudança de conteúdo programático. Eu reuno os professores, a gente conversa, vamos montar uma nova apostila, ou vamos decidir o caso de um aluno, o que a gente vai fazer, vai considerar, como vai considerar aquela avaliação do aluno, como ele foi no</p>

<p><i>trabalhar não só com a base dos alunos, com atividades ou aula, trabalhar com o grupo de professores, entendeu? Em reunião, como fizemos aqui, de repente fazer com grupo de professores também, trabalhar com o grupo de docentes e discentes, mas primeiro com os docentes.</i></p> <p>CB- <i>Eu sempre procuro fazer reunião com os professores para ver. Eu trabalho sozinha na coordenação, eu preciso que me ajude, eu não gosto de tomar as decisões sozinha e nem que for uma mudança de conteúdo programático, eu reuno os professores, a gente conversa, vamos montar uma nova apostila, ou vamos decidir o caso de um aluno, o que a gente vai fazer, vai considerar, como vai considerar aquela avaliação do aluno, como ele foi no estágio, como está a parte técnica dele. Eu sempre recorro aos professores que estão me ajudando na situação.</i></p> <p>CB- <i>Eu acho que toda mudança que faço dentro da escola, envolvo os professores e levo até os alunos. Foi bom para a escola ter mudado de local e eu me sinto gratificada, quando vejo que alguma coisa eu montei, sugeri e levei para os professores e ficam animados, fazem a gente trabalhar.</i></p> <p><i>A gente leva os alunos para fazer seminário fora da escola, o que a gente fazia muito na Escola de Cadetes, a gente trabalhava com anatomia, primeiros socorros e nós trabalhamos todo ano na Campanha de Hipertensão. Tudo que tem de fora, que envolve os alunos, eu gosto. Eu acho que isso é bom para os alunos, envolvo o máximo.</i></p> <p>CB- <i>Quanto as atividades extra-curriculares que as vezes acontecem quando a gente faz a Campanha de Hipertensão, fica um professor para cada grupo de alunos. A gente fica em vários pontos da cidade.</i></p>	<p>estágio, como está a parte técnica dele. Eu sempre recorro aos professores que estão me ajudando na situação.</p> <p>Eu acho que tem que ter uma carga horária maior de psicologia para trabalhar com os alunos e também falta o que nós sabemos que é discutir sobre os alunos e os conceitos, como eu conceituo o aluno, o comportamento em sala de aula, como seria para humanizar mais no caso para a gente conquistar mais esse crescimento do aluno perante as aulas teóricas e práticas. Ter mais reuniões de professores que ajuda bastante tornar mais real nossa avaliação de cada aluno.</p> <p>Se nós nos ampararmos a gente faz a diferença, com essas pequenas coisas, porque se cada um de nós for parar nesses espaços mal resolvidos, nada anda, então se a gente tiver a sabedoria de passar por estas coisas, passar pela direção, pela administração da escola, porque um só não vai conseguir muita coisa, mas se a gente mantém essa união que existe aqui, eu sinto assim, eu sou da psicologia e me sinto muito acolhida com vocês e as coisas novas automaticamente sofrem mudanças, porque a força vai se estabelecendo. Eu acredito no sutil, eu não acredito no confronto. Nós estamos comungando coisas muito importantes, pelo menos para mim, aqui...</p>
--	---

Ancoragem

A- Apesar das escolas serem vistas como empresas e visarem lucro, os professores estão fazendo sua parte.

EXPRESSÕES CHAVES	DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO
<p>P8- <i>Nas reuniões de professores, a gente vê da parte dos professores 99% estão fazendo a sua parte, mas vejo como escolas elas são empresas, não são, eu não vejo por parte das escolas essa implementação, eu vejo a visão delas é empresarial, agora dos colegas, os colegas batalham para isso, muitas vezes alguns morrem na praia, acabam saindo para outras coisas porque não concordam com esse tipo de postura.</i></p> <p>P9- <i>Hoje, o que o empresarial, o lucro é uma coisa muito predominante em relação às escolas, não só de enfermagem, mas de uma forma geral, mas eu acredito que o que a gente precisa mudar é quem está lá coordenando essa escola, quem está trabalhando com</i></p>	<p>Hoje, para o empresarial, o lucro é uma coisa muito predominante em relação às escolas, não só de enfermagem, mas de uma forma geral, mas eu acredito que nós precisamos mudar é quem está lá coordenando essa escola, quem está trabalhando com os professores. Algum momento quem coordena tem que falar a língua de quem é o dono da escola, mas quem coordena não pode perder a visão do todo. Nós precisamos ter um olhar crítico para que se possa não só visar o lucro, ter salas cheias, lotadas, mas possa acima de tudo ter um compromisso com a educação.</p> <p>Nas reuniões, se vê que 99% dos professores estão fazendo a sua parte, mas vejo as escolas como empresas,</p>

<p><i>os professores. Algum momento quem coordena tem que falar a língua de quem é o dono da escola, mas quem coordenada não pode perder visão do todo. A gente precisa ter um olhar crítico para que a gente possa não só visar o lucro, de ter salas cheias, lotadas, mas a gente possa acima de tudo ter um compromisso com a educação.</i></p>	<p>eu não vejo por parte das escolas essa implementação. A visão delas é empresarial. Os colegas batalham, muitas vezes alguns morrem na praia, acabam saindo para outras coisas, porque não concordam com esse tipo de postura...</p>
--	--

B- O cuidado humanizado não responde a todas as dimensões na formação, o aluno chega com uma bagagem emocional precária, por esse motivo é importante a valorização de outros profissionais nos cursos de enfermagem.

EXPRESSÕES CHAVES	DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO
<p>P9- <i>Eu acredito, eu nunca li nada sobre isso, mas eu acredito que a procura de enfermagem está muito relacionada ao que eu tenho como história de vida. A minha prova é toda de critique, comente e eles não sabem comentar, explicar. Então, é uma pobreza de conteúdo. Você dá a técnica que tem que existir, mas você tem que dar a noção de vida, de respeito, mesmo que você tenha tido a vida triste.</i></p> <p>P9- <i>Acho que as pessoas tem claro que cuidar do ser humano é cuidar do outro com docilidade e nem sempre contempla esse ser humano como um todo.</i></p> <p>P9- <i>Esta coisa pessoal transcende o que a instituição dá para o funcionário, o que a gente tem como pessoa transcende o que é profissional e isto, esta lacuna a gente não consegue preencher, em nenhuma escola, não só de enfermagem.</i></p> <p>P9- <i>Eu particularmente entendo que a mudança curricular consegue quebrar algumas coisas que a gente não tinha antes. A valorização do profissional que a gente não tinha tão freqüente dentro da escola de enfermagem, que é o papel do psicólogo, nutricionista.</i></p>	<p>Acho que as pessoas tem claro que cuidar do ser humano é cuidar do outro com docilidade e isso nem sempre contempla esse ser humano como um todo.</p> <p>Eu, particularmente, entendo que a mudança curricular consegue quebrar algumas coisas que a gente não tinha antes. A valorização do profissional que a gente não tinha tão freqüente dentro da escola de enfermagem, que é o papel do psicólogo, nutricionista.</p> <p>Eu acredito, que a procura por enfermagem está muito relacionada ao que eu tenho como história de vida. A minha prova é toda de critique, comente e os alunos não sabem comentar, explicar. Então é uma pobreza de conteúdo. Você dá a técnica que tem que existir, mas você tem que dar a noção de vida, de respeito, mesmo que você tenha tido a vida triste. Esta coisa pessoal transcende o que a instituição dá para o funcionário. O que a gente tem como pessoa transcende o que é profissional e isto, esta lacuna a gente não consegue preencher, em nenhuma escola, não só de enfermagem...</p>

4.4.4- Síntese das Idéias Centrais e DSC

Foram organizados doze DSC, sendo seis temas da Escola A e seis temas da Escola B, incluindo três discursos de Ancoragem, construídos sobre um tema da Escola A e dois temas da Escola B.

Após a construção dos Discursos do Sujeito Coletivo, para maior clareza e compreensão reproduzimos um quadro contendo os temas das Escolas A e B, além da síntese das *Idéias*

Centrais e os *DSC*. Esta formatação poderá auxiliar no entendimento, bem como na posterior análise e interpretação.

ESCOLA A

TEMA

A- As escolas já estão valorizando mais a dimensão humana, mas ainda há o predomínio da dimensão técnica na formação.

SÍNTESE DAS IDÉIAS CENTRAIS

O técnico dentro do hospital é voltado para dar conta do serviço e não da qualidade, não do paciente. Do técnico é cobrado a técnica. Existe a dimensão humana, mas ainda predomina a dimensão técnica na formação dos alunos. O aluno fica três anos na escola e tem uma visão política pequena, predominando a visão técnica, a parte ética é mais discutida. Uma das características dos alunos adolescentes é a imaturidade. Eu adoro dar aula na habilitação, eles têm o interesse técnico, mas têm uma vivência humana mais aflorada do que num adolescente. A gente ainda tem o pezinho no tecnicismo. A técnica tem que ser respeitada, mas existem maneiras de você usar a técnica. Quando eu me formei, meu maior problema foi de relacionamento e percebi que só a visão técnica não basta, é preciso ter uma visão psicológica, entender as pessoas. Quando eu entrei no campo de trabalho, minha maior dificuldade foi na parte de relacionamento. A formação política, ética e social é importantíssima. Cada uma com sua contribuição, mas o enfoque principal ainda é para a técnica. Com uma tendência em humanizar essa técnica. Hoje, já se vê algumas especialidades realizando curso voltados para a parte humana. Precisa criar no aluno a consciência de que é importante a técnica, mas que tem que aflorar a parte humana. Nossa escola é humanista e nossa preocupação com a formação global é muito grande. Nós procuramos atender as solicitações da comunidade sempre que possível. Este ano, nós vamos resgatar a assistência em asilos. Em estágio a abordagem humana é o que a gente está mais valorizando, é como checando mesmo. Fazendo a terapia do abraço, nas primeiras aulas, para que os alunos possam enxergar o colega como um ser humano. Uma das coisas riquíssimas da nossa escola é a “Semana de Artes”, tem fotografia, pintura, música, é uma coisa muito bonita...

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Eu acho que está mudando, mas ainda se dá valor para a parte técnica. Quando você vai ver a prática, o técnico lá dentro do hospital, ele ainda é muito voltado para dar conta do serviço e não a qualidade, não o paciente, ainda ele é formado assim, mas isso é um processo...Se faz isso porque ele vê nossa cobrança aqui dentro, por mais que se fale que se valoriza a parte humana, nós ainda valorizamos a parte técnica, ainda estamos com o pezinho no tecnicismo, porque fomos formadas nessa linha, mas estamos tentando passar essa linha. Eu acho que a técnica tem que ser respeitada, mas existem maneiras de você usar a técnica e usar a técnica, né?

A minha experiência diz que o que é cobrado muito do técnico é a técnica. Eu acho que é um enfoque diferente que é cobrado deles. Existe uma dimensão humana, mas que ainda há uma ênfase para a formação técnica.

O técnico fica três anos aqui na escola, ele tem muito mais a visão técnica e a parte política é pouco abordada, mas a formação política, ética e social é importantíssima. A forma que ela vai inserir talvez não fique tão evidente, mas cada um vai dar uma contribuição. Existe a contribuição da Ética, existe a contribuição da Saúde Pública que parte dessa política do aluno, para estar atento ao sistema de saúde de forma geral. Mas nosso enfoque principal não é esse, é um enfoque mais para a técnica, com uma tendência bastante especial e acentuada em humanizá-la, mas eu não sei se a gente consegue ter muito êxito no campo político e social.

Um outro fator que pega muito é a imaturidade. Uma vez, eu peguei um aluno que pôs uma comadre no paciente, tinha mais três no quarto, o paciente descoberto, sem um biombo, a hora que eu cheguei e vi aquilo! Mas o aluno não se toca, entendo que isso precisa, é fundamental, né? É isso que eu falo, a gente tem que falar tantas coisas básicas para eles, de higiene, percepção da situação que, às vezes, a imaturidade conta. Eu adoro dar aula na habilitação, porque o interesse deles, tem aquele interesse técnico, mas eles tem uma característica humana muito trabalhada, uma vivência, tem essa parte humana mais aflorada do que num adolescente.

...quando me formei e fui trabalhar em hospital, havia problemas de relacionamento. Eu pensei que fosse esbarrar em técnicas, mas se percebia a necessidade de ter uma visão mais psicológica, mais conjunta, mais de psicologia para lidar com aquilo.

... o preparo muito técnico foi muito grande. Dava-se importância em saber se era melhor, em fazer e acontecer e no campo a maior dificuldade foi na parte de relacionamento com a própria equipe.

A pediatria se preocupava muito com técnica, técnica, técnica, em todos os aspectos se via o paciente como técnica. Hoje está mudando, de uns tempos para cá, a gente percebe que os eventos que eles realizam estão voltados muito mais para a parte humana, do que para a parte técnica.

Isso que eu acho é essa consciência que precisa criar no aluno, você não pode deixar de cobrar a parte técnica, mas tem que aflorar a parte humana.

A gente está falando de forma geral, se for particularizar, como a escola poderia ser mais humanista, a nossa escola é humanista e a nossa preocupação com a formação global é muito maior. O grupo é preocupado, sempre procurando, conversando, se reciclar, trocar idéias, ajudar. Tem uma preocupação com a formação, o pessoal procura sempre estar fazendo reuniões, discutindo, procuramos atender as solicitações da comunidade sempre que possível. Esse ano, colocamos uma carga maior de Introdução de Enfermagem, com horas de estágio não hospitalar, nós vamos resgatar a assistência em asilos. Em estágio, a abordagem humana é o que a gente está não valorizando, é como checando mesmo.

Estamos fazendo a terapia do abraço nas primeiras aulas, para que eles possam enxergar o colega como um ser humano e não como uma pessoa que disputou uma vaga com ele e uma das coisas riquíssimas da nossa escola é a "Semana de Artes", tem fotografia, pintura, música e é uma coisa muito bonita e une, porque eles têm se voltado para nossa área de trabalho, para nossa comunidade.

Assim, quando os alunos entrarem no mercado de trabalho, eles vão levar essa carga de ver o cliente, não só a patologia, o curativo, o banho que foi dado, mas vê-lo como um todo, como ser humano, tratar ele como ser humano, respeitando as vontades, as limitações...

TEMA

B- Humanizar o cuidado é ver o cliente como um todo, porém ainda prevalece uma visão dicotômica entre a dimensão técnica e humana.

SÍNTESE DAS IDÉIAS CENTRAIS

Houve melhora da parte humana na enfermagem, mas ainda há bastante contraste no ambiente de trabalho. Ainda é bem heterogênea a forma de atenção dada pela enfermeira. A parte humana vai ser passada para o aluno quando diminuir a ansiedade pela transmissão da técnica. O cuidado com os detalhes da técnica é estressante e será que dá para aproximar a parte humana da técnica? A formação dos primeiros anos é mais técnica, com os terceiros anos a formação é técnica, mas há o predomínio do lado humano. O cuidar exige uma ação humana independente da técnica, o lado técnico e humano se complementam. A enfermagem é humana e técnica, não dá para separar e o cuidado humanizado é respeitar o paciente e a equipe. A instituição também precisa se humanizar... O cuidado de enfermagem é essencialmente humano, mas ainda a formação não abrange essa dimensão... Quando se fala em dimensão humana se centra em humanização do cuidado e não do ser humano como um todo. De fato, a gente estava na discussão de humanização no cuidado de enfermagem. Nós não chegamos à dimensão humana em todas as suas faces. O principal objetivo de nossa escola agora é a humanização e nós estamos humanizando todas as disciplinas...

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Melhorou muito esta parte humana da enfermagem, o pessoal tinha medo das enfermeiras. Eu acho que atualmente as pessoas dão atenção, são mais dóceis com os pacientes, mas vejo bastante contraste ainda no ambiente de trabalho. Tem aquelas que são muito impessoais, tratam o paciente como se ele já soubesse tudo que deveria acontecer. Eu vejo que tem as enfermeiras que dão atenção e tem aquelas que tratam como se eles não fossem ninguém, eu vejo assim, bastante heterogêneo esse cuidado.

Os alunos, no primeiro ano em Introdução de Enfermagem, estão preocupados não é com o paciente, eles querem saber aplicar injeção, quem vai fazer curativo, eles querem técnica, técnica. Eu acho que a hora que sanar essa ansiedade de técnicas, eu acho que a gente vai conseguir passar a parte humana para eles, não que não seja importante, acho fundamental, mas acho que cada época tem um peso diferente.

... porque aquele estresse técnico, aquela pressão que tudo tem que ser misterioso, que não pode contaminar: - Cuidado olha onde você põe a mão! São tantos detalhes...

Mas será que dá tempo para você fazer humanização? Trabalhar mais...Mas a enfermagem é só técnica?

Quando eu vim dar aulas nessa escola, eu achava que não precisava falar que precisava virar para dar banho, promover o conforto, para mim era muito óbvio certas coisas e eu fui percebendo que para o aluno não é, tem que falar detalhes que parece tão óbvio que, às vezes, o aluno não consegue enxergar, né? Eu acho que no primeiro ano, a gente dá muita informação técnica para eles, é o que eu sinto, já com o terceiro ano, você dá essa informação técnica, mas você se preocupa muito com o lado humano, né? Do profissional explorar esse lado humano, essa compaixão pelo outro, essa preocupação. Na hora de uma punção venosa, não é pegar no pé do bebezinho como se estivesse pegando uma borracha, ou uma mão, tem que ter muito cuidado na hora de lidar com a pessoa, não só a criança, principalmente com o acompanhante. Eu acho, que de uma maneira geral, a gente tem dois extremos, tem o lado técnico que é fundamental e o lado humano, que acho que um não dá para viver sem o outro.

A enfermagem só como técnica. É um conjunto. Ela é humana e técnica, não se consegue separar as duas.

O atendimento humanizado para o paciente é você respeitar o paciente e respeitar a equipe, e agora né? Se o grupo

de alunos é iniciante e nunca entrou num hospital. É importante fazer uma reunião antes, conversar com eles, você vai tratar dele e não da patologia, não ver o seu cliente como é a “gastre” do quarto dois não, o nome dele, pegar o prontuário, ver o que ele tem, chegar e conversar, se tem acompanhante explicar, e então procura-se trabalhar muito isso.

Mas ainda persiste o discurso em relação à humanização dos cuidados, coisa que é tão óbvia, quando fala em enfermagem, a gente pensa em cuidado, quando pensa em cuidado, você pensa no ser humano. O cuidado em enfermagem é essencialmente humano, que mexe com gente, então eu acho que é uma coisa muito clara, mas no discurso. Na prática, não vejo esse profissional ser atendido na própria formação. Passar como?

Primeiro, tem que se humanizar o serviço, a equipe. Tem que estruturar a equipe e para conseguir priorizar o cuidado humanizado, quando você fala da dimensão humana no cuidar, precisa, primeiro, a instituição se humanizar. Mas as pressões estão tão grandes que você não consegue verificar essa dimensão humana, você é tecnicista que atende a expectativa do administrador do seu hospital, mas para humanizar esse cuidado é preciso também ver o cliente como um todo, verificar o fator psicológico, emocional, tudo isso que é humanização, eu não sei, eu acho que é uma sementinha.

De fato, a gente estava na discussão de humanização, no cuidado de enfermagem, porque eu acho que a gente não chegou na dimensão humana em todas as suas faces. Tem a face social, por exemplo, uma face política, que muitas questões que precisam ser resolvidas naquele momento com o paciente é uma questão social, não necessariamente um cuidado de enfermagem. Você pode dar muito bonitinho orientações sobre amamentação, incentivo à amamentação, mas se a mãe não puder se alimentar, não tiver com quem deixar esse filho, você não vai estar olhando para ela como um ser humano completo. Eu acho que nós ficamos muito na dimensão humana da humanização em relação ao cuidar do indivíduo, bem direcionado a isso, não como um ser humano, como um todo, que vai além da assistência que a gente está dando.

Mas nosso objetivo principal, agora, aqui na escola, é a humanização, é nesse foco que nós estamos centrando todas nossas atenções em todas as disciplinas. Formando pessoas melhores, porque quem está lá, dificilmente, se modifica...

TEMA

C- Os professores tem um papel importante para a construção de espaços de discussão e troca, mas relatam ter dificuldades para compreender a política que envolve as leis educacionais.

SÍNTESE DAS IDÉIAS CENTRAIS

O educador forma opiniões. Os docentes tem a responsabilidade de fazer o aluno enxergar e mudar, conseguem fazer troca. A importância da formação é estar abrindo espaço para discussões. Os técnicos e auxiliares tem uma formação adequada com a formação de seus docentes. Nós professores não somos políticos, não conseguimos passar a parte política na formação para o aluno. O professor da disciplina de História ensina a argumentar e se posicionar e a Saúde Pública é uma área que dá uma visão política mais crítica do sistema de saúde. A parte política é conhecer o funcionamento do Conselho Municipal, o Conselho Tutelar. A enfermagem é fraca politicamente, quando tem uma greve, nós não participamos da paralisação. Na nossa escola um professor complementa o conteúdo do outro e a realidade é diferente de um hospital, nosso grupo é homogêneo em termos de atitudes e responsabilidades. A equipe de professores que trabalha conosco pensa da mesma maneira. O objetivo principal agora é a humanização. Dentro de todas as disciplinas, o enfoque é dado para essa parte humana. A formação crítico-reflexiva só acontece com o treinamento do professor. O professor precisa fazer esse exercício com mais competência. Eu não entendia de carga horária e LDB, tinha uma visão tecnicista. Eu comecei a entender dessas leis com a prática. A LDB é uma

medida do governo para gerar empregos. A lei deveria ser discutida antes de ser colocada em prática, deveria ser amadurecida e depois ser implantada, só que foram impostas. A definição de competência de acordo com a lei, fica muito preso a procedimentos e para mim vai muito além disso. A gente colocou o que vê como competência até para direcionar as competências que estão lá para que sejam melhor entendidas. As competências para alguns não são compreendidas...

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

A responsabilidade do educador é muito grande, porque o professor forma opiniões e a formação envolve você estar justamente lidando, em estar jogando uma situação, o aluno estar respondendo, discutindo, quando está em público, porque tem resposta para algumas das dúvidas que eles têm, mas acho que você coloca no grupo a pessoa se define, ela vai caminhando, ela vai se enxergando, vai conseguindo mudar. Acho que nós temos possibilidade de aceitar que nós conseguimos, realmente, fazer essa troca.

Então técnicos e auxiliares não vêem assim, porque esses são os formadores.

Nós não somos políticos. Nós, professores não conseguimos passar essa parte política, formação política para o aluno. Essa parte é muito mais explorada pelo ensino médio em algumas disciplinas, do que por nós.

Eu acho que a gente ainda tem mais dificuldade de ser político, que nem sempre é entender da política. É saber se posicionar, é defender o seu ponto de vista, então, realmente o professor de História ensina isto, argumentar, se inserir diante do problema e tomar uma posição e nós somos fracos politicamente. Quando temos greve na instituição, a enfermagem, nosso curso não pára e nós justificamos porque campo de estágio, por “n” situações, que nós não paramos. A nossa visão é ... esse aluno vai se formar de que forma, ele vai deixar de ter esse conteúdo, não pode, não podemos e aí a gente dá todos os suportes possíveis e nós levamos o curso do jeito que tem que ser. É o único que enfrenta greve numa boa.

Tem uma área que privilegia as discussões políticas que a Saúde Pública. Apesar de não estar exercendo é a única que tem mesmo uma crítica mais analisada do sistema de saúde.

Porém um professor acaba completando o outro. A gente dá uma parte da Ética, dá a postura profissional, política dos Conselhos Profissionais, política do Conselho Regional, Conselho Tutelar...

Nossa escola tem uma realidade diferente de um hospital. É uma estrutura que nós criamos que propicia refletir, mudar uma grade curricular, discutir um problema de um aluno, chamar pais para conversar, é diferente e assim quantas escolas tem essa compreensão. Aqui o grupo é homogêneo em termos de atitudes e responsabilidades.

A equipe de professores que trabalha no nosso curso, graças a Deus, pensa da mesma maneira. Todos nós estamos enxergando os objetivos, a nossa meta, onde é que nós vamos chegar. Com esse objetivo principal que é agora a humanização.

Quanto a formação crítico-reflexiva, só ocorre com o treinamento do professor. Para chegar nessa formação, o professor precisa aprender fazer este exercício com mais competência, que é ideal é, com certeza, o que se pode mudar, crítica-reflexão, ação em cima da análise é bom, mas é difícil colocar em prática. Não sei se estou subestimando a capacidade.

Há algum tempo atrás, quando se falava em Lei de Diretrizes, carga horária, isso e aquilo, nossa, era difícil entender, por quê? Apesar de ser professora, mais uma vez com uma visão tecnicista, na graduação, a grande preocupação era o bacharelado, e a licenciatura ia se fazendo.

Acho que esse anos que a gente tem uma programação de final de ano, que a gente está sentindo como vai ser a carga horária, a montagem dessa grade, no meu caso é aí que eu comecei a visualizar essas leis com a prática.

Deveria existir uma lei para se trabalhar num sentido vertical e antes de colocar em prática, para algumas pessoas as competências não são compreendidas. Vem uma lei que é colocada em sentido vertical e foi colocada em prática antes de ser discutida. A avaliação ainda não é compreendida na sua essência, por muitos professores, isso é uma mecanização, alguns ainda tem dúvida, acham que são obrigados a passar, isso é uma mecanização do entendimento, de o que é avaliação que a lei preconiza.

Na lei tem um discurso que na prática é difícil. Acho que tinha que acontecer o inverso. Amadurecer, preparar e depois partir, foram impostas. A impressão que tenho é uma desvalorização do ensino técnico.

Eu acho que a LDB é meramente política, é para gerar emprego. Então, se o governo profissionaliza o pessoal, para eles, no meu ponto de vista, é para gerar emprego. Para justificar isso politicamente.

Agora, quanto as competências profissionais, no nosso caso a gente colocou o que é que a gente vê como competência até para direcionar as competências que estão lá, para que sejam melhor entendidas. Se eu tenho competência em tal curso, vou avaliar se houve eficácia no esquema de vacinação. Isso é competência, para mim não

sei o termo, o texto. Eu posso ter competência em coisas pontuais. Com certeza, para mim vai muito além do procedimento e que na lei fica muito preso ao procedimento, não sei se é falta de visão minha...

TEMA

D- Durante a formação os alunos desenvolvem o auto-conhecimento e a reflexão, isso vem nos mostrar a importância das ciências humanas e sociais nos currículos escolares.

SÍNTESE DAS IDÉIAS CENTRAIS

A formação social, ética e política seria mais fora da escola, dentro de casa, da família. Na nossa escola, o aluno tem liberdade de escolher se quer assistir aula ou não e isso gera responsabilidade. Ele interage com outros cursos. O nível social e cultural interfere, porque é muito diferente entre os alunos. Na nossa escola o objetivo é desenvolver o senso crítico do aluno, pelo menos esse é o começo. O aluno é diferente de quando entra e sai do curso, pode ser devido à observação e reflexão. Defendo a valorização e retorno das ciências sociais e humanas nos currículos. O aluno precisa se conhecer e se gostar, para então, gostar do outro que vai cuidar. Todo o conteúdo programático de Psicologia é o que tem mais forte, o que está mais visível. O aluno do primeiro ano tem Ética e Cidadania e Ética Profissional. Nossos alunos tem uma postura crítica. Se durante o curso, o resgatar seus valores, quando se tornar profissional, será apenas o reflexo do que ele é. Eu tive conteúdo de auto-conhecimento na disciplina de Saúde Mental...

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

A formação seria mais fora da escola, dentro da casa, da família... o aluno vai se sentindo responsável, porque nem tem pai e a mãe perto e ninguém cobra que ele vá a aula ... porque ele define se ele vai assistir ou não, ele tem essa liberdade. Eu acho que isso gera uma responsabilidade e ele interage com outros cursos, com nível universitário que no campus tem também faculdade e acho que é uma fase de crescimento muito grande para ele de auto-conhecimento e de sociabilização e o nível social, cultural, profissional interfere. Acho que por isso que a prática de enfermagem tem tantos conflitos, porque o nível social e cultural é muito diferente.

Tem alguns alunos que sobressaem na comunicação, no jeito, no lidar com o paciente e tem outros que só enxergam aquilo que está fazendo com o paciente.

Acho que nessa escola, os alunos têm, todos os anos, a possibilidade de desenvolver o lado crítico. Nesses anos todos participam, voltado para o lado social, econômico. Isso ajuda a despertar o senso crítico dele. Se ele tem senso crítico, eu acho que ele começa a questionar o sistema. Está errado? Por quê? Como pode mudar? E o primeiro passo é este. Então, eu acho que pelo menos na nossa escola, este é o começo.

Acredito que exista no curso observação e reflexão; é um aluno diferente quando ele entra e quando ele sai do curso.. ou mesmo convivência da enfermagem e essa competência profissional nos preocupa, a gente procura que ele saia bem daqui.

Eu acredito e defendo na volta, na valorização das ciências humanas e sociais nos currículos. Porque eu acho que você dá oportunidade para nossos alunos. A prova de Psicologia Aplicada que é sobre comunicação, sobre as ciências humanas, de um modo geral você está dando oportunidade para o menino de refletir sobre ele mesmo, sobre o mundo onde ele está inserido.

Eu acho que essa bagagem social e cultural tem que ser acrescentando de uma forma normal até nesse social. De uma forma geral, é a dimensão humana nos cuidados de enfermagem. Isto pode ser explicado, construído, com o aluno, através desse instrumento que eu falei, ciências humanas e sociais.

Então, primeiro o aluno tem que se situar, ele tem que estar muito bem, para ele partir, tem que se gostar como ser

humano para começar a gostar do ser humano que ele vai cuidar. Eu acho que a hora que você resgatar no aluno, assim que você der oportunidade e ele entender como está inserido neste mundo, quais os valores que ele tem em relação ao ser humano; no momento em que ele for atuar com outro ser humano, isso vai ser só um reflexo de que ele é.

O aluno do primeiro ano tem Ética e Cidadania e Ética Profissional. Na Ética e Cidadania ele vai ver os aspectos éticos do cidadão, do homem e não profissional, a parte profissional é dada na Ética Profissional e todo o conteúdo programático da Psicologia é o que tem de mais forte, e o que está mais visível. É fantástica a maneira como a professora de Psicologia trabalha...

Os funcionários dos hospitais que estagiamos acham que somos críticos e nossos alunos quando vão trabalhar, ex-alunos que questionam, tem uma postura crítica.

Eu tenho um exemplo muito bonito dentro da Santa Casa. Quando eu entrei para trabalhar lá, eu peguei um plantão muito problemático não na parte técnica, na parte de relacionamento, pessoas excelentes em técnica, é claro que alguns não, mas o problema de relacionamento interferia até na parte técnica, e assim, porque um não aceitava as diferenças de cultura do outro. Foi acreditando no potencial de cada uma delas que a gente foi mudando, conversando, foi aprendendo, um entender o outro e principalmente, tendo o carinho e respeito pelo paciente. Acho que o que o aluno traz com ele, tirando a técnica, a formação é muito importante, é isso daí que vai ter uma influência muito grande na hora que ele vai trabalhar, ele mostra o que ele é, o que ele trouxe.

Na graduação, nós tínhamos Psicologia, Sociologia, dinâmica de grupo, tudo isso era matéria e tinha Saúde Mental I e II, em Saúde Mental I todo mundo achava que fosse ver paciente, patologia e não foi, foi auto-conhecimento, sabe, conhecer o que nós éramos, tinha dinâmicas, relaxamento, como se situar em relação a uma situação frente ao paciente, saber como agir. Foi uma oportunidade ter trabalhado isso, ficou mais claro a união da técnica com o paciente como um todo...

TEMA

E- São claras as propostas de mudança para uma formação mais ampla, envolvendo as dimensões humanas, mas o grupo de professores não têm forças para manter encontros e reuniões entre as escolas.

SÍNTESE DAS IDÉIAS CENTRAIS

Conscientizar o corpo docente da escola sobre a importância dessas reuniões, conversas e encontros. Quanto mais se conversa, maior a possibilidade de aprender essa implementação que privilegia a dimensão humana. Acho que juntas temos mais chances de melhorar. A saída é aumentar os contatos e encontros, e-mail. Talvez a primeira discussão seja essa, o que é para cada um de nós dimensão humana. Você começa a pesquisar no ensino médio e não acha diferença do enfermeiro. Esta é uma forma de se reunir e unir e criar um espaço de reflexão. A pesquisa pode gerar muitas propostas. Fazer trocas através de grupos de estudo, o que vai contribuir para a valorização da profissão. Sair do nosso espaço e formar um grupo mais abrangente. Fazer reuniões com outras escolas, trocar experiências; a troca entre as escolas é bem pequena. De repente, o grupo vai se desunindo, vai perdendo a força, porque os componentes do grupo vão perdendo a disponibilidade. Para a instituição este tipo de reunião não é importante. Há uma certa competição entre as escolas, todas se acham melhor e assim se fecham para a troca. Nós participamos do GIPEEM, mas depois fomos perdendo contato. O pessoal não valoriza essa troca.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Eu acho que o primeiro ponto é disponibilidade, e assim, vamos nos reunir para discutir a dimensão humana. Primeiramente, é conscientizar o corpo docente de cada escola sobre a importância de se conversar, com reuniões entre os grupos e depois encontros com outras instituições para tentar melhorar.

Quanto mais você interage mais se conversa, você tem chance de crescer, de aprender essa implementação que privilegia a dimensão humana. Eu lembro quando a gente fazia encontros, disputas de jogos, de curso de enfermagem. Cria um elo, uma disputa, uma união muito grande, seja pelo motivo esportivo, seja pelo motivo de aprendizagem.

Nós somos responsáveis por isso, de estar se encontrando, discutindo os nossos conteúdos, as nossas disciplinas, como é que a gente faz, como é que pode estar privilegiando a dimensão humana, a humanização do cuidado, é discutindo mesmo. Agora, tem que ter força da instituição.

Talvez a primeira discussão seja a nossa, o que é para cada um a dimensão humana, porque para mim pode ser pintar a enfermaria de pediatria de cor de rosa, é ampla a discussão até chegar nesse ponto, vai um tempo.

Eu acho que criando um espaço de reflexão, onde vai estar analisando os fatos, aprendendo melhor a tua atuação. Eu acho que a melhor forma de você validar alguma idéia tua é usar o método científico, só que a enfermagem não tinha até então como fazer isso, nós quase nem conseguíamos registrar os nossos cuidados; quanto mais pesquisar.

A pesquisa pode gerar muita proposta boa, porque ela vai abrir esse espaço de reflexão, análise, discussão, compreender a realidade para buscar uma mudança, porque eu acho que a gente não muda nada, assim, sem construir. Eu acho que a construção que a gente está fazendo hoje é uma construção de mudança, como explicar isso.

Você começa a pesquisar e não acha diferença do enfermeiro. Isto também é uma forma da gente se reunir, se unir. O enfermeiro precisa se despir dessa vaidade, ser mais cuidadoso, se posicionando mais, criando mais.

Eu acho que podíamos fazer trocas como o GIEMEN, que é um grupo de estudo em ensino médio de São Paulo associado à ABEn. Acho que é um espaço muito interessante, as escolas se reunirem e conversarem. Nós estamos trabalhando, nós aqui, falta essa parte, nós não somos sozinhos, nós temos que dar mais os braços, as mãos, mais gente trocando e-mail e melhorando. Todos se unem, você consegue fazer um nível mais abrangente, apresentar o que eu tenho de bom. Acho que seria por aí, sair um pouquinho do espaço e formar um grupo mais abrangente. Porque esta troca só vai contribuir para a valorização da classe da enfermagem, das categorias, é isso, o objetivo final, a meta principal.

A enfermagem e a classe só vai ocupar o lugar que ela merece, quando tivermos a consciência de que nosso profissional, nosso aluno no mercado de trabalho e não só o aluno, tinha que ter uma coerência da classe em si e essa troca de experiência com o outro que a gente fala muito. Nós temos escolas aqui que são ruins, se a gente chamasse o pessoal? O que nós podemos fazer por vocês? O que vocês tem para oferecer para a gente, para nós podermos trocar? A gente não precisa chegar e falar que é o melhor.

O que dificulta a realização dessas propostas é que a troca de experiência entre as escolas é bem pequena. Eu acho que juntos, a gente tem chances de melhora. Pode até ser chamado de comodismo, mas é a disponibilidade. Hoje, todo mundo corre tanto que procura fazer a sua parte. Isto exige desprendimento extra e que envolve muito tempo para você organizar uma atividade conjunta. Acho que a saída é aumentar os contatos, os encontros. De repente, o grupo vai se desunindo, vai perdendo a força, porque os componentes do grupo vão perdendo a disponibilidade. Aí, a gente começa a se perguntar mesmo se está faltando motivação, vamos continuar esse tipo de discussão? O problema é que, às vezes, para a instituição isso não é importante, esse conceito de reunião passa mais pelo conceito de lazer.

Dá para fazer, até que dá, mas a instituição tem que dar força. Há instituições que não permitem que enfermeiros vão a Congressos.

O GIPEEM (Grupo de Interesse de Profissionais de Enfermagem em Ensino Médio), também quando começou nós fomos, depois perdemos contato e a gente quando começa ir nesse grupo, a gente tem um ciúme da escola, mas é geral, todos falam do dele como se fosse o melhor, nossa escola fala como se fosse melhor. Nós nos fechamos, é difícil alguém colocar uma idéia...

ANCORAGEM

Os DSC baseados em Ancoragens dão uma visão mais ampla da realidade vivenciada pelas participantes da pesquisa. Neste caso, sugerem que os elementos que compõe o discurso revelem situações genéricas e até de julgamento que envolvem outras escolas de enfermagem e a própria formação em ensino médio em Enfermagem. No entanto, destacamos a proximidade entre os Discursos de Ancoragem e DSC.

ESCOLA A

TEMA

A- Ainda há o predomínio da formação técnica, mas existem propostas para uma formação mais ampla e com qualidade.

SÍNTESE DAS IDÉAS CENTRAIS

A parte técnica ainda é mais importante e há o predomínio da formação técnica nas escolas de enfermagem. Existe um discurso de humanização por parte das instituições, mas na prática ainda se valoriza a técnica. Está havendo uma maior preocupação com a formação humana, o que vai acarretar uma formação mais humanizada para os técnicos e auxiliares. Um preparo adequado do enfermeiro, levará a um docente mais equipado para formar melhor os técnicos de enfermagem. Um comentário que as pessoas fazem: - Por que vocês não escrevem o que vocês fazem? Tem pouca pesquisa na área de ensino médio. A partir do momento que a enfermagem entender a importância da pesquisa, ela vai ter mais espaço para a mudança. A enfermagem está se achando. Estão abrindo vários cursos e formando profissionais não necessariamente competentes.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Eu acho que as escolas tem ainda uma formação mais técnica do que voltada para a dimensão humana, isto reflete naquele profissional que se preocupa só com a técnica e esquece a pessoa como um ser humano, né? Então, ele vai lá, executa aquela técnica e não vê que o paciente está mais calado, mais triste, então, isso é da pessoa, mas muito também eu acho que a escola, não a nossa escola, acho que de modo geral, está começando a ter uma preocupação com a parte humana, mas é uma coisa muito inicial, a parte técnica ainda é muito mais importante.

Há um grande discurso de humanização, que faz parte até do Ministério da Saúde, quando ele cria um programa de humanização, já criou uma portaria sobre a humanização do parto e a do atendimento ao recém-nascido, isso já está em vigor, só que este discurso ele até existe em relação ao resgate dessa dimensão humana, mas na enfermagem. Só que eu me preocupo sim, na prática ela não é assim tão verdadeira, não corresponde a este discurso, a instituição tem uma certa resistência em valorizar a dimensão humana, ela valoriza tarefas, números de leitos, números de procedimentos. A eficiência da equipe de enfermagem está mais para a dimensão técnica do que para a atuação dessa equipe e a dimensão humana que a envolve. Isso é uma política da instituição, trabalhar com o mínimo de pessoas possíveis, provavelmente, porque lhe falta a dimensão técnica e jamais a dimensão humana, poderia estar atuando nos cuidados dele.

Eu acho que está tendo uma preocupação geral da parte humana e isso vai fazer com que os profissionais técnicos e auxiliares consigam também absorver um pouco mais, porque da parte de graduação dos enfermeiros tem uma sensibilização da parte humana.

Se o pessoal de graduação está tendo isso, quando ele for para o campo de trabalho ou docente, ele vai ter uma preocupação, vai estar mais aberto para isso.

Um comentário que as pessoas fazem:- Por que vocês não escrevem o que vocês fazem? Tem muito pouca pesquisa na área de ensino médio.

A partir do momento que a enfermagem entender a importância da pesquisa, ela vai ter mais espaços para mudanças, análise, reflexão, discussão. Porque o que a gente está fazendo hoje é uma construção de mudança...

Nós temos que tomar cuidado para não perder algumas partes. Eu acho que a enfermagem está ainda se achando. Porque apesar da busca de uma formação com mais qualidade está livre a nossa atitude; ele está dando diploma para um monte de dentista, para um monte de cursos que a universidade está abrindo aqui. Estão abrindo curso, estão autorizando se formar profissionais não necessariamente competentes...

ESCOLA B

TEMA

A- O papel do professor é ver o aluno como um todo, porém esse mesmo professor tem dificuldade de compreender a LDB e a formação por competências.

SÍNTESE DAS IDÉIAS CENTRAIS

Falar sobre dimensão humana não é coisa tão simples assim. Dimensão humana é tudo que se faz pela melhoria da pessoa humana. O relacionamento, o comportamento humano tem que contar para a formação. O professor é quem avalia o aluno como um todo. Tentar trabalhar o lado psicológico do aluno, porque ele chora ou ri. Nem todos os professores mantêm vínculo com a escola. Eu pergunto: - Será que elas estão aqui por dinheiro ou para trabalhar junto comigo na formação do aluno? Algumas disciplinas em enfermagem estão muito centradas em um só olhar. É uma equipe com o olhar mais humanizado, trabalha mais em equipe... Quem é que tem esse olhar mais completo, que se possa ver esse trabalho? O professor pode mudar essa realidade fragmentada, começando a entender o aluno como um todo. O professor também tem uma educação fragmentada. É preciso saber os fundamentos da técnica, sem necessariamente executá-la como o outro. O papel do professor é entender o que está além do lado técnico. Às vezes, o aluno não é bom na técnica, mas é bom nas relações. Importante conscientizar o aluno sobre as diversas faces que envolvem a profissão de enfermagem. A maioria das classes percebe o valor daquilo que a gente está objetivando e vem junto nesta qualidade. Eu ensino o que é possível, o resto o aluno faz. Assim se perde a idéia de que o educador é agente de mudança. Buscar fora da escola respostas, hoje o professor não pode se acomodar. Trabalho reflexão para que o aluno perceba que ele é um componente de cura. Tem momento que sinto que não sou a pessoa mais simpática da sala de aula e nem a pessoa mais querida, mas isso ajuda na reflexão. Eu procuro trazer na aula a escuta psicológica. Tenho encontrado muita resistência em cuidar um pouco desse corpo que vai cuidar do outro corpo. Eu não entendo essa lei de diretrizes e bases. Quando se faz atribuição de aula, a dúvida é o que vai se fazer com a nova LDB... Se o professor passa uma competência, o aluno vai ou não adquirir essa competência. Eu abordo com os alunos uma somatória de conhecimentos, para que saiam com competência profissional...

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Eu acho que tudo que se faz para a melhoria da pessoa humana, não só o comportamento dela intelectual ou a parte da maneira dela ser, não sei bem, é que na verdade... falar sobre a dimensão humana não é alguma coisa assim tão simples! O relacionamento humano, o comportamento humano, tem que contar para a formação, porque desde a hora que a gente avalia o aluno, quando ele vem do estágio, quando faz uma prova teórica, a gente que avalia ele como um todo. Tem que estar olhando o outro lado do aluno, o lado humano. Então, tudo a gente tenta trabalhar na formação do aluno, levando em conta o lado humano. Tentar trabalhar o lado psicológico, o lado porque ele chora, porque ele ri.

Sem dúvida, eu volto a colocar que a gente tem que buscar no aluno um interesse que talvez nem ele saiba a dimensão que tem o que ele está fazendo, o que envolve o trabalho dele como profissional da área de enfermagem. Eu creio que é tentar fazê-lo enxergar o que abrange tudo aquilo que ele está estudando, como ele vai colaborar com a cidadania, como é para ele, para que realmente ele se sinta dentro de um contexto de uma sociedade, que ele faça parte de uma sociedade como colaborador, imagino que seja, é um trabalho solidário o cuidado de enfermagem.

É que a maioria das classes vem juntas, a maioria das classes entende a proposta e percebe o valor daquilo que a gente está objetivando e vem junto nessa qualidade.

O que eu percebo, às vezes, é que a enfermagem em algumas disciplinas está muito centrada, tem só um olhar, entendeu? Eu sei que é uma equipe tendo um olhar mais humanizado, trabalha mais em equipe, inclusive disciplinas mesmo, interagindo disciplinas para que esses tópicos fossem reforçados.

Aonde eu posso me apegar para que a gente possa continuar? Então, eu acho que o precipício é isso, quer dizer quem é que está trabalhando nessa condição? Quem é que está buscando essa valorização? Quem é que tem esse olhar de uma forma mais completa, mais inteira para que a gente veja esse trabalho, é um questionamento muito grande, aí!

A idéia fragmentada pode mudar partindo de cada um de nós, quando a gente está lá na sala. Eu deixar de entender o aluno de enfermagem como aquele que é executor de técnica e eu começar a entendê-lo como um todo, então, esse é nosso papel. Porque a gente também vem de uma educação fragmentada e que a gente não consegue associar isso muito bem, eu acho importante trabalhar a pessoa do aluno, porque ele tem dificuldade, porque ele precisa de uma atenção maior, porque eu preciso ficar do lado dele, porque eu preciso entender o comportamento dele e alguns momentos chamar, conversar, porque eu acho que o papel do professor transcende a sala de aula. Eu acho que a gente precisa saber os fundamentos técnicos do procedimento que se vai executar, e não necessariamente fazer da forma que o outro faz. Eu acho que isso limita o outro, então, precisa entender que transcende o ser técnico, mas as vezes você tem um aluno que é péssimo na técnica, mas ele é bom em contato com o paciente, tem conhecimento bom do todo. Eu acho que nosso papel é este mesmo.

Tudo isso a gente consegue durante o curso, precisa ter um trabalho como a gente está fazendo, todos juntos, todo o grupo da escola e nós mesmos, professores, temos que vivenciar o problema, tem mais que sensibilizar a parte humana. Acho que durante o curso dá sim. Concordo, plenamente, que dá.

Na realidade, se passa o que é possível e o resto ele faz. Aí, a gente perde o eixo que o educador é um agente de mudança. Você tira o papel do educador que é maior, porque quando você entra dentro da sala você quer agregar alguma coisa a ele, o que ele não teve de valor político, ético e social. Você vai ensinar isso para ele, isso é a coisa maior, não é dizer que ele tem ou não competência, você está ali para mudar, ou pelo menos ser um agente de transformação.

...como assumir o papel de educador, se a pessoa se dirige a mim e pergunta:- Quantas faltas pode ter? Eu posso ficar livre de você? Então, você tem que o tempo todo buscar. Hoje, não dá para o professor se acomodar. Pela característica dos alunos o desafio está sendo de sair da escola e buscar.

Trabalhar a formação no sentido de que o aluno perceba que ele é um componente do fator de uma doença daquela pessoa, o cuidado com o nome, com a atenção, que eu possa dar, faz de mim um componente de cura. Trazer isso para poder se colocar no lugar do outro, tem que quebrar algumas coisas e aí, somar essas informações que ele vão trazendo. Então sabe, tem hora que você não é a pessoa mais simpática da sala e nem a pessoa mais querida, mas acaba de alguma forma ajudando nessa reflexão, mais reflexivo, sair dessa coisa mais genérica do julgamento, da avaliação, porque fica no estereótipo.

...É uma aula que gera muita resistência...um grupo e outro grupo para poder ouvir-se e escutar e daí vem essa coisa de formação ética, poder fazer a escuta do outro, eu procuro trazer na aula a escuta psicológica, quer dizer a postura, a escuta, porque é difícil, porque quem sou eu assusta muito e o que busco na vida...Há muita barreira, muita resistência, para poder trazer isso, trazer esse corpo, cuidar um pouco o corpo que vai cuidar do outro corpo. Então, o meu enfoque tem sido buscar este caminho, buscar pessoas para essa sensibilização, sensibilizar as pessoas nesse ponto.

A partir desse ano, ficou mais claro o papel de professora, por ser terapeuta e com vivência em grupos de

treinamento eu não sei que lei é essa. Eu escuto falar de leis de diretrizes e bases, mas eu não tenho base no que ela fala.

O que se vê, por mais que a gente reflita todo ano, quando se faz uma atribuição de aula, o que vamos fazer com essa nova Lei de Diretrizes e Bases? E aí a gente acaba entrando num consenso meio complexo, é uma visão, é uma coisa que tem que ser trabalhada a longo prazo, por que qual a proposta dessa lei? É você passar ali uma competência para o aluno e ele vai ou não adquirir essa habilidade, e aí fica uma situação meio estranha porque você ensinou, mas será que ele aprendeu? Ah! Não tem problema, se ele não aprendeu a vida vai ensinar, pode passar ele de ano, a vida vai ensinar, porque a vida é assim. O que nós temos para trabalhar com essa dimensão toda do aluno? De repente, você usa alguns artifícios burocráticos que são provas. Enquanto isso a gente vai buscando e trabalhando em cima, eu estou passando essa competência, vou fazer com que ele saiba depois navegar esse barco.

Quando se fala em competência profissional eu acho que eu tento abordar com os alunos é isso, e que seja uma somatória de conhecimentos, para que no final eles saiam com competência profissional...

Nem todos os professores que eu tenho por aqui mantém vínculo com a escola. Tem professores que atuam nas disciplinas de estágio, mas nós temos um grupo de professores que são antigos na instituição. Eu me questiono: - Será que ele pensa como eu? Será que elas estão aqui por dinheiro ou para trabalhar junto comigo na formação do aluno? Os professores enfermeiros que querem manter vínculos, que se preocupam com a formação, então eu os mantenho...

TEMA

B- Os alunos chegam no curso com dificuldades financeiras, uma bagagem emocional limitada e em diferentes graus de maturidade. Dessa forma fica difícil propiciar momentos de sensibilização e reflexão durante a formação.

SÍNTESE DAS IDÉIAS CENTRAIS

Nossa profissão está diretamente ligada com o cuidar, o que exige uma estrutura emocional elaborada, sendo difícil encontrar pessoas adequadas. A maturidade de cada nível de formação em enfermagem é diferente. Os alunos do curso integrado são imaturos e os de nível auxiliar são mais maduros, exigentes e vêem a realidade de forma diferente, pois já atuam na profissão, respeitam o trabalho da professora de psicologia. Cada nível de formação tem uma compreensão e é conversando que vou entender a parte humana de cada um. A vida dos alunos é muito trágica. Uma condição emocional precária e marcada por muito sofrimento. As dinâmicas de sala de aula levantam uma questão. Como conseguiu sobreviver? Como pessoas tão frágeis, tem força que motiva a procurarem atividades para cuidar do outro? A maioria das vezes, a gente não está preparada porque a gente não consegue, a gente não tem nem para a gente. Como é que você tira alguma coisa de um saco vazio? Não tem como, por mais que vá, se esforce. Alguns alunos tem dificuldade até para pagar a condução. Os alunos chegam no curso com uma bagagem limitada. Se não estiverem prontos emocionalmente, não terão o que dar para o cliente e eles valorizam mais a técnica e resistem em aceitar as disciplinas que envolvem auto-conhecimento. Parte do que se vive dentro da escola pode ser mudado. Tem algo que precisa ser resgatado que é a parte individual. A dimensão física, a enfermagem consegue trabalhar, porém a dimensão emocional e mental ela não consegue atingir. O profissional de enfermagem não está cuidado, nessa dimensão emocional. O aluno precisa saber formar suas idéias, expor suas idéias. O professor tem que saber escutar o aluno e saber fazê-lo entender como argumentar, construir sua própria crítica. Nós trabalhamos a crítica não só nas aulas de ética, mas em todas as disciplinas. A reflexão é todo momento de nossa vida... eu preciso

saber porque sou a Maria e porque escolhi ser enfermeira ou auxiliar de enfermagem. A formação crítica-reflexiva é voltada para o entendimento do corpo. Propiciar esse momento reflexivo é atravessar barreiras. Na prática, não se deixa o aluno refletir sobre o procedimento que vai fazer...

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Nossa profissão está diretamente relacionada com o cuidar, e cuidar exige toda uma estrutura emocional bem elaborada, bem trabalhada, é por isso que a gente não consegue ter as pessoas que realmente saibam cuidar, porque atrás da Enfª Maria tem a Maria que tem as suas questões, as suas dificuldades e isso a escola não consegue dar para o aluno.

A realidade de cada um dos três níveis de ensino em enfermagem é bem diferente, então, para o pessoal que faz ensino médio junto com o técnico eu não sei se ele tem bem a maturidade para saber o que eles estão se formando, se é isso mesmo que eles querem ou não: enfermagem. Eu acho que eles não têm ainda a consciência do que seja fazer o curso. O pessoal de auxiliar de enfermagem, eu creio que eles tenham uma certa maturidade, mas uma maturidade profissional, sem também saber, ter a consciência, a implicação do que é ser um profissional da área de saúde...

A diferença entre o auxiliar e técnico, com o auxiliar eu percebo que é uma pessoa que chega muito sem consciência do papel, sem saber direito o rumo que vai tomar, o grande desafio parece ser o estágio, então, são pessoas mais difíceis na minha área a serem trabalhados, com baixo grau de maturidade.

O técnico que já trabalha na área, eu sinto que respeita mais aquilo que eu tenho para oferecer e reconhece o valor daquilo que estou oferecendo... eles vão, pagam o que estão fazendo, querem, exigem, já tem uma idéia do que implica responsabilidade de um curso técnico, é um pessoa que, na maioria das vezes, já trabalha na área, então existe uma troca de informações com o professor...

...A única dificuldade é na parte desses que estão vindo para cá para complementar o técnico. Esses tem uma vivência diferente totalmente, é bem mais atuante, eles sugam mais.

O auxiliar precisa ser motivado. Eles precisam de um modelo, aquele modelo mínimo, original. O de complementação técnico, pelo que percebo, se encantam em ser técnicos, a realidade é diferente,...

A gente costuma conversar muito como é exatamente dar aula para auxiliar, como é dar aula para o ensino médio, como é dar aula para o técnico, cada um na sua realidade. Então, tentar observar nele isso, e assim o auxiliar e o técnico, como eu vou entender a parte humana dele.

O nível técnico é aquele que queria fazer uma faculdade, mas que não tem condições, então fazer o curso técnico, eu posso dizer que 80% tem a consciência do que é um curso técnico...

Dá para sensibilizar na humanização, na qualidade final da enfermagem, mas o que se observa na sala de aula, são pessoas de uma forma geral de uma vivência extremamente sofrida, vidas trágicas...peço para eles: - Relatem para mim a vida de zero a sete anos. É terrível o que acontece em sala de aula. Muita resistência, uma dificuldade muito grande, eu acolho algumas pessoas,... então, é muito trágica a vida dessas pessoas, é uma tragédia assim impressionante, então eu percebo assim, que material humano é esse que vem buscar a enfermagem, tão precário. Tem uma condição extremamente precária, uma condição emocional muito precária.

...é claro que cada turma tem suas características, o que eu vejo é realmente na parte técnica, você vai cobrar coisas que eles tiveram mais afinco na teoria. Eu tive alunos que não tinham dinheiro para a condução, tinha condução para o trabalho ou condução para o bloco teórico.

Eu tenho que falar para uma pessoa que não tem a mínima noção de condições básicas, porque a vida dela foi uma vida marcada de muito sofrimento e muitas vezes eles não conseguem absorver o conteúdo teórico, porque a vida dele é uma vida marcada de sofrimento. ...então é uma pobreza de conteúdo. Você dá a técnica que tem que existir, mas você tem que dar a noção de vida, de respeito, mesmo que você tenha tido a vida triste.

Quando os alunos fazem a autobiografia de zero a sete anos, vem a história de vida que você fala: - Como conseguiu sobreviver? E está aí, você pede para fazer a árvore, é muito interessante quando se trabalha uma noção corporal diretamente ligada com a consciência. A árvore passa a ser toda a simbologia desse corpo, muito mal amado e o que assim, muito intrigada é ver a qualidade das árvores que eles desenham. Eles desenham de carvalho para cima, é raro você ver árvores frágeis. Como é que essas pessoas tão frágeis, tem essa força no inconsciente que motiva, que vai buscar no trabalho para cuidar do outro, sendo pessoas privadas, quer dizer é muita privação que me coloca aqui para cuidar do outro, quem é que eu estou cuidando, eu venho aqui buscar o cuidar de quê?

A maioria das vezes, a gente não está preparada, porque a gente não consegue, a gente não tem nem para a gente. Como que você tira alguma coisa de um saco vazio, não tem como, por mais que vá, se esforce..

Então é uma pobreza de conteúdo, você dá a técnica que tem que existir, mas você tem que dar a noção de vida, de

respeito, mesmo que você tenha tido a vida triste.

Então é claro que o estudo das técnicas, as disciplinas técnicas vêm na frente, o aluno valoriza isso, é o que eu percebo, quando entro com a psicologia, na qual se mostra que o objeto de estudo são eles. Depois de muita resistência e barreira, uma dificuldade muito grande de estar cada um consigo mesmo apavora. Tem prova na sua matéria? Se insiste na vivência, na participação, no empenho, porque é difícil eles virem para sala de aula, que é essa a qualidade, porque se eles não vivem isso eles não vão ter para dar nesse nível, eles não valorizam também, não conseguem valorizar. Eles percebem alguns sentidos, mas eu não tenho carga horária suficiente para que eles possam sair daqui sensibilizados...

Parte do que a gente vive aqui dentro pode ser mudado. A gente é parte ativa do processo, mas tem muita coisa que a gente precisa resgatar e os alunos precisam resgatar, mas é a parte individual. Acho que a nossa responsabilidade fica meio-a-meio com o aluno, porque as experiências de vida deles, o que ele vai ser como profissional depende dele e isso a gente não consegue fazer. Tem aluno que a gente vê crescer e tem aluno que a gente vê que não vai conseguir, porque é a própria limitação dele.

A humanização busca ser trabalhada na dimensão física com todos os recursos que a enfermagem tem para isso, mas a partir dali, naquilo que cabe a dimensão emocional e mental, o profissional não está pronto para trabalhar com isso, aí as coisas começam a se comprometer. A humanização não chega aqui, porque o profissional não está trabalhado, é um profissional que não está cuidado nessa dimensão emocional. Como é que ele vai humanizar aquilo que ele não tem? É aí que eu bato, é aí que pára; e o mental? Então, fica para depois e aí você tem que transformar crenças, muitas coisas para poder juntar, física, emocional e mental.

O aluno tem que saber formar sua idéia, expor sua idéia. Tem aluno que confunde a crítica com a reclamação. O professor tem que saber escutar o aluno e saber entender como ele tem que argumentar a própria crítica dele. A gente trabalha muito isso, não só nas aulas de ética, mas procura estar trabalhando isso em todas as disciplinas.

Para mim, a reflexão não é necessariamente um momento isolado do curso profissionalizante, a reflexão é todo momento de nossa vida. Eu preciso saber porque eu sou a Maria, quem eu sou e porque escolhi ser enfermeira ou auxiliar de enfermagem. Isso é que é reflexão maior, mas na nossa prática tem gente que não sabe quem são e a que veio, que de repente se propõe fazer um curso de auxiliar de enfermagem, porque passou na rua e viu lá um curso que ele podia pagar, ou que dava para ele apertar o bolso e pagar, ou então, que um deles viu alguém cuidando de outro alguém doente e ele achou que podia cuidar. E aí a gente se reporta à nossa educação de uma forma geral, a gente vê que reflexão em direção a que a gente é, o que a gente veio, o que a gente quer fazer ou o que a gente não quer fazer, não existe na sociedade que a gente vive.

A busca dessa formação crítico-reflexiva é essa coisa corporal, no sentido de mobilizar as pessoas, como eu vou cuidar do corpo se o meu corpo é muito mal amado, traído, desconectado e anestesiado. Então, eu tenho feito a duras penas isso que você faz com a gente aqui, gente vamos mexer o corpo, quer dizer, levantar, tirar o sapato, então, sabe, vamos levantar, é muito difícil !

Porque eu preciso saber quem sou eu e ao mesmo tempo que eu preciso saber isso com que desconforto que é entrar em contato com isso. Então propiciar este momento reflexivo é atravessar barreiras. Porque quando você impõe para o aluno vamos fazer um curativo X, você não deixa ele falar, não deixa ele refletir o que é aquele curativo, o que é o paciente, e ele não consegue verbalizar a situação que ele está vivendo. Porque aquilo tem que ter um fundamento importante, uma absorção importante do que é, do que é o curativo, do que é o paciente, do que é aquela ferida e não trezentos curativos, então pode deixar o aluno falar...

TEMA

C- É importante a formação política, ética e social, porém o cenário que se apresenta na área da saúde é muito feio e pessimista.

SÍNTESE DAS IDÉIAS CENTRAIS

É muito importante a formação política, ética e social. Eu creio que está ligada à educação e com isso o aluno vai ter uma formação mais ampla, porém, não abrange toda a dimensão humana. Há necessidade de uma mudança

curricular. Esses três pilares somado ao religioso, são essenciais para a formação do profissional. Quando se olha para o cenário político, ético e social é uma desesperança, no meio hospitalar tudo parece muito feio. Fazer essa formação é muito utópica. A saída para a formação é individual, na realidade não há muita saída...

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Sem dúvida nenhuma, a dimensão humana faz esse diferencial, faz um grande diferencial. O aluno vai ter uma visão completamente diferente daquilo que está fechadinho que a gente passa tecnicamente em sala de aula. Ele vai ter essa clareza maior, ele vai conseguir enxergar dos lados, tudo aquilo que está vivendo. Ele vai poder analisar o porquê daquilo, compreender a situação de uma outra forma. Ele vai conseguir se sair melhor de determinados problemas e situações, e que ali ele possa estar se encontrando. Eu creio que isso e a própria evolução, educação mesmo. Ele vai poder ter uma visão muito maior do que está a sua volta com certeza e isso, essa formação política, ética e social, eu creio que está ligada à educação.

Que é importante é, mas para poder abranger ainda a dimensão humana é fraco, ainda acho que ter como profissional de saúde, de enfermagem algo mais, uma base bem maior para poder se posicionar no lugar do paciente, não levar suas questões pessoais, como por exemplo na parte política. Ter o seu posicionamento induzido, tem que ter uma base maior ainda para poder ter o respeito do paciente no cuidar, mesmo a parte ética, porque ainda não dá para só tendo estas três formações que dê para chegar a uma dimensão mesmo. Eu acho que tem que ter no seu currículo um preparo maior para chegar lá.

Quando você olha para o cenário político, porque a formação implica em olhar para o cenário político, em olhar para o cenário ético e olhar para o cenário social. É uma desesperança, eu sinto que não tem...é frágil demais, você trazer este contexto, é tudo tão frágil que quando você abre uma discussão em sala de aula dessa realidade mesmo, tudo isso aparece de um jeito tão feio. A política que se vive dentro do hospital, a ética que se vive dentro de um hospital, o social como é trabalhado dentro do hospital, é tão feio isso, tudo tão idealista, fica neste nível, entendeu? É o que muitas vezes, é tudo sem saída, quando se começa analisar uma questão, não tem saída, a saída é tão individual que é tão pessoal, é tão de quem tem recurso para vencer aquilo e continuar. A nossa esperança é pessoal, de cada um de fazer a sua parte, porque a sensação que eu tenho é que fica na ideologia da coisa, a realidade é outra completamente outra, difícil de assimilar, difícil de digerir, difícil de gerar esperança, no sentido de dizer assim: Para que eu vou ser melhor? Para contribuir com quê? Com quem?

Para que eu seja a Maria hoje, existe uma história anterior que me fez ser o que sou hoje. Eu acho que isso é importante para que você possa ter um profissional bem qualificado. Então eu acho que esses três pilares somando ao religioso é o que faz a modificação do que eu sou como profissional. Porque quando eu sou um profissional embasado nisso tudo, eu consigo fazer diferente, claro que vai existir que eu vou fraquejar, vai ter momentos que eu vou ...cair, cabisbaixo, desistir, porque na minha frente eu vou ver todo um cenário que não é um dos mais lindos ... Porque, quando eu chego lá, apesar de me deparar com as coisas feias, eu consigo manter a essência, porque a essência a gente não perde, a gente fica meio balançada, né? Eu acho que isso é que garante o profissional qualificado. Esses pilares para mim são essenciais para a formação do profissional...

TEMA

D- Reuniões e encontros são propostas de mudanças para uma formação mais ampla envolvendo as dimensões humanas.

SÍNTESE DAS IDÉIAS CENTRAIS

O professor pode mudar essa realidade fragmentada, começando a entender o aluno como um todo. Uma das propostas é ver a realidade do aluno e transformá-la, trabalhando em sala de aula e compor essa idéia de dimensão técnica e humana e trabalhar a identidade do aluno. Acho que as escolas tem que trabalhar não só com os alunos e

aulas, mas também com os professores. Ter uma carga horária maior de Psicologia, para se discutir o aluno, seu comportamento, seu crescimento. Procuo fazer reuniões com os professores e sempre que preciso peço ajuda e toda mudança que faço os envolvo. A gente leva os alunos para fazerem atividades fora da escola e, às vezes, participamos da Campanha de Hipertensão. Se nós nos ampararmos, faremos a diferença, pois estamos comungando coisas importantíssimas aqui...

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Eu diria que dentro dessa realidade totalmente fragmentada, independente dessa realidade, é atuar buscando compor isto, neste microcosmo da sala de aula, é isto. Quando você vai desinstalando esses papéis de aluno e buscando este ser profissional mesmo.

Eu uso crachá, confecciono crachá em sala de aula, faço eles colocarem o nome deles para começar a trabalhar a identidade e eles devolvem, colocam o crachá num saquinho pendurado na porta e em cada aula eles vão usar. Porque eu faço questão de trabalhar com a pessoa.

Eu acho que as escolas tem que começar a trabalhar não só com a base dos alunos, com atividades ou aula, trabalhar com o grupo de professores, entendeu? Em reunião, como fizemos aqui, de repente, fazer com grupo de professores também, trabalhar com o grupo de docentes e discentes, mas primeiro com os docentes.

Toda mudança que fazemos dentro da escola, procuramos envolver os professores e alunos. Foi bom para a escola ter mudado de local e eu me sinto gratificada, quando vejo que alguma coisa montamos, sugerimos e levamos para os professores e ficam animados, fazem a gente trabalhar.

Nós levamos os alunos para fazer seminário fora da escola. O que a gente fazia muito na Escola de Cadetes, trabalhávamos com Anatomia, Primeiros Socorros e também todos os anos na Campanha de Hipertensão. Tudo que é de fora, que envolve os alunos, eu gosto. Eu acho que isso é bom para eles e eu os envolvo ao máximo.

Sempre procuramos fazer reunião com os professores por trabalhar sozinha na coordenação, eu preciso que me ajude, eu não gosto de tomar as decisões sozinha e nem que for uma mudança de conteúdo programático. Eu reuno os professores, a gente conversa, vamos montar uma nova apostila, ou vamos decidir o caso de um aluno, o que a gente vai fazer, vai considerar, como vai considerar aquela avaliação do aluno, como ele foi no estágio, como está a parte técnica dele. Eu sempre recorro aos professores que estão me ajudando na situação.

Eu acho que tem que ter uma carga horária maior de psicologia para trabalhar com os alunos e também falta o que nós sabemos que é discutir sobre os alunos e os conceitos, como eu conceituo o aluno, o comportamento em sala de aula, como seria para humanizar mais no caso para a gente conquistar mais esse crescimento do aluno perante as aulas teóricas e práticas. Ter mais reuniões de professores. Ajuda bastante tornar mais real nossa avaliação de cada aluno.

Se nós nos ampararmos a gente faz a diferença, com essas pequenas coisas, porque se cada um de nós for parar nesses espaços mal resolvidos, nada anda. Então se a gente tiver a sabedoria de passar por estas coisas, passar pela direção, pela administração da escola, porque um só não vai conseguir muita coisa. Mas se a gente mantém essa união que existe aqui, eu sinto assim, eu sou da psicologia e me sinto muito acolhida com vocês e as coisas novas automaticamente sofrem mudanças, porque a força vai se estabelecendo. Eu acredito no sutil, eu não acredito no confronto. Nós estamos comungando coisas muito importantes, pelo menos para mim, aqui...

ANCORAGEM**TEMA**

A- Apesar das escolas serem vistas como empresas e visarem lucro, os professores estão fazendo a sua parte

SÍNTESE DAS IDÉIAS CENTRAIS

Hoje se visa o lucro na maioria das escolas, não só de enfermagem. Em alguns momentos quem coordena tem que falar a linguagem do dono da escola, mas não pode perder a visão do todo. A maioria dos professores está fazendo sua parte, mas as escolas eu as vejo como empresa.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Hoje, para o empresarial, o lucro é uma coisa muito predominante em relação às escolas, não só de enfermagem, mas de uma forma geral, mas eu acredito que nós precisamos mudar é quem está lá coordenando essa escola, quem está trabalhando com os professores. Algum momento quem coordena tem que falar a língua de quem é o dono da escola, mas quem coordena não pode perder a visão do todo. Nós precisamos ter um olhar crítico para que se possa não só visar o lucro, ter salas cheias, lotadas, mas possa acima de tudo, ter um compromisso com a educação.

Nas reuniões, se vê que 99% dos professores estão fazendo a sua parte, mas vejo as escolas como empresas, eu não vejo por parte das escolas essa implementação, a visão delas é empresarial. Os colegas batalham, muitas vezes alguns morrem na praia, acabam saindo para outras coisas, porque não concordam com esse tipo de postura...

TEMA

B- O cuidado humanizado não responde a todas as dimensões humanas na formação. O aluno chega com uma bagagem emocional precária, por este motivo é importante a valorização da ciências humanas na formação.

SÍNTESE DAS IDÉIAS CENTRAIS

O cuidar do outro com docilidade nem sempre contempla toda a dimensão humana. As mudanças curriculares valorizam o papel do psicólogo e nutricionista dentro da escola de enfermagem. A procura de enfermagem está relacionada com a história de vida e a parte emocional dos alunos. É uma lacuna que não se consegue preencher, não só nas escolas de enfermagem...

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Acho que as pessoas tem claro que cuidar do ser humano é cuidar do outro com docilidade e isso nem sempre contempla esse ser humano como um todo.

Eu, particularmente, entendo que a mudança curricular consegue quebrar algumas coisas que a gente não tinha antes. A valorização do profissional que a gente não tinha tão freqüente dentro da escola de enfermagem, que é o papel do psicólogo, nutricionista.

Eu acredito, que a procura de enfermagem está muito relacionada ao que eu tenho como história de vida. A minha prova é toda de critique, comente e os alunos não sabem comentar, explicar. Então é uma pobreza de conteúdo. Você dá a técnica que tem que existir, mas você tem que dar a noção de vida, de respeito, mesmo que você tenha tido a vida triste. Esta coisa pessoal transcende o que a instituição dá para o funcionário. O que a gente tem como pessoa transcende o que é profissional e isto, esta lacuna a gente não consegue preencher, em nenhuma escola, não só de enfermagem...

Antes de iniciarmos a interpretação dos dados, queremos salientar que nos concentramos nas Idéias Centrais dos DSC para realizar a análise. Assim como cada discurso apresentava pontos importantes de destaque, fomos utilizando partes dos mesmos para iniciarmos as discussões, questionamentos e reflexões, como veremos no próximo capítulo.

5- A INTERPRETAÇÃO DOS DADOS A PARTIR DOS DISCURSOS DO SUJEITO COLETIVO

Nesta fase permite-se destacar as principais idéias que compuseram os Discursos do Sujeito Coletivo e, como pesquisadora, pudemos fazer inferências e interpretações baseadas no quadro teórico e filosófico, proposto desde o início dessa pesquisa e sobre a qual iremos dissertar.

Enfim a construção está em fase de acabamento, buscamos compor neste estudo múltiplos olhares em um movimento contínuo de aproximação e distanciamento das idéias e conceitos que foram surgindo ao longo de todas as etapas, a fim de atingir nossos objetivos . Após superar cada obstáculo desde a coleta à organização dos dados e após sucessivas e exaustivas leituras dos discursos construídos, pudemos entender melhor a realidade das escolas envolvidas. Para nós esta pesquisa teve uma grande importância, não tivemos a intenção de fazer um estudo comparativo entre as escolas, mas a clara realidade que nos foi apresentada nas entrevistas carregadas de muitos sentimentos, desejos e paixão pelo trabalho que essas professoras, enfermeiras, nutricionistas e psicólogas realizam; respondeu ao nosso problema de pesquisa. Tínhamos delimitado alguns problemas que nos levaram posteriormente aos objetivos de identificar quais as concepções que as escolas tem de dimensão humana; verificar se as escolas realizam atividades que expressam o compromisso com a valorização das dimensões humanas na formação profissional e quais os caminhos que elas estão encontrando para formar seus alunos frente a todas as mudanças que estão ocorrendo na área educacional. É lícito supor que a forma como as escolas se apresentaram seja fruto de como estão inseridas no processo de formação do profissional de nível médio; a bagagem que cada escola apresenta nesses anos de construção política e pedagógica, os atores que compõe o cenário escolar e os motivos que levaram algumas escolas a não se envolverem nessa pesquisa.

A escolha do percurso metodológico, inicialmente utilizando apenas recursos teóricos, parecia coerente com nossos propósitos, foi na fase empírica, através do envolvimento com cada entrevistada e a construção dos discursos, que se revelou a importância da técnica de Grupo focal e o Discurso do Sujeito Coletivo para os resultados da pesquisa. Foram dois encontros realizados com as duas escolas. Fizemos uma construção pode-se dizer histórica, social, política, psicológica com as participantes da pesquisa. Todas as perguntas feitas na fase da coleta de dados, através do

Grupo Focal, foram para entender o que as entrevistadas compreendiam sobre as dimensões humanas no formar. As questões selecionadas como disparadoras, aparentavam uma certa repetição, entretanto facilitaram e ampliaram os núcleos das discussões. Possibilitaram a construção de um discurso mais constante e igualmente permitiram captar contradições.

Ao analisar a Escola A, entendemos que a construção histórica, social e política dessa instituição favoreceu muito estarem nesse estágio de maturidade, onde há coerência entre os discursos das professoras e coordenadora e os documentos pesquisados, ou seja, no plano de curso e quadro curricular.

A Escola A traz um discurso marcante quanto à discussões para mudanças curriculares, atividades extra-classe, inovações das disciplinas, mas é mais marcante ainda, por ser uma escola que se constrói dentro de uma universidade pública e estadual, que mantém um curso superior de Enfermagem. Essa condição é ressaltada pelos respondentes, o que poderia levá-la a uma posição de vanguarda, por uma formação mais ampla, porém o discurso coletivo não revela isso...

“(...)Quando você vai ver a prática, o técnico lá dentro do hospital, ele ainda é muito voltado para dar conta do serviço e não a qualidade, não o paciente, ainda ele é formado assim, mas isso é um processo(...) Se faz isso porque ele vê nossa cobrança aqui dentro, por mais que se fale que se valoriza a parte humana, nós ainda valorizamos a parte técnica, ainda estamos com o pezinho no tecnicismo, porque fomos formada nessa linha, mas estamos tentando passar essa linha. Eu acho que a técnica tem que ser respeitada, mas existem diferentes maneiras de você usar a técnica e usar a técnica (...)” DSC-A

Em contradição a esse discurso se vê que a mesma escola já apresenta alternativas para passar essa linha quando indicam as atividades que realizam...

“(...) a nossa escola é humanista e a nossa preocupação com a formação global é muito maior. O grupo é preocupado, sempre procurando conversar, se reciclar, trocar idéias, ajudar. Tem uma preocupação com a formação. O pessoal procura sempre estar fazendo reuniões, discutindo, procuramos atender as solicitações da comunidade sempre que possível. Esse ano colocamos uma carga maior de Introdução de Enfermagem, com horas de estágio não hospitalar, nós vamos resgatar a assistência em asilos. Em estágio, a abordagem humana é o que a gente está não valorizando, é como checando mesmo (...) Estamos fazendo a terapia do abraço nas primeiras aulas, para que os alunos possam enxergar o colega como um ser humano e não como uma pessoa que disputou uma vaga com ele. Uma das atividades riquíssimas da nossa escola é a “Semana de Artes”, tem fotografia, pintura, música, e é muito bonita e une, porque eles têm se voltado para nossa área de trabalho, para nossa comunidade (...) Assim, quando os alunos entrarem no mercado de trabalho, eles não vão ver só a patologia do cliente, o curativo, o banho que foi dado, mas vê-lo como um todo, como ser humano, tratar ele como ser humano, respeitando as vontades, as limitações (...)” DSC- A

Esse discurso é coerente com os dados colhidos no Plano de Curso e Projeto Pedagógico, apesar de não estar explícito nos documentos a forma como ocorre a construção, quem são os atores e como foram feitas as discussões, o discurso afirma que a escola é humanista e voltada para uma formação ampla e de ... *“serem profissionais mais atentos à qualidade das relações humanas, terem um instrumental básico para o exercício da pesquisa, enfim, profissionais mais completos que possam ter inserção no mercado, deixar uma marca: a marca da assistência de enfermagem ética, detentora de qualidade e voltada para o bem estar da sociedade como um todo”* (Plano de Curso- Escola A, 2002)

Um outro tema abordado que nos deixa uma interrogação é a dicotomia que existe entre a dimensão técnica e humana. Aqui se vê outra contradição quando se separa o que são procedimentos técnicos das ações humanas, mas esses procedimentos não são feitos em seres humanos?

“(...)Os alunos no primeiro ano em Introdução de Enfermagem, não estão preocupados com o paciente, eles querem saber aplicar injeção, quem vai fazer curativo, eles querem técnica, técnica. Eu acho que a hora que sanar essa ansiedade de técnicas, eu acho que a gente vai conseguir passar a parte humana para eles, não que não seja importante, acho fundamental, mas acho que cada época tem um peso diferente. ... porque aquele estresse técnico, aquela pressão que tudo tem que ser misterioso, que não pode contaminar: - Cuidado olha onde você põe a mão! São tantos detalhes(...) Mas será que dá tempo para você fazer humanização? Trabalhar mais...Mas a enfermagem é só técnica?

A enfermagem só como técnica. É um conjunto. Ela é humana e técnica, não consigo separar as duas (...) O cuidado em enfermagem é essencialmente humano,, que mexe com gente, então eu acho que é uma coisa muito clara, mas no discurso, na prática não vejo esse profissional ser atendido na própria formação. Passar como?(...)” DSC-B

Outro tema diz respeito às dificuldades que o professor apresenta na tentativa de compreender as leis educacionais e até de terem uma crítica às suas próprias posturas, frente à formação política dos alunos e que as reuniões de planejamento tem dado uma direção quanto as leis educacionais. Mas para criar esses espaços de discussão e reflexão, o professor precisa conhecer a política e as leis que envolvem a saúde e a educação para ampliar conceitos e ajudar o aluno a se situar inicialmente como cidadão e posteriormente como profissional. É amplo o discurso sobre a política educacional e evidente para os professores que existem espaços em que fica difícil transitar...

“(...)A responsabilidade do educador é muito grande, porque o professor forma opiniões e a formação envolve você estar justamente lidando, em estar jogando uma situação, o aluno estar respondendo (...) Nós não somos políticos. Nós, professores não conseguimos passar essa parte política, formação política para o aluno. Essa parte é muito mais explorada pelo ensino médio em algumas disciplinas do que por nós.

Eu acho que a gente ainda tem mais dificuldade de ser político, nem sempre é entender da política. É saber se posicionar, é defender o seu ponto de vista, então, realmente o professor de História ensina isto, argumentar, se inserir diante do problema e tomar uma posição e nós somos fracos politicamente. Quando temos greve na instituição, a enfermagem, nosso curso não pára e nós justificamos porque campo de estágio, por “n” situações, que nós não paramos. A nossa visão é ... esse aluno vai se formar de que forma, ele vai deixar de ter esse conteúdo, não pode, não podemos e aí a gente dá todos os suportes possíveis e nós levamos o cursos do jeito que tem que ser. É o único que enfrenta greve numa boa (...) Há algum tempo atrás, quando se falava em Lei de Diretrizes, carga horária, isso e aquilo, nossa, era difícil entender, por quê? Apesar de ser professora, mas uma vez com uma visão tecnicista. Na graduação, a grande preocupação era o bacharelado e a licenciatura ia se fazendo. Acho que esse ano que a gente tem uma programação de final de ano, que a gente está sentindo como vai ser a carga horária, a montagem dessa grade, é aí que se começa a visualizar essas leis com a prática (...)” DSC-C

Parte do DSC revela que as professoras não entendem sobre a Lei de Diretrizes e Bases; a lei é colocada no sentido vertical e que não foi discutida antes de ser aprovada, e que também estão tentando compreender o que é competência profissional e formação crítico-reflexiva. Qual a importância desse entendimento para a valorização das dimensões humanas na formação? Transitar pelos discursos do MEC facilita esse entendimento? A compreensão dos preceitos básicos da lei e suas propostas políticas e pedagógicas, tornam as professoras mais críticas e participativas quanto às mudanças dos quadros curriculares voltados para projetos interdisciplinares ?

Juntamente com as professoras, acreditamos que essa formação só ocorre com a educação continuada do professor e o que poderia inicialmente favorecer a aproximação do conhecimento das leis educacionais à postura crítica é a abertura de espaços para o exercício de discussões sobre esse tema, reflexão e conseqüentemente conscientização dos propósitos políticos e pedagógicos tanto oficiais como de cada escola, isso para nós é valorização das dimensões humanas no formar.

“(...) Eu acho que a LDB é meramente política, é para gerar emprego. Então, se o governo profissionaliza o pessoal, para eles no meu ponto de vista é para gerar emprego. Para justificar isso politicamente. Agora, quanto as competências profissionais, no nosso caso a gente colocou o que é que a gente vê como competência até para direcionar as competências que estão lá para que sejam melhor entendidas. Se eu tenho competência em tal curso, vou avaliar se houve eficácia no esquema de vacinação. Isso é competência, para mim não sei o termo, o texto. Eu posso ter competência em coisas pontuais. Com certeza para mim vai muito além do procedimento e que na lei fica muito preso ao procedimento, não sei se é falta de visão minha(...)” DSC-C

Em continuidade a esse raciocínio, um outro tema que gerou um discurso coletivo muito rico para discussão em grupo é que os espaços de reflexão e troca podem ser criados dentro das disciplinas, a Escola A apresenta um quadro curricular com disciplinas da área de ciências

humanas em sua composição, onde Psicologia aparece nos três módulos, confirmando o que se observa nos discursos, quando se referem ao trabalho de integração realizado pela psicóloga. A disciplina de Ética, também está presente no módulo básico como Ética Aplicada à Saúde. No módulo I é inserido Ética Profissional I e no módulo II completam com Ética Profissional II, ou seja, há um espaço marcante para as discussão e exposição de conteúdos que favorecem a reflexão sobre essa área.

Isso confirma a afirmação de que com espaços de discussão, o aluno desenvolve o auto-conhecimento e a reflexão. Entretanto esse exercício é favorecido quando o pressuposto que se percorre é atingido, pois só a presença das disciplinas no currículo não garante o exercício de reflexão, podendo apresentar-se um quadro curricular com disciplina da área de humanas cujo programa é conteudista, perdendo assim o valioso espaço que tanto temos valorizado.

Nos primeiros capítulos dessa pesquisa, quando nos remetemos aos quadros curriculares das décadas de cinquenta a setenta, insistimos em destacar a falta de disciplinas da área de humanas; continuamos a indicar a importância de Psicologia, Filosofia, Sociologia, disciplinas que podem abrir espaços para discussões e reflexão sobre a formação do aluno; inicialmente enquanto espaço de resistência, que posteriormente passa a ser o catalizador, quando os eixos do processo se direcionam para a vida do ser humano.

Em continuidade a esse pensamento, parte do Discurso do Sujeito Coletivo da Escola B se refere a reduzida carga horária de Psicologia, o que dificulta a sensibilização do aluno. Lembrando que estamos fazendo, inicialmente considerações apenas da Escola A, queremos defender a idéia de que o currículo integrado se faz através da interdisciplinaridade. Mas é preciso inicialmente existir espaço e tempo para as discussões de temas voltados para a elaboração e amadurecimento de conceitos; dificilmente eu transformo conteúdos fragmentados com predomínio da dimensão técnica em disciplinas integradas, onde a totalidade represente as partes, lembrando que fazemos parte de uma cultura desintegrativa e que, entretanto, cada disciplina precisa ter as características dessa formação centrada em todas as dimensões. Acho muito interessante o DSC citado a seguir...

“(...)Eu acredito e defendo na volta, na valorização das ciências humanas e sociais nos currículos. Porque você dá oportunidade para nossos alunos de refletir sobre ele mesmo, sobre o mundo onde ele está inserido(...) A bagagem social e cultural tem que ser acrescentando de uma forma normal até nesse social; de uma forma geral é a dimensão humana nos cuidados de enfermagem. Isto pode ser explicado, construído, com o aluno, através desse instrumento que eu falei, ciências humanas e sociais(...)”DSC-D

Essas professoras sabem que existem algumas saídas para que as dimensões humanas na formação sejam vistas como um caminho de muitos olhares e que buscam compor juntas essa qualidade. Entendemos que as reuniões e encontros com outras escolas talvez sejam algumas das alternativas possíveis para uma formação mais ampla. Elas também relatam que essa organização precisa de força e estímulo, não só do grupo, mas das instituições a qual fazem parte. São otimistas sim, quanto ao futuro das escolas de nível médio, apesar de muitas instituições não apresentarem um nível mínimo de exigência quanto à qualidade, porém, pensam que estão sendo ampliadas as propostas para uma formação mais adequada.

“(...) Quanto mais você interage mais se conversa, você tem chance de crescer, de aprender essa implementação que privilegia a dimensão humana. Eu lembro quando a gente fazia encontros, disputas de jogos, de curso de enfermagem. Cria um elo, uma disputa, uma união muito grande, seja pelo motivo esportivo, seja pelo motivo de aprendizagem (...) Nós somos responsáveis por isso, de estar se encontrando, discutindo os nossos conteúdos, as nossas disciplinas, como é que a gente faz, como é que pode estar privilegiando a dimensão humana, a humanização do cuidado, é discutindo mesmo, agora, tem que ter força da instituição(...) Talvez a primeira discussão seja a nossa, o que é para cada um a dimensão humana, porque para mim pode ser pintar a enfermaria de pediatria de cor de rosa, é ampla a discussão até chegar nesse ponto, vai um tempo (...) Criando um espaço de reflexão, onde vai estar analisando os fatos, aprendendo melhor a tua atuação. Eu acho que a melhor forma de você validar alguma idéia tua é usar o método científico, só que a enfermagem não tinha até então como fazer isso, nós quase nem conseguíamos registrar os nossos cuidados, quanto mais pesquisar(...) A pesquisa pode gerar muita proposta boa, porque ela vai abrir esse espaço de reflexão, análise, discussão, compreender a realidade para buscar uma mudança, porque eu acho que a gente não muda nada. Assim, sem construir, eu acho que a construção que a gente está fazendo hoje é uma construção de mudança, como explicar isso (...) O que dificulta a realização dessas propostas é que a troca de experiência entre as escolas é bem pequena. Eu acho que juntos, a gente tem chances de melhora. Pode até ser chamado de comodismo, mas é a disponibilidade, hoje todo mundo corre tanto que procura fazer a sua parte. Isto exige desprendimento extra e que envolve muito tempo para você organizar uma atividade conjunta. Acho que a saída é aumentar os contatos, os encontros. De repente, o grupo vai se desunindo, vai perdendo a força, porque os componentes do grupo vão perdendo a disponibilidade. Aí, a gente começa a se perguntar mesmo se está faltando motivação, vamos continuar esse tipo de discussão. O problema é que, às vezes, para a instituição isso não é importante, esse conceito de reunião passa mais pelo conceito de lazer.

Dá para fazer, até que dá, mas a instituição tem que dar força. Há instituições que não permitem que enfermeiros vão a Congresso (...) O GIPEEM (Grupo de Interesse de Profissionais de Enfermagem em Ensino Médio), também quando começou nós fomos, depois perdemos contato e a gente quando começa ir nesse grupo, a gente tem um ciúme da escola, mas é geral, todos falam do dele como se fosse o melhor, nossa escola fala como se fosse melhor. Nós nos fechamos, é difícil alguém colocar uma idéia(...)” DSC-E

Este estudo nos aponta dados importantes que somados podem indicar algumas das lacunas na área da educação e saúde, que dificultam o crescimento para uma formação e ação em saúde, mais humanizada.

As professoras conseguem ter uma visão crítica quanto à posição das escolas num âmbito geral. Há predomínio da formação técnica, mas existem iniciativas como programas de apoio à humanização nos hospitais. O difícil é acontecer na prática, porque as instituições valorizam os resultados e não as relações, a qualidade.

A importância da formação do enfermeiro e a responsabilidade que terá a sua frente ao organizar as equipas de trabalho com outros profissionais de nível médio ou mesmo na posição de docente atuando com iniciante nos cursos de formação, tem que ser ampliada pelas escolas de nível superior. Pois os profissionais de enfermagem de nível médio só terão a visão dirigida para vários olhares sobre as dimensões humanas se os formadores forem conscientes da responsabilidade que os envolve.

Essa consciência, de que faltam pesquisas no ensino médio, é uma amostra de que as professoras já estão preocupadas com isso, pois sabem que as pesquisas aumentam os espaços de discussão, de conhecimento, o que possibilita uma postura crítica da realidade e diminui o sentimento de inferioridade que acaba excluindo o professor de nível médio dos debates e reflexões teóricas, diante de outros profissionais que apresentam uma linguagem mais expressiva legitimada pela inserção na academia.

Há crítica também quanto ao número de cursos que estão sendo abertos em todas as áreas e as dúvidas nesta questão são quanto a qualidade dessa formação; mais detalhadamente a preocupação é quanto ao perfil desse docente, a composição e construção do projeto pedagógico, a seleção dos alunos etc. A forma acelerada desse crescimento põe em risco a formação crítica voltada para as dimensões humanas que defendemos. A pseudo-democratização de acesso dos trabalhadores a cursos dessa natureza não garante a eles, necessariamente, uma formação de qualidade.

“ Eu acho que as escolas tem ainda uma formação mais técnica do que voltada para a dimensão humana, isto reflete naquele profissional que se preocupa só com a técnica e esquece a pessoa como um ser humano. Então ele vai lá, executa aquela técnica e não vê que o paciente está mais calado, mais triste. De um modo geral, as escolas estão começando a ter uma preocupação com a parte humana, mas é uma coisa muito inicial, a parte técnica ainda é muito mais importante.

Há um grande discurso de humanização, que faz parte do Ministério da Saúde, quando ele cria um programa. Já criou uma portaria sobre a humanização do parto e a do atendimento ao recém-nascido, isso já está em vigor, só que este discurso ele até existe em relação ao resgate dessa dimensão humana, na enfermagem. Só que eu me preocupo sim, na prática ela não é assim tão verdadeira, não responde a este discurso, a instituição tem uma certa resistência em valorizar a dimensão humana. Ela valoriza tarefas, números de leitos, números de procedimentos, eficiência da equipe de enfermagem. Está mais para a dimensão técnica do que para a atuação dessa equipe e a dimensão humana que a envolve. Isto é uma política da instituição, trabalhar com o mínimo de pessoas possíveis, provavelmente porque lhe falta a dimensão técnica e jamais a dimensão humana poderia estar atuando nos cuidados dele(...) Eu acho que

em geral está tendo uma preocupação da parte humana e isso vai fazer com que os profissionais técnicos e auxiliares consigam também absorver um pouco mais, porque da parte da graduação dos enfermeiros têm uma sensibilização da parte humana (...) Se o pessoal da graduação está tendo isso, quando ele for para o campo de trabalho docente, ele vai ter uma preocupação, vai estar mais aberto para isso.

Um comentário que as pessoas fazem:- Por que vocês não escrevem o que fazem? Tem pouca pesquisa na área de ensino médio. A partir do momento que a enfermagem entender a importância da pesquisa, ela vai ter mais espaços para mudanças, análise, reflexão, discussão. Porque o que a gente está fazendo hoje é uma construção de mudança (...) Nós temos que tomar cuidado para não perder algumas partes. Eu acho que a enfermagem está ainda se achando. Porque apesar da busca de uma formação com mais qualidade está livre a nossa atitude; ele está dando diploma para um monte de cursos que a universidade está abrindo aqui. Estão autorizando se formar profissionais não necessariamente competentes...” DSC- AC-A

O primeiro DSC construído pelas professoras da Escola B revela a conduta dos docentes que entendem que as dimensões humanas, só serão atendidas de uma forma global e conjunta, se elas saírem do espaço micro, onde prevalece uma formação voltada ao cuidar humanizado, e adentrarem para o espaço macro. Tendo, assim, por conseguinte, uma formação onde existam disciplinas das áreas de ciências humanas, com a valorização de outros profissionais que atendam os cursos de nível médio de enfermagem. Portanto, além do professor enfermeiro, terão o professor psicólogo, nutricionista, etc.

Para essas professoras é importante ver o aluno como um todo, mas deixam claro a dificuldade em ampliar esse comportamento ao sentirem-se distantes da compreensão da LDB e uma certa confusão ao buscar conceitos ao definirem competências.

Discutir sobre competência tem essa dificuldade, pois o olhar se volta para uma única dimensão, ou ela é técnica ou humana no sentido do cuidar. Nossa pergunta é: como formar o aluno nesta visão ampliada do conhecimento, das atitudes e habilidades se o professor parece reduzir essas competências a técnicas humanizadas?. Como formar um aluno reflexivo e crítico se há pouca carga horária destinada para esse fim?

“(...)Eu acho que tudo que se faz para a melhoria da pessoa humana, não só o comportamento dela intelectual ou a parte da maneira dela ser, não sei bem, é que na verdade... falar sobre a dimensão humana não é alguma coisa assim tão simples! O relacionamento humano, o comportamento humano, tem que contar para a formação, porque desde a hora que a gente avalia o aluno, quando ele vem do estágio, quando faz uma prova teórica, a gente avalia ele como um todo. Tem que estar olhando o outro lado do aluno, o lado humano. Então, tudo a gente tenta trabalhar na formação do aluno, levando em conta o lado humano. Tentar trabalhar o lado psicológico dele, o lado, porque ele chora, porque ele ri (...) O que eu percebo, às vezes, é que a enfermagem em algumas disciplinas está muito centrada, tem só um olhar, entendeu? Eu sei que é uma equipe tendo um olhar mais humanizado, trabalha mais em equipe, inclusive disciplinas mesmo, interagindo, disciplinas para que esses tópicos fossem reforçados(...) A idéia fragmentada pode mudar partindo de cada um de nós, quando a gente está lá na sala, eu deixar de entender o aluno de enfermagem como aquele que é executor de técnica e eu começar a entendê-lo como um todo, então, esse é nosso papel. Porque a gente também vem de uma educação fragmentada e que a gente não consegue associar isso muito bem, eu acho importante trabalhar a pessoa do aluno, porque ele tem dificuldade, porque ele precisa de uma atenção maior, porque eu preciso ficar do lado dele, porque eu

preciso entender o comportamento dele e alguns momentos chamar, conversar, porque eu acho que o papel do professor transcende a sala de aula. Eu acho que a gente precisa saber os fundamentos técnicos do procedimento que se vai executar, e não necessariamente fazer da forma que o outro faz. Eu acho que isso limita o outro, então, precisa entender que transcende o ser técnico, mas as vezes você tem um aluno que é péssimo na técnica, mas ele é bom em contato com o paciente, tem conhecimento bom do todo. Eu acho que nosso papel é este mesmo (...) A partir desse ano ficou mais claro o papel de professora, porque como terapeuta e com vivência em grupos de treinamento. Eu não sei que lei é essa, eu escuto falar de leis de diretrizes e bases, mas eu não tenho base no que ela fala (...) O que se vê, por mais que a gente reflita todo ano, quando se faz uma atribuição de aula. O que vamos fazer com essa nova Lei de Diretrizes e Bases? E aí a gente acaba entrando num consenso meio complexo, é uma visão, é uma coisa que tem que ser trabalhada a longo prazo, porque qual a proposta dessa lei? É você passar ali uma competência para o aluno e ele vai ou não adquirir essa habilidade, e aí fica uma situação meio estranha porque você ensinou, mas será que ele aprendeu? Ah! Não tem problema, se ele não aprendeu a vida vai ensinar, pode passar ele de ano, a vida vai ensinar, porque a vida é assim. O que nós temos para trabalhar com essa dimensão toda do aluno, de repente você usa alguns artifícios burocráticos que são provas. Enquanto isso a gente vai buscando e trabalhando em cima, eu estou passando essa competência, vou fazer com que ele saiba depois navegar esse barco(...)" DSC-A

Outra característica importante dos discursos da Escola B é que as professoras chegam a insinuar que os alunos tem muitas dificuldades de vida, que talvez busquem na Enfermagem uma saída para seu sofrimento. Apresentam uma força interna que sobressai a todas as dificuldades, havendo um grande contraste entre os alunos seja no nível financeiro, emocional ou no grau de maturidade. Fato esse, que dificulta organizar espaços para uma formação mais reflexiva, o que é ainda mais agravado por uma carga horária de psicologia que não condiz com as necessidades exigidas para uma formação mais ampla.

Os critérios de seleção dos conteúdos e a carga horária das disciplinas expressam a organização da escola quanto aos seus interesses, o que influi no perfil do aluno que pretende formar. Favorecem ou dificultam a realização dos objetivos que cada instituição planeja, interfere diretamente no trabalho das professoras, que também trazem uma bagagem emocional, profissional e ideais que, ao se interarem com os objetivos da escola, acabam sendo engolidos por uma prática que vela suas possibilidades de ação e projetos de transformação.

"(...)é muito trágica a vida dessas pessoas, é uma tragédia assim impressionante, então, eu percebo assim, que material humano é esse que vem buscar a enfermagem, tão precário. Tem uma condição extremamente precária, uma condição emocional muito precária (...) é claro que cada turma tem suas características, o que eu vejo é realmente na parte técnica, você vai cobrar coisas que eles tiveram mais afinco na teoria. Eu tive alunos que não tinham dinheiro para a condução, tinha condução para o trabalho ou condução para o bloco teórico (...) Eu tenho que falar para uma pessoa que não tem a mínima noção de condições básicas, porque a vida dela foi uma vida marcada de muito sofrimento e muitas vezes eles não conseguem absorver o conteúdo teórico, porque a vida dele é uma vida marcada de sofrimento. ...então é uma pobreza de conteúdo. Você dá a técnica que tem que existir, mas você tem que dar a noção de vida, de respeito, mesmo que você tenha tido a vida triste (...) Eu acredito que a humanização, ela é trabalhada, busca ser trabalhada na dimensão física com todos os recursos que a enfermagem tem para isso, mas a partir dali, naquilo que cabe a dimensão emocional e mental, o profissional não está pronto para trabalhar com isso,

aí as coisas começam a se comprometer. A humanização não chega aqui, porque o profissional não está trabalhado, é um profissional que não está cuidado nessa dimensão emocional. Como é que ele vai humanizar aquilo que ele não tem? É aí que eu bato, é aí que para; e o mental? Então, fica para depois e aí você tem que transformar crenças, muitas coisas para poder juntar, física, emocional e mental(...)" DSC-B

É óbvio que as professoras concordam que a formação política, ética e social é importante, mas algumas não acreditam que haja saída, são pessimistas quanto ao cenário que se apresenta atualmente na área da saúde e fazem propostas, como por exemplo, uma formação mais ampla através de mudanças curriculares. Acrescentam também, que o aluno precisa de uma base religiosa para vencer essas barreiras que dificultam a formação profissional.

"(...) Sem dúvida nenhuma, a formação política, ética e social faz um diferencial, faz um grande diferencial, o aluno vai ter uma visão completamente diferente daquilo que está fechadinho que a gente passa tecnicamente em sala de aula. Ele vai ter essa clareza maior, ele vai conseguir enxergar dos lados, tudo aquilo que está vivendo. Ele vai poder analisar o porquê daquilo, compreender a situação de uma outra forma. Ele vai conseguir se sair melhor de determinados problemas e situações, ali que ele possa estar se encontrando. Eu creio que isso e a própria evolução, educação mesmo. Ele vai poder ter uma visão muito maior do que está a sua volta com certeza e isso, essa formação política, ética e social eu creio que está ligada à educação (...) Quando você olha para o cenário político, porque a formação implica em olhar para o cenário político, em olhar para o cenário ético e olhar para o cenário social. É uma desesperança, eu sinto que não tem...é frágil demais, você trazer este contexto, é tudo tão frágil que quando você abre uma discussão em sala de aula dessa realidade mesmo, tudo isso aparece de um jeito tão feio, a política que se vive dentro do hospital, a ética que se vive dentro de um hospital, o social como é trabalhado dentro do hospital, é tão feio isso, tudo tão idealista, fica neste nível, entendeu? É o que muitas vezes, é tudo sem saída, quando se começa analisar uma questão, não tem saída, a saída é tão individual que é tão pessoal, é tão de quem tem recurso para vencer aquilo e continuar. A gente passa com a esperança pessoal de cada um de fazer a nossa parte porque, a sensação que eu tenho é que fica na ideologia da coisa, a realidade é outra completamente outra, difícil de assimilar, difícil de digerir, difícil de gerar esperança, no sentido de dizer assim para que eu vou ser melhor? Para contribuir com que? Com quem? (...) Então, eu acho que esses três pilares somando ao religioso é o que faz a modificação do que eu sou como profissional. Porque quando eu sou um profissional embasado nisso tudo, eu consigo fazer diferente, claro que vai existir que eu vou fraquejar, vai ter momentos que eu vou ...cair, cabisbaixo, desistir, porque na minha frente eu vou ver todo um cenário que não é um dos mais lindos (...) Porque quando eu chego lá apesar de me deparar com as coisas feias, eu consigo manter a essência, porque a essência a gente não perde, a gente fica meio balançada. Eu acho que isso é que garante o profissional qualificado. Esses pilares para mim são essenciais para a formação do profissional(...)" DSC-C

Mesmo com uma postura pessimista em relação ao futuro da formação desses alunos, as professoras fazem propostas de mudanças como encontros, reuniões, discussões entre os professores da própria escola, aumento da carga horária das disciplinas, atividades extra-classe e sentimos que algumas das partes mais representativas do discurso coletivo desse tema é dito pelas próprias professoras.

“(...) Eu diria que dentro dessa realidade totalmente fragmentada, independente dessa realidade, é atuar buscando compor isto, neste microcosmo da sala de aula, é isto. Quando você vai desinstalando esses papéis de aluno e buscando este ser profissional mesmo.

Eu uso crachá, confecciono crachá em sala de aula, faço eles colocarem o nome deles para começar a trabalhar a identidade e eles devolvem, colocam o crachá num saquinho pendurado na porta e em cada aula eles vão usar. Porque eu faço questão de trabalhar com a pessoa (...) Se nós nos ampararmos a gente faz a diferença, com essas pequenas coisas, porque se cada um de nós for parar nesses espaços mal resolvidos, nada anda, então se a gente tiver a sabedoria de passar por estas coisas, passar pela direção da escola, pela administração da escola, porque um só não vai conseguir muita coisa, mas se a gente mantém essa união que existe aqui, eu sinto assim, eu sou da Psicologia e me sinto muito acolhida com vocês e as coisas novas automaticamente sofrem mudanças porque a força vai se estabelecendo, eu acredito no sutil, eu não acredito no confronto. Nós estamos comungando coisas muito importantes, pelo menos para mim, aqui(...)” DSC-D

Uma abordagem mais ampla sobre a Escola B foi feita com o surgimento de um tema que precisa ser mais discutido, exige reflexão, pois a realidade atual em nossa sociedade, revela mais uma outra contradição. A respeito das escolas públicas de ensino fundamental e médio, temos encontrado muitos exemplos de famílias que não têm outra opção de ensino, pois não possuem recursos para manter seus filhos pagando mensalidades escolares, condução particular, etc...O ensino público no Brasil tem sofrido muitas críticas em relação ao abandono das escolas de ensino médio e fundamental, formação deficiente dos professores, carência de recursos. Conseqüentemente, encontramos a maioria dos alunos com baixo poder aquisitivo estudando nas escolas públicas. Quando focamos o ensino profissionalizante, as escolas públicas nos indicam outra realidade. Elas são mais concorridas, com prova de seleção, turmas definidas por calendários que seguem a programação do ano letivo das Secretarias de Educação, os professores são fixos, geralmente selecionados por concurso público, com formação em licenciatura e muitas vezes, pós-graduados. Nas escolas privadas, as turmas se formam conforme a demanda, existem professores fixos, mas muitos são contratados temporariamente, muitos contratos dependem do número de alunos para manterem os encargos administrados e trabalhistas dessa escola-empresa.¹

Em virtude da realidade em que a Escola B está inserida, há um discurso mais amplo que a posiciona no mundo político e econômico. Aparece no discurso o tema escola-empresa, o que subentende que as professoras utilizam esse termo para se referirem às escolas particulares que, atualmente, visam lucro. De uma certa forma, acreditamos que o termo escola-empresa já esteja mais próximo ao que se refere Tanguy, seguindo a autora com as mudanças educacionais ocorridas na França na década de oitenta cujos pontos apontam para a idéia de que a transmissão do conhecimento deixa de ser monopólio da escola e o maior compromisso das empresas com a

¹ Conferir em TANGUY, L. (1997, p.28)

formação profissional. Há uma abertura da escola para o mundo econômico, havendo uma parceria que integra um conjunto de ligações entre as escolas e as empresas, em forma de estágios para os cursos profissionalizantes, venda e compra de material dessas empresas, contribuindo para que as mesmas buscassem nos serviços de educação apoio para elaborar ações de formação para seus assalariados. No Brasil, podemos citar inúmeras escolas que têm parcerias com empresas, principalmente para estágios, grupo de aperfeiçoamento para os trabalhadores, etc. Abrimos espaço para esses comentários, apenas para não gerar dúvidas quanto ao nosso entendimento e o das respondentes.

Muitos profissionais de nível superior em Enfermagem acabam trabalhando em escolas privadas quando lhes faltam melhores oportunidades de emprego, abandonam-as ao primeiro sinal de “melhores tempos” e seus interesses vão ao encontro dos donos das escolas. Há contratação por um período pré-determinado, não há vínculo empregatício e tão pouco vínculo com os alunos, gerando um descompromisso com a formação desse futuro profissional. Porém nossas professoras entrevistadas afirmam que os professores estão fazendo sua parte, e que o coordenador tem como papel, entender a política da escola privada, mas não pode abrir mão de uma formação com qualidade. E aí eu pergunto, quem é esse profissional que assume o compromisso de ser responsável técnico? Essa(e) enfermeira(o), com experiência que segundo o COFEN (Conselho Federal de Enfermagem), deverá ser licenciada(o), com experiência profissional na área de educação, mas será que essas exigências são cumpridas? Mesmo que sejam, a tensão que existe entre o setor administrativo da escola e o aluno se concentra na figura da(o) coordenadora(o) e essa realidade está presente na escola pública ou privada, sendo que o esse profissional necessita desenvolver habilidades para gerenciar os conflitos e produzir uma gestão democrática, tentando preservar seus ideais de profissão e vida.

“ Hoje para o empresarial, o lucro é uma coisa muito predominante em relação às escolas, não só de enfermagem, mas de uma forma geral, mas eu acredito que nós precisamos mudar é quem está lá coordenando essa escola, quem está trabalhando com os professores. Algum momento quem coordenada tem que falar a língua de quem é o dono da escola, mas quem coordena não pode perder a visão do todo. Nós precisamos ter um olhar crítico para que se possa não só visar o lucro, ter salas cheias, lotadas, mas possa acima de tudo ter um compromisso com a educação.

Nas reuniões, se vê que 99% dos professores estão fazendo a sua parte, mas vejo as escolas como empresas. Eu não vejo por parte das escolas essa implementação, a visão delas é empresarial. Os colegas batalham, muitas vezes morrem na praia, acabam saindo para outras coisas, porque não concordam com esse tipo de postura” DSC- AC-A

A conscientização dessas professoras em relação as necessidades de mudanças curriculares tem um peso muito grande e assim me remeto novamente ao discurso da Escola A, ao valorizar espaços e profissionais das áreas das ciências humanas, como uma das saídas para a transformação desse aluno, para que futuramente seja um profissional com qualidade. Primeiramente, consciente de seus direitos e deveres como cidadão e depois, descobrir se a profissão responde aos seus interesses e queira conscientemente atuar como Técnico de Enfermagem.

Parte de um dos discursos de ancoragem da Escola B nos alerta sobre a importância de mantermos nossos ideais, sem perder o rumo, a orientação, porque muitas propostas estão distantes da realidade de vida do aluno e não dependem, simplesmente, do professor, da instituição.

“(...)Eu acredito que a procura por enfermagem está muito relacionada ao que eu tenho como história de vida. (...) Esta coisa pessoal, transcende o que a instituição dá para o funcionário. O que a gente tem como pessoa transcende o que é profissional e isto, esta lacuna a gente não consegue preencher, em nenhuma escola, não só de enfermagem (...)” DSC- AC-B

Diante dos temas levantados nos discursos pelas Escolas A e B, entendemos que as discussões estão dentro da realidade que vivenciamos e destacamos, uma observação já feita anteriormente; na posição de professora e coordenadora de Enfermagem há dez anos, sabemos quais as discussões que cercam as escolas de nível médio; não temos mais argumentos para achar que as mudanças estão no plano individual, em cada professor, em cada escola isoladamente. Encontramos força e respaldo nessa pesquisa para afirmar que nós somos a mudança. E nesse processo deverá existir humanização entre as partes, que vão suportando, sendo amparadas, provocadas, desafiadas, mas também compreendidas na sua impossibilidade histórica de mudança.

6- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após percorrermos todas essas etapas, entendemos que as dimensões humanas são importantes, mas na prática elas não estão acontecendo porque as instituições não permitem; ou pelas condições de trabalho, ou pelo predomínio muito forte da formação tecnicista da(o) enfermeira(o). Já existe resistência, mas ainda não o suficiente, as escolas tentam mudar, porém dependem do serviço e ambos estão condicionados ao modo de produção, por isso a mudança fica mais no plano discursivo. Assim, temos um salto a dar: tentar juntar o que foi separado, porque cuidar do ser humano compreende um ato que extrapola a questão biológica ou psicológica, ela é social, cultural,...não é preparar alguém para cuidar do outro em apenas um nível, e sim, em todos os níveis. O que encontramos é um discurso que fica centrado na relação do aluno com o paciente, não tem a relação dele com ele mesmo, dele com a equipe; essas outras faces da relação pouco aparecem na fala do aluno e do professor, porque a formação se limita à humanização do cuidado. Para nós, essa realidade gera angústia e necessidade de mudar esse cenário.

É esse sentimento, que brota quando reunimos muitas falas que se fundem em uma única voz que clama e reclama por mudanças. Se o caminho for a partir de encontros, reuniões entre os professores, podemos afirmar que na tentativa de atingir esse objetivo realizamos em Novembro de 2002, junto com o Curso de Licenciatura em Enfermagem da UNICAMP um fórum de reflexão, com o tema “ *Há espaço para a dimensão humana na formação do aluno de nível médio de Enfermagem?*” Com a participação de aproximadamente cinquenta pessoas, as escolas tiveram oportunidade de se apresentar. Através da fala de seus professores, os presentes puderam conhecer algumas vivências que indicam caminhos para a transformação de quadros curriculares, metodologias de ensino que buscam resgatar a aproximação humana, e uma peça teatral cujo tema associado ao conteúdo programático de uma disciplina, desenvolvido e apresentado pelos alunos, permitiu ver na prática como é possível aprender/ensinar as dimensões humanas.

Já no ano de 2003, outro evento ocorreu no mês de Outubro, pois a Comissão Interna de Estágio do Hospital Municipal “Dr. Mário Gatti”, através da coordenação do Departamento de Desenvolvimento de Pessoas, realizou um encontro com o tema “ *Perspectivas e Desafios para a formação do profissional de Enfermagem*” que durante uma manhã e uma tarde reuniram mais

de cem pessoas que discutiram vários assuntos que se aproximam muito dos temas abordados nesta pesquisa. Principalmente, a formação do enfermeiro, quem é este profissional que está se formando e que vai futuramente atuar na assistência à saúde ou na formação de outros profissionais de nível médio e superior.

Em continuação ao relato de nossos encontros, realizamos em Novembro de 2003 contando novamente com o apoio do Curso de Licenciatura da UNICAMP, uma oficina de reflexão voltado para as Dimensões Humanas no formar. A oficina pretendia responder a questão: *“Há consenso que a inclusão das dimensões humanas do cuidar devem estar contemplada no Projeto Político Pedagógico da escola. Como essa discussão sai do papel? Quais fatores favorecem ou desfavorecem esta abordagem?”* Com aproximadamente trinta pessoas, as escolas através de seus representantes, apresentaram várias saídas para a mudança e para abertura de espaços de reflexão sobre o tema. Porém um questionamento importante e que precisa ficar registrado é: como esse discurso pode sair do papel de forma simples e dentro das possibilidades reais da escola? Os encontros têm como clientela alvo profissionais e estudantes da área de educação e saúde em Enfermagem, com isso, interferimos tanto na formação inicial, como na educação continuada.

Enfim, essas iniciativas estão sendo possíveis, porque as mudanças estão acontecendo na prática e estão nos tornando mais ativos e participativos e mantêm acesa e despertam nossa força e vontade para enfrentar as resistências e persistir nesse processo. É um trabalho que caminha na contramão da política educacional vigente, são mudanças intra e inter-escolas, cuja transformação qualitativa depende de persistência. Reunimos um número de pessoas não muito grande em cada encontro, no entanto, o grupo se revitaliza com as atividades e voltam quando são convidados para mais uma atividade de reflexão. Nesses encontros, discutimos temas que remetem a nossa prática pedagógica; observamos que timidamente as coordenadoras das escolas começam a se manifestar e contar suas experiências, suas dificuldades. Um outro ponto positivo que já está sendo visível é que, além da(o) Responsável Técnico, estamos notando a presença de outros professores dos cursos, que estão atuando na prática, dia-a-dia com o aluno, eles são nosso foco principal, se pretendemos realizar alguma mudança.

Parafraseando Frigotto (1996, p.99) uma das dimensões mais importantes na formação e profissionalização do educador é o mundo da experiência cotidiana e prática. *“ O desafio fundamental central é o de como potencializar essa experiência de ação cotidiana para que ela não se reduza à repetição mecânica, ao ativismo pedagógico ou ao voluntarismo político”*.

Ainda seguindo o pensamento de Frigotto, *“a formação do professor com base nessa vertente da práxis é pré-condição para o efetivamento de um processo educativo centrado num projeto explícito e consciente no qual está incluso as dimensões ético-político, teórica e epistemológicas”*. Entendo que o autor afirma que esta é uma postura contra hegemônica, por estarmos atuando numa sociedade capitalista, o que torna essa ação contraditória, porém é uma saída para vencer o desafio de um processo pedagógico instalado e crônico e que nos leva à desesperança. Isso faz-nos voltar ao discurso da Escola B, quando as professoras expressam de forma preocupante que a realidade na área da saúde é feia e pessimista. Acreditamos que essa verdade, ainda que provisória, esteja presente na área de educação o que fortalece esse sentimento de caos presente em nossa sociedade.

Encontramos novamente em Frigotto (1996, .p.101), respaldo para mostrar um outro movimento que pode gerar mudanças e romper com a divisão disciplinar e com as formas individualistas e competitivas de conhecimento e do ensino, que tornam a construção educativa em uma árdua tarefa e frustra muitos de nossos professores. *“É no plano político-prático, uma forma eficaz de neutralizar as imposições tecnocráticas que reduzem e subordinam o educativo ao mercado e aos processos de globalização excludente”*.

Um dos pontos de saída é a construção do projeto pedagógico centrado em formas cada vez mais coletivas de organização e reconhecimento e ao fazer o levantamento dos documentos nas escolas pesquisadas, percebe-se que os projetos não citam a forma como são realizados, quem participa de sua construção e como acontecem as discussões e decisões. Novamente, observamos que a enfermagem poderia lucrar mais se registrasse os esforços práticos de concretização de um projeto formativo crítico e humanizado. As escolas teriam memória de seus avanços e retrocessos e isso iluminaria o caminho da categoria rumo a uma formação mais coerente com as demandas sociais.

Até que ponto os Discursos do Sujeito Coletivo não é o discurso institucionalizado e dele vira coletivo? Tem momentos que não se reconhece o conteúdo da fala da professora entrevistada, se o discurso é dela ou se ela se apropriou do discurso do plano de curso da escola.

Encontramos em Sordi, argumentos suficientes para revelar a importância do Projeto Político Pedagógico para a orientação das ações das instituições escolares.

“A definição de um projeto pedagógico por parte de uma escola revela a existência de uma intenção e, por conseguinte descarta qualquer possibilidade de atitudes neutras. A importância dessa definição para a instituição é que o projeto dá um rumo, imprime um sentido que deve orientar todas as ações desenvolvidas

por sua comunidade. Assim, a instituição se particulariza na singularidade de suas ações, o que permite possam ser reconhecidos os resultados de seu processo de ensino, através da forma como se inserem no mercado de trabalho os profissionais por ela formados.” (1995,p.26)

Para a organização dos Planos de Curso, a escola utiliza um modelo de documento cujo conteúdo repete constantemente termos sugeridos pelas leis oficiais como formação crítico-reflexiva, formação holista, competências profissionais que fazem parte do discurso ideológico na teoria e que na prática é difícil da instituição escolar sustentar. Daí a importância dos projetos pedagógicos construídos democraticamente serem acessíveis a todos os membros que atuam na formação do aluno, bem como que suas intenções sejam revistas constantemente, para que não se torne morto e sem significado como direcionador das ações pedagógicas.

Ao observar nas entrevistas, centro pulsante dessa pesquisa, dificuldade de se compreender a pedagogia das competências e de conceituar dimensão humana, entendemos como ainda é estreito o caminho que nos leva para uma educação mais ampla. Por mais que se busque organizar a escola baseada na pedagogia das competências, e se tente atribuir a esse termo um conceito amplo de formação, o ensino dos conhecimentos, atitudes e habilidades próprios dos processos sociais e históricos de produção e apropriação do conhecimento (onde o que importa é aprender para utilizar esse conteúdo e transformá-lo coletivamente e reconstruir as relações sociais) passa a ser substituído pela individualização dos processos cognitivos, desvinculando os conteúdos, onde a criatividade passam a ser racionalizadas pelo forte predomínio da informatização (cf. TANGUY, 1997, p.55-56)

“a pedagogia das competências dissolve a dialética entre educação e ensino, ao pretender reduzir, na prática, o geral ao específico, o histórico ao lógico, o pensamento à ação, o sujeito ao objeto, o tempo de vida ao tempo escolar, a riqueza dos processos educativos sociais e produtivos ao espaço escolar.” (KUENZER, 2002,p.21)

Pois bem, acreditamos que a tomada de consciência quanto aos rumos que pretendemos para a formação de nossos alunos precisa ficar mais explícita e próxima dessa realidade mencionada há pouco e que temas como a pedagogia das competências precisam ser discutidos entre as escolas de enfermagem numa perspectiva crítica e opositora ao projeto neoliberal.

Retornando ao questionamento que fizemos inicialmente, juntas as escolas conseguem tornar mais evidente a importância das dimensões humanas na formação, com atitudes concretas como esses encontros, mesmo percebendo uma força contrária de algumas instituições que tem o

olhar só voltado para o mercado de trabalho. Acreditamos que começamos a trocar idéias, experiências e percebemos que a tríade formação do professor, filosofia da instituição e o perfil do aluno que queremos formar podem ser o sustentáculo que impulsiona essa mudança transformadora e ampliadora. E que, ela somente ocorrerá se nós enfermeiras(os) nos valorizarmos e para isso precisamos começar em nós mesmas(os), revendo nossos valores, nossos ideais e o auto-conhecimento é a base dessa transformação.

Como estas, outras propostas que buscam ampliar a visão do profissional que atua na formação do aluno de ensino médio, iniciativas de enfermeiras(os) como o trabalho realizado por Lima (1998, p.103), em oficinas de criatividade, sensibilidade, expressividade (OSEC), existem há vários anos no Rio de Janeiro. Não temos informações atualizadas das atividades da oficina, mas é uma iniciativa centrada no profissional enfermeiro, cujo objetivo é cuidar da saúde desse profissional, “pois é impossível prestar cuidado a outras pessoas quando estamos desarmonizadas com nosso próprio corpo”.

“O conhecimento pessoal em Enfermagem compreende a experiência interior de tornar-se um todo, um self consciente. Através do conhecimento do self é possível conhecer-se outro ser humano como uma pessoa” (WALDOW, 1998, p.59).

Nossa formação positivista nos faz simplificar o que é complexo e essa postura se modifica quando se abrem várias frentes, vários olhares para o mesmo objeto, ou seja, para o mesmo sujeito. É nesse momento que consegue-se ampliar o conceito de dimensão humana, o que envolve não só a humanização do cuidado, mas o que precede essa ação.

Sobre a humanização do cuidado podemos dizer que as teorias sobre o cuidar em enfermagem visto como uma ação mais ampla que o cuidar enraigado num conhecimento positivista, o trabalho realizado por Madeleine Leininger nos Estados Unidos deu início na década de setenta as mudanças no sistema educacional com ênfase nas ciências sociais, filosóficas e humanistas, isso favoreceu a ampliação e modificação nas percepções da Enfermagem. (cf. Waldow et al [s.d], p.10).

Ao tomarmos a definição de dimensão humana como a humanização do cuidado, nos preocupamos muito com essa visão limitada e reducionista, que também tem ênfase nas falas das entrevistadas e acreditamos ser a maior contradição dessa pesquisa, pois entendemos que a dimensão humana seja muito mais ampla que a humanização dos cuidados e que envolve antes

da formação profissional um exercício de auto-conhecimento, centrado na reflexão e expressão de sentimentos, da compreensão do mundo que o cerca e após sim, o cuidar do outro.

Não estamos defendendo o auto-conhecimento para as realizações individuais, onde o sujeito se aprimora e se cega, distanciando-se do social e do coletivo, pois há um grande equívoco, quando o auto-conhecimento se torna desvinculado da realidade e na prática deixa de ser aplicado em benefício do outro.

Este pensamento já se fazia presente nos estudos de Waldow (1998, p.80) quando se refere à formação “... das educadoras de enfermagem, no que tange à docência, tem um papel fundamental na forma como a prática de Enfermagem se desenvolverá. Através de dinâmicas e metodologias que promovam o desenvolvimento do pensamento crítico, bem como o acesso a temáticas de cunho social, histórico e político...” É possível haver uma transformação desse aluno durante o curso.

Há um grande impasse quanto ao que se entende por dimensão humana. No início dessa pesquisa, quando iniciamos a etapa de coleta de dados, havia uma dicotomia, uma distância entre os conceitos de dimensão técnica e humana. Ao longo desse processo de estudo, compreendemos que a dimensão técnica é uma parte de todas as dimensões que envolvem a formação. Descobrimos também que enfatizar demais a dimensão humana, poderia empalidecer a importância da técnica, e se não sabemos cuidar, e se não dominamos o fazer, não adianta uma dimensão humana do cuidar, pois assim cairemos no cuidado abnegado, caridoso e sem cientificidade. Foi dessa forma que iniciamos a construção do que seria definição de dimensão humana. Todos os questionamentos dirigidos às entrevistadas levaram a expressão “dimensão humana”. Pois bem, após muitas leituras de autores que tratam do tema : cuidar, humanização no cuidado, como Waldow (1998), Lima (1998), Meyer (1998), Codo (1999) e buscando entender as diversas dimensões que envolvem o ser humano, percebemos que o termo só começou a ficar claro quando abordamos as múltiplas dimensões humanas na formação. Nesse contexto, inclui-se a dimensão técnica, a humanização do cuidado, além das dimensões cultural, política, social que envolvem o aluno e o transforma durante a formação e percebemos que não é possível tratar sobre esse tema sem definir dimensões humanas como uma idéia complexa.

“Unidades complexas como o ser humano ou a sociedade são multidimensionais: dessa forma, o ser humano é ao mesmo tempo biológico, psíquico, social, afetivo e racional. A sociedade comporta dimensões histórica, econômica, sociológica, religiosa...O conhecimento pertinente deve reconhecer esse caráter multidimensional e nele inserir esses dados: não apenas não se poderia isolar uma parte do todo, mas as partes umas das outras.” (MORIN, 2000, p.38)

Como superar o predomínio da Dimensão Tecnicista no cuidar incorporando a Dimensão Técnica?

Nossa aproximação do conceito de Dimensões Humanas demonstra que a formação desse aluno, o olhar que ele tem de si próprio e dos diversos olhares do mundo que o cerca, o autocuidar e a humanização do cuidado do outro, se distanciam de uma formação tecnicista, onde prevalece só a técnica. Historicamente, a formação em enfermagem, em todas as categorias, sempre teve uma forte influência religiosa, prevalecendo uma atitude de abnegação e caridade. Mesmos hoje, predominando uma formação fragmentada, voltada para o mercado de trabalho, os discursos do sujeito coletivo podem ser considerados uma advertência, pois as escolas organizam seus cursos centrados na humanização do cuidado, porém fica óbvio que a Enfermagem é eminentemente humana. As múltiplas dimensões humanas presentes na formação do aluno de ensino médio que estão reduzidas em humanização do cuidado, é um tema que não só nos preocupa pela sua contradição, mas também pela idéia reducionista no formar. Este discurso tem forte influência, já que está presente em quase todas as respostas das professoras e coordenadoras participantes.

Uma consideração a ser feita e que pode justificar a não participação das escolas nesse estudo é a ausência de pesquisa em ensino médio, especificamente, nos cursos de enfermagem. É um tema que aponta a dificuldade de encontrar escolas que participem da pesquisa o que resulta nesse distanciamento, bem como fica evidente na fala das participantes, que sutilmente citam o pouco envolvimento dos enfermeiros e docentes de ensino médio de enfermagem em estudos, encontros, discussões. Esta observação está presente na primeira etapa dessa pesquisa, na fase de “estado da arte”, quando verificamos que nas bibliotecas das universidades e bibliotecas virtuais como Medline, Bireme, Lilac, Biblac, Dedalus, Fio Cruz, existia um grande arquivo sobre trabalhos de pesquisa em educação e enfermagem, porém específicos ao ensino superior. Nos trabalhos que envolvem o ensino médio, muitas vezes predominam dados quantitativos carentes de ampliação da base qualitativa de análise.

Acreditamos que Saddi, possa explicar com mais clareza esse ponto de vista:

“Um componente importante é a formação do professor, que o educador se educa na prática e que, portanto, a formação teórica seria algo secundário ou algo reservado a uns poucos intelectuais que se dedicam à pesquisa. Sustenta, sem descartar a função formativa da prática, que sem uma sólida formação teórica reduz-se a possibilidade do educador de fazer análise histórica para entender a estrutura de relações sociais vigentes hoje e, mais difícil ainda, de propor projetos alternativos e de refletir, dentro deles, o papel do educador e da educação. A perspectiva estratégica fica atrofiada, além do risco de

reduzir-se a um ativismo político. No plano da construção do conhecimento, poderíamos acrescentar, a perda da perspectiva teórica e epistemológica tende a reduzir a formação prática do educador a uma dimensão puramente técnica ou didática.” (1996)¹

Ao ler o capítulo introdutório de um dos livros de Kuenzer (2002)², a autora justifica que a publicação desse estudo se deu pela a inexistência de estudos sobre ensino médio para uso dos professores no processo de elaboração do Projeto Pedagógico da escola, além dos documentos oficiais, que carecem de maior articulação com a escola concreta.

A inspiração e orientação para encaminhar esta pesquisa se deve à extensa leitura de alguns pensadores que se aprofundam em temas que buscam desvelar o ser humano, seus mistérios, dificuldades e dúvidas. Ao ler Edgar Morin, percebe-se a aproximação de suas idéias sobre a complexidade da natureza humana e as formas reducionistas teórica-empírica de se fazer ciência, nos dias de hoje.

Ao longo dessa pesquisa, muito se falou sobre a “formação do aluno precisa ser vista de forma holística, como um todo”, muitas dessas falas vêm contradizer uma realidade existente de uma formação, cujo quadro curricular é dividido por disciplinas especializadas, por partes, sendo o conhecimento reduzido, fragmentado e quando se especializa, reduz-se o geral.

O “todo” expresso por Morin não é o “todo” que encontro nas respostas dessa pesquisa, é uma definição muito mais abrangente. A teoria que se define como holística, segundo o autor enxerga o todo e não as partes. O conhecimento não é fechado, não se resolve em si mesmo, é mutável, é contraditório, há sempre uma tensão, um movimento em busca do equilíbrio que não se conclui. O macro e o micro se fundem o tempo todo.

“...não podemos mais considerar um sistema complexo segundo a alternativa do reducionismo ou do ‘holismo’, que não é menos simplificador e que negligencia as partes para compreender o todo.” (MORIN, 1999, p.181)

Essa pesquisa representa para nós idéias, conceitos e crítica que foram se acumulando ao longo de quatro anos. Entendemos hoje, que para realizar um trabalho científico é preciso *ter* rigor e método, *fazer* reflexões e *ser* ousada. A pesquisa também acrescenta força e ânimo para continuar o trabalho no espaço de ensino profissionalizante; o reconhecimento de que as

¹ O trabalho de dissertação de mestrado de Renato Saddi é citado por Gaudêncio Frigotto no texto “A formação e a profissionalização do educador: novos desafios 1996, p.77-78.

² KUENZER, Acácia. (org.). Ensino Médio: Construindo uma proposta para os que vivem do trabalho. Introdução – Refletindo sobre a experiência p. 11, 3ªed. São Paulo: Cortez, 2002.

dificuldades estão instaladas em todas as instituições, sejam elas privadas ou públicas e que algumas soluções podem estar em nossas mãos. Aprendemos muito com as escolas com as quais trocamos experiências, e iniciamos juntas um novo caminho. O diferencial está em enfrentar as resistências e querer sustentar o processo de mudança. Os encontros nos dão coragem para tomar novas direções. Temos consciência de que esse trabalho é lento e precisa de continuidade.

A Escola Técnica de Paulínia, espaço onde atuamos, é um ambiente escolar como qualquer outro, entretanto se hoje, conquistamos mudanças curriculares que aproximam o processo de ensino-aprendizagem de uma formação profissionalizante em enfermagem com qualidade, e se valorizamos os espaços para as discussões e reflexão é porque percorremos muitos caminhos, longas esperas, sem medo de buscar novas idéias em outros espaços escolares de ensino profissionalizante e sem medo de buscar respostas no meio acadêmico.

Podemos afirmar que hoje, muitas escolas de nível médio de Enfermagem de Campinas e Região, conseguem se reunir para atividades reflexivas e outros eventos. Acreditamos, que se as mudanças estão ocorrendo num campo macro, também no interior de cada escola, alguns núcleos já estão se movimentando.

Queremos ser otimistas e enxergar uma saída para a formação em Enfermagem, mesmo diante de todos os acontecimentos que envolvem nossa sociedade atualmente e cujos sinais indicam uma degradação das relações humanas e volta à barbárie. Se por um outro lado temos um mundo cada vez mais desenvolvido tecnologicamente, por outro lado precisamos enxergar outras faces que envolvem o ser humano e nós educadores temos que criar esses espaços. Ao fazer essa afirmação, talvez estejamos nos comprometendo em realizar esse exercício.

De uma certa forma, realizamos uma avaliação das instituições envolvidas. Nosso caminho sempre esteve direcionado para uma forma mais ampla de avaliar e não apenas realizar um puro ato de medir ou pronunciar julgamentos de valores. Com o cuidado de não olhar apenas um aspecto, uma parte da organização escolar; buscamos compreender em que contexto social e político estas escolas se situam e quais as mudanças que estão sendo planejadas para construir um conhecimento com qualidade e que envolva um maior número de cidadãos. Inspirada no texto de Belloni & Belloni (2003,p.14)³, nessa perspectiva o processo avaliativo é baseado “em critérios que devem combinar *mérito e qualidade de atividade pedagógica com relevância e efetividade social*, (grifo dos autores) que se traduzem em sucesso escolar (desempenho dos

³ Palestra proferida no Seminário de Avaliação ocorrido em 2002 na Faculdade de Educação - UNICAMP, cujo conteúdo foi organizado por FREITAS, L.C. citado na referência bibliográfica.

alunos) e cidadãos conscientes (dos seus direitos, de necessidades de preservação ambiental, etc.), profissionais competentes (exercício profissional tecnicamente adequado e socialmente inserido), ciência, tecnologia, cultura e arte sintonizados com o avanço das fronteiras do saber e com a sociedade”.

As duas escolas participantes representaram parcialmente a realidade dos cursos profissionalizantes de Enfermagem, aparentemente parece um grupo pequeno, diante do número de escolas em Campinas e região, mas hoje, ao término dessa pesquisa, percebe-se que o exercício de reflexão sobre o tema foi intenso, porque os encontros potencializaram a reflexão do fazer e do pensar em Enfermagem. Entendemos que avaliar é refletir sobre valores e conceitos. Mesmo tendo um sentido mais amplo, achamos mais condizente, nesse estudo, alterar o título “Avaliando as múltiplas dimensões na formação do aluno de nível médio de Enfermagem”, para...

“REFLETINDO SOBRE AS DIMENSÕES HUMANAS NA FORMAÇÃO DO ALUNO DE NÍVEL MÉDIO DE ENFERMAGEM”

“As dimensões humanas envolvem toda a complexidade do ser humano; sua natureza contraditória, suas potencialidades, desejos, dificuldades e erros. Na busca de sua essência, o homem se conhece e se destrói, desenvolve a ciência e a história vai se fazendo lentamente. E dela precisamos para refletir sobre a humanização, pesquisa, encontros, auto-conhecimento e mudanças.

A educação se faz envolvida por todas essas dimensões que são antes de tudo humanas. A Enfermagem com sua história caminha, se construindo também lentamente e hoje já nos sentimos participantes dessa construção...” (MILHARCI, 2004)

7- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS¹

ALVES, Nilda. **Formação de Professores: Pensar e Fazer**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 1992.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENFERMAGEM. **Finalidades da instituição** (30/112003-18:45 h) Disponível em <http://www.abennacional.org.br/finalidades.php>.

ARAPIRACA J. Oliveira. **A USAID e a Educação Brasileira**. São Paulo: Cortez e Associados, 1982.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Departamento de assuntos universitários. **A formação de recursos humanos para a área de educação**. Documento II- CEAE, Brasília- DF, 1978.

BRASIL. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Brasília: Ministério da Educação, 1999. 360p.

BRASIL. MEC (Ministério da Educação e Cultura), SEMTEC (Secretaria da Educação Média e Tecnológica), PROEP (Programa de Expansão da Educação Profissional), **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Técnico Área da Saúde**, Brasília, 1999. (Texto de 19 paginas concluído em 27 de Abril de 1999). 58p.

BRASIL. Ministério da Saúde. Fundação Serviços de Saúde Pública. **Enfermagem, Legislação e assuntos correlatos**. 3ª ed. V.I, II, Rio de Janeiro, 1974.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Guia curricular para a formação de Técnico em Higiene dental para atuar na rede básica do SUS**. Área curricular III, Brasília- DF, 1994.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Oitava Conferência Nacional de Saúde**. Brasília – DF, (24/03/1999) Disponível em ><http://www.fiocruz.br/mstconferencias/oitava.html>.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Sistema Único de Saúde** (30/11/2003- 18:00 h). <http://www.consaude.com.br/sus/indice.htm>

BRZEZISNKI, Iria et al. **Diversos olhares se inter cruzam: LDB interpretada**. São Paulo: Cortez, 1997.

BUENO, Sonia M.V; COSTA, Fátima N. **Política de Formação de Recursos Humanos de Nível Médio de Enfermagem**. Em II Encontro de Professores de Ensino Médio de Enfermagem. Ribeirão Preto -SP: São Gabriel, 1998.221p.

BUFALO, Paulo Roberto. **O Ensino Técnico, o projeto para o Brasil e as políticas do Banco Mundial**. Correio da Cidadania, Campinas – SP, 10 - 17 de Julho de 1999. Cad. Opinião.p.6 C1-5.

¹ A organização do Capítulo de Referências Bibliográficas está de acordo com NBR-6023/2002, atualizada em setembro de 2003, disponível em: www.bu.ufsc.br/framereter.html

CATANI, A M., OLIVEIRA, J.F. e DOURADO, L. F. **Mudanças no mundo do trabalho e reforma curricular dos cursos de graduação no Brasil**. XX Reunião Anual da ANPED, Caxambú, 2000.

CHIANCA, T.C.M & ANTUNES, M.J.M (orgs.) Pesquisa qualitativa: referencial teórico. In: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENFERMAGEM. **A classificação Internacional das práticas da Enfermagem em Saúde coletiva (CIPESEC)**. Brasília, 1999. (Série Didática: Enfermagem no SUS). p.305-324.

CHIRELLI, Mara Quaglio. **O Processo de Formação do Enfermeiro Crítico-Reflexivo na Visão dos Alunos do Curso de Enfermagem da FAMENA**. Ribeirão Preto, S.P. Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, 2002, 271p (tese, Doutorado em Enfermagem enquanto Prática Social/Profissional)

CODO, Wanderley. (coord.). **Educação: Carinho e Trabalho**.2ª ed. Petrópolis- RJ: Vozes, 1999. 432p.

CONSELHO REGIONAL DE ENFERMAGEM. **Principais soluções que regulamentam o exercício dos Enfermeiros, Técnicos e Auxiliares de Enfermagem**. COREN – São Paulo: 1986.

CRUZ, A ., SANTOS, J.,XIMENES, Z. **A profissionalização do Auxiliar de Enfermagem pelo CEFOPE: Um estudo avaliativo realizado no município de Caicó – RN (A visão dos Egressos)**. 01/2004. Disponível em <[http:// www.observatorio.nesc.ufrn.br](http://www.observatorio.nesc.ufrn.br)

CUNHA, Luis Antonio. **Política educacional no Brasil: a Profissionalização do ensino médio**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Eldorado, 1977.

DELUIZ. M. **Diretrizes Curriculares para o ensino técnico na área da Saúde**. MEC/SETEC/PROEP. Brasília – DF. 1999.

DEMO, Pedro. **Pesquisa e construção de conhecimento: Metodologia científica no caminho de Habermas**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

DUARTE, Newton. **A individualidade para-si: Contribuição a uma teoria histórica-social da formação do indivíduo**. 2ª ed. Campinas- SP: Autores Associados, 1999 (coleção contemporânea). 227p.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. 10ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1993.170p.

FERREIRA, Aurélio B. H. **Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**, 2ª ed, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FEUERWERKER, Laura C.M. **A construção de sujeitos no processo de mudança da formação dos profissionais de saúde**. Divulgação em Saúde para debate, Rio de Janeiro, nº 22, p. 18-24, Dezembro, 2000.

FEUERWERKER, L. KALLIL, M. BADUY, R. **A construção de modelos inovadores de ensino-aprendizagem – as lições aprendidas pela Rede UNIDA.** Divulgação em Saúde para Debate, Rio de Janeiro, nº 22, p. 49-62. Dezembro, 2000.

FREITAS, L.C.(org.) **Avaliação de Escolas e Universidades.** Campinas, SP: Komedi, 2003 (Série Avaliação: Construindo o campo e a crítica).

FRIGOTTO, G. **A formação e a profissionalização do educador:** Novos desafios. Em *Escola S.A*, Silva, T.T e Gentili, P. (org.) Brasília - DF: CNTE, 1996.

GADOTTI, Moacir. **Perspectivas atuais:** História das idéias Pedagógicas. 5ª ed. São Paulo: Ática, 1997 (Série Educação).

GELAIN, Ivo. **As ciências humanas na formação do Enfermeiro:** A Filosofia e a Ética, Acta paulista de Enfermagem. v.1, n.4, p. 85-87, dez. 1988.

GENTILLI, Pablo. SILVA, Tomaz Tadeu. (coordenadores). **Escola S. A: Quem ganha e quem perde no mercado educacional do neoliberalismo.** Brasília- DF: CNTE, 1996.

GERMAN, Raimunda Medeiros. **Educação e ideologia da Enfermagem no Brasil.** São Paulo: Cortez, 1984.

GUIMARÃES, Alóide L. **Formação do Auxiliar de Enfermagem através do Projeto Larga Escala:** A experiência do Município de Campinas/SP. BUENO. S. org. Anais do II Encontro de Professores de Ensino Médio em Enfermagem. Ribeirão Preto - SP: São Gabriel,1998.221p.

KOLLER, Evely M. Pereira, MACHADO, Heloisa Beatriz. **Reflexão sobre a prática atual da Enfermagem e Prenúncios de mudanças para o sec.XXI.** Revista Brasileira de Enfermagem, v.45, n.3, p.195-203, jul./set. 1995.

KRUEGER, R. A . **Focus Groups:** a practical guide for applied research. 2ª ed. SAGE Publications, USA. 1994. 225p.

KUENZER, A., CALAZANS, M.J., GARCIA, W. **Planejamento e Educação no Brasil,** São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1990.

_____ (org.) **ENSINO MÉDIO: Construindo um proposta para os que vivem do trabalho.** 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2002. 248p.

LEFÈVRE, Fernando et al. **O Discurso do Sujeito coletivo:** Uma nova abordagem metodológica em pesquisa qualitativa. Caxias do Sul- RS: EDUCS, 2000. 138p.

LEFÈVRE, Fernando., LEFÈVRE, Ana M.C. **DSC: Uma nova proposta de processamento de dados em pesquisa qualitativa.** Curso Apostilado. 25 e 26 de abril de 2002, 48 f. Notas de aula.

LIMA, Maria José. **Desafio de hoje: o desenvolvimento de profissionais de enfermagem – uma década de trabalho com criatividade, sensibilidade e expressividade**. Em Meyer, D.(org). *Marcas da diversidade: Saberes e Fazeres da Enfermagem contemporânea*. Porto Alegre-RS: Artmed, 1998. 241p.

LINHART, D. **O indivíduo no centro da modernização das empresas. Um reconhecimento esperado mas perigoso**. Em *Trabalho e Educação*, Revista do NETE, Julho/Dez, 2000, nº 7, Belo Horizonte.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. **Pesquisa em educação: Abordagens Qualitativas**, São Paulo: EPU, 1986. 99p.

MANFREDI, Silvia M. **Trabalho, qualificação e competência profissional: Das dimensões conceituais e políticas**. Em *Educação e Sociedade*, ano XIX, nº 64. Setembro, 1998.

MARX, Carl. **Trabalho alienado e superação positiva da auto-alienação humana**. (Manuscritos Econômicos e Filosóficos de 1844). Em Fernandes, F. Marx /Engels: História. São Paulo – SP: Ática, 1989.

MEYER, Dagmar E., WALDOW, Vera R., MARQUES, Marta J. org. **Marcas da Diversidade: Saberes e Fazeres da Enfermagem Contemporânea**, Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. 241p.

MINAYO, Maria C. S. **O desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 5ª ed. São Paulo; Rio de Janeiro: Hucitec; Abrasco, 1998.269p.

_____ **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 11ªed. Petrópolis: Vozes, 1999. 80p.

MCLAREN, Peter. **A vida nas escolas: O professor como agente social e moral**. Cap.9, p.265-7, 2ªed. Porto Alegre, Artes Médicas,1997.

MORIN, Edgar. **Ciência com Consciência**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.350p.

_____ **Os sete Saberes necessários à Educação do Futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO,2000. 118p.

NOGUEIRA, Francis M.G. **Ajuda Externa para a Educação Brasileira: Da USAID ao Banco Mundial**. Cascavel- PR:EDUNIOEST, 1999.190p.

PEDUZZI. N. **Diretrizes curriculares para o ensino técnico na área da saúde**.MEC/SEMTEC/PROEP.Brasília, 1999.

PINES, E.C., BERTAZOLLI, L. **Reflexão Crítica: A natureza dos conflitos experimentados pelos alunos durante a formação**. Paulínia-SP, 1995. (Trabalho não publicado)

PEREIRA, M.J.B.; FORTUNA, C.M.; MATUMOTO,S; PINTO,I.C.;OLIVEIRA,C.T.; KEMURA,M.L.R. **Grupo Focal experiência de coleta dos dados do Projeto CIPESC – Brasil**.

In: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENFERMAGEM. A classificação internacional das práticas de Enfermagem em Saúde Coletiva (CIPESEC). Brasília, 1999. (Série didática: Enfermagem no SUS).p.334-343.

POLIT, Denise, HUGLER, Bennadette P. **Fundamentos de Pesquisa em Enfermagem**. 3ª ed. Porto Alegre, Artes Médicas, 1995.

PROEP - PROGRAMA DE EXPANSÃO DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional**: A nova legislação brasileira para a educação profissional. [on line]. Brasil: MEC; SEMTEC; PROEP, 1999, [Citado em 21/06/99]. Pt. 6 – Nova Legislação Brasileira para a Educação Profissional. Disponível em <http://www.mec.gov.br/semtec/proep/pp_dir.htm>.

QUEIROZ, Marcos de Souza. **O paradigma mecanicista da medicina ocidental moderna**: Uma perspectiva antropológica. Rev. Saúde Pública, São Paulo, 20(4): 309-317,1986.

REDE UNIDA, **Visão e Estrutura da Rede Unida**. (22/12/2003-11:30h) <http://www.redeunida.org.br/rede/rede.ASP>

ROCHA, S. M. et al. **Formação de recursos humanos para assistência à infância**: e a reforma sanitária: a situação da enfermagem. Revista Paulista de Enfermagem. São Paulo, v.7, N.º 1: 36-9,jan./dez. 1987.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil (1930/1973)**. Petrópolis – RJ: Vozes, 1991.

SÃO PAULO. Secretaria de Educação do Estado. Coordenadoria de Estudos e Normas pedagógicas. **Estrutura e funcionamento dos cursos supletivos de Qualificação profissional na área de Enfermagem**. São Paulo, 1979. 246p.

SÃO PAULO. Conselho Estadual de Educação: **Diretrizes para a Implementação da Educação Profissional de Nível Técnico no Sistema de Ensino do Estado de São Paulo**, São Paulo, 2000.

SANTOS, Lúcia H. P. **Vivendo em constante conflito**: o significado da prática docente no ensino médio de enfermagem . Ribeirão Preto- SP: Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, 1997. 127p. (Tese, Mestrado em Educação em Enfermagem).

SAVIANI, D. **Política e Educação no Brasil**: o papel do Congresso na Legislação do Ensino, 3ªed., Campinas – SP, Autores Associados, 1996. 166p.

_____. **O trabalho como princípio educativo frente às novas tecnologias**. Em Ferreti,C., et all (orgs) *Novas tecnologias, trabalho e educação: um debate multidisciplinar*.6ª ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 2000.

SENA, R.R. de & DUARTE, E.D. **Contribuição para a construção do percurso metodológico do projeto Classificação das Práticas de Enfermagem em Saúde Coletiva**. In: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENFERMAGEM. A classificação Internacional das práticas de Enfermagem em Saúde Coletiva (CIPESC). Brasília, 1999. (Série Didática: Enfermagem no SUS). p.325-333.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 21ª ed. São Paulo: Cortez, 2000. 279p.

SILVA, Laura B. C. **A escolha profissional: uma abordagem Psicossocial**. São Paulo, Unimaro, 1996.

SIM, Julius. **Collecting and analysing qualitative data: issues raised by focus group**. Journal of Advanced Nursing. 28 (2), 345 – 352. 1997.

SORDI, Mara R. L. **A prática da avaliação do Ensino Superior: Uma experiência na Enfermagem**. Campinas – SP: Cortez, 1995

SOUZA, Paulo N.P., SILVA, Eurides B., **Como entender a nova LDB, Lei 9.394/96**, São Paulo, Pioneira, 1997.

STREH, Afonso, FANTIN, Nelson, D. **Formação de professores para o ensino profissionalizante**, Porto Alegre, EDIPUCRS, 1990.

TANGUY, Lucie. **Racionalização Pedagógica e Legitimidade Política**. Em Ropé, F. Tanguy, L. (orgs). Saberes e Competências: O uso de tais noções na escola e na empresa. Campinas – SP, 1997.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 7ª ed. São Paulo, Cortez 1996.

TRIVIÑOS, Augusto N. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: A Pesquisa Qualitativa em Educação**. São Paulo, Editora Atlas, 1995.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO .Escola de Enfermagem. **Serviço de biblioteca e documentação. Bibliografia Brasileira de Enfermagem**. V.I(1-2), 1984-1988, São Paulo, 1991.

WALDOW, V.R. **Examinando o conhecimento na enfermagem**. Em Meyer, D. et all (orgs). Marcas da Diversidade: Saberes e Fazeres da enfermagem contemporânea. Porto Alegre- RS: Artmed, 1998. 241p.

8-APÊNDICE

A decorative wavy line in a light gray color, starting from the left side of the page and extending horizontally across the width of the page, positioned below the section header.

1ª PERGUNTA

- **Atualmente e de um modo geral, como você analisa a dimensão técnica e dimensão humana na formação do aluno de nível médio de Enfermagem?**¹

ESCOLA A

P3: *Melhorou muito esta parte humana da Enfermagem, o pessoal tinha medo das enfermeiras. Eu acho que atualmente as pessoas dão mais atenção, são mais dóceis com os pacientes, mas vejo bastante contraste ainda no ambiente de trabalho. Tem aquelas que são muito impessoais, tratam o paciente como se ele já soubesse tudo que deveria acontecer. No Pronto Socorro, onde eu fico, as pessoas ficam completamente perdidas, aonde eu vou, porque que eu vou, o que eu estou fazendo, eu vejo que tem as enfermeiras que dão atenção e tem aquelas que tratam como se eles não fossem ninguém, eu vejo assim bastante heterogêneo esse cuidado*

P5: *Eu acho que as escolas têm ainda uma formação mais técnica do que voltada para a dimensão humana, também isto reflete naquele profissional que se preocupa só com a técnica e esquece a pessoa como um ser humano, né? Então, ele vai lá, executa aquela técnica e ele não vê que o paciente está mais calado, mais triste, então isso muito é da pessoa, mas muito também eu acho que a escola, não a nossa escola, acho que de modo geral está começando a ter uma preocupação com a parte humana, mas é uma coisa muito inicial, a parte técnica ainda é muito mais importante.*

P2: *Eu também tinha essa visão, eu dou Introdução de Enfermagem para o 1º ano e Pediatria para o 3º ano, esse ano. E quando eu vim para cá, eu achava que a parte técnica não precisava falar isso. Um exemplo, que precisa virar para dar o banho, promover conforto, para mim era muito óbvio certas coisas, e eu fui percebendo que para o aluno não é, tem que falar detalhes que parece tão óbvio que, às vezes, o aluno não consegue, às vezes, enxergar, né? Um tipo assim, você vai fazer uma limpeza de unidade, porque você precisa virar o pano, precisa ter o cuidado para lavar, né? Para enxaguar, umas coisas assim que parece óbvio, mas na realidade deles não é, então eu acho que no primeiro ano, acho que a gente dá muita informação técnica para eles, e ou que eu sinto, já que com o terceiro ano, você dá essa informação técnica, mas você se preocupa muito com o lado humano, né? Do profissional, explorar esse lado humano, essa compaixão pelo outro, essa preocupação, né? Como cuidar do outro é um exemplo, na hora de uma punção venosa, não é pegar no pé do bebezinho, como se estivesse pegando uma borracha, ou uma mão, tem que ter muito cuidado há hora de lidar e com a pessoa, não só com uma criança, principalmente com o acompanhante, né? Hoje nós trabalhamos muito com acompanhante, agora, o profissional tem que estar, eu acho que de uma maneira geral, a gente tem dois extremos, tem o lado técnico que é fundamental, né? E o lado humano, que acho que um não dá para viver sem o outro.*

P4: *Viu, como eu considero minha formação mais recente, né? Porque saí há pouco tempo da graduação, eu acho que hoje já está tendo a preocupação principalmente, da escola que eu vim, em tratar a humanização num aspecto mais amplo, porque eu fiz, a gente tinha uma matéria lá, que a gente via, visava muito o atendimento de sistematização da assistência, visava muito ver o paciente, o cliente, não só como patologia, mas tratar o cliente como um todo. Então batia-se muito nessa tecla da assistência ser uma coisa completa, o psicológico do cliente, ele quer tomar um banho agora, eu não preciso tirar ele 7:00 horas da cama, porque, de repente, ele passou a noite toda acordado, com dor, aí eu vou chegar de manhã, pegar o plantão oh! Seu João, senhor vai ter que tomar banho agora, e ele acabou de dormir, então é respeitar a vontade do paciente, então eu acho que a gente passa isso, mas nós temos horário, o plantão tem que ser feito dessa maneira, eu acho que não tem! Pela visão que eu tenho, esse atendimento humanizado para o paciente é você respeitar o paciente e respeitar a equipe e agora né? início, eu estou iniciado como o 2º ano, né? em estágio. Eu sou iniciante, eles também são iniciantes, meu grupo nunca entrou em hospital, eu procuro sempre fazer uma reunião antes, conversar com eles, você vai tratar dele e não da patologia; não ver o seu cliente como é a “gastre” do quarto dois., não, o nome dele, pega o prontuário, vê o que ele tem, chega e conversa, se tem acompanhante, explica, e então eu estou procurando trabalhar muito isso, com isso. Acho que, quando eles entrarem no mercado de trabalho, eles vão levar essa carga de ver o cliente não só a patologia, o curativo, o banho que foi dado, mas vê-lo como um todo, como ser humano, tratar ele como ser humano, respeitando as vontades, as limitações dele.*

¹ O texto foi reproduzido de acordo com as falas gravadas. Muitas palavras e frases estão de acordo com a linguagem falada e apresentam expressões escritas pouco familiares dificultando a interpretação. Os nomes das escolas que foram citadas ao longo das entrevistas pelas participantes foi substituído por “nossa escola”.

P1: *Eu tenho um pensamento muito próximo da colega, existe uma dimensão humana, mais que ainda há uma ênfase para a dimensão técnica na formação dos alunos. Na verdade, eu vejo assim, um grande discurso de humanização, faz parte até do ministério. Quando ele cria um programa de humanização, já criou uma portaria sobre a humanização do parto e a do atendimento ao recém-nascido. Isto já está em vigor, só que este discurso ele até existe em relação à resgate dessa dimensão humana, mas na enfermagem, só que eu me preocupo sim que a prática ela não é assim tão verdadeira, não corresponde a este discurso não, porque a instituição, ela tem uma certa resistência a valorizar essa dimensão humana, ela valoriza tarefas, números de leitos, números de procedimentos de Enfermagem, a eficiência da equipe de Enfermagem, está mais para a dimensão técnica, do que da atuação dessa equipe; do que da dimensão humana. Isto acho que dá para ficar muito claro quando você vê que existe um exagero, um número de pacientes designados para cada funcionário de Enfermagem. Isso é uma política da instituição, trabalhar com o mínimo de pessoas possível, provavelmente, porque lhe falta da dimensão técnica e jamais a dimensão humana poderia estar atuando nos cuidados dele. Acho que ainda persiste no discurso em relação à humanização dos cuidados, coisa que é tão óbvia, quando fala em Enfermagem, a gente pensa em cuidado; quando pensa em cuidado, você pensa no ser humano. O cuidado em Enfermagem é essencialmente humano, que mexe com gente, então eu acho que é uma coisa muito clara, mas no discurso; na prática, não vejo esse profissional ser atendido na própria formação. Passar como?*

P4: *Passando para ele, ver o cliente como um todo, verificar o fator psicológico, emocional, tudo isto que é humanização, respeitando, eu não sei, eu acho que é uma sementinha, não é?*

P2: *Eu acho que o que acontece aqui, o que pega muito é também a imaturidade, porque eu já peguei, quantas vezes que a gente fala para o aluno manter a privacidade, porque é importante, o paciente tem sua privacidade preservada, né? Então quantas vezes a gente pega o aluno, não tem aquela maturidade. Uma vez, eu peguei um aluno que pois uma comadre no paciente, tinha mais três pacientes no quarto, o paciente descoberto, sem um biombo, a hora que eu cheguei e vi aquilo! Mas o aluno não se toca, entendo que isso precisa, é fundamental, né? É isso que eu falo, a gente tem que falar tantas coisas básicas para eles, de higiene, percepção da situação que às vezes, a imaturidade conta, eu acho que na habilitação, eu adoro dar aula para a habilitação, porque o interesse deles, eles têm aquele interesse técnico, mas eles têm uma característica humana muito trabalhada, uma vivência, têm essa parte humana mais aflorada do que num adolescente.*

P3: *Eu acho que aquele estresse técnico, aquela pressão que tudo tem que ser misterioso, que não pode contaminar, cuidado olha onde você põe a mão, são tantos detalhes.*

P2: *Assim, a observação que eu tenho no primeiro ano em Introdução de Enfermagem, eles estão preocupados agora, não é com o paciente, eles querem saber aplicar injeção, quem vai fazer curativo, eles querem técnica, técnica. Eu acho que a hora que sanar essa ansiedade de técnicas, eu acho que a gente vai conseguir passar a parte humana para eles, não que não seja importante, acho fundamental, mas acho que cada época tem um peso diferente.*

ESCOLA “B”

P8: *Eu dou aula para três níveis de ensino de Enfermagem e já tive experiência nessa dimensão diferente para as três. O ensino médio é aquele aluno que ainda não fez o curso de ensino médio normal. Então, ele está fazendo junto, o ensino médio com português, matemática, etc. junto com aulas técnicas de Enfermagem. Também dou aula para o Auxiliar de Enfermagem que é um pessoal que tem primeiro grau e depois ele vai atuar como auxiliar e para o Curso Técnico de Enfermagem que é o que a gente chama de pós ensino médio, então ele já concluiu ensino médio e só faz disciplinas técnicas. A realidade de cada um deles é bem diferente, então para o pessoal que faz o ensino médio junto com o técnico eu não sei se ele tem bem a maturidade para saber o que eles estão se formando, se é isso mesmo que eles querem ou não: Enfermagem. Eu acho que eles não tem ainda a consciência do que seja fazer curso de , a maturidade para saber do que seja fazer curso de Enfermagem e a responsabilidade que visa isso. O pessoal de Auxiliar de Enfermagem, eu creio que eles tenham uma certa maturidade, mas uma maturidade profissional, sem também saber, ter a consciência, a implicação do que é ser um profissional da área de saúde. Então, muitos gostam, ah! Eu gosto de cuidar das pessoas, eu ajudo meu tio, mas falta um conhecimento técnico, um embasamento para saber mesmo que além de uma profissão, eles sabem que vão ter uma responsabilidade, que não podem faltar, mas assim, assim. O cuidado de Enfermagem, o que envolve esse cuidado de Enfermagem, eu acho que visa mais, tem uma concentração, mas é que falta um pouco de consciência do que significa isso como profissão. O nível técnico é aquele pessoal que gostaria de fazer uma faculdade, mas que não tem condições, então fazer o curso técnico, eu*

posso dizer que 80% tem a consciência do que é um curso técnico, eles vão, pagam o que estão fazendo, querem, exigem, já tem uma idéia do que implica responsabilidade de um curso técnico, é um pessoal que na maioria das vezes já trabalha na área, então existe uma troca de informações com o professor, então: - olha, eu vi isto no meu trabalho, é verdade isso, então eles já tem um conhecimento científico, não tão embasado, mas acaba sendo uma troca em sala de aula, essa a minha realidade para esses três níveis na área de Enfermagem.

P7: Bem, na ideologia e na filosofia da escola não tenho dados para falar. O que eu posso falar é do meu papel e daquilo que me leva para a sala de aula e o que busco desenvolver. Então, é claro que o estudo das técnicas, as disciplinas técnicas vêm na frente, o aluno valoriza isso, é o que eu percebo, quando entro com a psicologia, na qual mostro para eles que o objeto de estudo é eles. Depois de muita resistência e barreira, uma dificuldade muito grande de estar cada um consigo mesmo apavora, a história dessas pessoas, segundo a colega fez uma colocação, a diferença entre auxiliar e técnico, com o auxiliar eu percebo que é uma pessoa que chega muito sem consciência do papel, sem saber direito o rumo que vai tomar, o grande desafio passa a ser o estágio, então são pessoas mais difíceis na minha área a serem trabalhados, com baixa maturidade, tem que estar com cada aluno, porque eu acredito que a pessoa que experimenta isso, ela não tem com dar para o outro essa qualidade humana, essa condição humana, se ela não vive como ela pode dar. Então, muita dificuldade, eu sinto com essas classes. Eles não tem concentração, não reconhecem o ponto proposto, o técnico que já trabalha na área, eu sinto que respeita mais aquilo que eu tenho para oferecer e reconhece o valor daquilo que estou oferecendo. Então desenvolvem mais, são aulas muito ricas, muito mais produtivas e eu sinto que dá para sensibilizar na humanização, na qualidade final da Enfermagem, mas em termos das coisas que tenho aplicado em sala de aula, são pessoas, de uma forma geral, de uma vivência extremamente sofrida, vidas trágicas quando eu dou Psicologia do Desenvolvimento, quando eu dou fase oral, fase anal, fase fálica, e daí falo que não adianta nada a gente ler aquilo e não saber o que tem a ver com a vida da gente, peço para eles: - Relatem para mim a vida de vocês de zero aos sete anos. É terrível o que acontece em sala de aula, muita resistência, uma dificuldade muito grande, eu acolho algumas pessoas, inclusive começa haver um desconforto grande, eu peço para sair quem não vai querer participar, que caos! Então, eles me entregam por escrito, eu até estava lendo da turma da manhã, hoje. Então, é muito trágica a vida dessas pessoas, é uma tragédia assim impressionante, então, eu percebo assim, que material humano é esse que vem buscar a Enfermagem, tão precário?! Tem uma condição extremamente precária, uma condição emocional muito precária. O meu trabalho na escola tem se voltado para isso, buscar caminhos para realizar esse trabalho, porque tecnicamente perfeito, eles falam assim: - Tem prova na sua matéria? Porque só isso que você está dando, eu insisto na vivência, na participação, no empenho, porque é difícil eles virem para sala de aula, que é essa a qualidade, porque se eles não vivem isso eles não vão ter para dar nesse nível, eles não valorizam também, não conseguem valorizar. Eles percebem algum sentido, mas eu não tenho carga horária suficiente para que eles possam sair daqui sensibilizados.

P6: Quando eu dou teoria, eu dou em seguida a prática, sempre, e às vezes, revezo a parte técnica com professores que deram bloco teórico e complementando somente a parte delas. Nós vemos assim se formar grupos não muito diferenciados em conceitos de classe. Nós conseguimos conceituá-los em ABC, regular, bom, ótimo, englobando todos., É claro que cada turma tem suas características, o que eu vejo é realmente na parte técnica, você vai cobrar coisas que eles tiveram mais afinco na teoria. Eu tive alunos que não tinham dinheiro para a condução, tinham condução para o trabalho ou condução para o bloco teórico. Então, o que eles fizeram, tanto podiam faltar daquele bloco para poder guardar, para poder participar do outro, então isso envolve outras coisas, os próprios alunos é muito gratificante quando a gente pega. Eu já tenho preferência pelos auxiliares que estão iniciando mesmo, sem saber nada, eu gosto muito, não saber muito aquilo que vai querer e mostrar o que é Enfermagem para eles, tanto na teoria, quanto na parte técnica o mesmo trabalho. Eu não gosto que fiquem questionando: - Vai ter prova? Como é o estágio? Eu perdi ponto porque eu fiz isso? Eu não gosto de dar conceitos, eu quero crescimento do zero e que saia com um percentual acima do que chegou comigo e isso eu trabalho com todos eles, tanto na teoria como na parte técnica, e a única dificuldade é na parte desses que estão vindo para cá para complementar o técnico, esses tem uma vivência diferente totalmente, é bem mais atuante, eles sugam mais a gente. A próxima aula eu trago a sua dúvida. Mas é muito interessante nesse ponto, a diferença que há entre todos, mas aqui acho que dá para complementar bem, a gente consegue puxar a teoria deles, só que muitas vezes cai nessa instabilidade da vida de cada um, muitas vezes emocional, às vezes, parece que é um determinante, aquele que tem que trabalhar para pagar o curso, aquele que não tem como chegar às 18:45 horas para a aula, porque sai do serviço às 18:00 horas, deixa o material arrumadinho para sair correndo, porque às 22:30 horas eu páro, porque tem que pegar às 23:00 horas o ônibus para Sumaré. A gente tenta, mas na vivência é mais dessa parte humana deles que a gente tem que submeter, então veio para o curso, esquece relógio, esquece nota, vai aprender, para mim é interessante que você saia daqui aprendendo, se você aprendeu o que te passei para mim está ótimo, se eu te der um cinco, você passa, se eu te der o dez você passa, aí, eu consigo sugar ainda mais deles, aprenderem mais, mas tem aquele que você é difícil estar

lidando pela diferença dos grupos que nós temos e por estar conhecendo, nós trocamos muitas idéias entre os professores na sala dos professores, isto muda bastante.

P9: *Para mim fica claro com esse três anos dando aula, tem mudado muito o perfil do aluno que procura fazer Auxiliar e Técnico de Enfermagem. A gente vê muito em sala de aula, eu falo o que eu faço e eles também tem a oportunidade de falar e há algum tempo atrás eles falavam que eles estavam desempregados há muito tempo e resolveram fazer Enfermagem. Hoje, a realidade é um pouco diferente, os que estão fazendo técnico é porque são auxiliares, não conseguiram entrar no mercado de trabalho e agora estão fazendo técnico com a esperança de entrar no mercado e tem outras pessoas esporadicamente que vêm de outras áreas que não tiveram sucesso, mas uma coisa interessante é que a vida dessas pessoas são vidas marcadas por coisas muito drásticas. Eu sempre pergunto para eles, cuidar não é uma coisa fácil, a gente cuida do paciente, a gente tem que dar o melhor, muitas vezes este melhor não é bom, eu sempre acho que é uma coisa muito interessante, porque quando me vejo falando de recém-nascido prematuro por exemplo, eu tenho que falar para uma pessoa que não tem a mínima noção de condições básicas, porque a vida dela foi uma vida marcada de muito sofrimento, de muita coisa, que muitas vezes eles não conseguem absorver o conteúdo teórico que é técnico, porque a história dele é uma vida marcada de sofrimento. Na realidade eu acredito, eu nunca li nada sobre isso, mas eu acredito que a procura de Enfermagem está muito relacionada ao que eu tenho como história de vida e não sei porque a gente da Enfermagem tem condição de vida que não é das mais agradáveis e acho que isso interfere muito no nível e na qualidade do ensino. Há uma turma recente que estou dando aula, antes o aluno faltava, ele perguntava quantas faltas eu tenho, hoje ele falta e pergunta quantas faltas eu posso ter na sua disciplina, e é muito pobre. A minha prova é toda de critique, comente e eles não sabem comentar, explicar. Então, é uma pobreza de conteúdo. Como eu entendo que a gente é um todo, está muito relacionado a isso e mudar, porque você dá a técnica que tem que existir, mas você tem que dar a noção de vida, de respeito, mesmo que você tenha tido a vida tão triste, você pode mudar isso de alguma forma, minha visão do aluno é essa.*

P7: *Nessa busca de achar um caminho, eu acabo fazendo na sala de aula algumas dinâmicas que envolvem desenho, a gente vai trabalhar com o desenho de árvore e o que me chama mais a atenção é isso que, quando eu faço a autobiografia de zero a sete anos, vem uma história de vida que você fala: - Como foi que sobreviveu? E está aí e eu peço para fazer a árvore, é muito interessante quando trabalho uma noção corporal diretamente ligada à consciência, a árvore passa a ser toda a simbologia desse corpo, muito mal amado e o que me deixa assim, muito intrigada é ver a qualidade das árvores que eles desenharam, eles desenharam de carvalho para cima, é raro você ver árvores frágeis. O meu questionamento é como que essa história de vida de base propicia essa força do inconsciente em fazer uma árvore daquele tamanho. Para mim é um paradoxo ainda a ser resolvido. Como é que essas pessoas tão frágeis, tem essa força no inconsciente, que motiva, que vai buscar no trabalho para cuidar do outro, sendo pessoas privadas, quer dizer é muita privação que me coloca aqui para cuidar do outro, quem é que eu estou cuidando, eu venho aqui buscar o cuidar de que? Esta é uma pergunta.*

2ª PERGUNTA

- **Sabemos que os alunos que iniciam o curso profissionalizante de Enfermagem trazem uma bagagem social e cultural que permeará todo o processo de formação profissional. Você acha que a valorização da dimensão humana, durante a formação profissional, pode transformá-lo em um profissional com atitudes tecnicamente coerentes e humanizadas?**

ESCOLA A

P3: *Você questiona a formação que ele tem antes de chegar na escola, a bagagem social e cultura, né? Tem alunos que sobressaem na comunicação, no jeito, no lidar com o paciente e tem outros que só enxerga aquilo que está fazendo, se ele está puncionando uma veia, ele só enxerga aquilo que ele está fazendo com o paciente. Aí, fale se isso interfere, eu acho que isso daí interfere. Eu acho que tem que partir daí, tem que partir da essência do aluno. Como ele é, ele pensa, ele age, aí você vai trocando idéias com ele, se a gente considerar, olha vamos fazer uma maquiagem em todos, todos vão passar a fazer assim, sem a gente analisar o que realmente ele pensa, isto vai ser muito superficial, a casquinha vai sair no primeiro momento que ele tiver oportunidade, a formação envolve você estar justamente lidando, em estar jogando uma situação, ele estar respondendo discutindo, quando está em público, porque tem resposta para algumas das dúvidas que eles tem, mas acho que você coloca no grupo a pessoa*

se define, ela vai caminhando, ela vai se enxergando, vai conseguindo mudar, acho que nós temos possibilidade de aceitar que nós conseguimos realmente fazer essa troca, eu acho que existe a oportunidade, é muito grande no número de acertos, agora a gente fica assim, esse aluno está preocupante, você acha que vai dar certo, porque às vezes, a pessoa não interage, cria o mundo dela, se isola e a gente não consegue muito, a formação tem que partir dele. Ele é o que ele sente, o que ele faz, como ele faz, o que pensa, nós somos educadores.

P4: *O educador forma opiniões, ele passa isso, desperta no alvo. Exemplo: às vezes, você tem mais afinidade com uma professora que consegue formar determinadas opiniões. Comigo aconteceu dessa maneira. Às vezes, você tem várias atividades, eu comecei formar opiniões a partir da fala de determinados professores, aquilo que dá apoio, talvez nós somos formadores. Por exemplo, acreditar naquilo que ele estava falando, vamos supor, às vezes, a professora de teoria de Enfermagem, ela passava, ela acreditava tanto naquilo que fazia com que a gente acreditasse que aquilo funciona e que aquilo era verdadeiro, entendeu? Então, ela era formadora de opiniões. Então, eu acho nós como educadores, nós somos formadores de opinião e às vezes, o professor não acredita, não vai dar certo, mas às vezes, você passa com tanta convicção para o educando, que ele passa acredita que isso é verdadeiro. A responsabilidade é muito grande, porque você forma opinião. Se você acreditar naquilo que você está passando, vai Ter aquelas pessoas que vão começar formar opiniões, a partir daquilo, porque aquilo é verdadeiro, acredita naquilo que você está passando. Às vezes, eu fico pensando, voltando lá no começo da Enfermagem, da formação que a Florence começou a ter com os alunos dela iam acreditar que lavar as mãos era importante para evitar infecção naqueles soldados? Será que as outras pessoas que estavam envolvidas naquilo poderiam acreditar? Ela como pessoa fez a diferença. Então, se a gente acreditar naquilo que a gente faz para nossos educando hoje, talvez não vá colher muitos, mas é uma diferença que você começa fazer, de mudar opiniões. Eu acho que isso é muito importante. Ah! Eu acho que sou uma agulha no palheiro, talvez comece por aí, né?*

P5: *Eu acho que você valorizar o que ele tem, o que ele é, é super importante, não como professora, mas como enfermeira que você não deixa de ser uma professora, então é assim. Eu tenho um exemplo muito bonito dentro da Santa Casa, quando eu entrei para trabalhar lá, eu peguei um plantão muito problemático na parte não técnica, na parte de relacionamento, pessoas excelentes em técnica, é claro que alguns não, mas o problema de relacionamento interferia até na parte técnica, e assim porque um não aceitava as diferenças de cultura, de criação, de família e quando eu cheguei para trabalhar lá, também era nova, tudo, nossa a maior dificuldade era conseguir fazer o relacionamento não interferir mais na técnica e claro que foi acreditando no potencial em primeiro lugar e no potencial de cada uma delas que a gente foi, foi, foi, mudando conversando, foi aprendendo, um entender o outro e principalmente, tendo o carinho e respeito pelo paciente, que era o bebê ali, que a gente conversava muito, eu estou há quatro anos com esse plantão e assim, transformou de um plantão horrível, num plantão excelente, o outro, né? Então, quantas conversas: - Ah! Eu não suporto aquela ali, mas aqui dentro você tem que aprender a conviver, acho que o que ele traz com ele, tirando a técnica, a formação, é muito importante, é isso daí que vai ter uma influência muito grande na hora que ele for profissional, ele pode ter sido ótimo nas aulas, ótimo exemplo, mas a hora que ele vai trabalhar, ele mostra o que ele é, o que ele trouxe. Ah! Ele pode realmente, ele tem, da formação, da cultura, do que ele trouxe. Tanto é que tem gente acaba não conseguindo falar. Não dá certo, mas também o meu lado que queira como enfermeira, como professora, a gente já observou, a gente tem as nossas opiniões, os nossos próprios critérios e às vezes, até a gente acaba sendo...*

P4: *Você conseguiu mudar a realidade, você acreditou que podia, que as pessoas podiam mudar e ser diferente. É isso que eu falo. Eu acho que quando a gente acredita naquilo que a gente faz, a gente pode.*

P1: *Eu acredito e defendo na volta, na valorização das ciências humanas e sociais, nos nossos currículos. Porque eu acho que você dá oportunidade para nossos alunos, a prova de psicologia aplicada que é sobre comunicação, sobre as ciências humanas, de um modo geral você está dando oportunidade para o menino de refletir sobre ele mesmo, sobre o mundo onde ele está inserido, então, eu acho que primeiro ele tem que se situar, ele tem que está muito bem, para ele partir, tem que se gostar como ser humano para começar a gostar do ser humano que ele vai cuidar, eu acho que é uma situação assim; a gente vai apertando, apertando, em função do privilégio de ensinar muito técnica e foi depreciando algumas ciências que eu acho imprescindível, necessária, não tem tudo, eu acho que a prática é necessário, o conhecimento é uma coisa fantástica comunicar para o aluno que isso é uma coisa importante, mas eu acho que não pode ser desprezada desse jeito., eu acho que a hora que você resgatar no aluno assim que você der oportunidade, ele entender como ele está inserido neste mundo, quais os valores que ele tem em relação ao ser humano, a hora que ele for atuar com outro ser humano, isso vai ser só um reflexo do que ele é. Isso explica essa bagagem social e cultural, mas eu acho que também é essa bagagem social e cultural tem que ser*

acrescentado de uma forma normal, até nesse social de uma forma geral, é a dimensão humana nos cuidados de Enfermagem. Acho que pode ser ensinado sim, ensinar é uma palavra meio complicada, isto pode ser explicado, construído, com o aluno, através desse instrumento que eu falei, ciências humanas e sociais.

P4: *Eu acho que está tendo uma preocupação, principalmente da escola, porque eu tive tudo isso, nós tínhamos psicologia, sociologia, dinâmica de grupo, tudo isso era matéria que eu tive e tinha saúde mental I e II, em Saúde Mental I todo mundo achava que fosse ver paciente, patologia e não, a Saúde Mental I foi auto-conhecimento, sabe, para a gente se situar, conhecer o que nós éramos, como éramos, tinha dinâmicas, relaxamento, como se situar em relação a uma situação frente ao paciente, sabe, como agir. Eu acho muito proveitoso, eu acho que o que você Cristina pois que estava faltando acho que é por aí. Eu tive essa oportunidade de ter trabalhado isso, conseguir chegar assim, para mim ficou um pouco claro a união da técnica com o paciente como um todo.*

P1: *A gente está falando de forma geral, se fosse particularizar como a escola poderia ser mais humanista, a nossa é humanista, eu acho que é!*

P4: *Se o pessoal da graduação está tendo isso, quando ele for para o campo de trabalho ou docente, ele vai ter uma preocupação, vai estar mais aberto para isso.*

P2: *Eu acho que o nível social, cultural, profissional interfere. Acho que por isso que a prática de Enfermagem tem tantos conflitos, porque o nível social e cultural é muito diferente, né? Não tem uma formação mais crítica, que nem quem tem o nível universitário. Então, eu acho que interfere bastante, o relacionamento se torna difícil muitas vezes e eu sinto também isso, na parte de Enfermagem do hospital de uns tempos para cá está mudando, mas é uma Enfermagem muito tecnicista. A pediatria, preocupava muito com técnica, técnica, técnica, tudo via o paciente como técnica, hoje está mudando, de uns tempos para cá, a gente se percebe os eventos que eles realizam estão voltado muito mais para a parte humana, do que para a parte técnica. Eu acho que está tendo uma preocupação geral da parte humana e isso vai fazer com que os profissionais técnicos e auxiliares consigam também absorver um pouco mais, porque, na parte de graduação dos enfermeiros, tem uma sensibilização da parte humana.*

P4: *Então técnicos e auxiliares não vêem assim, porque esses, os formadores.*

P2 : *Eu acho que pela minha experiência que é cobrado muito do técnico, é técnica. Eu acho que é um enfoque diferente que é cobrado deles.*

P5: *Eu tenho contato com técnicos formados aqui na nossa escola, antigos e os técnicos novos, os novos é muito mais fácil dialogar com eles, essa parte de processo de humanização, que são mais abertos, gostam de conversar, agora o pessoal mais antigo, apesar de ter uma formação muito boa, ser um profissional excelente, não tem muito essa abertura. Eu acho que está mudando, mas ainda se dá valor para a parte técnica. Quando você vai ver a prática, o técnico, lá dentro do hospital, ele ainda é muito voltado para dar conta do serviço e não a qualidade, não o paciente, ainda é formando assim, mas isso é um processo... Porque eu acho faz isso porque ele vê nossa cobrança aqui dentro, por mais que a gente fale que a gente dá valor para a parte humana, a gente ainda dá valor para a parte técnica. Por isso que chega lá ele tão preocupado em não contaminar, fazer tudo certinho isso e aquilo e ainda tem dificuldade em voltar para essa parte.*

P2: *Você acha que está errado?*

P5: *Eu não acho que está errado, mas acho que a gente peca nessa parte.*

P2: *Isso que eu acho é essa consciência que precisa criar no aluno, você não pode deixar de cobrar a parte técnica, mas tem que aflorar a parte humana.*

P4: *E para controlar essa parte da técnica como que poderia fazer? Dar menos serviço para ele?*

P2: *É o que eu faço em Pediatria, porque me cobram quantidade de pacientes, por que você não dá 3 a 4 paciente? Eu não, eu quero a qualidade. Eu não estou preocupada que eu tenho a quantidade de pacientes e sim a qualidade, vocês vão realizar a técnica, mas vocês vão se preocupar com a parte psicológica da criança, da parte de recreação da criança, observar o acompanhante, observar o relacionamento de mãe e filho, é a parte humana que*

eu procuro demonstrar para ele e tem que valorizar que a parte técnica é importante com criança. Com bebê é muito mais fácil, muito mais.

P5: *Porque é assim, eu sou Enfermeira da UTI Neonatal e assim por mais que ainda precisa melhorar muito essa parte é muito mais presente, porque a criança é muito mais fácil de você, agora vai ver o adulto, a dificuldade do técnico de chegar no adulto, de colocar a mão, o ambiente tem muito a ver com isso, mas ainda isso é o presente. Você vai ver alunos nossos aqui dentro, qualquer setor que tem essa dificuldade.*

P2: *Mas acho que é diferente de neo para pediatria, porque com os alunos estou tendo dificuldade de enxergar a criança, comunicar com a criança, sabe é interessante, né?*

P3: *Olha, sempre coloca que o Enfermeiro é o chefe da equipe, o enfermeiro tem que orientar, tão interessante, a postura, como no trabalho, tem aquele enfermeiro que se dá bem com todos funcionários, todos, mas ele não tem olhar crítico. Então o serviço anda, mas vai apagando, apagando, mas você organiza. Tem aquele fala menos, mas ele organiza mais, ele consegue ver, às vezes, uma atitude, né? Uma técnica, então, eu acho que há agitação no setor, eu acho assim uma discussão assim como a nossa, sentar as enfermeiras para conversar, vamos falar sobre nosso serviço como está, você me ajuda, vamos formar uma auditoria, vai você, você, vai lá visitar o inspetor só para me ajudar, em eu acho que falta crítica ao profissional e acaba ajudando todo mundo, tudo ele conversa com paciente, com tudo, tudo, tudo, mas ele não consegue se organizar, ele não consegue organizar o serviço, um treinamento, uma discussão. Então o serviço continua sendo sempre o mesmo, o mesmo, então os problemas vão aumentando. Acho que o enfermeiro na formação dele, ele já sai líder, isso é duro, ele exige demais do profissional, ele é jogado no mercado de trabalho com pessoas que sabem de todos direitos e deveres deles, eu acho que se tiver qualquer coisa, ele leva no Ministério do Trabalho e a gente não tem essa formação política. A gente estava conversando numa reunião que é uma construção constante, o enfermeiro tem que ter crítica, tem que discutir mais, tem que falar mais, ouvir mais.*

P2: *Não só enfermeiras, eu acho que há uma crise assim geral entre auxiliar, no nível médio mesmo. o que falta é você parar para conversar mesmo.*

P1: *Se um administrador ver uma equipe de enfermagem sentada conversando, qual vai ser a fala?*

P2: *Isto depende muito de instituição para instituição. A gente não pode comparar uma instituição daqui porque isso...*

P1: *Para conseguir priorizar o cuidado humanizado, quando você fala com a dimensão humana no cuidar, precisa primeiro a instituição se humanizar, depois você está apta a fazer isso, mas as pressões estão tão grandes, que você não consegue verificar essa dimensão humana, você é tecnicista que atende a expectativa do administrador do seu hospital.*

P2: *Aqui na escola como é que se faz, toda semana a gente se reúne e quando a gente não se reúne a gente sente que fez falta.*

P1: *Mas vai perguntar para os nossos colegas de trabalho se eles consideram isso trabalho?*

P3: *É uma realidade diferente de um hospital, né? Mas é uma estrutura que nós criamos que propicia, refletir, mudar uma grade curricular, discutir um problema de um aluno, chamar pais para conversar, é diferente e assim quantas escolas tem essa compreensão. Aqui o grupo é homogêneo em termos de atitudes e responsabilidades que outros grupos, outras turmas.*

P4: *Eu dei aula em duas escolas de ensino médio, a nossa instituição, a nossa preocupação com a formação global é muito maior. O grupo é preocupado, sempre procurando conversando, se reciclar, trocar idéias, ajudar, a preocupação é assim comparando com as outras escolas que eu dei aula. Olha essas duas escolas, uma era particular e a outra que dei do curso do Ministério (Sindicato) formação dos Atendentes em Auxiliar (Projeto de educação em Saúde), então desses aí, era assim você tem que formar. Ah! Esse aluno não tem condição, não dá não, mas você tem que aprovar, porque ele precisa, ele está fazendo, está pagando. Eu dava uma matéria que era no último bimestre, então este aluno não dá para passar, porque ele não tem coerência, não sabe se posicionar. Ah! Mas não dá para reprovar, então assim não vejo isso na nossa escola. Tem uma preocupação com a formação, o*

peçoal procura sempre estar fazendo reuniões, discutindo, não tem comparação, esta instituição com esses dois programas. Este de Educação em Saúde, aí, nossa e a gente tentava, ver falar este aqui não tem condições, não, não vamos dar mais uma chance, não só prova. Ah! No próximo bloco teórico ele melhora. Então, você acaba se sentindo mal em ser conivente, colocando no mercado um profissional que não tem a mínima condição de estar trabalhando nessa escola e é isso aí, ele paga, e você revê, e porque ele paga todo mês e é diferente do nosso estágio.

P2: *Tanto é que, quantas vezes nós não escutamos, que tem alunos nossos da administração e saíram do curso e falaram que o curso é muito puxado, então ele ia para outro curso que ele pagava e passava, sem ter que estudar.*

P3: *Por exemplo, tem uma diferença grande a gente fazendo parte da UNICAMP tem um incentivo, uma carreira, tem uma estrutura, tem um nome. Você tem tudo para caminhar com os outros alunos da melhor forma possível. Noutras escolas eu vejo assim, o profissional é enfermeiro para hospital, quando ele não trabalha em dois hospitais e aí pega alguma aula para dar para um curso particular, vias indicativo, então ele não tem tempo disponível para evoluir, então é um grupo mais distante, né? Cada um fala uma língua, não sei, às vezes, eu vejo mais ou menos assim, eu não vejo o pessoal que senta, conversa, discute, tem um programa, tem uma meta, sabe, olha você pode dar umas aulas então dá, quem é você, o que você vai dar, de que forma você vai dar, é outra coisa. Se o professor chega, por exemplo, no campo de estágio, de vez em quando, tem duas escolas juntas, o aluno chega senta, às vezes, ele quer entrar numa cirurgia, cuidado.- Não, já está terminando, aí o aluno vai embora. Pronto, o professor nem sempre está ali, então dizem da sua escola, podem vir tem campo de estágio a nossa escola entra, tem campo de estágio que só nossa escola entra, porque aqui não tem acompanhamento, o pessoal está recebendo o título, mas não tem cobrança, ninguém amarra nada, a gente se sente assim, menos privilegiado em termos de estrutura, de realização profissional. Três de nossas colegas tem um segundo trabalho, os demais é aqui o nosso trabalho, a gente vive para isso, nós nos preocupamos com isso, as nossas provas são motivo de crítica, porque a gente passa o final de semana corrigindo, vocês não aprenderam com dois anos de casa a facilitar o trabalho? Não, a gente a cada dia complica um pouquinho nosso trabalho, é um jeito de construir, de estar sempre investindo em alguém, na gente mesmo, é um grupo bem assim trabalhador. Ninguém é acomodado. A gente está sempre se cobrando, alguma coisa sempre está faltando, alguma coisa tem que melhorar, é um grande desafio para nós, tá! Tem sempre alguém cobrando alguma coisa, ou a gente mesmo.*

O grupo mantinha-se homogêneo. Todas concordavam que está havendo uma preocupação geral com a questão humana. Hoje, a cobrança é de um novo enfoque, o humano, mas que no hospital ainda há a cobrança: a quantidade.

Parece que a discussão começou ficar mais interessante para o grupo; quase todas davam uma participação. Começaram a falar da importância da cobrança técnica, do humano mais afluído e a questão do ambiente organizacional.

ESCOLA B

P6: *Eu acho que dá sim, porque tive experiência com um grupo agora em Pronto Socorro, que eu dei Centro Cirúrgico no estágio e acabei a noite acompanhando um grupo que eu não dei a teoria. Eu peguei esse mesmo grupo de Centro Cirúrgico e fui dar Pronto Socorro, quando os acompanhei, observei, convivi no dia-a-dia de todo esse grupo, no manuseio do paciente, a expectativa de ver uma ferida cirúrgica aberta, de ver os materiais que são usados e tudo mais, ver aqueles baleados que tem no Mário Gatti. Então havia uma expectativa, aí eu fui dar a parte técnica mais ativa ainda, que é cuidar do ser humano no Pronto Socorro da periferia. Então chegaram estáticos. Será que eu sei? Tinha uns que queriam pôr luvas, porque eram pacientes andarilhos, tudo bem, mas chegaram na base, saíram de uma maneira que me deixou numa expectativa muito grande, porque aqueles que eram assim, tanto de nível que não sabiam muito, imagine uma cara tão boa este Pronto Socorro, mas ele é o nosso cliente vocês vão ter que acostumar e lá era um lugar que eu tinha que dar atenção para dez alunos e era assim, uma expectativa muito grande de positividade e eles saíram de uma maneira refeitos. O tempo todo, aquele que tinha assim um bloqueio, que percebi no Centro Cirúrgico, não está na profissão certa, ele já se identificou, foi soltando, foi me questionando, eu fui arrumando, saiu bom, e aquele que realmente tentava me ignorar no Centro Cirúrgico não conseguiu me enganar, eu reprovei, etc. Porque, realmente não era o local, tentava sempre transferir o dia-a-dia com o curso, e outros tendo toda a dificuldade, viajando, morando longe, saindo 22:30 horas para pegar o ônibus às 23:00 horas para Hortolândia. Tudo isso, a gente consegue durante o curso, sim, precisa ter um trabalho como a gente está fazendo, todos juntos, todo o grupo da escola e nós mesmos professores, tem que vivenciar o problema, tem, mais que sensibilizar a parte só humana, mas tem que sensibilizar, não tem muito sentido, não é muito bom,*

mas vamos passá-lo né? Coitado, a gente tem que ter coerência, é um profissional que dá para ... vai ser profissional ou não, tem que ser por aí, eu acho que durante o curso dá sim. Concordo, plenamente, que dá.

P9: *Eu acho que parte do que a gente vive aqui dentro pode ser mudado. A gente é parte ativa do processo, mas tem muita coisa que a gente precisa resgatar e os alunos precisam resgatar, mas é parte individual. Se a psicóloga vai lá, dá sua aula trabalha o ser histórico, mas o outro não se predispõe a mudar, acho que a gente tem limitação, a gente tem o papel de modificador, mas acho que a nossa responsabilidade fica meio-a-meio com o aluno, porque as experiências de vida deles, o que ele vai ser como profissional depende muito dele e isso a gente não consegue fazer. Eu sempre falo para eles na sala, eu estou falando para vocês o que é correto diante do paciente, agora vocês precisam escolher como agir, como fazer, como tentar, como interagir com seu paciente, mostro a eles o direito que o paciente tem, mas acredito muito que o crescer humano. Tem aluno que a gente vê crescer e tem aluno que a gente vê que não vai conseguir, porque é a própria limitação dele, a gente busca no estágio, na teoria, trazer ele, mas a limitação impede de crescer, acho que é uma coisa meio ingrata, a gente está aqui para mudar, para mim a modificação não vai acontecer da gente e sim do outro. Eu acredito que a mudança está dentro da gente, a gente tem que ir atrás para poder mudar, porque a gente também tem as nossas dificuldades, as nossas limitações, mas só através do papel de educar é que a gente pode dar o primeiro passo para poder crescer.*

P7: *Eu acho que ilustrar um pouquinho mais, porque esta coisa de trazer o valor, caminhar junto à pergunta, eu estou muito imbuída nessa proposta ainda, e é uma coisa que eu não sei o que falta, eu não sei o que é preciso porque eu ainda estou trilhando este caminho. O que eu percebo, assim, é que a maioria das classes vem juntas, a maioria das classes entendem a proposta, percebem o valor daquilo que a gente está objetivando e vem junto nessa qualidade e sem essa qualidade trabalhada ela não vai fazer muita coisa, mas eu não sei o que falta, o que precisa, se é uma equipe mais coordenada? O que eu percebo, às vezes, é que a Enfermagem em algumas disciplinas está muito centrada, tem só um olhar, entendeu? Eu sei que é uma equipe tendo um olhar mais humanizado, trabalha mais em equipe inclusive disciplinas mesmo, interagindo, disciplinas para que esses tópicos fossem reforçados, para que a gente pudesse chegar num final mais comum, mais coerente. Porque eu não sei a impressão que eu tenho é que eu trabalho sozinha, na busca dessa valorização e daí eu fico conhecendo o que é um hospital, uma equipe hospitalar, uma chefia, a autoridade médica. Então para um caos tamanho é uma coisa em sala de aula, conforme eu estou querendo chegar perto deles como qualidade de ser, para ser melhor, eles vão falando para quê isso? De certa forma, se minha realidade é isso, vão denunciando e denunciam a equipe a qual trabalham juntos, ou próximo plantão, a assistência médica, então fica tudo tão denunciando, a dignidade não existe, tanta coisa não existe, tem muito disso e com tudo tem hora que eu falo o que eu estou fazendo aqui? Qual é o próximo passo? Aonde eu posso me apegar para que a gente possa continuar? Então, eu acho que o precipício é isso, quer dizer quem é que está trabalhando nessa condição? Quem é que está buscando essa valorização? Quem é que tem esse olhar de uma forma mais completa, mais inteira, para que a gente veja esse trabalho? É um questionamento muito grande, aí! Porque essas pessoas com as quais se está buscando trazer, são pessoas mesmo sofridas, muito mal amadas, muito mal cuidadas, que vai prestar que qualidade de humanização? Ela tem para dar, eu não sei, porque elas sem referência.*

P6: *Mas aí que eu falo, que a gente consegue cutucar o aluno, é no campo de estágio que dá para perceber bastante isso, a gente conseguir melhorar essa parte que na sala de aula a gente não consegue, mas o contato com o paciente, segurar o paciente nas mãos, conversar com o paciente. Uma coisa é dar Fundamentos de Enfermagem, é a gente chegar para o boneco e dizer: - Oi! Sr. José nós vamos passar uma sonda e tal, outra coisa é lá no campo de estágio dizer Sr. José eu vou passar uma sonda no senhor, com isso a gente faz com que eles vão se... no começo eles têm dificuldade, na segunda vez eles vão só, é uma injeção intramuscular, uma “picadinha” viu, tudo bem. Os pacientes perguntam você é aluno, eu respondo que estou aqui ao lado, não se preocupe o aluno fala assim. Eu já estou melhor que o professor! Naquela confiança, e no começo ele tremem.*

P9: *Eu gostaria de fazer um parêntese, eu acho que esta técnica que a gente desenvolve na escola, tira um pouco dessa vivência pessoal, porque o estágio é uma oportunidade de a gente desenvolver com o aluno uma parte da técnica, mas a gente consegue preparar ele lá fora, sabe por que, quando o aluno chega no campo de trabalho, no hospital, o plantão, a chefia e aí ele vai entrar com as questões que são dele, não é mais da técnica, não é mais o professor. E aí quando chega lá é tão diferente porque não sabe trabalhar em equipe, ele tem dificuldade, ele não é uma pessoa delicada, ele não sabe conviver com o grupo, ele não sabe dividir tarefas. Porque no estágio a gente divide para eles, você faz isso, quando chega na realidade é totalmente diferente e aí eu fico pensando na questão da pessoa, por isso que quando a gente está lá na prática, a gente tem mais nítido aquele que consegue fazer tudo com o paciente, com a equipe e tem aquele que não consegue entrar no espírito da equipe, porque a Enfermagem é*

equipe, não tem como, né? só que ele trabalha no balcão, atendendo alguém, para que ele faça o trabalho dele, porque tem um antes dele e um depois dele e aí vem a dificuldade, não tem abertura, não consegue florescer, não consegue mostrar, por isso que falei da complementação, porque quando você fala de direitos do paciente: - Ah! Os paciente tem direito de dizer que não quer? - É lógico que tem. Você acha que ele é obrigado a tomar um remédio que você não quer? Só se você não tiver consciência, aí alguém vai responder por você. Acho que é uma coisa tão importante... por isso que eu sempre falo, o cuidar é uma coisa que transcende a técnica, transcende você mudar o paciente na posição correta, transcende fazer uma medicação, transcende verificar a temperatura. É uma coisa que está muito além, aí você vê o outro como um todo e não por partes. E aí, acho que está a limitação, porque tem toda uma história anterior, quem trabalha com isso sabe desvendar o que o outro tem.

P7: *O auxiliar precisa ser motivado, vamos, vamos, vamos, porque isso, porque aquilo. Estes precisam de um modelo, aquele modelo mínimo, original. O de complementação técnico, pelo que percebo se encantam em ser técnicos, a realidade é diferente, humanizar isso...*

P6: *Nós pelo menos quando trabalha com técnico, que já eram Auxiliares de Enfermagem há vinte anos, dez anos. Eu falo o modelo que nós temo que ter na realidade, é esse. Ah! Mas no lugar que eu trabalho é assim, Ah! Mas você pode mudar, você pode estar chegando, conversando, às vezes, é aceitável, é difícil de aceitar, muitas vezes é. Não porque eu sempre fiz assim, é assim que eu sei fazer. Às vezes, estão fazendo a complementação técnica, porque vai pagando mais, sentindo que está diminuindo o seu salário. Com o técnico é mais difícil, com o auxiliar é mais fácil.*

P8: *Eu acho assim o que a gente costuma conversar muito, como eu resgato com o aluno esses níveis aí? Mudando a metodologia de aula, para tentar resgatar de cada um, exatamente. Como é exatamente dar aula para auxiliar, como é dar aula para o ensino médio, como é dar aula para o técnico, cada um na sua realidade. Nessa realidade você muda sua aula! São três aulas completamente diferentes uma da outra, para pegar o que este garotinho está querendo com Enfermagem. Então tentar observar nele isso, e assim o auxiliar e o técnico, como eu vou entender a parte humana dele. Como ele vai ..., ele vai com um monte de pontos de interrogação, todos eles cada um no seu nível, mas como ele vai descobrir se é isso que realmente quer, acho que aí é parte do professor entender o aluno e saber como aplicar minha metodologia de trabalho em cada nível e resgatar isso nele, tentar exatamente colocar pessoa e identificação daquilo que ele está fazendo. Aí eu acho que vai acontecer, a gente costuma falar muito isso, competência e habilidade, a gente passa a competência para o aluno, ele pode dizer no final eu não aprendi nada. Realmente ele pode ter aprendido nada e se ele não desenvolver ele não tem habilidade para isso, ele não aprende. Eu não vejo 100% de realização nisso, de pessoa, a parte profissional eu acho, vai daí mesmo dele atender ou não. O grupo se mostrava mais participativo. Algum tempo depois, tinha já a liberdade de complementar os colegas.*

3ª PERGUNTA

- **Pensando na política educacional no Brasil, atualmente, e nas escolas de nível médio de Enfermagem, o que podemos fazer para tornar mais equilibrada e próximas as dimensões técnica e humana na formação de nossos alunos?**

ESCOLA A

P3: *Eu acho que podíamos fazer trocas como o GIEMEN (Grupo de Interesse de Ensino Médio de Enfermagem), que é um grupo de estudo em ensino médio de São Paulo associado à ABEN, então nós por 2 a 3 anos acompanhamos, levávamos um ônibus de alunos, e aí havia outras escolas, embora eram mais palestras voltadas ao ensino técnico, tinha dramatização de teatro, mas acho que é um espaço muito interessante, as escolas se reunirem e conversarem. Nós estamos trabalhando, nós aqui, falta essa parte, nós não somos sozinhos, nós temos que dar mais os braços, as mãos, mais gente trocando e-mail e melhorando você pode cair na mão de um bom profissional, ou cair na mão de um profissional, não tão bom assim. Todos se unem, você consegue fazer um nível mais abrangente, o que eu tenho de bom, e troca, a troca de experiência entre as escolas é bem pequena. O GIEMEN era uma parte interessante, o GIPEEN (Grupo Integrado de Professores de Enfermagem), também quando começou nós fomos, depois perdemos contato e a gente quando começa ir nesse grupo, a gente tem um ciúme da escola, mas é geral, todos falam do dele com se fosse o melhor, nossa escola fala como se fosse melhor. Nós nos fechamos, é difícil alguém colocar uma idéia. Acho que seria por aí, sair um pouquinho do espaço e formar um grupo mais abrangente.*

P5: *Porque esta troca só vai contribuir para a valorização da classe da Enfermagem, das categorias é isso, o objetivo final, a meta principal e queira ou não esses profissionais vão se cruzar, vão trabalhar com as pessoas da nossa escola e de outras, na hora que for trabalhar, as pessoas estão todas misturadas. Ah! E aí, vão estar fazendo cada um na sua formação, de um jeito ou de outro se cruza.*

P4: *E a Enfermagem e a classe só vai ocupar o lugar que ela merece, o ar que a gente merece, o melhor lugar pensando eu, quando tivermos a consciência de que nosso profissional, nosso aluno no mercado de trabalho e não é só o aluno, tinha que ter uma coerência da classe em si e essa troca de experiência com o outro que a gente fala muito, nós temos escolas aqui que são ruins, se a gente chamasse o pessoal? O que nós podemos fazer por você? O que nós somos os melhores? Não! Mas não é isso. O que vocês tem para oferecer para a gente, para nós podermos trocar? A gente não precisa chegar e falar que é melhor.*

P3: *Talvez você já esteja passando. Se a gente der o primeiro passo, quando a escola tem muito nome, como aqui. Eu sou formada pela UNICAMP, quando eu vim trabalhar aqui em Campinas não tinha, esta tem. O profissional que vem de outra escola que tem nome bom ou nome ruim. Quando vem de um lugar com nome ruim tudo bem, mas quando vem de um lugar com nome bom. Então eu sentia muito isso, tudo que eu falava, não podia citar o nome da UNICAMP que o povo... Então realmente é isso, aquele preconceito, aquela coisa.*

P1: *Eu acho que criando um espaço de reflexão, onde você vai estar analisando os fatos, aprendendo melhor a tua atuação. Eu acho que a melhor forma de você validar alguma idéia tua é usar o método científico, só que a Enfermagem não tinha até então como fazer isso, nós quase nem conseguíamos registrar os nossos cuidados, quanto mais pesquisar. Eu acho que o método científico a princípio é importante estar usando de alguma coisa em relação a formação, só que estar sentada aqui. Eu acho que a pesquisa pode gerar muita proposta boa, porque ela vai abrir esse espaço de reflexão, análise, discussão, compreender a realidade para buscar uma mudança, porque eu acho que a gente não muda nada assim, sem construir. Eu acho que a construção que a gente está fazendo hoje, é uma construção de mudança, como explicar isso? A partir do momento que a Enfermagem entender isso, ela vai ter mais espaços para essas idéias.*

P4: *Eu posso dar um exemplo, tinha na minha aula de Administração Hospitalar, tinha uma professora que contava muitas coisas sobre os administradores e muitas vezes já com o pessoal que trabalhava, tinha 18 pessoas na minha classe era da UNICAMP. Então eles levantavam problemas até de supervisores. Uma vez ela disse assim:- Gente quando vocês tiverem conhecimento científico, certeza daquilo o que vocês vão, vocês podem questionar com o administrador ou com o chefe e convencer, mostrar o custo/benefício, o que aquilo pode fazer se você tiver certeza e conhecimento científico, você pode provar para eles, que você pode mudar aquela idéia. Então a Enfermagem, ela tem uma idéia assim, que ela não expõe a idéia dela, ela não consegue questionar, indagar, porque você está num patamar igual a pessoa. Se você provar aquilo a outra pessoa vai até resistir na hora, mas depois ela vai pensar e voltar de novo, isto pode ter certeza. Então, você pode mudar uma realidade provando que aquilo é bom e você tem que ter o conhecimento científico, se você tiver o conhecimento que causa aquilo que você está falando, você tem condições de mudar uma realidade. Muito difícil esta fala dela, eu acho que é difícil, não é fácil, mas nada foi fácil para nossa classe, foi tudo assim oh! Degrau, conquista. Então, a gente não pode desanimar no primeiro degrau, eu penso assim.*

P2: *A Enfermagem é uma conquista, porque conquista teu espaço dia-a-dia.*

P4: *...e nós estamos conquistando, a nossa realidade está mudando, só é diferente de anos atrás.*

P2: *Nós temos que tomar cuidado para não perder algumas partes. Acho que a Enfermagem está ainda esta achando. Porque alguns espaços nos estamos perdendo. Nós não estamos dando conta de muitas coisas, porque no começo o enfermeiro é que era nutricionista, assistente social, fisioterapeuta, não é? Hoje já tem profissionais para isso. Cuidava da farmácia, também. A gente precisa tomar cuidado para...*

P4: *Será que dá tempo para você fazer humanização? Trabalhar mais...*

P3: *Contrata psicólogo. E você está deixando toda parte técnica sua para outro...*

P4: *Mas Enfermagem é só técnica?*

P2: *Eu não vejo Enfermagem só como técnica...*

P3: *Nem eu...*

P2: *Mas para mim é um conjunto. Eu não vejo Enfermagem só técnica, mas eu não consigo, eu vejo que ela é humana e técnica. Eu não consigo separar as duas.*

P4: *Então, eu também não, é o que eu falei, o método que eu estou usando para o aluno se aproximar do paciente, sentir o paciente, sabe o que é? Quando ele vai dar o banho, todos estão dando banho, depois do banho, tudo certinho, eles fazem massagem com protetor, hidratante, então, o aluno faz massagem, toca o paciente, sente, fica lá, conversa com ela, tenta conversar e estou conseguindo trabalhar com eles.*

P3: *Eu vejo profissionais como a gente preocupado muito com o lado humano que ele tem, que é o valor do corpo do , não é essa a questão, mas esqueceram de tratar este técnico como.....*

Que humano é esse?

Esse humano éde conforto familiar, com todo emocional do paciente, isso é importante, é muito importante, mas outra parte falha, não se preocupa com aquilo que você falou várias vezes, ele não se preocupa em observar se aquele funcionário dele está fazendo a parte técnica séria. Eu acho que para mim tem que ter um conjunto. Eu não consigo visualizar coisas..... Eu acho que é a mesma proporção, você tem que ter a técnica associada com o lado humano. Você pode ser muito humano na hora de punccionar uma veia, sem deixar de ser técnico.

- _____: *O cuidado não envolve tudo? É o cuidar centrado em seu cliente, a técnica humanizada.*

- _____: *.....muito humano, é o modo de chegar, de conversar, de abordar, de se preocupar com ele como um todo, sem deixar o lado técnico.*

Finalmente, parecia haver uma conexão de que a questão da troca só vai servir para o crescimento da profissão como todo. Falta essa consciência da classe.

ESCOLA B

P6: *Eu acho que tem que ter uma carga horária maior de psicologia para trabalhar com os alunos e também falta o que nós sabemos que é discutir sobre os alunos e os conceitos, como eu conceituo o aluno, o comportamento em sala de aula, como seria para humanizar mais no caso para a gente conquistar mais esse crescimento do aluno perante as aulas teóricas e práticas. Eu acho que até estava comentando com uma colega, eu estava brincando com uma aluna, aí eu bati nas costas dela, porque é uma que tem garra para aprender, mas falta um “circuítiozinho” ali, alguma coisa e que fugiu da minha capacidade de conseguir fazer ela crescer, tem que ter uma carga de psicologia e os programas serem mais, ter mais reuniões de professores que ajuda bastante, tornar mais real nossa avaliação de cada aluno.*

P8: *Eu acho que a partir dessa mudança aí, eu acho que acabou meio que transformando escolas em empresas e o que eu proponho colocar da minha parte, estar fazendo alguma coisa, eu proponho ver a realidade do aluno e transformar a realidade que ele vive num conceito de aula. Então, por exemplo, como aplicar nutrição em Enfermagem, então, fazendo-os entender que a vida deles está envolvida na nutrição e eles precisam entender a nutrição a partir deles como pessoa, em que eu aplico a nutrição na minha vida? Para tentar convencer o paciente que a nutrição é muito importante para recuperação dele, não só a medicação e o cuidados de Enfermagem. Então, se ele entender a nutrição nele, eu vou poder convencer eu mesmo em primeiro lugar e falar espontaneamente para o paciente que eu posso aplicar nutrição na saúde. Na verdade, o que politicamente falando ele vai entendendo, que serve para isso e aí transmitir depois para a realidade do trabalho dele.*

P7: *A minha percepção de que essa realidade muito fragmentada, conspira contra nós. Não sei muito o que fazer, essa dimensão é uma mega dimensão, esta pergunta tem uma compreensão muito grande e se existe a possibilidade de algo é este papel que ela executa, como ela diz:- Minha atuação é esta. Eu diria que dentro dessa realidade totalmente fragmentada, independente dessa realidade, é atuar buscando compor isto, neste microcosmo da sala de aula é isto. Meu papel é isto, não é porque a fragmentação conspira contra nós, a realidade está fragmentada demais, é como ela falou, como eu vou assumir o papel de educador, se a pessoa se dirige a mim e pergunta: - Quantas faltas pode ter? Eu posso ficar livre de você? Então, você tem que o tempo todo buscar, hoje não dá para o professor se acomodar. Eu lembro que no tempo que trabalhava em outra escola, a gente tinha um programa, eu*

tudo meio que rolava dentro do curso e estou sendo desafiada pela característica dos alunos de da escola a buscar. Eu tenho muitas dúvidas que realidade é esta que eu não estou sabendo lidar? Porque é complexo, é muito complexo, curso complexo, realidade fragmentada, muito a favor da aceitação é coisa que você fala e quem ouve é muito isso que a gente tem.

P9: *Eu, particularmente entendo que a mudança curricular consegue quebrar algumas coisas que a gente não tinha antes. A valorização do profissional que a gente não tinha tão freqüente dentro da escola de Enfermagem, que é o papel do psicólogo, nutricionista e acho que a idéia fragmentada pode mudar partindo de cada um de nós, quando a gente está lá na sala. eu deixar de entender o aluno de Enfermagem como aquele que é executor de técnica e eu começar a entendê-lo como um todo, então, esse é o nosso papel, porque a gente também vem de uma educação fragmentada e que a gente não consegue associar isso muito bem. Eu acho muito importante trabalhar a pessoa do aluno, porque ele tem dificuldade, porque ele precisa de uma atenção maior, porque eu preciso ficar do lado dele, porque eu preciso entender o comportamento dele e alguns momentos chamar, conversar, porque eu acho que o papel do educador transcende a sala de aula, a parte da disciplina, porque o que eu dou na pediatria é só pegar num livro e ler, mas o que eu passo de referência do que é pediatria, do que é cuidar da criança, do que é a relação mãe com o auxiliar, com o técnico, com a criança, transcende o que está escrito por alguns teóricos. Eu acho que a função maior é essa, ao invés de fragmentar aquela famosa utopia, unir a um coisa e no total a gente conseguir transformar essa pessoa tão fragmentada na sua totalidade, em conseguir juntar alguma, porque aqui pode ser um ponto de partida para ele se encontrar, pode ser, pode ser que não seja, este pode ser um “ponta-pé” para ele começar porque falei no início que parte é nossa e parte é dele, mas a gente tem que ter nosso papel executado, o fazer e deixar de entender o aluno como parte de uma técnica. Eu acho que a gente tem muito disso na nossa formação, né? de Enfermagem. Aquelas pessoas que..., eu tive professoras que ensinavam fazer a técnica tal como era, você tem que inventar, eu acho que é totalmente diferente. Eu acho que a gente precisa saber os fundamentos técnicos do procedimento que se vai executar, e não necessariamente, fazer da forma que o outro faz. Eu acho que isso limita o outro, então precisa entender que transcende o ser técnico, mas às vezes, você tem um aluno que é péssimo na técnica, mas ele é bom em contato com o paciente, tem conhecimento bom do todo, eu acho que nosso papel é este mesmo.*

O grupo pareceu envolvido, cada colega esperava sua vez de participar, teve um tom sentimental sem muita emoção.

2º Encontro

1ª PERGUNTA

- A humanização do cuidado de enfermagem abrange toda a dimensão humana?

ESCOLA A

Os participantes fizeram alguns comentários a respeito da reunião anterior.

P3: *Eu adorei a reunião, estou parando agora, nem pude ler nada para trazer. Uma coisa que acabei não comentando é que me formei e vim para a Casa de Saúde, o que mais eu tive de problemas foi de relacionamento. Eu pensei que fosse esbarrar em técnicas, mas aí que eu senti a necessidade de ter uma visão mais psicológica, mais conjunta, mais de psicologia para lidar com aquilo. Então, eu acho que toda a discussão da semana passada, ela embasou bem mesmo, não ser bom tecnicamente, você tem que ser abrangente em termos de raciocínio, de entender as pessoas,, ser bem aberto, porque é muito complexo. Se ele tiver esta disponibilidade de aprender, saber lidar, ele se virar...se ele quiser.*

P5: *Acho que concordo, eu me preparei muito tecnicamente, eu dava uma importância muito grande em saber se era melhor em fazer e acontecer e quando eu entrei no campo a minha maior dificuldade em desempenhar o meu papel foi na parte de relacionamento com a própria equipe, nem tanto com o paciente. A equipe era muito complicada e assim a gente está falando só com o paciente, só fala com o paciente e às vezes, a gente é tão desumano com a gente mesmo, a gente não sabe falar um não, eu não posso fazer isso porque eu estou cansada, estou com um monte de problemas, então, às vezes, a gente ainda acaba, não só, tem que fazer é um profissional, tem que ser o bom.*

P1: *Meu momento de vida, me fez parar para pensar porque estou estudando esse assunto. Então, eu li alguma coisa essa semana por coincidência pensando no momento meu de vida. Eu estava pensando que talvez a gente tenha alcançado na última discussão a dimensão humana. De fato a gente estava na discussão de humanização no cuidado de Enfermagem, porque eu acho a gente não chegou na dimensão humana em todas as suas faces. Tem face social, por exemplo, uma face política, que muitas questões que precisam ser resolvidas naquele momento com o paciente é uma questão social, não necessariamente um cuidado de Enfermagem, você pode dar muito bonitinho orientação sobre amamentação, incentivo à amamentação, mas se a mãe não puder se alimentar, não tiver com quem deixar esse filho, realmente amamentando, você não vai estar olhando para ela como um ser humano completo. Tem que levar em consideração o social dela, o que influencia numa boa alimentação. Eu acho a conclusão que nós ficamos muito na dimensão humana da humanização em relação ao cuidar do indivíduo, bem direcionado a isso, não como um ser humano como um todo. A gente até falou em outras faces da humanização, falou em cultura, que, às vezes, o paciente tem que respeitar quanto a humanização, mas a gente não explorou essa complexidade humana. Acho que vai muito além da assistência que a gente está dando.*

P4: *Quando a gente discute um assunto, a gente desperta para isso, em relação aos funcionários da casa, é uma coisa assim que pegam 3 funcionários, 14 quartos. Pegam 3 leitos cada um. Os funcionários falam em relação aos alunos. Ah! Que maravilha, que curso, que é ajuda que nós estamos dando. Então, para se falar mesmo de humanização dos cuidados, primeiro tem que se humanizar o serviço, a equipe, tem que estruturar a equipe. Eu acho que fica difícil dar um atendimento humanizado se, não oferecer estrutura, oferecer estrutura para que ela possa oferecer esse atendimento. Por que três funcionários para tantos leitos?*

ESCOLA B

P7: *Quando você fala de dimensão humana, o que me ocorre é que dimensão física, emocional, mental espiritual, é isto que você está falando?*

P8: *Eu entendi como você resgata esse interesse pelo aluno naquilo em que ele está fazendo, qual é a nossa colaboração como professor, independente da área de resgatar esse aluno, como ele vai se identificar com a Enfermagem. Então, sem dúvida eu volto a colocar que a gente tem que buscar no aluno um interesse que talvez nem ele saiba a dimensão que tem o que ele está fazendo, o que envolve o trabalho dele como profissional da área de Enfermagem. Ontem, numa aula eu estava, eu sei que isso faz parte de você estar vendo essa dimensão que o aluno pense nesse cuidado que você está fazendo com o profissional, como se você estivesse cuidando daquela pessoa que você mais ama, valorizar esta parte de o que eu posso fazer além daqueles conhecimentos técnicos que eu tenho. Então, eu creio que é tentar fazê-lo enxergar o que abrange tudo aquilo que ele está estudando, como ele vai colaborar com a cidadania, com e, para ele, como é importante para ele se ele se identifica com que ele está fazendo, se ele se sente bem com que ele está fazendo, como é que a gente pode buscar isso, puxar isto, para que realmente, ele se sinta dentro de um contexto de uma sociedade, que ele faça parte de uma sociedade como colaborador, imagino que seja, é um trabalho solidário o cuidado de Enfermagem.*

P9: *Acho que a humanização na Enfermagem, ela não abrange a dimensão humana. Acho que as pessoas tem claro que cuidar do ser humano é cuidar do outro com docilidade e nem sempre contempla esse ser humano como um todo. Cuidado humanizado não é necessariamente você conseguir contemplar toda a dimensão humana. Às vezes, a gente cuida do indivíduo humanamente, mas a gente não consegue contemplar ele de uma forma geral. Acho que são coisas diferentes.*

P7: *O que fica para mim enquanto a colega estava falando é esta questão. Eu acredito que a humanização ela é trabalhada, busca ser trabalhada na dimensão física, com todos os recursos que a Enfermagem tem para isso, mas a partir dali, naquilo que cabe na dimensão emocional e mental, o profissional não está pronto para trabalhar com isso, aí as coisas começam a se comprometer, na minha percepção. A humanização não chega aqui porque o profissional não está trabalhando, é um profissional que não está cuidado nessa dimensão emocional. Como é que ele vai humanizar aquilo que ele não tem? É aí, que eu bato, é aí que para; e o mental? Então fica para depois e aí você tem que transformar crenças, muitas coisas para poder juntar, física, emocional e mental.*

P6: *Eu acho que é aí que está faltando na base mesmo, porque muitas vezes a gente vê que o paciente está deprimido ou que o paciente está preocupado com alguma coisa em casa, ou que o paciente tem uma postura de antipatia com um determinado grupo. Não vamos generalizar funcionários, mas com um determinado turno e muitas vezes a gente pede para que tenha na passagem de plantão, que seja feito uma humanização maior com o*

paciente. Aí foge, não consegue direcionar ainda, como muitas vezes a gente põe, (na prescrição de Enfermagem) Dar apoio psicológico ao paciente, o mínimo, não precisa, ainda brincam: - Ah! Eu vou fazer terapia com os paciente. Não, a gente quando diz isso é apenas para dar um apoio mesmo, conversar e muitas vezes isso foge. Na Enfermagem, nós ainda não temos profissionais que estão direcionados a tanta dimensão não, está mais fechado.

P9: *Porque esta coisa pessoa transcende o que a instituição dá para o funcionário, o que a gente tem como pessoa transcende o que é profissional e isto, esta lacuna a gente não consegue preencher, em nenhuma escola, não só de Enfermagem, acho que bate muito com a Enfermagem porque a nossa profissão está diretamente relacionada com o cuidar e cuidar exige toda uma estrutura emocional bem elaborada, bem trabalhada. É por isso que a gente não consegue ter as pessoas que realmente saibam cuidar, porque atrás da En^{fm} Maria tem a Maria que tem as suas questões, as suas dificuldades e isso a escola não consegue dar para o aluno.*

2ª PERGUNTA

- A formação política, ética e social é importante para o futuro profissional?

P3: *Seria mais fora da escola, dentro da casa, da família. Dentro da escola é a interação com vários cursos, aqui na nossa escola, como escolas estadual como aluno ele tem pouco acesso à liberdade de assistir aula, existe uma confiança que ele acompanha o curso, mas ninguém fica cobrando se ele entre na primeira, na segunda, na quinta ou na sexta aula. Aqui, quando acaba os três anos ele acaba conseguindo escolher e optar o caminho que ele quer seguir na vida dele. Então ele vai se sentindo mais responsável porque nem tem o pai e a mãe perto e ninguém cobra que ele não vá na aula, cobra que ele não faça barulho no corredor, porque ele define se ele vai assistir ou não, ele tem essa liberdade. Eu acho que isso gera uma responsabilidade e ele interage com outros cursos, com nível universitário que no campus tem também faculdade e acho que é uma fase de crescimento muito grande para ele de auto - conhecimento e de socialização. Agora, a parte política, eu vejo como o Grêmio tem uma ação.*

P4: *Acho que essa escola está o aluno que tem todos os anos a desenvolver o lado crítico dele. Nesses anos todos participa, voltado para o lado social, econômico. Isso ajuda a despertar o senso crítico dele. Se ele tem senso crítico, eu acho ele começa a questionar o sistema. Está errado? Por quê? Como pode mudar? E o primeiro passo é este. Então eu acho que, pelo menos na nossa escola, este é o começo.*

P5: *Porque eu acho que nós não somos políticos. Nós professores não conseguimos passar essa parte política, formação política para o aluno. Aluno de nível médio, esta parte é a parte que a Márcia fala, ela é muito mais explorada pelo ensino médio em algumas disciplinas, do que por nós.*

P4: *Na nossa escola ou no Curso de Enfermagem? Eu acho que um acaba completando o outro. A gente dá uma parte da Ética, dá a postura profissional, política dos conselhos profissionais, política do conselho regional.*

P5: *Eu acho que o técnico que fica 3 anos aqui, e o que a gente vive falando médio, mas não tem habilitação, que também é um aluno técnico e que essa parte política é bem pequena mesmo. Acho que tem muito mais a visão ainda da técnica, não é afastado, tanto a parte ética é como você mesma falou é debatida, tem discussões sobre a humanização, mas a parte política, nós somos falhas, eu sinto falha sim, como deixar o aluno assim, ser mais político.*

P4: *O Conselho Municipal como funciona, o conselho tutelar se entende? Essa é a parte política.*

P1: *Pergunta é se a formação política, ética e social é importante, importantíssima. A forma que ela vai inserir talvez não fique tão evidente, mas cada um vai dar uma contribuição. Existe a contribuição da ética, existe a contribuição da Saúde Pública que parte dessa política do aluno, para estar atento ao sistema de saúde de uma forma geral, mas nosso enfoque principal não é esse, é um enfoque mais para técnica, com uma tendência bastante especial e acentuada em humanizar essa técnica, mas eu não sei se a gente consegue ter muito êxito no campo político e social. Eu acho que todas nós temos pequenas iniciativas nessa área.*

P3: *O professor de História é bastante político. Quando nós temos discussões que envolve greve, movimentação, ele é um dos professores que se posiciona, ele luta, ele é líder perante os alunos. Ele incentiva os alunos a ter uma postura de estar reivindicando.*

P5: *Eu acho que a gente ainda tem mais dificuldade de ser político, nem sempre é entender da política. É saber se posicionar, é defender o seu ponto de vista, então, realmente o professor de História ensina isto, argumentar, se inserir diante do problema e tomar uma posição. Ele fala, ele insiste naquilo que está falando. Então, ele consegue convencer, pa! pa! Entendeu?*

P3: *Eu acho que este aspecto que a Débora colocou, eu como enfermeira, não me sinto preparada nisto. Eu acho que a formação do enfermeiro não envolve esta parte política, de modo geral. Acho que independente das escolas, a gente privilegia mais esse lado aí.*

P1: *Tem uma área que privilegia, que é a Saúde Pública. Eu sei porque eu fiz a especialização. Apesar de não estar exercendo, é a única que tem mesmo uma crítica mais analisada do sistema de saúde.*

P4: *Eu numa disciplina, o professor fazia a gente ver o lado negativo da política. Porque acontecia as coisas no país, ou porque não acontecia, porque o político de A, de B chegava a entender a estrutura. Em Saúde Pública era assim, olha é para ser assim, mas o governo, não sabe, pega daqui, pega dali. Assim que é posto. Eu acho que contribuo pouco, mas acho essa experiência muito boa. Está despertando para gente, para nós quatro que, o que contribui nesta parte.*

P3: *Quando nós temos uma situação que cada um enxerga de um lado. Que nós somos fracos politicamente. Eu vejo que nós temos greve na UNICAMP, a Enfermagem, nosso curso é um curso que não pára, não pára e nós justificamos porque campo de estágio, por “n” situações que nós não paramos. Todos param e nós não paramos. Pelo menos, a nível de hospital. A nossa visão é ... esse aluno vai se formar de que forma, ele vai deixar de ter esse conteúdo, não pode, não podemos e aí a gente dá todos os suportes possíveis e nós levamos o curso do jeito que tem que ser. É o único curso que enfrenta a greve numa boa.....do lado assim: - Poxa, eu posso cair na mão desse profissional daqui um tempo. Então, para se tratar de vidas humanas existe até um certo consenso perante os demais, mas vejo que na nossa profissão a gente não pára, na hora do vamos ver ...*

P4: *Nosso lado de técnica mesmo, se a gente fizer greve, vamos repor depois. Esse aluno vai entender que ele depois, o próprio aluno, pararam. Então, isso vai criando um profissional acomodado. Será que isso é positivo ou negativo? Isso é complexo.*

P3: *Eu sinto esse lado assim. HHHH HZZZHHH*

ESCOLA B

P8: *Sem dúvida nenhuma, isso faz um diferencial tão grande, a dimensão humana faz esse diferencial, ele vai ter uma visão completamente diferente daquilo que está fechadinho que a gente passa tecnicamente em sala de aula. Ele vai ter uma clareza maior, ele vai conseguir enxergar dos lados, tudo aquilo que está vivendo. Ele vai poder analisar o porquê daquilo, compreender a situação de uma outra forma. Ele vai conseguir se sair melhor de determinados problemas e situações, ali que ele possa estar se encontrando. Eu creio que isso é uma própria evolução, educação mesmo, que ele teve anteriormente, não está havendo ali uma coisa “fechadinha” da profissão dele, vai englobar muito mais coisa. Ele vai poder ter uma visão muito maior do que está a sua volta com certeza e isso, essa formação político, ética, social, eu creio que está ligada à educação.*

P6: *Eu acho que é importante é, mas para poder abranger ainda a dimensão humana, ainda é fraco, ainda acho que ter como profissional de saúde de Enfermagem algo mais, uma base bem maior para poder se posicionar no lugar do paciente, não levar suas questões pessoais, como por exemplo na parte política, ter o seu posicionamento induzindo, não, tem que ter uma base maior ainda para poder ter o respeito do paciente no cuidar, mesmo a parte ética, se posicionar no lugar, porque ainda não dá para só tendo estas três formações que dê para chegar a uma dimensão mesmo. Eu acho que tem que ter no seu currículo mesmo um preparo maior para chegar lá.*

P7: *Eu posso falar uma grande bobagem aqui. Eu não queria que fosse gravada, pois é uma grande reflexão que me ocorre, porque eu sinto assim, esta questão do ponto de vista teórico, quando a colega fala, quanto mais eu expando este conhecimento, a gente espera que melhore você, mas eu não sei se é uma grande bobagem, mas é uma*

percepção muito forte nesse momento, precisava refletir melhor. Discutir mais e abrir mais esta questão, mas assim, eu vejo que quando você olha para o cenário político, porque a formação implica em olhar para o cenário político, em olhar para o cenário ético e olhar para o cenário social. É muita desesperança, eu sinto que não tem... é frágil demais, você trazer este contexto, é tudo tão frágil que quando você abre uma discussão em sala de aula dessa realidade mesmo, tudo isso aparece de um jeito tão feio, a política que se vive dentro do hospital, a ética que se vive dentro de um hospital, o social como é trabalhado dentro do hospital, é tão feio isso, tudo tão feio que eu sinto que falar disso, fazer esta formação é muito utópica, idealista, fica neste nível, entendeu? Não sei se contribuí, porque a lacuna daquilo que a gente pode falar, formar, mostrar, discutir e trazer é tão distante da realidade nua e crua. É o que muitas vezes, é tudo sem saída, quando se começa analisar uma questão, não tem saída, a saída é tão individual que é tão pessoal, é tão de quem tem recurso para vencer aquilo e continuar, sabe! Não sei se eu estou tão céptica assim, mas tem hora que eu me sinto extremamente encurralada, porque eu não tenho saída para isso aqui, sabe, com comportamento político, atitudes políticas, uma visão política, uma visão ética, uma visão social, sei que é pessimismo demais, é que neste momento eu me encontro muito sem resposta e as respostas que eu solicito deles, que tento trabalhar junto é assim, que a gente passa com a esperança pessoal de cada um de fazer a nossa parte, porque a sensação que eu tenho é que fica na ideologia da coisa, a realidade é outra completamente outra, difícil de morder, difícil de assimilar, difícil de digerir, difícil de gerar esperança, no sentido de dizer assim para que eu vou ser melhor, para contribuir com o quê? Com quem? Isso assim, foi interessante a questão, precisava refletir para mover um pouco mais esse meu olhar porque está muito focado nas coisas que eu discuto. Eu estou lendo isso aqui, estou ouvindo eles falarem, né? e o meu papel fica de trabalhar a esperança, apesar de tudo, o que me parece sistemas altamente fragilizados, sem credibilidade. Não sei se eu estou tão pessimista assim, precisaria ter um outro lado dessa história, eu só estou com esse nosso momento.

P9: *Eu acho que esta formação política, ética e social, ela antecede o que nós somos hoje. Para que eu seja a Cláudia hoje, existe uma história anterior que me fez ser o que sou hoje. Eu acho que isso é importante para que você possa ter um profissional bem qualificado. Então o que eu trago hoje, foi o que eu vivi da minha vida anteriormente. Eu entendo política não aquela política partidária, mas como uma política de vida. Então, eu acho que esses três pilares somando ao religioso é o que faz a modificação do que eu sou como profissional. Porque quando eu sou um profissional embasado nisso tudo eu consigo fazer diferente, claro que vai existir que eu vou fraquejar, vai ter momentos que eu vou ter...cair, cabisbaixo, desistir, porque na minha frente eu vou ver todo um cenário que não é um dos mais lindos. Ai e o que a colega falou da política dentro do hospital, no comportamento ético, eu acho que no mundo macro, a gente tem o mundo micro que é o mundo de cada um. Eu posso até compartilhar do macro, mas eu não posso perder a essência do micro. Acho que isso é que faz a diferença. Porque quando eu chego lá, apesar de me deparar com as coisas feias, eu consigo manter a essência, porque a essência a gente não perde, a gente fica meio equilibrada, né? Eu acho que isso é que garante o profissional qualificado. Esses pilares para mim são essenciais para a formação do profissional, primeiro do cidadão e depois em cima de ser cidadão; é ser profissional. Eu acho que eles são essenciais.*

P7: *Esse é o grande problema, quando você fala, eu sou produto hoje de uma história daí a gente começa a questionar, quem ajudou? Quem contribuiu? Quem esteve junto com você, sustentando esta formação que está englobada nesses aspectos todos? E então, volta para nós e qual é o nosso papel? Como trabalhar isso, então? Porque tem muito gente que está sendo formada aqui, tem gente pronto e tem gente sendo formada.*

3ª PERGUNTA

- **Quais os caminhos que vocês estão encontrando para formar seus alunos, frente as novas diretrizes educacionais?**

4ª PERGUNTA

- **Como você entende e interpreta alguns termos utilizado na nova Lei de Diretrizes e Bases: Formação crítico - reflexiva / competência profissional ?**

(os participantes responderam as duas questões simultaneamente)

ESCOLA A

P3: *Nós temos tantas mudanças aqui, é constante, vamos recordar os caminhos desde que uma de nossas colegas entrou coincidiu com as mudanças da lei, mas explique qual das diretrizes.*

P5: *Meu caso, quando eu vim para cá como professora, na hora que falava Lei de Diretrizes, carga horária, isso e aquilo, nossa, eu ficava completamente perdida, por quê? Apesar de ser professora, mais uma vez uma visão tecnicista, quando eu fiz a graduação, minha grande preocupação era o que bacharelado, e a licenciatura eu ia fazendo, depois eu vejo e quando eu vim para cá eu falava:- Meu Deus! Eu não consigo entender, não consigo ver aquela teoria na prática. Acho que esse ano que a gente tem uma programação de final de ano que a gente está sentindo como vai ser a carga horária, a montagem dessa grade, no meu caso é aí que eu comecei a visualizar essas leis com a prática.*

P4: *Eu acho que a LDB é meramente política, é para gerar emprego. Existem outros fatores. A Enfermagem é um campo fácil para se arranjar um emprego. Então se o governo profissionaliza o pessoal, para eles no meu ponto de vista é para gerar emprego. Para justificar isso politicamente.*

P3: *Está livre a nossa atitude. Ele está dando diploma para um monte de dentista, para um monte de cursos que a universidade está abrindo aqui. Estão abrindo curso, estão autorizando se formar profissionais não necessariamente competentes. Eu vejo assim, a prática é indiferente, ele está dando diploma, ele está preocupado em dar disciplina e não em alfabetizar. Um exemplo que a criança de 4 anos escreveu “Brasil 500 anos”, ela escreveu “JABCD” e para ele tinha escrito “Brasil 500 anos” e o Paulo Renato falando que os alunos que se formam não sabem interpretar o que eles lêem. Existe todo um erro de formação, e acho que a formação... Não é de formação. O PROFAE, eu não tenho muita experiência, mas nós temos exemplos de curso de auxiliares, aí que a formação depende do professor. Se ele quer ou não ,depende do profissional que está lidando com ele.*

P4: *E aí eu fico questionando o COREN. O COREN não tem o papel de atuar nas escolas, de fiscalizar, ter poder de chegar e indagar? Nós mesmos já tivemos tantos problemas com o COREN.*

P3: *Não é com o COREN, é com a Secretaria, como o MEC, não é?*

P4: *Quando um professor quer, vai, faz. Isto é a fiscalização, não se.....como está funcionando.*

P3: *Eu acho que há uma briga. Ao abrir um curso, deveria ver quem é que vai dar aula, quantos alunos. Se invadiu campo de estágio, aí, é problema do COREN. O problema do aluno em estágio, a escola leva o aluno para campo de estágio. Este é um problema da escola, de formação. As denúncias no COREN é do profissional formado. De repente, olha só como nós não somos políticos, nós temos um problema político acontecendo num hospital com alunos que estão atuando na nossa área, nós somos coniventes com a situação, isso justifica nosso despreparo. Por que o COREN obriga se você não denunciar? Daí então a gente é conivente!*

P1: *Eu acho discussões desde o primeiro dia é ideal, do que é esperado, do que é possível. Deveria existir uma lei para se trabalhar num sentido vertical e antes de colocar em prática, para algumas pessoas, as competências não é compreendida. Vem uma lei que é colocada em sentido vertical que não foi discutida, e foi colocada em prática antes de ser discutida. A avaliação ainda não é compreendida na sua essência por muitos professores, isso é uma mecanização, alguns ainda tem dúvida, acham que são obrigados a passar, isso é uma mecanização do entendimento, de o que é avaliação, que a lei preconiza. Acho que a gente ainda não chegou a amadurecer a idéia. Ela vem de bandeja, nós temos uma carga horária de ensino médio pequena, tem que enxugar muita coisa, sendo mágico, cada um cedendo espaço para a outra e a gente vai ajeitando para suprir a dificuldade do aluno , do conhecimento teórico e prático, na busca da qualidade. Na lei tem um discurso que na prática é difícil. Acho que tinha que acontecer o inverso. Amadurecer, preparar e depois partir, foram impostas. A impressão que tenho é uma desvalorização do ensino técnico. Ele colocou que houve uma ênfase no técnico. Agora ele voltou, está acontecendo o inverso, a formação técnica está sendo diminuída e os colégios técnicos são incentivados a fazer o ensino médio. Isto para mim é um sintoma. O técnico está sendo colocado para fora. Talvez o auxiliar perto do técnico não seja uma boa. Talvez, o técnico deva existir mais para frente, com o aluno mais maduro, com mais idade, que tenha completando o segundo grau, que saiba o que ele quer da profissão, que ele não saia de um curso como a nossa escola que é básico que tem o técnico e a formação de segundo grau e faça vestibular. Na verdade, nós formamos bem, porque ela é preparatória para o vestibular, tem professores bons. Ele desvirtuou alguma coisa nessa LDB. Deveria ter cursos bons, cursos técnicos e não ensino médio. Quanto a formação crítico – reflexivo, só ocorre como o treinamento do professor. Eu dei uma aula sobre músculos sem nenhum material didático, só na construção, na conversa e é mais difícil, você tem que dominar muito mais o assunto. Para chegar nessa formação crítico – reflexiva, o professor precisa aprender fazer este exercício com mais competência, que é ideal é com certeza, o que*

se pode é mudar, crítica – reflexão, ação em cima de análise é bom, mas é difícil colocar em prática. Não sei se estou subestimando a capacidade.

P5: *Eu acho, a gente até tem alguns, até tem facilidade para desenvolver, acho que aqui estou sendo crítico. Acho que até tentamos, mas não é nos dado alguns métodos, diretrizes, poderia em UTI, Pronto Socorro, até consegue desenvolver crítica em nosso trabalho, e a gente vai aprendendo muito isso com a regra. Se não der um jeito, vamos fazer daquele lá.*

P4: *Os funcionários acham que somos críticos, e nossos alunos quando vão trabalhar também tem profissionais que trabalham, ex-alunos que questionam, tem uma postura crítica.*

P3: *Eu acho que nós fizemos boas reflexões e que o campo de trabalho da Enfermagem é muito rico para o aluno refletir. Isso acaba ajudando. Você tem uma situação muito difícil, várias faixas etárias, problemas graves, pacientes inesperados, uma mudança total de vida e isso faz o aluno ficar mais maduro. Acho que existe no curso observação e reflexão., é um aluno diferente, de quando ele entra e quando ele sai. Talvez, até de que ele faça isso, ou mesmo convivência da Enfermagem. e essa competência profissional nos preocupa, a gente procura que ele saia bem daqui. A defasagem vamos suprir de que forma?*

P1: *Tenho competência em tal curso, vou avaliar se houve eficácia no esquema de vacinação. Isso é competência, para mim não sei, o termo, o texto. Eu posso ter competência em coisas pontuais. Exemplo: um curativo que está com secreção. Eu posso, se competente tecnicamente, fazer um belo curativo e não necessariamente conversar com esse paciente, saber se ele está com dor naquele local, se ele está fazendo uma antibioticoterapia para prevenir infecção. Com certeza para mim vai muito além do procedimento e aqui na lei fica muito preso ao procedimento, não sei se é falta de visão minha, quando eu li. Inclusive, o interessante que nós acabamos tendo o mesmo perfil, o mesmo tipo de frase, de linha, acho que tento definir a competência dentro da anatomia, dentro de...acho que a gente não conseguiu segmentar conteúdo, quando você pede um conteúdo para mim, você está justificando o conteúdo e não competência daquele conteúdo.*

O grupo começou a discutir o conceito de competência e não chegaram a um acordo, havendo muita discordâncias.

ESCOLA B

P8: *Está havendo um bate-papo bastante..., desde essas mudanças, na outra escola tal, e a gente reflete muito todo ano sobre essa nova, inclusive a próxima questão. O que eu vejo, por mais que a gente reflita todo ano, quando se faz uma atribuição de aula, o que vamos fazer com essa nova Lei de Diretrizes e Bases, e aí a gente acaba entrando num consenso meio que complexo, é uma visão, é uma coisa que tem que ser trabalhada a longo prazo, por que qual a proposta dessa lei? É você passar ali uma competência para o aluno e ele vai ou não adquirir essa habilidade, e aí fica uma situação meio estranha porque você ensinou, mas será que ele aprendeu? Ele não foi capaz de adquirir essa habilidade para aprender o que você ensinou, e aí o que essa lei coloca: Ah! Não tem problema, se ele não aprendeu a vida vai ensinar poder passar ele de ano, a vida vai ensinar, porque a vida é assim. Então, é uma coisa que eu até uso esse termo que a colega colocou, utópica, e parece que passaram a bola para frente. Vamos passar a bola para frente, que o aluno depois se ele teve alguma formação, ele vai se sair bem nessa dimensão. Ele vai ter um jogo de cintura, se não a própria vida ensina. Então eu fico ainda esperando até, e aí como você vai... o que nós temos para trabalhar com essa dimensão toda do aluno, de repente, você usa alguns artifícios burocráticos que são provas. Enfim, algum tipo de avaliação, mas foi colocado assim, você no dia-a-dia já tem noção de como ele vai ser na vida dele, você sabe, você tem plena condição como professor, esse aluno é ou não capaz, ele adquiriu ou não essa habilidade sem você precisar ter documentado numa folha, só que olha, ele não é capaz, eu estou dizendo que ele vai saber tudo menos, e aí, ele vai ter um certificado tal e aí ele resolve isso no dia-a-dia dele. Então é uma coisa que eu não sei, eu acho que foi realmente isso, é deixar para ver o que vai acontecer. Enquanto isso, a gente vai buscando e trabalhando em cima, eu estou passando essa competência, vou tentar fazer com que ele saiba depois navegar esse barco.*

P9: *Na realidade, eu passo o que é possível e o resto ele faz. Se a vida ensinar para ele, boa e se não ensinar, tudo bem. Aí, a gente perde o eixo que o educador é um agente de mudança. Se não teria sentido, pegava meus livros, levava para minha casa, estudava técnicas de Enfermagem e no outro dia ia no hospital e tentava passar sonda, dar banho no leito. Você tira o papel do educador que é maior, porque quando você entra dentro da sala você quer*

agregar alguma coisa a ele, o que ele não teve de valor político, ético e social. Na hora que você vai ensinar dar banho de leito, na hora que você vai ensinar passar uma sonda, você vai ensinar isso para ele, isso é a coisa maior, não é dizer que ele tem ou não competência, você está ali para mudar, ou pelo menos ser um agente de transformação, porque se o aluno consegue entrar e sair da sala de aula e não passar por esse processo e aí não diria que é um processo total, porque não existe isso, né?. Aí, a gente precisa pensar no indivíduo anterior, o processo é uma coisa como se está dizendo, é comprido, então, na realidade quando a gente faz isso, a gente está excluindo o outro, dar oportunidade para ele crescer, a vida vai ensinar, a vida ensina para todo mundo, independente de ir na escola ou não, então não precisa ir na escola.

P6: *Eu ao meu ver, deixo sempre bem clara com os alunos, eu dou muito mais valor naquele quando falta que ele chega e fala assim: - Quantas faltas eu posso dar? Isso me irrita profundamente. Aí, eu falo assim: - Você não está mais preocupado com que eu dei da matéria. Então, ainda os próprios alunos tem essa visão, e quando se fala em competência profissional eu acho que eu tento abordar com os alunos é isso, é que seja uma somatória de conhecimentos para que no final, eles saiam com competência profissional o máximo possível que eu possa passar para eles na formação; que eles estão fazendo curso e não porque eles simplesmente vão vir cumprir horário, vão vir cumprir jornada, cumprir carga horária. Nota o mínima de cinco, que isso também é uma coisa que, às vezes, um cinco vale mais que um nove que foi decorado e não que aquele cinco que realmente ele foi, se expressou, sabendo e não lembrou dos outros ou não sabia, mas vai procurar aprender. Com certeza aquele aluno que a gente traça o perfil, esse realmente é o aluno que vai ter uma competência profissional, é como ela falou, muitas vezes a gente pode muito bem avaliar aquele aluno que realmente vai ter postura, vai ter ética perante uma equipe, perante o paciente, mas muitas vezes é até ruim falar, mas é obrigada a engolir aquele que tirou um oito decorado, aquele que dá um jogo de cintura na gente, no estágio, aquele que a gente sabe que não vai ser um bom profissional, que não vai atingir realmente o máximo que a gente quer que ele atinja dentro da profissão.*

P7: *Está sendo muito bom tudo isso para mim, porque eu acho que a partir desse ano eu comecei entrar mais no papel de professora, porque como eu sou terapeuta e como a minha vivência de trabalho é com grupos de treinamento e agora esta realidade de sala de aula, se colocando assim na minha vida. Então é muito bom estar aqui porque eu fico me colocando num papel de que eu estou aprendendo caminhar nele, porque eu não me sinto professora e sinto que a colega tem muito isso é muito bom estar com a colega, é bom ouvi-la falar, porque a colega está presente na sala, por exemplo, ela sabe falar da ...eu não sei que lei é essa, eu escuto falar de leis de diretrizes e bases, mas não tenho base no que ela fala.*

P9: *Para mim, a reflexão não é necessariamente um momento isolado do curso profissionalizante, a reflexão é todo momento de nossa vida. Eu preciso saber porque eu sou Maria, quem eu sou e porque escolhi ser enfermeira, ou porque escolhi ser Auxiliar de Enfermagem, isso é que é reflexão maior. Mas na nossa prática profissional a gente tem pessoas que não sabe quem são e a que veio, que de repente se propõe fazer um curso de Auxiliar de Enfermagem, porque passou na rua e viu lá um curso que ele podia pagar, ou que dava para apertar o bolso e pagar, ou então, que um deles viu alguém cuidando de outro alguém doente e ele achou que podia cuidar e aí a gente se reporta à nossa educação de uma forma geral, a gente vê que reflexão em direção a que a gente é, o que a gente veio, o que a gente quer fazer ou o que a gente não quer fazer, não existe na sociedade que a gente vive. Acho que, não discorrendo de você, que a gente precisava de um tempo, mas a gente passa quatro anos fazendo faculdade de Enfermagem, é um tempo considerável, pensando no técnico, né? e a gente sabe que tem gente que consegue entrar e sair da universidade e não encontrar tempo para pensar, pensar no todo, o que essa profissão vai me dar, o que é que eu posso fazer para que eu possa ser um seio de transformação, de mudança, porque quando eu saí da minha universidade, eu tinha claro que eu precisava prestar um serviço à sociedade como enfermeira, porque tinha estudado numa escola pública, porque tinha usado daquele dinheiro para minha formação e porque precisava dar um retorno. Claro que isso era o meio de me sustentar, mas esse não podia ser o único meio de me sustentar, ir lá e fazer de qualquer jeito, mas poderia fazer o que me propus a fazer, acho que essa reflexão é muito maior e acho que mais uma vez bate na Enfermagem, porque a gente cuida de gente, gente que precisa do todo, não precisa ir lá dar banho, não, precisa do todo, o emocional, o social, porque muitas vezes o que a maioria das vezes a gente não está preparada porque a gente não consegue, a gente não tem nem para a gente, né? como que você tira alguma coisa de um saco vazio, não tem como, por mais que vá se esforce. Então, acho que essa reflexão é toda..*

P7: *É legal o que a Cláudia falou, porque eu me pergunto o que eu estou fazendo, este ponto reflexivo. Então, deixe eu falar um pouquinho da minha atuação na busca dessa formação. Na primeira aula é isso. _ Quem sou eu e o que busco ou vivo. É uma aula que gera muita resistência, muito desconforto, porque parar um pouco, quatro horas de aula, um grupo e outro grupo para poder ouvir-se e escutar e daí vem essa casa de formação ética, poder fazer a escuta do outro, eu procuro trazer na aula a escuta psicológica, quer dizer, a postura, a escuta porque é*

difícil, porque quem sou eu assusta muito e o que busco na vida, então... eles perguntam: - Quem, qual foi a segunda pergunta mesmo? Muito difícil de aparecer, de surgir, outra coisa que eu tenho aliás, à busca dessa formação crítico - reflexiva é essa coisa corporal, no sentido de mobilizar as pessoas, como eu vou cuidar do corpo, se o meu corpo é muito mal amado, traído, desconectado e anestesiado. Então, eu tenho feito a duras penas isso que você faz com a gente aqui:- Gente vamos mexer o corpo! Quer dizer, levantar, tirar o sapato, então, sabe vamos levantar, tirar o sapato, é muito difícil, tenho encontrado muita barreira, muita resistência, para poder trazer isso, trazer esse corpo, cuidar um pouco o corpo que vai cuidar do outro corpo. Então o meu enfoque tem sido buscar este caminho, buscar pessoas para essa sensibilização, sensibilizar as pessoas nesse ponto. É a minha forma de contribuir na área e o que a Cláudia fala, gostei de ouvir você falar, porque eu preciso saber quem sou eu e ao mesmo tempo que eu preciso saber isso com o que desconforto que é entrar em contato com isso. – Então, me dê matéria, você vai dar prova? O que vai cair na prova? Você não dá nada em sala de aula. É só isso? Cadê o texto? Então propiciar este momento reflexivo é atravessar barreiras, até...

P6: *...isto cai na prova, então dita, empresta para eu xerocar? Nada preocupado para se absorver no momento, não tem aquela preocupação que se absorve no momento da aula,...*

P7: *...mas é aí que está nosso papel quando a colega lembra disso, quer dizer, eu sou a Maria, porque antes, porque eu trago algumas coisas comigo e alguém colaborou, e a nossa colaboração? Quando você vai desinstalando esses papéis de aluno e buscando este ser profissional mesmo.*

P9: *Eu sempre dou aula de UTI Neonatal e Pediatria. Sempre eu falo que nosso paciente não sabe falar, que as crianças não sabem falar, elas verbalizam de forma diferente, e aí eu pergunto para eles: - Vocês gostariam de serem cuidados desse jeito? Ah! Eu não, eu não, então, eu sempre procuro pegar o que é teórico da minha disciplina e trazer para o que é prático e prestigiar essa parte da dimensão humana, porque se eu não consigo: - Você gosta de ser chamado pelo seu nome? Um exercício que eu faço, antes era mais fácil, porque quando a gente vai chegando a certa idade, a gente perde algumas coisas. Eu gravo o nome de todos os meus alunos, eu chamo todos pelo nome, então, porque lá o paciente precisa ser chamado pelo nome: - Não professora, chame pelo número da chamada, porque todo mundo já sabe o número, eu falei: - Não, eu prefiro saber o seu nome e no final a gente consegue chamar. Agora tem 3 turmas, agora está complicando porque está aumentando.*

P7: *Eu uso crachá, confecciono crachá em sala de aula, faço eles colocarem o nome deles para começar a trabalhar identidade e eles devolvem, colocam o crachá num saquinho pendurado na porta e em cada aula eles vão usar. Porque eu faço questão também de trabalhar com a pessoa.*

P9: *Porque isso colega, quando chegar lá no hospital, já vi enfermeira na enfermaria falar: - Você viu o paciente do 304. Dá uma dor no coração, porque o nome dele não é 304, o nome dele é José, Maria, ...saber porque isso muda...*

P6: *... O que eu mais critico e muitas vezes, às vezes, que estou dando estágio, eu não deixo, falo que abomino para os alunos e falo que certo não pode ser: - A vizinha do leito quatro, ou se não, a gastrectomia do leito C, isto daí eu convivo. Se os funcionários que trabalham comigo, já acostumaram que tem que falar o nome dos pacientes e os alunos aprendem comigo, porque eu coloco os alunos no lugar do paciente ou coloco alguém da família dele no local do paciente: - Olhe, para lá, olhe para o paciente é sua mãe, ela é a gastrectomia do leito. Então, isto daí eu penso muitas vezes, isto é uma coisa que me arrepia de pensar, que as pessoas não tem identidade.*

P9: *Com certeza, depois que ele ouve, na hora que ele chega no hospital, que ele ouve alguém falar assim: - Ah! 403, ah! Nossa ela chamou 403, isso mudou, podia até ser em algum momento que não tivesse nenhum valor. Eu sempre pergunto assim: - Vocês já tiveram internados? Aí, cada um fala que não, outro que sim e o que foi que mais chamou a atenção da Enfermagem, porque é fácil falar o que chamou atenção do médico, da recepcionista, do fisioterapeuta, mas fala da Enfermagem, o que mais incomodou na Enfermagem: - Ela não saber o meu nome. – Você sabe o nome dos pacientes que você cuida? Então, eu acho, não acho tenho certeza que esse feedback que é dado é que vai conseguir mudar alguma coisa, e aí, eu entendo que na educação a gente consiga fazer todo esse processo, porque aí a gente tem que considerar cada aluno individualmente e acredito também que tem alguma coisa dentro de cada um que o outro não pode mudar. Então, por mais que uma colega chegue lá, fale, diga a outra colega fale para mim de obstetrícia e ainda uma outra fale de nutrição, isso tem coisas que ela vai conseguir me ensinar, mas tem coisas que eu vou precisar mudar e este é o grande “Q” da questão, da transformação.*

P7: *Deixa só eu fechar o pensamento dela. Quando você colocando isso, hoje de manhã, nesta sala, eu estava dando fases do desenvolvimento psicológico, então, fase oral, fase anal, fase fálica e é claro via mobilizando tudo aquilo que eu vivo, a experiência que eu vejo no outro, né? e um menino, questionava a pedofilia, porque alguma palavra que eu falo, eles se direcionam com a experiências deles. Então aí começa criar o maior bate-boca em termos da falta de caráter do julgamento do outro, do outro que é o crápula, que é o criminoso, estuprador, e por aí vai, homossexual, o que está sendo pintado da história, então, e como começou a gerar muita polêmica eu escrevi, falei para eles vamos dar um tempo escrevam aí: - “ A humanidade é...” , um trabalhinho que fizeram uma vez e coloquem tudo que vocês estão sentindo em função da humanidade. Escreveram , escrevera,, escrevera,, e daí falei risca a humanidade e escreva em cima “Eu sou ...” e lê o que vocês escreveram, e o pessoal fica muito bravo comigo, então fechando aquilo que você está trazendo, esta coisa de colocar no lugar e tudo mais são muitas coisas que temos que quebrar, inclusive toda essa projeção de que o inferno são os outros. Então, sabe tem hora que eu não fico a pessoa mais simpática da sala e nem a pessoa mais querida, mas acaba de alguma forma ajudando nessa reflexão, mais reflexivo, sair dessa coisa mais genérica, do julgamento, da avaliação, porque fica no esteriótipo né? Quer dizer, se a sala de aula pudesse quebrar esteriótipos, ou ajudar as pessoas a rever esteriótipos seria interessante para a formação, porque a saúde carrega muito esteriótipo, inclusive da doença como coisa do tratamento de sintomas quer dizer, tem muita coisa da Enfermagem que ainda está dentro de um velho modelo de saúde, que o novo não se estabelece e trabalhar a formação no sentido de que o aluno perceba que ele é um componente do fator de uma daquela pessoa, o cuidado com o nome, com a atenção, que eu possa dar, faz de mim um componente de cura, trazer isso para poder se colocar no lugar do outro tem que quebrar algumas coisas e aí, que eu vou somando essas informações que vão trazendo e falo então, está tendo informações sim, eu acho que não fica a “Deus dará” não, cada um, nós somadas, eu acho que a gente contribui legal.*

P9: *Toda reunião dos semestres, agora é mais freqüente, porque agora nós temos um grupo maior na escola e eu peguei mais aulas e vejo que é maior e quando eu vejo aquele professor que é extremamente técnico, eu fico me questionando que na minha parte técnica não faltou alguma coisa, porque eu me preocupo muito com o geral da formação do aluno. Então, eu não estou incomodado se ele sabe puncionar veia, não vou ensinar ele puncionar veia de recém-nascido, isso ele vai aprender lá na prática, eu preciso ensinar ele como cuidar do recém-nascido, o meu enfoque é maior então chega ... Uma vez chegou um colega enfermeiro que ele falou assim no conselho que ele não deixava nem o aluno falar, que ele metia conteúdo, prática dentro da UTI e aí todo mundo riu assim, e aí numa hora eu falei assim:- Mas esses alunos reclamam da situação de ser um grupo grande? Ele falou assim:- Os meus não reclamam. Aí eu brincando falei assim para ele:- Você não dá tempo, você não deixa! Porque quando você impõe para o aluno vamos fazer um curativo X X X você não deixa ele falar, não deixa ele refletir o que é aquele curativo o que é o paciente, e ele não consegue verbalizar a situação que ele está vivendo. O importante é eu fazer um curativo e não passar a manhã inteira fazendo curativo, porque aquele um tem que ter um fundamento importante, uma absorção importante do que é , do que é o curativo, do que é o paciente, do que é aquela ferida e não fazer trezentos curativos, então poder deixar o aluno falar. Então, quando eu vejo essas situações, eu me preocupo, não que eu seja mais completa, mas eu me preocupo com um aspecto que eu entendo que é importante.*

5ª PERGUNTA

- **Será que juntas as escolas de Ensino Médio de Enfermagem podem encontrar formas adequadas para a implementação de atividades que privilegiem a dimensão humana? O que podemos fazer?**

ESCOLA A

P3: *Acho a sua proposta maravilhosa, concordo, acho que quanto mais você interage mais se conversa, você tem chance de crescer, de aprender essa implementação que privilegia a dimensão humana. Eu lembro quando a gente fazia encontros, disputas de jogos, de cursos de Enfermagem. Cria um elo, uma disputa, uma união muito grande, seja pelo motivo esportivo, seja pelo motivo de aprendizagem. Ele forma? Para a gente melhorar. Eu acho que juntos, a gente tem chance de melhora. Agora existe problemas que eu vejo, pode até ser chamado de comodismo, mais é a disponibilidade, hoje todo mundo corre tanto que procura fazer a sua parte. Isto exige desprendimento extra e que envolve muito tempo para você organizar uma atividade conjunta, mas que ela é válida, que quando acontece a experiência é muito grande. É a mesma coisa que um mestrado, a hora que você está fazendo você fica feliz, mas não é fácil. Você se prende muito mais que às 24 horas . Eu acho que o caminho você faz . Acho que a saída é aumentar os contatos, os encontros.*

P1: *Eu tenho relato de alguns grupos que tiveram esta iniciativa e todos eles aconteceram exatamente isto que a colega colocou. De repente, o grupo vai se desunindo, vai perdendo a força , porque os componentes do grupo vão perdendo a disponibilidade, aí a gente começa a se perguntar mesmo se está faltando motivação, vamos continuar*

este tipo de discussão. *Eu acho que rola também, porque se a instituição disser para você que tem uma semana para ir em outro lugar com as outras escolas, você estará disponível para esse encontro e te passar a competência para estar falando pela escola, negociando pela escola, discutindo pela escola. Você está disponível para aquilo, o problema é que, às vezes, para a instituição isso não é importante, esse conceito de reunião passa mais pelo conceito de lazer. As enfermeiras vão se reunir para conversar, acho que é uma certa falta de estímulo da instituição incentivar quem está a fim de rever algum conteúdo, como melhorar as implantações das que privilegiem a dimensão humana, dá para fazer, até que dá, mas a instituição tem que dar força. Há instituições que não permitem que enfermeiros vá à Congressos, uma colega que não conseguiu ir ao congresso por não ter sido liberada, porque a instituição não permite isso. É uma atividade, uma tarefa que ela exerce, é a oportunidade dela estar trazendo uma melhora da qualidade do curso participando de um congresso que vai dar para ela uma atualização. Eu acho que a gente é responsável por isso mesmo. A gente estar se encontrando discutindo os nossos conteúdos, as nossas disciplinas, como é que a gente faz, como é que pode estar privilegiando a dimensão humana, a humanização do cuidado, é discutindo mesmo, agora tem que ter força da instituição, porque se tiver uma disponibilidade a mais, a Enfermagem já deixou um pouco aquela coisa de idealismo de fazer as coisas por... graças a Deus. Eu acho que a gente está se profissionalizando mais, esse profissional mesmo, nessa iniciativa, do reconhecimento, porque tem apoio para fazer isso, seria o ideal mesmo, estar promovendo grandes encontros, eventos periódicos, freqüentes, para estar reavaliando o que a gente está fazendo, se está levando mesmo a humanização no cuidado de Enfermagem. Eu acho, que talvez a primeira discussão seja a nossa, o que é para cada um a dimensão humana, porque para mim pode ser pintar a enfermaria de pediatria de cor de rosa, é ampla a discussão até chegar nesse ponto, vai um tempo.*

P5: *Eu acho que como as colegas falaram, o primeiro ponto é disponibilidade, é assim, vamos nos reunir para discutir a dimensão humana. Vem poucos, muitas tarefas para fazer. Tem sempre aquela que diz: - Eu não gosto de falar sobre isso, ah! Até, aí é obrigado, aí vai todo mundo, Ah! Ninguém quer, aí vem 2, 3, nenhum, né? O pessoal realmente não pára para conversar, para falar da importância disso, acha que isso é jogar conversa fora, isso é nas escolas de modo geral. Importante é falar sobre currículo, técnica, mas a importância dessa formação humana, não é muito levado em consideração e eu acho que um jeito de fazer isso, primeiramente, é conscientizar com o corpo docente de cada escola dessa importância com reuniões, com conversas, com reuniões nesses grupos e depois encontros com outras instituições para estar tentando melhorar.*

P4: *Eu também acho muito importante isso. Até na reunião passada eu falei que deveria existir esse intercâmbio nosso. Eu acho a minha escola melhor, ou acha a escola dele melhor, se deixa de lado a fogueira das vaidades e que precisa melhorar, o benefício vai ser para a classe, a gente está falando do ensino médio de Enfermagem, a gente está falando da classe da Enfermagem; se isso for positivo, vai refletir em todo o corpo de Enfermagem, no enfermeiro, no técnico, no auxiliar. Então, eu acho neste espaço que a gente se despe de todas as vaidades, achar que a gente necessita, precisa disso e tentar entender se a minha escola é a melhor numa área, o que eu posso acrescentar para a sua? O que nós podemos trocar de currículo, trocar de experiência? Daí você começa a discussão, porque se existir a idéia de que eu acho a minha melhor, é importante se reunir por isso vai ser um benefício, não só para a escola, mas para a classe em geral.*

P3: *Um comentário que as pessoas fazem:- Por que vocês não escrevem o que vocês fazem? Tem muito pouca pesquisa na área de ensino médio. Você começa a pesquisar e não acha diferença do enfermeiro. Isto também é uma forma da gente se reunir, se unir. Quanta experiência a gente não leva junto embora, leva para a aposentadoria. O enfermeiro precisa se despir dessa vaidade, ser mais cuidadoso, se posicionando mais, criando mais.*

Todas concordaram que existem poucos trabalhos científicos sobre o ensino médio de Enfermagem e se quisermos mudar alguma coisa temos que começar com a maioria da categoria que é formada de auxiliares e técnicos de Enfermagem.

ESCOLA B

P8: *Eu acho que a colega concluiu ali, ela colocou, nós já estamos fazendo, o que eu vejo também e o que a outra colega estava colocando também, nas reuniões de professores a gente vê que da parte dos professores 99% estão fazendo a sua parte. Eu tenho plena consciência dos colegas, mas eu vejo como escolas elas são empresas, não são, eu não vejo por parte das escolas essa implementação, eu vejo a visão delas é empresarial, agora dos colegas, os colegas batalham para isso, muitas vezes alguns morrem na praia, acabam saindo para outras coisas porque não*

concordam com esse tipo de postura e gostam muito. Eu tenho colega que ama de paixão lecionar, mas não vai mais porque realmente ele não pode fazer a paixão que ele tem, que é realmente trabalhar um contexto holístico. Então da nossa parte eu estou vendo isso, mas da empresa não.

P9: *Eu também concordo com a colega, que hoje o que o empresarial, o lucro é uma coisa muito predominante em relação às escolas, não só na Enfermagem, mas de uma forma geral, mas eu acredito que o que a gente precisa mudar é quem está lá coordenando essa escola, quem está trabalhando como os professores. Então até concordo que em algum momento quem coordena tem que falar a língua de quem é o dono da escola, mas quem coordena não pode perder a visão do todo, porque se não quem coordena fica lá cobrando horário, quem coordena fica lá anotando coisas que não tem valor para o que é essência. Então, eu acho que a gente precisa ter coordenadores que saibam driblar isso aí, porque fácil não é para mim, não é para quem não é educador, não é fácil para a profissão nenhuma, mas a gente precisa ter um olhar crítico para que a gente possa não só visar o lucro, de ter salas cheias, lotadas, mas a gente possa acima de tudo ter um compromisso com a educação. Acho que quando quem está lá na frente conseguir ver isso, acho que é a coisa vai melhorar, e é o que a colega falou, aí o professor vai fazer a parte dele somada com a escola, que parece que uma coisa separada, o professor, então a professora vem aqui dá uma aula, dela, então se ela deu dez aulas no mês, então está bom, vou pagar suas dez aulas e não vou me importar com as aulas que ela está dando, agora se você sair 15 minutos antes aí eu vou ter que colocar lá para você ganhar menos que 15 minutos da sua aula, eu acho que a gente tem que perder esta mentalidade, né? Que é uma coisa que prolifera, porque a gente vive num país capitalista.*

P7: *Mas com outra... um outro país que já ocupa lugar, a gente é que mude a coisa, não é? E que a gente possa ter condições de passar por cima desses “puxões de orelha” que ... e não fazer confronto com isso, eu escolhi não fazer confronto, tá no papel de puxar a orelha, pode puxar, doeu, doeu, doeu, mas eu vou respeitar o que está me pedindo, porque afinal de contas tem algumas coisas respeitáveis, mas isso não vai tirar meu brilho, não vai tirar minha consciência do que eu estou fazendo, isso não vai mover coisas, o meu valor. Então se a gente consegue passar, atravessar essas coisas pequenas, porque nós somos a força e se a gente está forte, está unido, se sente amparado, se nós nos ampararmos a gente faz diferença com essas pequenas coisas, porque se cada um de nós for parar nesses espaços mal resolvidos, nada anda. Então se a gente tiver a sabedoria de passar por estas coisas, passar pela direção escola, pela administração da escola, mas que isso nada seja barreira para que a gente desempenhe nosso papel e isso só se a gente estiver unido, porque um só não vai conseguir muita coisa, mas se a gente mantém essa união que existe aqui, eu sinto assim, eu sou da psicologia e me sinto muito acolhida com vocês todos. Então, se isto for mantido, se a gente for trabalhando isso, eu acredito que nós vamos criando uma coisa nova e as coisas automaticamente sofrem mudanças, porque a força vai se estabelecendo, eu acredito no sutil, eu não acredito no confronto, tem que ser, vamos lá, preciso.....eu não acredito nessa coisa, eu acredito que se nos.....nós estamos comungando coisas muito importantes, pelo menos para mim aqui. Então, eu sinto que a gente se une, quer dizer eu não te conhecia, não conhecia algumas professoras, isto forma uma força, tem um bloco de trabalho, tem uma coisa que a gente vai estar fazendo juntos e sabe que uma está fazendo e que a outra também. Isso gera força, eu acredito que uma hora a escola, não é que a escola precisa pensar, uma hora isso está pronto e vem porque nós somos a força entendeu? Eu vejo muito isso acontecer.*

P6: *Eu acho que as escolas tem que começar a trabalhar não só com a base dos alunos, com atividades ou aula, alguma coisa assim, mas ficar também com a complementação, trabalhar com o grupo de professores, entendeu? Em reunião, como fizemos aqui, de repente fazer com grupo de professores também, isso vai privilegiar muito a gente. As escolas preocuparem-se tanto com os alunos como com os professores, mas para a gente conseguir com os alunos tem que iniciar o que realmente nós aqui na global temos bastante. Aqueles 15 minutos de bate-papo que cada um vai troca uma idéia, troca idéia de alunos, poderia ser já uma coisa estabelecida. Acho que completando bem aquela sua fala, principalmente o que a gente vai fazer, deveria incrementar mais isso, trabalhar com o grupo de docentes e discentes, mas primeiro com os docentes.*

O grupo de início ao fim esteve tranqüilo, todos participaram sempre em concordância com a colega; era evidente a atitude reflexiva de cada uma.

ENTREVISTA COM AS COORDENADORAS

3ª PERTUNTA

- Como responsável Técnico do Curso Técnico de Enfermagem, quais as mudanças ocorridas nesta instituição que você considera avanço para a formação do profissional de Enfermagem?

CA- Nosso objetivo de avanço e a, o principal agora é a humanização, é nesse foco que nós estamos assim centrando todas as nossas atenções. Porque a gente foi percebendo no andar da nossa vivência que não dava para continuar sem mudar. E como mudar? Formando pessoas melhor, porque quem está lá dificilmente se modifica. Então é o que eu sempre falo para os meus alunos, a única maneira da gente mudar o comportamento das pessoas é através da educação, não existe outra maneira, e é na formação que a gente consegue formar um bom alicerce que aí o telhado vai sustentar, vai poder abrigar, porque se não consegue mesmo e até essa tentativa de melhorar já o que está no mercado de trabalho. Nós estamos tendo uma experiência boa com o curso de complementação técnica, que a gente trabalha com os auxiliares e a gente está tendo experiências boas, mas o produto final do técnico que a gente forma aqui é melhor, do que o auxiliar que a gente complementa. Por mais que a gente tente é difícil, mas é o que a gente está conseguindo para tentar contribuir com a melhoria, porque está muito ruim. Há uns vinte dias, que um sobrinho sofreu um acidente, fez uma fratura de fêmur, com treze anos, uma criança normal, jogando basquete e quando a gente fez a radiografia ele tinha uma mancha óssea muito grande que era compatível com tumor. Ai, foi aquele desespero. Quem é o estio da família, nessa hora, para poder correr atrás e fazer as coisas? É a lá fui eu, até nem me foi pedido, mas eu é quem vou mesmo e assustei. Era um câncer ósseo e eu não tinha coragem de falar isso para ninguém. Eu só conversei com a equipe e fiquei junto na cirurgia, fez a biópsia. Ai, o laboratório fez o favor de ligar para buscar o exame, mas a funcionária levou para o hospital, e esse exame se perdeu e eu não podia falar para ninguém porque se fosse, a gente ia ter que aceitar, mas se não fosse seria um sofrimento imenso desnecessário para o meu irmão, minha cunhada e meus pais. Esse exame se perde quando fica pronto. E vai num lugar não está, vai em outro, não está, mas assim sem o menor trato, sem o menor cuidado em se tratar, até que ontem à tarde eu explodi, eu falei para a funcionária, você sabe o que significa suspeita de câncer ósseo numa criança de treze anos para uma família? Você sabe a dimensão exata do que a minha família está passando? Você consegue imaginar o quanto minha mãe está chorando, quanto meu irmão está desesperado com essa suspeita? E você vem me dizer que o resultado do exame se perdeu e que ninguém sabe onde está? A gente chega num ponto que a gente tem que mostrar a ferida para que as pessoas olhem para a gente, olha que a situação. Quando minha mãe foi conversar com o médico, não estava marcada a consulta no hospital, meu irmão não tem convênio médico, ele foi pelo SUS, está marcada a consulta para dia 24 e Sra. só vai poder ser atendida no dia 24. Minha mãe chorando com toda aquela carga emocional da suspeita desse diagnóstico, porque quando ficou pronto o exame eu tive que falar que foi feito biópsia, que até então eu estava segurando, mas veja a frieza das pessoas em relação ao sentimento.. Então este foi um exemplo que aconteceu comigo e que me tocou mais, mas isso está acontecendo por todos os segundos do dia em todos os lugares do mundo e é por isso que a gente está mesmo trabalhando muito este tema com o aluno, desde o começo para despertar este sentimento entre eles, fazendo terapia do abraço, nas primeiras aulas, para que eles possam enxergar o colega como um ser humano e não como uma pessoa que disputou uma vaga com ele, então, esse é nosso foco agora e nós estamos trabalhando em todas as disciplinas, até porque já está se trabalhando com grade diferente, então o grupo de alunos do 3º ano não tem a mesma carga horária que o 1º e 2º estão tendo. Então a gente está humanizando todas as disciplinas e no momento é nosso foco principal, mas a gente ainda tem o pezinho no tecnicismo até porque a gente foi formada nessa linha, mas a gente está tentando passar essa linha e ficar na,não que não deva ser respeitado, eu acho que a técnica tem que ser respeitada, ela tem que ser, mas existem maneiras de você usar a técnica e de você usar a técnica, né? Não precisa ser só técnica, eu não posso mudar o meu esquema, porque é o paciente que tem que se adaptar à técnica, né? Só para terminar a história, o resultado não foi neoplasia, e deu uma má formação óssea e um segmento do osso e não na medula e por isso é que fez uma fratura patológica. Até o acesso era muito vascularizado, na hora que começou a cortar os tecidos, teve um sangramento que levou a pensar em neoplasia.

CB- Eu sempre procuro fazer reunião com os professores para ver, eu trabalho sozinha na coordenação, mas que nem eu digo para os professores eu não posso trabalhar sozinha na coordenação, eu preciso que me ajude, eu não gosto de tomar as decisões sozinha e nem que for uma mudança de conteúdo programático, entendeu! Eu reuno os professores, a gente conversa, vamos montar uma nova apostila, ou vamos decidir o caso de um aluno, o que a gente vai fazer, vai considerar, como vai considerar aquela avaliação do aluno, como ele foi no estágio, como está a parte técnica dele, eu sempre recorro aos professores que estão me ajudando na situação. Eu acho, que isso que tem que ser, né!, ah! Eu acho que toda mudança que faço dentro da escola, eu envolvo os professores e levo até os alunos, eu acho que isso, eu creio que tem bom resultado depois, eu acho que isso é bom, foi bom para a escola ter mudado de

local e eu me sinto gratificada, quando vejo que alguma coisa eu montei, sugeri e levei para os professores e os professores ficam animados, fazem, a gente trabalha ...nós fazemos., No ano passado não fizemos, mas a gente leva os alunos para fazer seminário fora da escola, o que a gente fazia muito na Escola de Cadetes, a gente fazia uma oficina, eles forneciam o espaço para a gente e tinham professores daqui que são de lá e a gente trabalhava com anatomia, primeiros socorros e nós trabalhamos todo ano na campanha de hipertensão. O ano passado a gente também trabalhou, este é o 3º ano que a gente trabalha na campanha de hipertensão. Neste dia, eu “bolo” ponho os alunos na rua para a gente ... isso a gente não faz sozinha, faz junto com a Sociedade de Medicina, que é o médico da UNICAMP que chamou a gente para estar trabalhando. Tudo que tem de fora, que envolve os alunos, eu gosto, sabe, eu acho que isso é bom para os alunos, eu envolvo ao máximo os alunos, pois tem alunos que reclamam, né! Ah! Mas eu vou ficar o dia inteiro no sol, então leva para outro lado, você vai estar verificando a pressão, isso vai ser bom para você, para seu aprendizado, você vai estar lidando com pessoas que é isso que você tem que fazer, é lidar com as pessoas, e lidar com as pessoas na rua que é um fato diferente, que é trabalhar no hospital ou no centro de saúde.

4ª PERGUNTA

- O que você entende por dimensão humana na formação dos alunos de enfermagem?

CA- Acredito já ter respondido na pergunta anterior.

CB- Bom, é acho que tudo que se faz para a melhoria da pessoa humana, não só o comportamento dela intelectual ou a parte de a maneira dela ser, não sei bem, é que na verdade ... falar sobre dimensão humana não é alguma coisa assim tão simples, o que você entende sobre dimensão humana, falar sobre isso é uma coisa muito complexa, e não dá para você falar em poucas palavras, né!, logicamente o relacionamento humano, o comportamento do ser humano, tem que contar para a formação, porque desde a hora que a gente avalia o aluno, quando ele vem do estágio, quando faz uma prova teórica, a gente tem que avaliar ele como um todo, não avaliar ele como um aluno, o porquê realmente ele faltou. Um exemplo de uma menina que, hoje me procurou, fazendo um requerimento, quando um aluno falta na prova, ele tem uma segunda chamada e ele paga, tá! Então, ela queria ficar isenta dessa taxa, então o aluno vem conversar comigo e eu quero a justificativa do aluno, a justificativa, era: Eu não tinha dinheiro para vir, eu faltei a semana passada inteira, mas eu sei que só pode trazer atestado para isentar dessa taxa e com é que eu faço, eu posso arranjar um atestado, quer dizer, não é isso exatamente, eu deveria ter arrumado um atestado. Isso dói no meu ouvido, dói no ouvido de uma pessoa mais sensível, vai doer, né! Ou se não vai dizer, para enganar, mas ela está sendo sincera com a situação dela, ela poderia, mas não arrumou o atestado e veio falar a verdade, entendeu? Se eu não olhar ela com outros olhos e dizer assim, não, não, não tem jeito, a regra é essa, com atestado, acabou e fim de papo, se você não tem dinheiro, o problema é seu, o que você vem fazer aqui na escola. Na verdade, não é bem isso, né! Então desde essa ordem, esse fato que aconteceu com ela, tento estar olhando o outro lado do aluno, o lado humano. Porque ele errou, porque ele não errou, porque faltou, porque deixou de faltar, porque ele foi mal na prova, ou porque ele colou, né! Às vezes, chega na sala e fala assim:- Eu coleí, mas acontece que eu não queria colar, mas não sei o que e começa a chorar, né! Aí, você mais uma vez tem que trabalhar o lado psicológico da pessoa, não simplesmente você está com zero e acabou, porque você foi colar, então eu sempre tento trabalhar essa fala e tento conversar sempre com os professores. Que nem chegou uma professora na minha sala e falou assim: - A prova está horrível, Lúcia, vamos, você concorda comigo em tirar um ponto. Eu falei assim:- Eu concordo. Você dá algum castigo para o aluno, uma nota é o único jeito, mas depois de estar conversando com ele a respeito disso, dizendo que não pode acontecer isso de novo, que a prova parecia um lixo, sabe, então é um papel, um documento. Então, tudo a gente tenta trabalhar na formação do aluno, levando o lado humano do aluno que é o sentido de, o porquê que você fez isso, tentar trabalhar o lado psicológico dele, o lado, porque ele chora, porque ele ri, porque ele...

5ª PERGUNTA

- A equipe de professores que trabalha com você demonstra interesse e preocupação com os aspectos que envolvem a dimensão humana na realização das atividades teóricas e/ou práticas? Em quais atividades este fato pode ser detectado concretamente? Disciplina? Atividades extracurriculares? Estágios?

CA- A equipe de professores que trabalham no nosso curso, graças a Deus pensa da mesma maneira. No início até pela própria formação dos professores que nos temos, professores que estão a mais tempo na vida profissional,

professores mais jovens, foi assim, discutimos muito, mais hoje a gente trabalha de uma forma bem parecida, porque todos nós estamos enxergando os objetivos, enxergando a nossa meta, onde é que nós vamos chegar, para ... onde é que a gente quer chegar com esse objetivo principal que é agora a humanização. As atividades que esse fato pode ser detectado concretamente, eu acho que dentro de todas as disciplinas o enfoque que é dado para essa parte humana, mesmo essa disciplina que a gente introduziu que a ética era parte do conteúdo de Introdução de Enfermagem e que agora a gente transformou em disciplina que acompanham o curso nos três anos. A Psicologia também, então todo o conteúdo programático da Psicologia é o que tem de mais forte, e o que está mais visível. Acho que é até interessante você conversar com a professora de Psicologia que ela vai te mostrar dentro da programação, as técnicas que ela utiliza. É fantástica a maneira como ela trabalha, ela tem técnicas, ela inicia a disciplina conhecendo o aluno que ela faz o curtograma. Não sei se você conhece esta técnica, é uma folha que divide em quatro, ela põe o que eu curto e não faço e o que não faço mais eu curto e o aluno responde e ela guarda e compara com o aluno depois na saída para ver no que ele mudou. Então eles discutem muito, ela conhece, ela põe o aluno para conhecer o colega, que é através da terapia do abraço que ela desenvolve bem, é muito interessante, vale a pena você conversar. Esta disciplina em todos os anos, mas a gente colocou a partir desse ano de 2002, disciplinas já específicas para trabalhar mesmo esse conteúdo, isso não quer dizer que nós vamos deixar de ter essa abordagem nas outras áreas. Atividades extracurriculares, nós procuramos atender as solicitações da comunidade, sempre que possível. Esse ano por a gente ter colocado uma carga maior de Introdução de Enfermagem com separação de hora de estágio não hospitalar, porque o aluno não tem 16 anos no primeiro ano do curso, nós vamos resgatar a assistência em asilos, que a gente tinha há um tempo atrás. É o primeiro contato que o aluno tem com o cuidar, a gente perdeu esse contato por algum tempo por causa mesmo da carga horária que não dava, era muito pequena, a gente trabalhava em horário extra, a gente combinava com os alunos e eles iam aos sábados para fazer esse tipo de assistência em casas de crianças, no asilo para esse primeiro cuidar, que esse ano a gente está resgatando dentro do espaço mesmo do horário de estudo do aluno. Em estágios, a abordagem em torno de todas as áreas de estágio, desde a recepção do paciente na recepção da sala de cirurgia do Centro Cirúrgico, a abordagem humana é o que a gente está não valorizando é como checando mesmo. Nós temos um tema de estudo que é cidadania, nós temos uma disciplina que é Ética e Cidadania, esse aluno do primeiro ano tem Ética e Cidadania e a Ética Profissional. Então, na Ética e Cidadania ele vai ver os aspectos éticos do cidadão, do homem e não profissional, a parte profissional é dada na Ética Profissional, embora estejam muito juntos e até a gente colocou a mesma professora, para ter essa visão do homem como cidadão, do homem como profissional, que é o mesmo homem, então embora a gente tenha assim diferenças de tópicos a serem abordados, mas no final é o mesmo homem que vai ser colocado.

Uma das coisas riquíssimas da nossa escola é a “SEMANA DE ARTE”², este ano estamos já na 7ª versão, então, não é do Departamento de Enfermagem, quem organiza, é o ensino médio, todos participam. A abertura, vai ser dia 25/04. Os alunos agora estão preparando os trabalhos, esses trabalhos vão ser classificados, vão ser expostos e depois eles vão ser votados, o melhor trabalho, se você vier, você não acredita no que são trabalhos de alunos de 15/16 anos, são magníficos. Tem fotografia, pintura, música, é uma coisa muito bonita e une, porque eles fazem as apresentações de música, teatro e agora estão na movimentação. Eles estão fotografando coisas no campus, porque tem que ser voltado para nossa área de trabalho para nossa comunidade, tudo tem que acontecer aqui dentro e como agora dia 25/04 o colégio comemora 35 anos, dentro das festividades vai ter o “SEMANA DE ARTES”.

CB- *Nem todos os professores que eu tenho por aqui mantém assim vínculo, tem os professores que mantém estágio, que tem uma época que eu tenho que contratar muitos professores, então eles vêm para dar estágio específico e então ele só vai voltar daqui não sei quanto tempo para dar o estágio novamente. Às vezes, nem é mais ele porque não achei ele e achei um outro e tal, mas a gente mantém um grupo de professores que são antigos dentro da escola, entendeu, com esses professores que a gente mantém mais tempo juntos, posso dizer que realmente na verdade eu penso assim, é como você estava falando será que ele pensa como eu? Será que elas estão aqui por dinheiro ou para trabalhar junto comigo na formação do aluno? Porque se eu vejo a pessoa e que ela não está querendo, não está querendo, está aqui como um bico, na verdade, muitos vão tratar dessa forma, eu estou precisando de dinheiro, será que você pode arrumar umas aulas para mim? Entendeu? Então eu já sei por onde eu vou começar por ele, tudo bem, eu posso até arrumar estágio para ele, mas se ele não trabalhar na formação, eu gostaria que ele trabalhasse, então ele não vai ter continuidade aqui, eu vou simplesmente deixar de chamar ele, entendeu? Porque da mesma forma que ajudei ele né! A situação que ele estava precisando de um emprego por causa de dinheiro, ele tem que ajudar na formação do aluno, não é simplesmente vir aqui, assinar seu livro ponto, dar aula, ou vai no estágio, volta e tudo bem. Eu nunca tive problema com professores que não quisessem trabalhar,*

² Modificamos o título original para “Semana de Artes” para não explicitar o nome da escola.

que não quisessem estar trabalhando de um modo mais interessado, aliás, até tive professores, essas pessoas eu prefiro afastar e não contratá-las de volta. Os professores-enfermeiros que querem manter os vínculos, que se preocupa com a formação. Então eu mantenho eles, então tenho bons professores que gostam realmente de se preocupar com o aluno, tem outros que, isso vai da pessoa e do profissional da pessoa. Tem alguns que vão ficar e alguns que não, depende disso, se eles estão preocupados com a educação ou não, se eles não estão preocupados não vão continuar trabalhando. Percebo quando com tudo isso e quando eles faltam reuniões, sempre faço reuniões antes de estágios, durante a teoria, entendeu? Então eu vejo que ele não está ligado ao compromisso, não está tendo compromisso. Eu vejo que esse professor está apenas cumprindo um horário. Porque as reuniões de meio de estágio e meio bloco de estágio, eu faço uma reunião para a gente estar discutindo o aluno. Quando o professor recebe a escala, ele já sabe o dia e a hora da reunião e ele falta no dia da reunião. Se ele não me deu um motivo, só faltou porque tem um motivo, olha eu não posso porque eu não conheço o professor, eu sei que ele não veio porque não pode, agora tem uns professores que faltam, não tem uma justificativa, ou então arrumou alguma coisa para fazer no dia da reunião e se tivesse estágio, não teria faltado? - Ele faltou da reunião, porque marcou alguma consulta, ele não está ligado, não é uma pessoa que está se preocupando e na hora que estamos reunidos e falamos de um aluno, ele está pouco interessado então não tive problemas. Não se envolve, é um professor que não está querendo se envolver, então acabou o estágio dela e acabou. Nós fizemos a modificação da legislação, então eu chamei os professores para estar conversando sobre isso, é obvio, claro que tem uns professores que falam assim:- Oh! Eu posso montar esta apostila, posso revisar aquela, então você vê que a pessoa está interessada, só porque, tipo assim, eu vou montar apostila, porque vou ganhar dinheiro. Eu concordo que o professor tem que ganhar, afinal ele vai trabalhar para a escola, ele vai ganhar conhecimento, mais vai trabalhar pela escola, acho justo ele ganhar, eu não concordo se ele está lá só para ganhar, você vê logo na pessoa que ela está ali para se envolver com outra coisa, né!, Ai, fica complicado trabalhar com pessoas, que não estão a fim de trabalhar junto.

Quanto as atividade extracurriculares que às vezes acontecem quando a gente faz a campanha de hipertensão, fica um professor para cada grupo de aluno, a gente fica em vários pontos. É a hora que você fala para o professor tem atividade assim, assim, vamos? Ele fala: - Ah! Nesse dia eu não posso. Eu vejo que ele não está a fim. - Ah não! Se fosse aqui tudo bem, mas lá fora não vou não. Ou então a situação que os alunos estavam querendo participar da campanha do controle de câncer de colo de útero. Eles foram aos sábado no Centro de Saúde. A professora falou: - Eu posso levar os alunos. Entendeu? Ela está comprometida. São os alunos que fazem estágio à noite, então a gente procura que os alunos que fazem estágio à noite, participar de campanha durante o dia e só pode ser de sábado, isso é bom para eles porque eles não vêem essas coisas à noite. A noite o estágio só funciona até às 21:00horas e a procura é muito pouca. Eles não podem deixar de ir ao campo porque vão deixar de conhecer a área, então eles complementam durante o dia na campanha, com atividades assim para participar. Como sábado agora (passado) eles participaram da campanha de colo de útero e agora dia 03/05 começa a de idosos e você vê a diferença de um professor para outro: - Eu posso ir e não tem problema nenhum, olha os alunos estão interessados, eu posso estar levando. Porque já teve caso assim: - Oh! Eu não vou não, no Sábado? Entendeu? Tudo bem às vezes, a pessoa tem criança, eu não vou achar que ela está desinteressada, mas dá para se ver se está a fim o não, comprometido ou não.

6ª PERGUNTA

- **Como você entende e interpreta alguns termos utilizados na nova Lei de Diretrizes e Bases: Formação crítico-reflexiva e competência profissional?**

CA- Quanto às competências profissionais, no nosso a gente colocou o que é que a gente vê como competência até para direcionar as competências que estão lá, para que sejam melhor entendidas.

CB- Olha, não foi fácil a gente montar um novo plano de curso, para mim principalmente, eu não acompanhei toda a fase de mudança, onde começou aparecer as coisas para estar lendo, teve palestras, seminários, a ABEN fez reuniões, eu estava fora, estava nos EUA, então a diretora que estava com a gente que começou acompanhar, ela saiu, entendeu? Então, eu senti uma dificuldade porque peguei, era uma pessoa tão próxima a isso, e por ter passado um tempo fora do país fiquei longe. Então aquilo, eu não me sentia bem, eu era próxima e não era mais, perdi o fio da meada, então, não foi fácil para mim estar montando junto com a diretora em estar vendo este lado, que tem que ter um lado crítico e reflexivo na formação do aluno, isso a gente sempre... Na verdade, a gente sempre trabalha para isso, isso não é de agora, na verdade criou-se isso de uma forma mais, mas isso não é novo isso é velho, um tipo de situação assim, com eu falo na escola: - Gente, o aluno tem que saber formar sua idéia, expor sua idéia, não assim. Tem aluno que confunde a crítica com reclamação, então sempre converso com os professores que

saber escutar o aluno e saber fazer ele entender que ele tem que argumentar a própria crítica dele, aí ele tem que refletir sobre isso né!. A gente trabalha muito isso, não só nas aulas de Ética, mas procura estar trabalhando isso em todas as disciplinas que tem que ter um senso comum, uma reflexão. Acho que em todas elas tem que ter, na verdade é isso. Com respeito a competência profissional, logicamente isso também, isso vem se passar no papel, porque a competência legal, competência profissional tem que, não estou sabendo falar... é....Ah! sim a competência foi colocada no papel, mas se trabalha, exercer de uma maneira assim metódica, tem que ser assim, assim, assim, não pode ser assim, é lógico que é importante para você saber o que tem ser e não que você tem que ser o robzinho. Ah! Eu tenho que ser disciplinado, eu tenho que saber as terminologias, eu tenho que saber como ter uma ética profissional, a postura. Eles, MEC, Delegacia de Ensino, não julgam o que você está dando, a carga horária e nem o que você colocou nas habilidades, o que vai ser desenvolvido, de competência que não tem, isso eles não olham, porque é muito específico, acho que até eles não entendem, por isso é que eles nem se envolvem, eu acho que dentro da educação teria que existir uma pessoa. Por que não existe uma enfermeira pedagoga lá dentro para poder avaliar isso tudo? É porque eles só vão falar que tem que estar de acordo com a resolução nº tal, parecer nº tal, você tem que fazer isso, escrever assim, aí você escreve, para eles está ótimo, tem uma continuidade, não é que eu esteja querendo criticar as supervisoras, a diretora de ensino, alguma coisa assim, mas eu acho que elas tinham que se envolver mais. Aqui na escola a gente sente muita dificuldade, tem alguma coisa para estar resolvendo mesmo na montagem do plano, elas poderiam ajudar a gente, quem poderia estar ajudando é uma pessoa de uma outra escola, entendeu? Elas não têm, por falta de conhecimento, de estudo, como trabalhar com o curso profissionalizante, elas só estão ligadas às leis, só fala assim: - Você faz assim, assim, assado, você escreve assim, assim, assado, mas não fala assim: - Olha, o que é melhor você trabalhar com o aluno na hora que ele for para o estágio. Se ele tem medo, de maneira nenhuma isso é discutido, se você quer reprovar o aluno, também você quer seguir aquilo que está escrito no seu papel, se seu regimento, se não está fora, você tem que aprovar o aluno, se ele entra com recurso, é a mesma coisa. Então, eu acho que não tem apoio da diretoria de ensino, eu sinto muita dificuldade no ensino profissionalizante, cada vez que muda uma supervisora é um problema e tanto, que até ela se encontra dentro do que a escola precisa, do que ela tem e deixa de ter é difícil.

QUESTÕES E RESPOSTAS DAS ENTREVISTAS INDIVIDUAIS COM AS COORDENADORAS QUE NÃO RECEBERAM TRATAMENTO E ANÁLISE

1ª PERGUNTA

- **Você pode falar sobre sua formação pessoal, partindo da infância, adolescência e fase adulta. Relatando os fatos mais importantes que marcaram sua vida, inclusive como você é atualmente e o que gosta de fazer quando não está trabalhando?**

CA - Começando pela minha infância, tive uma infância comum como era a infância quase quarenta anos atrás, mas assim de brincar na rua, pular corda, jogos comuns, foi uma infância tranqüila, não tive problemas nenhum, assim de separação de pais, nada e quando eu estava entrando na adolescência, a gente chamava de ginásio, eu soube que o COTIL ia abrir o curso de Enfermagem, eu tinha 12 anos na época e eu fiquei pensando: - Puxa, eu acho que é aí que eu, é isso, que eu vou querer para minha profissão, porque eu sempre fui a cuidadora, embora criança era eu sempre que cuidava, se alguém estava doente, ou alguém estava machucado, era eu quem cuidava, sempre era a cuidadora do grupo, até eu estava comentando com as crianças essa semana, que as minhas bonecas tem o bumbum perfurado, porque eu dava injeção com agulha de costura, porque naquela época não tinha seringa com tem hoje, né, então, eu usava as agulhas da minha mãe para dar injeção nas minhas bonecas e aí quando eu soube que ia abrir esse curso, aqui mesmo nessa escola eu comecei a direcionar, eu acho que é essa a profissão que eu quero para minha vida e me dei bem, entrei aqui, fiz o técnico, depois fiz a graduação e estou aqui já um tempo muito grande da minha vida. Gosto muito daqui, foi assim, eu posso até dizer que foi meu único emprego, porque eu passei quase toda a minha vida profissional aqui, já estou em final de carreira, dentro do tempo de trabalho, eu posso me considerar em final de carreira. Gosto muito, tenho muito prazer em trabalhar aqui, trabalhar na Enfermagem, trabalhar com adolescentes, trabalhar na formação desses adolescentes.

CB- Bom, na minha vida foi, sempre tive muita alegria desde a infância, eu sempre fui muito unida à minha família, irmãos, nossa família em geral. Me deram muita força naquilo que eu queria fazer, só que sempre colocavam limites, nas brincadeiras. Na adolescência foi uma fase muito boa, acho que não dei muito trabalho para os meus

pais, mas acho que aprendi muito daquilo, para eu poder passar hoje, porque tenho uma filha adolescente. O que eu aprendi com meus pais, o que eu vivi com meus pais na minha adolescência, hoje eu tento entender minha filha, o que ela está passando. Tudo que eu aprendi, tudo que sou hoje, eu devo muito a meus pais, porque eles me ensinaram muito, inclusive a saber educar, inclusive minhas filhas. Na fase adulta como eu escolhi fazer Enfermagem, na verdade Enfermagem era a minha segunda opção, eu escolhi fazer medicina, mas meu pai me apoiou quando eu quis fazer Enfermagem, ele disse se é isso que você quer fazer, você vai fazer. Fiz, gostei, vi que não era nada daquilo, talvez se tivesse feito medicina, talvez eu não tivesse gostado, eu me identifico muito com Enfermagem, meu sonho de criança era ser médica pediatra e depois de formada, inclusive fui ver que trabalhar com criança não era bem o que eu queria, não que eu não goste de criança, eu adoro criança, mas eu me sinto muito para baixo quando eu vejo as crianças doentes no hospital, isso aconteceu, na primeira experiência que tive foi quando eu estava na faculdade e passei pelo estágio de pediatria na Santa Casa de São Paulo e a professora não conseguiu notar a minha insatisfação, eu me sinto triste ao cuidar de crianças, que tinha hidrocefalia, que convulsionavam, autistas, entendeu!, foi um estágio que considerei muito pesado. Hoje eu tento trazer a experiência que tive nos estágios na faculdade para os alunos, quando eu vejo que o aluno não está se identificando com a clínica, eu tento trazer o que eu vivi para eles, para ver se e não está acontecendo a mesma coisa com eles, porque as vezes pode estar acontecendo alguma coisa com ele ou não ou é mesmo para ele trabalhar na Enfermagem. Continuando a responder sua pergunta, eu gosto muito de passear, gosto muito de viajar, desde criança meus pais sempre viajaram juntos com a gente, também. O que eu gosto de fazer quando não estou trabalhando é estar com minhas filhas, meu marido e viajar.

2ª PERGUNTA

- Fale um pouco sobre sua experiência profissional como enfermeira e docente.

CA- *A minha experiência como enfermeira é sempre ligada à docência. Eu sempre trabalhei ligado assim, eu nunca trabalhei na assistência, desde que eu iniciei minha vida profissional foi na docência, até no início foi um pouco difícil, porque eu não tinha tanta experiência, mas por outro lado foi bom porque eu tive que me manter estudando, sempre atualizando, sempre me especializando até por conta da obrigação de ensinar, do meu objetivo, não da obrigação, objetivo que era ensinar, então eu tenho que saber e foi muito bom. Hoje eu respondo pelo departamento já há 6 anos, eu iniciei em 1996, termino a gestão do departamento este ano, não vou continuar e desde quando comecei aqui no colégio este curso só cresceu, eu acompanhei este curso há muitos anos, eu estou aqui há muitos anos. Ele não esteve assim, tal fase foi uma fase ruim, hoje a gente vê, nossa! Nosso curso está muito bom, mas ele sempre esteve muito bom, dentro de seu espaço, dentro de seu tempo, só que ele ainda não está no seu ideal, acho que nunca vai estar, espero que nunca ele chegue ao ideal.*

CB- *Gosto muito do que faço, não me arrependo, trabalho dez anos na área, inclusive por fazer a coordenação, ela gasta muito meu tempo, eu sinto falta de dar aula, quando eu comecei trabalhar como docente, eu sentia falta do hospital, porque era da assistência. Eu queria voltar ao hospital, tentei até arrumar um emprego no hospital e ficar dando aulas, mas não dava, eu não queria voltar a trabalhar nos finais de semana, eu tinha minha família, eu falei, vou continuar como docente e dar estágio então, e isso vai suprir, porque me sinto realizada quando estou com o paciente, e com os alunos, ensinando como cuidar dos pacientes, então quando fico muito longe da sala de aula, por motivo de não estar acontecendo a minha disciplina eu fico naquela angústia de querer contato com o aluno, porque quando estou na sala de aula, eu entendo mais os problemas dos alunos, o que eles passam no dia-a-dia, ficando na coordenação eles só me trazem problemas, traz alguma coisa para resolver, ou porque faltou, por causa da nota, e no dia-a-dia só por conselho de classe que eu discuto os problemas, as situações que tem para resolver ou as boas coisas que tem bom aluno também, ne!*

9- ANEXOS

A decorative horizontal line with a wavy, zigzag pattern, extending across the width of the page below the section header.

ANEXO I**PRIMEIRA PARTE DA ENTREVISTA COM AS COORDENADORAS**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ENSINO, AVALIAÇÃO E FORMAÇÃO DE PROFESSORES

TEMA DA PESQUISA: " A Dimensão Humana na formação do aluno de ensino médio de Enfermagem"

ORIENTADORA: Profª Drª Mara Regina Lemes de Sordi

ORIENTANDA: Elaine Cristina Pines RA: 007403 – Nível Mestrado

ATIVIDADE REALIZADA: Entrevista com Responsável Técnico ou coordenador do Curso Técnico de Enfermagem.

IDENTIFICAÇÃO PESSOAL:

NOME: _____ IDADE: _____

(não será citado na pesquisa)

ESCOLA QUE SE FORMOU: _____ ANO: _____

TEMPO DE ATUAÇÃO COMO DOCENTE DE ENFERMAGEM: _____

TEMPO DE ATUAÇÃO COMO RESPONSÁVEL TÉCNICO: _____

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO: SIM () NÃO () QUAL(S) _____

PÓS-GRADUAÇÃO: MESTRADO () DOUTORADO() OUTROS()

ESCOLA QUE SE FORMOU: _____

CARACTERÍSTICAS DA ESCOLA QUE ATUA COMO RESPONSÁVEL TÉCNICO

NOME DA INSTITUIÇÃO: _____

(não será citado na pesquisa)

NÚMERO TOTAL DE ALUNOS NA INSTITUIÇÃO: _____

CURSOS OFERECIDOS:

NÚMERO TOTAL DE PROFESSORES: _____

TEMPO DE FUNCIONAMENTO DA ESCOLA: _____

CARACTERÍSTICAS DO CURSO TÉCNICO DE ENFERMAGEM (CTE)

INTEGRADO AO ENSINO MÉDIO () MODULAR SEQÜENCIAL ()

TEMPO DE FUNCIONAMENTO DO CTE: _____

NÚMERO DE ALUNOS DE ENFERMAGEM: _____

A ESCOLA JÁ MANTEVE CURSO AUXILIAR DE ENFERMAGEM?

SIM () NÃO () QUANTOS ANOS? _____

ANEXO II**SEGUNDA PARTE DA ENTREVISTA COM AS COORDENADORAS**

As perguntas abaixo serão feitas através de entrevista gravada.

- 1- Você pode falar sobre sua formação pessoal, partindo da infância, adolescência e fase adulta. Relatando os fatos mais importantes que marcaram sua vida, inclusive como você é atualmente e o que gosta de fazer quando não está trabalhando?
- 2- Fale um pouco sobre sua experiência profissional como enfermeira e docente.
- 3- Como Responsável Técnico do CTE, quais as mudanças ocorridas nesta instituição que você considera avanço para a formação do profissional de enfermagem.
- 4- O que você entende por Dimensão Humana na formação dos alunos de Enfermagem?
- 5- A equipe de professores que trabalham com você demonstra interesse e preocupação com os aspectos que envolvem a dimensão humana na realização das atividades teóricas e/ou práticas? Em quais atividades este fato pode ser detectado concretamente? Disciplinas? Atividades extracurriculares? Estágios? Etc...
- 6- Como você entende e interpreta alguns termos utilizados na nova Lei de Diretrizes e Bases:
 - Formação crítico-reflexiva
 - Competência profissional

Encerramento da entrevista e agradecimentos

Início: _____ Término: _____

_____, _____ de _____ de 2002

ANEXO III

ROTEIRO DAS ATIVIDADES DE GRUPO FOCAL

LOCAL: _____

DATA: ___/___/_____ INÍCIO: _____ TÉRMINO: _____

■ **Organização da sala**

- Colocação cadeiras em forma de “U”
- Posicionamento de gravador
- Posicionamento de filmadora
- Ligar música instrumental / MPB
- Posição do coordenador
- Posição do observador: Folha para registro de atividades e caneta
- Alimento e bebidas: chá / café / bolo

■ **Iniciar a filmagem e a música antes dos entrevistados entrarem na sala**■ **Apresentação do coordenador e observador**■ **Entregar as questões norteadoras por escrito e lista de presença**■ **Fazer uma explicação do que é o grupo focal**■ **Atividade de apresentação**

- Atividade de relaxamento - música MPB
- Nome / profissão / tempo como docente / associar o tema a ser pesquisado com
uma atitude ou um sentimento e dizendo em uma palavra

■ **Início do desenvolvimento da temática com os entrevistados já em posse das questões.**■ **Encerramento com a síntese do acontecer grupal**

- Convite para a próxima reunião, com agendamento de data e horário

ANEXO IV

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PESQUISADORA: ELAINE CRISTINA PINES
TEMA: "A DIMENSÃO HUMANA NA FORMAÇÃO DO ALUNO DE ENSINO MÉDIO DE ENFERMAGEM"
ETAPA DA PESQUISA: COLETA DE DADOS
TÉCNICA: GRUPO FOCAL

PRIMEIRO ENCONTRO

- O Grupo Focal é uma técnica que permite a obtenção de dados qualitativos, incluindo os relacionados à emoções e sentimentos dos atores envolvidos no processo;
- Permite a manifestação e fala livre dos participantes, bem como controvérsias a partir da interação do grupo;
- É uma técnica dinâmica e descontraída;
- Considera que o objeto a ser pesquisado é histórico e socialmente construído, uma vez que o processo de investigação exige reflexão sobre práticas, havendo um potencial de transformação do fazer do trabalho de enfermagem;
- É importante a opinião de todos os participantes;
- O coordenador terá a função de integrar o grupo e manter as discussões do tema central;
- O observador terá uma postura neutra e fará os registros de forma mais fiel possível;

OBJETIVO DA REUNIÃO

- Definir o que é dimensão humana e como ela se apresenta na formação dos técnicos de Enfermagem

QUESTÕES NORTEADORAS

- Atualmente e de um modo geral, como você analisa a Dimensão Técnica e a Dimensão Humana na formação do aluno de nível médio de Enfermagem?
- Sabemos que os alunos que iniciam o cursos profissionalizante de Enfermagem trazem uma bagagem social e cultural que permeará todo o processo de formação profissional. Você acha que a valorização da Dimensão Humana

ANEXO V II
GRUPO FOCAL
LISTA DE PRESENÇA

NOME: _____
 PSEUDÔNIMO: _____
 PROFISSÃO / DISCIPLINA: _____

_____ TELEFONE /E-
 MAIL: _____
 TEMPO DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL: _____
 TEMPO DE ATUAÇÃO COMO DOCENTE: _____
 TEMPO DE TRABALHO NESTA INSTITUIÇÃO: _____

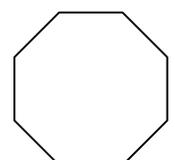
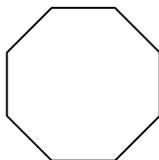
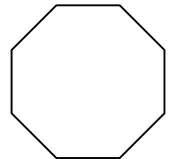
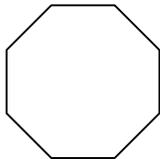
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO:
 ESPECIALIZAÇÃO MESTRADO DOUTORADO OUTROS
 ESPECIFICAR: _____

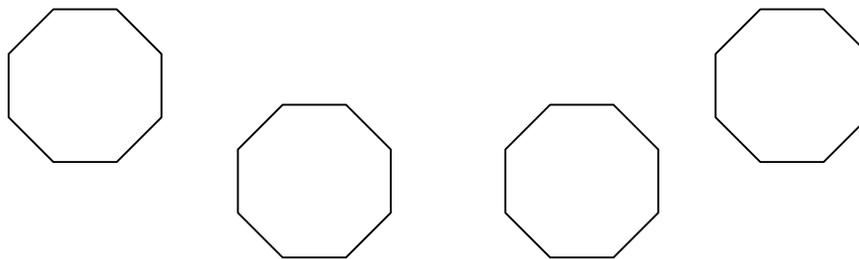
DE ACORDO COM AS OBSERVAÇÕES FEITAS NO CONVITE,
 OS DADOS SERÃO TRATADOS ANONIMAMENTE

DATA DA PRÓXIMA REUNIÃO

LOCAL: _____
 DIA: ___ / ___ / ___
 HORA: _____

**QUAL O LUGAR QUE VOCÊ OCUPA
 NA DISPOSIÇÃO DA SALA?**





ANEXO V III

ROTEIRO DE ATIVIDADES DO GRUPO FOCAL

SEGUNDO ENCONTRO

LOCAL: _____
DATA: __/__/__ INÍCIO: _____ TÉRMINO: _____

- Organização da sala
- Iniciar filmagem antes da entrada das participantes
- Entregar as questões por escrito
- Atividade de relaxamento – música _____
- Iniciar a temática com a síntese da reunião anterior
- Término com a síntese do acontecer grupal
- Haverá uma próxima reunião
- Agradecimentos

QUESTÕES NORTEADORAS

- A humanização do cuidado de enfermagem abrange toda a dimensão humana?
- Quais os caminhos que vocês estão encontrando para formar seus alunos, frente as novas diretrizes educacionais?

- **Como você entende e interpreta alguns termos utilizados na nova lei de Diretrizes e Bases: Formação crítico-reflexiva / competência profissional**
- **Será que juntas as escolas de ensino médio de Enfermagem podem encontrar formas adequadas para a implementação de atividades que privilegiem a Dimensão Humana? O que podemos fazer?**